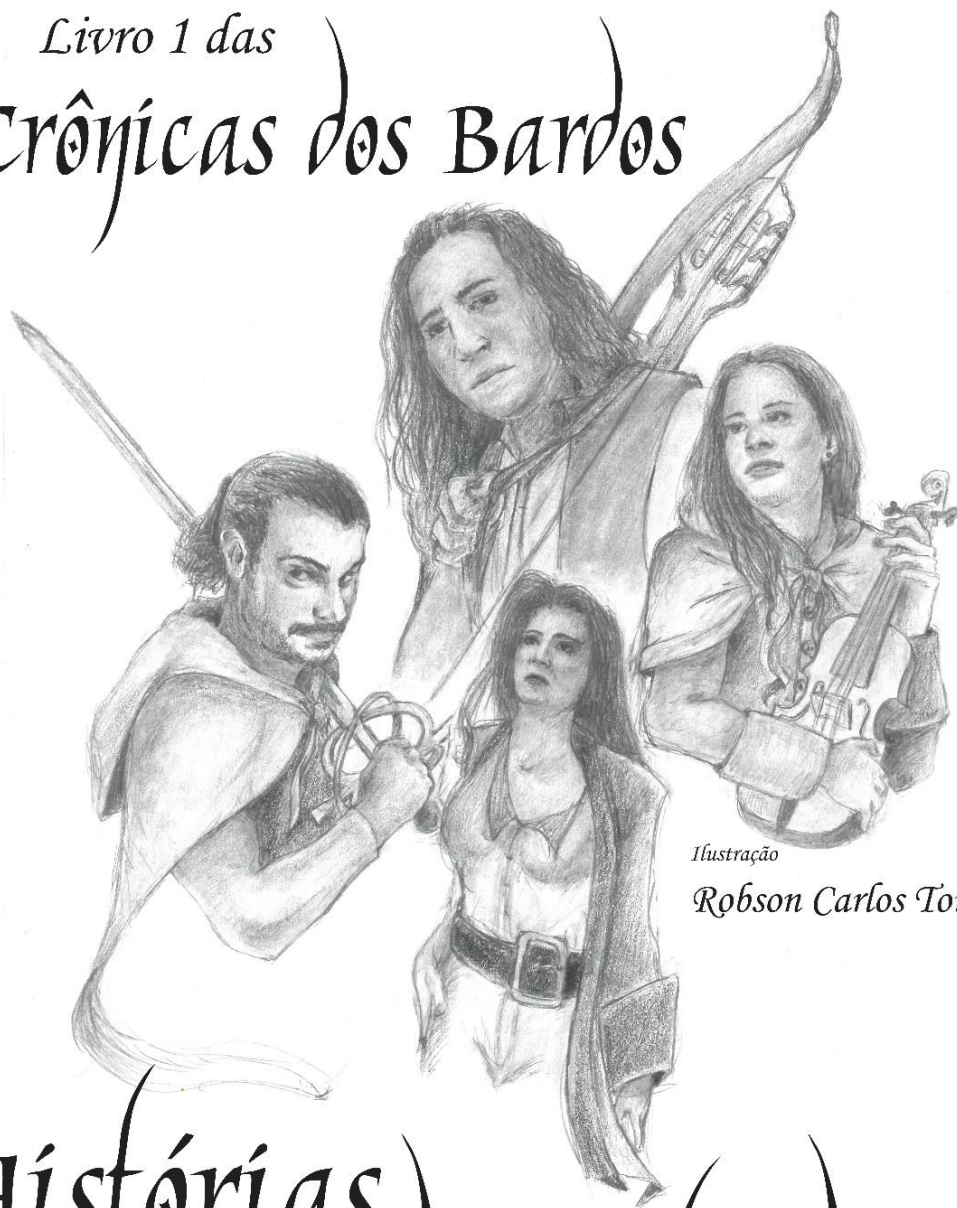


J. Correna

Livro 1 das
Crônicas dos Bardos



Ilustração

Robson Carlos Tonello

Histórias
do Vale da Rã

CRÔNICAS DOS BARDOS

Livro 1

HISTÓRIAS DO VALE DA RÃ

J. Correna

Capa: J. Correna e Robson Carlos Tonello

Revisão: Eloísa Moriel Valença

ISBN 978-65-00-16356-8 (PDF)

ISBN 978-65-00-14009-5 (EPUB)

ISBN 978-65-00-15244-9 (AZW3)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Correna, J.

Histórias do vale da rã [livro eletrônico] / J.
Correna ; ilustrações Robson Carlos Tonello. --
1. ed. -- Viçosa, MG : Ed. da Autora, 2021. --
(Crônicas dos Bardos ; 1)

PDF

ISBN 978-65-00-16356-8

1. Crônicas brasileiras I. Tonello, Robson Carlos.
II. Título III. Série.

21-55083

CDD-B869.8

Índices para catálogo sistemático:

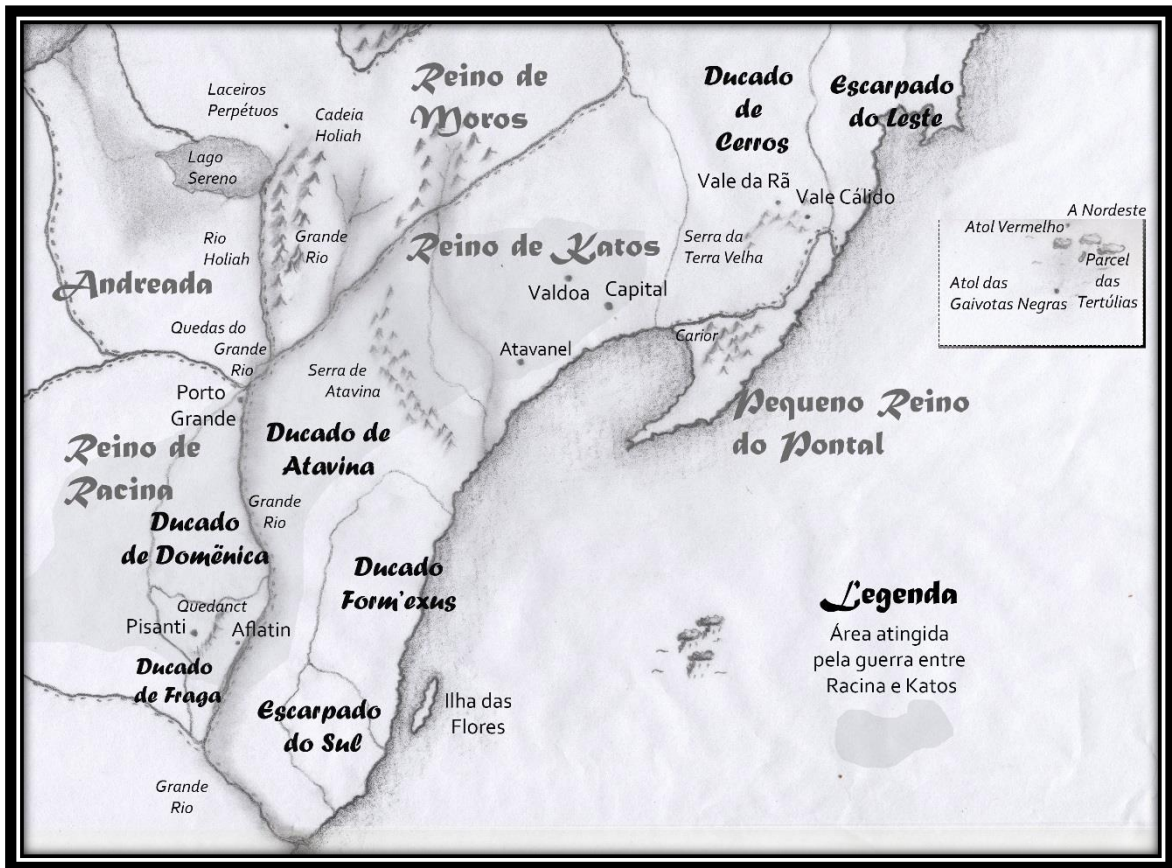
1. Crônicas : Literatura brasileira B869.8

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

SUMÁRIO

MAPA.....	1
PRÓLOGO	2
<u>Parte I - HISTÓRIAS ATÉ O VALE DA RÃ</u>	5
1. A HISTÓRIA DE MARTIUS.....	5
2. A HISTÓRIA DE TONIO	22
3. A HISTÓRIA DE ELLA	44
4. A HISTÓRIA DE LUCHA.....	68
<u>Parte II - A HISTÓRIA NO VALE DA RÃ</u>	82
1. A CONFLUÊNCIA	82
2. AS OUTRAS PESSOAS	99
3. O NECROMANTE.....	120
<u>Parte III - A HISTÓRIA APÓS O VALE DA RÃ</u>	160
1. AMULETOS.....	160
2. TERRA DE HISTÓRIAS	197
3. CRIMES, DÍVIDAS, TRAMAS E PROMESSAS.....	248
EPÍLOGO	269
OS NOMES DESTA HISTÓRIA.....	272
1. Pessoas e Grupos.....	272
2. Edifícios	274
3. Geografia Política	275
4. Geografia Natural.....	275

MAPA



PRÓLOGO

Como rios correm pelos vales a encontrar outras águas congregadas no relevo acidentado a perturbá-las sob um chiar em protesto pela turbulência, vidas passam pelas cidades encrustadas nas paredes naturais que constringem o horizonte e obrigam à proximidade para despertar do torpor da contemplação. Como ventos assoviam em velocidade ao se afunilar dentre as encostas de um vale, a vida se intensifica quando restrita a edificações altas espremidas em ruas tortuosas de uma terra anciã. Rios, ventos e vidas se formam em outros cantos e escoam pelo vale, misturam-se apertados nas vertentes, deixam suas marcas depois de moldados pelas galerias irregulares e se vão apressados para se dispersar pelo mundo. Não são os mesmos que entraram, pois arrancaram raízes, espalharam sementes, desnudaram a terra sombreada, mas também trouxeram frescor sob o sol causticante. Não são forjados pela desordem constrita, mas não passam incólumes aos seus efeitos.

Rios, ventos e vidas são fluidos.

Resta a dúvida se a música é também fluida por ser passageira simplesmente, ou ainda se ouve o seu eco nas noites silenciosas do Vale da Rã.

*

Tonio os reuniu, Lucha os recebeu, Ella os integrou nas tavernas e Martius no palco.

Começaram a se reunir na taverna de Lucha. Após anos em uma ilha, Lucha retornou à sua terra, o Vale da Rã, e abriu uma taverna. A princípio, todos bebiam, mas não havia música. Ela tinha esse sonho, mas nada que presenciava chegava a agradá-la, preferindo a batida das canecas a um ritmo que incomodasse. Até quando os Bardos se formaram.

Lucha tinha passado anos em uma ilha, onde aprendeu sobre o mar e a navegação, seus mistérios e sua manha. O movimento intenso do porto durante o dia contrastava com os perigos escondidos na noite. As negociações, os sinais interpretados e as informações antecipadas garantiam o sucesso ou fracasso de uma empreitada. A discrição no caminhar, em permanecer nas sombras, em conhecer o percurso mais seguro, garantiam o sucesso de mais um dia de vida. As primeiras habilidades a ajudaram a abrir seu negócio, as segundas o mantiveram aberto nas madrugadas. Logo ela partiu da vida no porto para as aventuras no mar, e seu aprendizado foi também levado anos depois aos bardos, no Vale da Rã.

Tonio foi o primeiro a chegar ao Vale, exceto por Lucha, nascida nele. Nesses tempos ela estava fora, mas foram os primeiros a se conhecer logo ao seu retorno. Tiveram pouco contato nos primeiros anos, embora tivessem havido uma admiração mútua por motivos diferentes. Ele trazia em sua bagagem a disciplina e técnica que controlavam seu temperamento às vezes explosivo, de maneira que revelava a quem acabava de conhecê-lo uma força e estabilidade impressionantes. Mantinha um aprendizado com vistas ao aprimoramento permanente tanto por necessidade, ao alugar suas habilidades para aqueles que requisitavam segurança, quanto pelo simples desejo de ser o melhor.

Ella o contratou. Tinha seus motivos com receios verdadeiros despertados nos poucos momentos em que sua luz se atenuava. Mas Ella não era luz, era o sol. Impossível não ser cativado pelo seu sorriso, não havia quem não gostasse dela – era a opinião dos Bardos. Mesmo Lucha, cuja malícia do mar a levou a construir dentro de si um processo longo e demorado para levar à confiança, logo se rendeu. Ella vinha de muitos lugares, trazia a alegria da cultura e foi a alma dos Bardos. Logo integrou Tonio e Martius com sua música, sua luz e, claro, com sua ira, a que eles amavam provocar.

Ao contrário de Ella, Martius pouco havia saído dos arredores. Era proveniente do Vale Cálido, parte distante da cadeia de montanhas que se estendia de leste a oeste. O Vale da Rã a noroeste, pequeno, frio e úmido, contrastava com as terras quentes, mas também úmidas, de Martius. Ao contrário de ser um choque, o frio foi bem vindo. Martius já havia trabalhado com Tonio em diversas ocasiões. Sua urgência em se atirar nos conflitos sem planejar o colocavam em risco constante, e ele encontrou em Tonio a disciplina necessária para que pudesse seguir seu caminho na cidade. Mas se Martius pouco conhecia do mundo, conhecia o seu mundo muito bem. Cresceu gastando seus dias em matas e florestas, nomeava os morros e penhascos, sabia onde haveriam cursos d'água muito antes de estarem visíveis. Conhecia as trilhas, reconhecia rastros e ouvia sons que mais ninguém entendia. Era da terra. Na cidade, era tranquilo quando não provocado, mas partia para a briga ao primeiro sinal. No campo, sem pessoas à sua volta, ele encontrava o seu centro. O outro centro que encontrou foram os Bardos.

*

Tonio os reuniu na mesma noite. Não foi a noite em que os Bardos nasceram, mas foi a primeira de todos juntos. Tonio já frequentava a taverna de Lucha, a Murta de Fogo, que secretamente não se referia à árvore em chamas, mas à árvore que Lucha regava todas as noites na ilha com o resto da cerveja de sua caneca. Sua ética era nunca beber em casa. Como Lucha passava mais tempo no mar que em terra, a árvore sobreviveu e lhe pareceu uma homenagem justa.

Estavam em uma apresentação. Ella havia encontrado segurança na companhia de Tonio, que se tornara um bom amigo. Ele a convidou no evento anterior, onde Martius havia visto Lucha, mas tinham tomado rumos diferentes. O encontro de todos finalmente ocorreu pela apresentação anual da praça alta, um terreno no topo de um morro de onde não se podia ver a cidade, mas o campo iluminado pela lua e cortado por riachos dentre uma e outra mata. Uma vez ao ano, teatro, dança e música reuniam os populares sob uma lua cheia. Eles estavam interessados na música, era o que tinham em comum. Fizeram outros conhecidos naquela noite, Ella acompanhada de uma amiga, Miranda, Cássio convidado por Tonio, que subiu a praça alta com Lucha. Cássio era velho companheiro de jogos, avesso a festas, mas que trouxera seu irmão em visita ao vale para o evento. O motivo de ir com Lucha era claro. Ultimamente ela providenciava o rumo vindo dos navios que aportavam em sua última morada como combustível para as caminhadas noturnas.

A festa na praça alta comemorava um evento antigo, suspeito de ser lenda, mas factível: a cidade estava para ser invadida quando um pastor no alto daquele morro avistou um movimento atípico sob a lua e alertou os moradores a tempo. A cidade se preparou e

recebeu os invasores com o corte do aço que mereciam. O alerta rápido, antes da meia-noite, foi essencial para que sobrevivessem. Era o problema da comemoração: sua hora de terminar era antes da meia-noite, em honra ao abençoado prazo dado aos guerreiros do Vale da Rã. Até as 23h, a praça já estava vazia. E nossos amigos se entreolharam, sem vontade de se recolher. Lucha mencionou o óbvio:

- Minha taverna está à disposição.

Tonio:

- Não fechou cedo hoje?

- Eu tenho a chave.

E naquela noite beberam, se conheceram, e marcaram outras noites de brindes e arrotos. A música veio depois.

Parte I

HISTÓRIAS ATÉ O VALE DA RÃ

1. A HISTÓRIA DE MARTIUS

Martius vivia no limite noroeste de sua pequena cidade no Vale Cálido, terra baixa cercada por rocha e verde como uma muralha que a protegia até dos ventos frescos que assolavam as montanhas. Era acessível por uma trilha que a cortava de leste a oeste. No poente, de um caminho sinuoso e acidentado, a cidade abaixo revelava-se parcialmente por curvas cobertas com arbustos no alto, e com árvores que cobriam a visão da maior parte do percurso no fundo do vale. Ele vivia em área pouco povoada, com casas, esparsas e cheias de vazios em transição para o campo, algo que o permitiu crescer na floresta que subia as encostas à procura de ar fresco. Ele também vivia de subir as encostas, cruzar os paredões do Vale Cálido e descer os rios que se formavam com as chuvas do verão. Martius conhecia a sua terra mais que sua casa, pois na primeira nomeou os lugares, as curvas, os acidentes e o que era vivo e na segunda, uma sequência de espaços conectados da cozinha ao quarto de dormir abrigava seus familiares.

Ele tinha duas ocupações: rastrear e caçar, e duas paixões: cavalgadas e música.

Ganhava a vida rastreando o terreno aos serviços de terceiros, quaisquer que fossem. Por diversão ou necessidade, era sabido que Martius era o melhor guia a contratar, o rastreador que melhor entendia a mata rala próxima de sua casa nos arredores da cidade, ou a floresta densa além do vale onde ele se embrenhava por grotas e saltava de depressões na rocha para alcançar o topo da montanha de maneira incompreensível, mas sempre certa. Completava seu orçamento com a caça, que fazia também por gosto. Os anos no meio da natureza permitiram que dominasse o arco com a mesma destreza que lia a mata. Conhecia os animais que lá viviam, suas fraquezas e tentações. Superava-os com paciência e boa mira, pois não havia um som que não conhecesse, uma reentrância de uma árvore que não compreendesse.

Na cidade, usava seu tempo em jogos de cavalgada comuns em sua região, que era motivo de alianças e rivalidades entre os jovens. Era o que o fazia gostar de sua pequena cidade: a camaradagem, as corridas e os desafios. Já a música foi facilmente criada na mata, longe da cidade e dos ouvidos curiosos. Nasceu do dedilhar despreocupado de quem se recostava cansado, no fim do dia, para apreciar o sol que se deitava cedo nas partes baixas daquelas terras. Amadureceu tendo árvores e arbustos como público, onde percebeu como o espaço vazio de olhares e cheio de imperfeições de formas era perfeito para que sua voz se dissipasse pela rugosidade dos troncos e terra, contorcendo-se em reflexões nas rochas e submergindo por entre as folhas das copas densas. Ele tocava e cantava livremente, sem preocupações ou compromissos. O tempo é diferente longe das pessoas, e ali ele parou um pouco a cada dia, até quando a música nascida na mata tivesse se incorporado nela por meio do tocador: houve o dia em que mata, músico e melodia se conectaram em definitivo.

Martius não soube quando isso ocorreu, nem tomou consciência do que tinha alcançado. Tudo ao seu redor era familiar e sua música e canto eram tão naturais quanto de qualquer canário. A conexão com o entorno já existia em seu passo leve, que não quebrava as folhas secas, e na leitura das folhas, que contavam histórias com o seu balanço ao vento. Este ambiente era sua referência. Dele, Martius se ausentava eventualmente para se deparar com um espaço urbano pequeno e rústico que lhe parecia distorcido e, muitas vezes, agressivo. A grandiosidade é comparativa, e Martius circulava só em seu ambiente. Não foi capaz de notar seu próprio feito.

Até o dia em que precisou agir para se manter vivo.

*

Estava se preparando para a Cavalgada da Aurora, uma comemoração anual durante o nascer do sol vindo de tempos remotos em que se acreditava que um dia o Vale Cálido não teria mais luz. Porque, certa vez, a noite não foi embora. É o que diziam. De pavor a resignação, as reações variaram ao longo das horas pela incerteza de um dia sem dia. Vinte e quatro horas se passaram até que a alvorada retornou cínica como se nada tivesse acontecido. Lenda ou não, a Cavalgada da Aurora encerrava uma vigília como se fosse necessário puxar o sol que se recusaria a sair por seus próprios meios.

A vigília era regada de cerveja, música e risos. Piadas, promessas e provocações completavam o cenário. Quando montavam, os cavaleiros já bêbados confiavam secretamente mais em seus animais para mantê-los no curso do que em si mesmos. Porém, a falta de discernimento não os eximia da rivalidade entre grupos que alimentava suas ambições. Não bastava chegar entre os primeiros, era preciso ser visto, manter o controle da montaria, chamar a atenção com gritos e silvos, ser aplaudido e ser alvo de olhares. Martius não almejava tanto para si, mas sua vaidade recaía em seu grupo de cavaleiros que há anos ganhavam o respeito pelo domínio no trajeto.

Dentre as comemorações e provocações da vigília, ele procurou um canto para se aliviar, encontrando Camilo na volta, alguém que, em outros tempos, Martius sabia ter se aproximado de sua irmã Diana, não se interessando pelo desfecho de uma relação que não foi longe. Eram de grupos rivais da cavalgada, já tinham feito promessas de vitórias sobre o outro no salão, mas sem afrontas. Camilo mostrou estar ligeiramente pior que Martius pela falta de equilíbrio seguido de um tropeção. Era sinal de fraqueza, e Martius não perdeu a oportunidade de tripudiar.

- Opa! Se não conseguir montar, não consegue perder.

É aceitável ameaçar o adversário desde que ele se sinta forte o suficiente para não se afetar. Porém, se este adversário mostra fragilidade, ele sente a ameaça. O jogo do orgulho exige contra-ataque. Camilo combinou um sorriso malicioso com a língua ferina:

- Só perdia quando montava em...

Martius fechou o sorriso e bloqueou a passagem:

- Em quem? Quem mesmo?

Camilo recuou:

- Ah, quem você quiser que seja. – Riu, mudando o rumo da ofensa. – Está interessado?

Era uma maneira de se retratar, mas sem perder terreno. Ainda, Martius se manteve sério, embora menos agressivo:

- Bom, nas minhas costas você vai ficar, mas não do jeito que anda sonhando. Vai estar muito, mas muito longe.

- Vamos ver. – Respondeu Camilo.

Antes da primeira ameaça de luz, os relinchos anunciaram a desocupação das ruas. Os cavaleiros iriam passar. Martius tinha um incentivo especial para aquele ano, ir à forra da pequena discussão que no dia seguinte não seria lembrada. Não queria largar na frente, manteve os movimentos de Camilo à vista: aproximação, pé no estribo, montou, puxou o arreio, um grito de incentivo, avançou. Martius acompanhou o processo e seguiu atrás, certo de que a ultrapassagem seria temperada na dose ideal para sua satisfação: na rua mais cheia, sob olhares mais ávidos. O que era fácil planejar, visto que mudanças não eram comuns por aqueles lados. Contudo, não bastava ultrapassar, ele planejou fechar Camilo levando seu cavalo para um nicho entre construções que retardaria seu avanço e revelaria sua pouca destreza a olhos desatentos. E funcionou, dado seu adversário nem se lembrar mais do desafio da hora anterior. Martius não resistiu em olhar para trás e liberar o sorriso de vingança que humilhou ainda mais seu rival. A partir daquele momento, inimigo.

Surpreendido, Camilo não conseguiu recuperar terreno, também não conseguiu relevar após terminada a cavalgada e não conseguiu se segurar quando Martius o afrontou com um cumprimento de escárnio. Como brigas no encerramento não eram incomuns, essa não se destacou das anteriores e foi esquecida no dia seguinte e nos subsequentes. Exceto por Camilo.

*

Seu trabalho era rastrear, e bateram em sua porta no final da madrugada para dar-lhe essa incumbência. Nem sempre ele passava as noites em casa, mas tiveram sorte. Era um chamado de emergência, pessoas desaparecidas na mata, meninas que não voltaram para casa no cair da noite. Martius se vestiu rapidamente e foi se inteirar dos fatos.

- Procuramos nos arredores, casas de amigos e familiares. Disseram que foram fazer um piquenique, foram recomendadas a não sair da Trilha da Lagosta.

Um dos pais interferiu:

- Foram ordenadas a não sair! Elas já fizeram isso várias vezes, nunca houve problemas. Não sabemos o que pode ter saído errado.

Martius pensou: *Muita coisa.*

- Que idade têm?

- Júlia tem 9, Malva e Nicole, 10 anos.

Muita coisa mesmo. Ele conhecia as tentações que levavam desavisados a se aventurarem nas fendas da floresta densa. Quem não gostaria de um pouco de aventura?

- Você sabe quem elas são, não? Pode reconhecê-las? – Perguntou o pai que havia tomado a frente nas informações ao rastreador.

Não era uma grande cidade, todos se conheciam.

- Sim, claro.

Martius pensou na inutilidade daquela pergunta, quem mais ele encontraria naquela idade perdido além do vale? Também pensou na inutilidade do nome da trilha, ele mesmo nunca conhecera uma lagosta viva, bicho estranho que batizava uma trilha longe do mar. Ele preferia os nomes que faziam sentido e ajudavam a reconhecer e orientar viajantes: o Morro da Crista do Galo, o Córrego da Agonia da Serpente e a Baixada da Puta eram os seus prediletos, os primeiros pela fidelidade da descrição e o último, bem, melhor se concentrar em detalhes úteis para a busca.

Riu internamente. Era um momento de preocupação, mas outras buscas por desavisados que se emaranhavam na floresta já haviam ocorrido. O desfecho geralmente era uma noite sem dormir e poucas escoriações, quando não, alarmes falsos. Houve mais de um caso de fuga de amantes, vexame que alimentava fofocas por semanas. Certa vez, Martius encontrou uma ossada de anos, nada que fosse familiar a alguém do Vale. Ele calculava que, neste caso, um máximo de uma perna quebrada as manteve unidas à espera de resgate, que geraria um trauma de emoções intensas nos primeiros dias, seguido da vida lenta de sempre.

A Trilha da Lagosta era bastante usada, o que tornava difícil identificar as pequenas pegadas das meninas, embora não impossível. A partir do local do dito piquenique, elas realmente se desviavam pela mata. Nada de estranho, resolveram expandir os horizontes, passos displicentes sem alarme.

Martius iniciou o processo de leitura inteligível para estranhos à linguagem viva da mata, em que gravetos recentemente quebrados, grama amassada, folhas secas quebradas e arranhões nas cascas secas das árvores descreviam a sequência de fatos, enquanto apontavam o rumo em que haviam tomado. A princípio, nada de incomum. Um trajeto aleatório que alternava direções, mesmo passando próximo a eventuais pontos de referência desperdiçados por pouco. A mata tinha vários marcos que poderiam ter indicado uma saída, mas foram inutilmente perdidos em prol de um caminho mais fácil sem barreiras. Por mais de uma vez, elas se agruparam, sentadas para descansar ou por medo. O rastreador começou a torcer para que elas tivessem parado, o que facilitaria sua busca e reduziria o tempo de agonia das meninas e dos pais. Ele calculava que, caso contrário, elas estariam ainda longe, e começou a se incomodar com o tempo que levou para ser chamado. Se o tivessem feito no início da noite, elas já poderiam estar em casa alimentadas.

Ele era acompanhado por uma pequena comitiva: dois pais e uma mãe, cada qual de uma das crianças, o protetor da cidade, Kelber, um pai e filho que se voluntariaram, Jovi e Jovinho, mais Topeca e Bastião, dois caçadores conhecedores dos arredores. Às vezes se

embrenhavam na mata os três juntos, passavam a noite sob o céu estrelado e voltavam com carne para suas famílias e quantidades extras para comerciar. Em geral, eles se voluntariavam em missões como aquela, o que ajudava muito, os demais atrasavam o avanço.

O sol alto denunciava a fome, o que não incomodava os mais experientes, mas já começava a retardar a expedição. Martius fez dois pequenos desvios para que recarregassem os cantis, e imaginou o tempo em que as meninas estavam sem água. Ainda não entendera o motivo do desvio do plano original, provavelmente algo fútil que as tirara de um mero passeio em área segura para levá-las àquele drama. O terreno se tornara mais agressivo ao caminhar, e os três notaram que, ao contrário do esperado, as meninas seguiram com maior velocidade. Avançavam aos tropeços, aparentemente sem se importar com arranhões e pequenas escoriações. Velocidade diferente segurava a comitiva, e os três trocavam olhares a cada tentativa vã de intensificar o passo. Algo estava errado e não conseguiam imaginar o quê. Começavam a se comunicar em código, apontavam para indicadores da mata e acenavam com a cabeça, conscientes de que a situação se agravava para as crianças. Era fato, elas estavam em fuga, mas não iriam alarmar os demais, de pouco adiantaria.

- O terreno está ficando difícil, e vai piorar. Melhor que voltem e deixem que cuidemos disso.

A mãe, Berta, retrucou:

- Não, eu continuo, não sou eu que estou atrasando vocês.

Mais perspicaz do que imaginavam, realmente não era ela o maior dos problemas.

- Sim, Bastião não se referia a você, mas podemos ir mais rápido sozinhos. E se já estão cansados e sem comida, imagine elas! O tempo a partir de agora é valioso.

Martius reforçou:

- Mais que isso. A partir de agora vamos passar a comer o que encontrarmos, somente para nos mantermos de pé e seguir. Não estão acostumados.

Os olhos dela se encheram de lágrimas. Ela sabia. Martius sentiu o peso de sua súplica silenciosa. Murmurou:

- Vamos encontrá-las.

- Se nos dividirmos teremos mais chances, mesmo se um grupo estiver mais lento, outro as encontrará. – Jovi propôs. Topeca receava a velha receita de dividir, pouco resolveria.

- Melhor nos deixar fazer o trabalho, de nada adiantará três grupos lentos.

Por fim decidiram que Jovinho, que se orientava relativamente bem mas estava cansado, guiaria Kelber e um dos pais, esse sim, exausto, de volta à civilização. Os demais continuariam com Bastião, enquanto Topeca e Martius iam à frente.

Agora iam em um ritmo mais satisfatório. Podiam correr como requerido, os sinais indicavam problemas cada vez mais sérios. Saíram da mata fazia tempo, estavam

afundados na floresta escura cujas copas caprichosas comandavam imagens ardilosas em uma paisagem de alcance limitado. O solo era irregular, salpicado de rochas com reentrâncias que, mesmo pequenas, podiam ser tão honestas quanto vis. O ar era mais úmido, o musgo escorregadio exigia cravarem as unhas como apoio extra ao subir. No entanto, nada daquilo era incomum, assim era a parte selvagem daquelas terras.

Chegaram a uma rocha de degraus improvisados pela natureza que as meninas haviam subido. No alto, um platô livre das árvores simulava uma clareira seca e dura de difícil rastreamento. Martius acompanhou as leves marcas na poeira fina, reforçada por poucas pedras minúsculas deslocadas no caminhar. Topeca, de olhar menos agudo, circulou pela base à procura daqueles sinais, e encontrou outros.

- Martius, olhe.

Eram outros rastros provenientes de degraus maiores e mais altos localizados a leste do platô. Estava confirmado que elas eram seguidas, mas não por trás, por isso eles não encontravam sinais da perseguição. Elas fugiam de sons inumanos que as acompanhavam em paralelo e que provavelmente as teriam alcançado antes, se quisessem.

Martius sentiu o mesmo arrepio de Topeca.

- Elas estão sendo direcionadas.

Ele concordou:

- Conduzidas para um local de abate, não?

Martius acenou com a cabeça. Não quis emitir som, sua voz poderia falhar. Levantou-se e continuou a correr, Topeca logo atrás. Desceram o platô pelo lado oposto, voltando a encontrar rastros nítidos da perseguição. Estavam próximos.

Os dois pararam repentinamente, hesitantes embora aflitos. Se entreolharam, Topeca salientou:

- Podem ser muitos.

- São muitos. – Martius conteve a respiração ofegante.

- Como chegamos? Fazemos barulho e corremos?

- Não vão deixá-las, não todos. E não conseguiríamos escapar. – Ele respondia enquanto sua cabeça fervia por dentro e negava a realidade para o companheiro.

Topeca olhou ao redor à procura de opções:

- Subimos nas árvores. Quer achar uma fácil para nós e difícil para eles?

- Pode ser. E abatemos de cima? Se estiverem vivas, me pergunto se dará tempo.

- Quando um começar a morrer, os outros virão, eles são unidos.

Como deveríamos ser. Martius ponderou:

- Quero dar uma olhada antes. Encontre um lugar alto, tenha certeza que eles não conseguem subir.

Topeca não discutiu. O rastreador era realmente silencioso, poderia evitar ser notado com facilidade, apesar dos ouvidos aguçados do grupo. Além disso, Martius conhecia os animais da floresta, Topeca presenciara momentos de estranha compreensão e previsão da reação selvagem que, por ser em seu benefício, nunca contestou. Foi rapidamente procurar por proteção nos troncos altos à sua volta.

Martius, por sua vez, desceu por entre frestas de um amontoado de rochas que escondia uma gruta, lugar perfeito para aqueles lupinos abrigarem suas presas longe de competidores pela carne. Eles não viviam onde caçavam, mas certamente era perto. Geralmente não incomodavam pessoas, mas três filhotes de humanos expostos e exalando medo seria tentador a qualquer bando.

Não eram lobos comuns, lobos de pêlo ralo das montanhas quentes tinham algo mais que Martius aprendeu a respeitar desde o primeiro dos raros encontros nos cantos mais escuros da floresta. Eles se conheciam e se reconheciam nos encontros anteriores, embora um acordo tácito os mantivesse em territórios distintos. Martius percebeu que eles o aceitavam como um tocador, mesmo que já tivessem testemunhado sua perícia com o arco, pois o toque do violão os apresentou como seres da mesma floresta. E, de fato, o tocador desejava seu instrumento naquele momento mais que o arco que tinha em mãos, ou ambos. Não gostava mesmo de se afastar dele, geralmente levava arco e violão consigo, mas quem sairia para procurar crianças perdidas com um violão às costas?

Ele parou, não era hora de se perder em reflexões. No entanto, não pôde evitar de se lembrar da primeira vez em que se viram: uma noite abafada sem estrelas em um acampamento que dispensava o calor do fogo. Dedilhava em tributo ao leve frescor que a brisa da parte alta proporcionava em relação à cidade baixa que tinha deixado para trás. Os acordes envolviam o ambiente irregular de maneira a revelar a profundidade de cada canto e demarcavam os limites de cada barreira. Martius sentiu a alcateia se aproximar. Vacilou, mas não parou, havia nada além de curiosidade naquela abordagem. Identificou o alfa, manteve a cabeça baixa percebendo o movimento lento dos lobos que não se posicionavam estrategicamente para um cerco, como poderia ser esperado, mas se alocaram onde melhor poderiam ouvir. Saudou seu público como podia, com música lenta que os tranquilizou e levou-os a sentar ou deitar entretidos, e com música alegre que os excitou, quando se movimentaram em brincadeira a saltos ligeiros e discretos. Tocou um lamento que eles aceitaram tristemente antes de se retirarem, deixando, por último, o alfa que se despediu em agradecimento ao espetáculo raro naquelas terras.

Nas outras vezes em que os percebeu por perto, eles apenas observaram, estivesse ele caçando - quando não interferiam, mas o avaliavam - ou tocando - quando se sentiam à vontade para uma aproximação amigável.

Agora não havia violão, e a alcateia não estava em paz. Cada criatura defende com afincos sua cria e sua caça, e ambos estavam em conflito naquela gruta. Martius iria em busca das crias, como os lobos de montanhas iriam defender sua caça? Instintivamente, ele prendeu os cabelos longos e finos preparando-se para a luta, mesmo sem intenção de enfrentar uma alcateia inteira em um espaço provavelmente estreito. Já os ouvia, mau agouro, prendeu a respiração. Ousou olhar. Havia uma refeição em curso, ele fechou os

olhos em um pranto silencioso ao sentir a dor do fracasso como se tivesse feito promessas àquelas crianças. Lembrou-se de sua palavra a Berta. Concedeu a si uns poucos segundos para recobrar a serenidade. Olhou novamente, precisaria descrever a cena para Kelber a fim de encerrar o caso, melhor memorizar antes de abandonar o local. Afinal, não haveria confronto.

Viu apenas dois corpos servidos no banquete. Ao fundo, em meio a sombras e gemidos humanos muito tênues, havia mais uma. Martius gelou, ela estava viva e consciente, provavelmente aguardando sua vez. Estava em um ponto mais alto, poderia até pensar que inacessível a eles, mas era apenas um capricho de um líder que não via necessidade de perder seu foco antes da próxima refeição. Um momentâneo pânico lhe roubou o ar, saiu o mais silencioso que pôde, mas tão rápido quanto necessário para recuperar a respiração e o pensamento. Pensar rápido, já poderiam tê-lo farejado. Olhou à sua volta, não os via, haviam o ignorado ou não o perceberam? Havia se revelado? Como enfrentá-los? Ela estava lá, tinha que ser rápido. Martius a enxergava em sua mente, não poderia deixá-la, esqueceu-se de Topeca, retornou. Contemplou a cena mórbida, dois corpinhos abertos e um outro aterrorizado ao fundo. Não podia ser um espectador, rendeu-se ao deixar sua mente fluir pela gruta, abrir seus ouvidos, escutar seu coração e tranquilizá-lo como possível para, em seguida, alcançar as pulsações dos outros seres ainda vivos.

Sentiu a alcateia. Eles estavam saciados. Se acalmavam, satisfeitos com a caçada de sucesso, a excitação se dissipava após o prêmio ter sido consumido. Porém, a batida de pavor do coração humano os mantinha vigilantes na expectativa de mais festejos. Martius captou o estado de espírito dos algozes e respondeu como sabia. Não havia violão, tomou uma decisão suicida - sem pensar que era carne como a menina - na tentativa de encantar os lobos como já havia feito em outras ocasiões.

Cantou. Um canto suave, inicialmente lento, porém alegre, que encheu a gruta com vivacidade ressoando pelas paredes encurvadas e nuas da rocha. As reações foram tímidas, leves movimentos com as orelhas após levantar as cabeças. O alfa a abaixou novamente, recebendo o agrado com naturalidade. O brilho da música cegou qualquer hostilidade. Ela foi julgada como um complemento natural a um festim, presente ao talento do bando e competência do alfa. Sem protestos, a voz de Martius dominou o espaço.

Malva, a sobrevivente, não acreditava. Olhava confusa o pesadelo em que se encontrava. Seu temor foi sensato em aconselhá-la a se manter quieta. Por não se atrever a se mexer, demorou a localizar o cantor que acenava devagar para que ela se apressasse em sua direção. Ele tinha os olhos na alcateia, mas a mão se mexia devagar, convidando-a. Malva desceu hipnotizada pela cena insólita, caminhou devagar ignorando sabiamente os algozes próximos e evitando contato e movimentos bruscos. Martius estendeu a mão, ela a agarrou e foi puxada. Ele não parava de cantar quando a olhou nos olhos, com um sorriso amistoso e olhar seguro que a encheram de coragem. Sem interromper a música que encantou a gruta, empurrou-a gentilmente em direção à saída.

Ao alcançar a superfície, ela correu em desespero. Topeca a cercou mais à frente, após se lançar do alto de um jatobá e ir ao seu encontro, incrédulo por vê-la brotar da terra.

*

Ele estava aliviado. Após tirar a menina, Martius manejou sua saída com cuidado. Foi reduzindo o volume gradativamente enquanto a música se tornava mais sonolenta. Sua saída não poderia atrair a alcateia, mesmo se fosse para saudar o tocador. Mais provável, caçá-lo. Movia-se sem dar as costas para o festim. Sua altura prejudicava o deslocamento por entre as partes mais estreitas e baixas do caminho de saída, mas a flexibilidade compensava. Ainda receava como eles reagiriam ao parar de cantar. Ao fazer uma pausa como um possível encerramento, mas acreditando precisar retornar com outra canção, percebeu como o alfa estava ciente de sua intenção: levantou a cabeça e o encarou, sem outro gesto hostil.

Não foram palavras ditas ou pensadas, mas sentidas:

- Traição.
- Defendo minha cria.
- Não é sua.
- É de minha alcateia.
- Como quiser. Estamos saciados, a música nos agrada.

Martius se retirou agradecido. Sua suspeita de ter se desvinculado da realidade se embaralhava com a certeza do que experimentou.

*

Bastião a carregava, indo mais rápido do que era capaz. Topeca a havia levado até encontrá-los, cansado, permanecia passos atrás na tentativa de conter Berta. Esta, por sua vez, prendia-se ao passo de Bastião como podia enquanto insistia pelas outras crianças.

Malva mantinha-se em silêncio, olhos arregalados a vigiar a retaguarda e com as unhas cravadas na carne de Bastião. Topeca também trazia os finos cortes de suas garras pequeninas cujos músculos enfraquecidos pouco estrago fizeram, mesmo tensionados. Ele ainda se perguntava se não deveria voltar por Martius, ou pelas outras meninas, como insistia Berta. Como dizer que as chances pequenas foram mais reduzidas ainda se não saíram? Topeca tentou perguntar por Martius, mas precisou controlar a menina que se debateu ao vê-lo para, logo depois, agarrar-se como se a única vida possível estivesse com ele.

Chegaram ao Vale Cálido ensopados de suor e tensão. A cidade os cercou, sufocando-os em meio a perguntas, saudações, choro. O que houve? Como ela está? E as outras, Martius as traz? Berta estava em prantos, gritava pela sua filha, as famílias das crianças ausentes se agruparam, Kelber encaminhou os recém-chegados a cuidados médicos, separou os familiares aflitos dos aliviados, pôs ordem na balbúrdia.

Jovinho foi encarregado de levar as famílias para dentro da guilda comercial, gentilmente cedida pelas suas generosas dimensões a fim de que os interessados aguardassem por notícias. Ele tentou alimentar a esperança dos que lá estavam:

- Martius ainda não chegou. Deve estar com elas. Estão a caminh...

Um sinal de Topeca o fez se calar. Ele esclareceu solenemente, cabeça e voz baixa, porém firme:

- Acreditamos que eram lobos ralos, Martius entrou no covil. Só a menina saiu. É tudo que sei de certo mas, - engoliu em seco. - eu não esperaria mais que isso.

Um silêncio inicial foi rapidamente quebrado.

- Não vão conferir para ter certeza?

- Só em dias. Estamos exaustos e eles ainda ficarão lá.

- Não vamos matá-los?

Topeca se irritou, mas o cansaço preservou maiores aborrecimentos. O “vamos” seria ele e Bastião contra uma alcateia de lobos de pelo ralo.

- Melhor eu ver Bastião.

Na enfermaria da casa do médico da cidade, Malva era ninada pela mãe, segura o suficiente para se entregar enquanto as pálpebras pesavam sobre os olhos desfocados. Logo dormiria.

A cena foi suficiente para lhe dar a paz que compensou a aflição das famílias que teriam que se habituar ao desconfortável lugar vazio à mesa. Afastou-se do quarto para procurar Bastião, que se encostava em um banco duro como se fosse o mais confortável dos tronos. Tinha um sorriso de satisfação contrastando com o aspecto exaurido de seu rosto, mas mostrou o seu pesar ao ver o colega:

- Perdemos um bom amigo, mesmo que não tenhamos saído de mãos vazias.

- O que obtivemos foi pelas mãos dele, foi Martius que nos enviou a menina.

Concordância e silêncio até que Topeca levantou a possibilidade:

- Sabe que ele pode ainda ter saído, não?

Ao deslizar o quadril no banco de assento rígido, Bastião esticou as pernas e, conseqüentemente, o tronco. Permaneceu a fitar os pés sobre os braços cruzados ao peito ao responder:

- Pouca chance. Como faria? Creio que se colocou entre a menina e os lobos.

- Será?

- Que mais teria sido?

- Pois é, quero saber. Vou ficar aqui até ela poder falar.

O amigo riu tristemente pelas esperanças de Topeca. Poderia levar dias para que Malva se recuperasse. Ele já tinha ouvido casos em que vítimas como essa jamais emitiam som novamente, Topeca se iludia, talvez tivesse sido afetado pelo que também passou.

- Vamos para nossas famílias, eles também precisam nos ver.

- Vou ficar.

Bastião, em solidariedade, não se moveu.

E valeu a pena. A mãe de Malva, Débora, logo os encontrou, agradecida de olhos inchados. Após mais choro e promessas de dívida eterna em que Topeca deixou claro ter sido mérito de Martius, o rastreador se tornou o assunto.

- Tem certeza de que ele ajudou? - Ela perguntou, tentando ainda entender o que poderia ter ocorrido.

- Ele entrou, ela saiu. Tenho certeza de que do mesmo lugar, mas não sei mais que isso. Quero perguntar à sua filha.

Débora voltou os olhos ao chão.

- Eu perguntei. O que ela disse, bem... foi estranho.

Bastião e Topeca se entreolharam. Não quiseram apressá-la, já tinham adquirido tato para a devida paciência. Ela demorou a continuar:

- Malva não mencionou as meninas, calou-se quando perguntei por elas. Quando perguntei por Martius, o homem que a procurou, ela disse... que ele cantou.

Bastião pensou ter ouvido errado.

- Que ele se lançou, que ele tentou...

- Que ele cantou. Uma canção. Foi o que entendi.

Topeca sorriu incrédulo. Não fazia sentido. Por que ele cantaria numa situação daquelas?

- Pode te chamado a atenção dos animais, eles o atacaram, ela correu.

- Ela disse que ele cantou, ficou cantando enquanto ela saía.

- Quais as palavras?

Débora pensou:

- “Ele cantou mãe. Ele cantou e eu saí.” Só isso. Ela repetia até dormir.

Com palavras de sentido tão incomum naquele contexto, foi difícil levantar hipóteses que se encaixariam nessa breve explicação. As conjecturas não se limitaram aos três. A história voou sobre a cidade com mais vigor que qualquer vento ardente que tenha ultrapassado as muralhas naturais do Vale Cálido. Sem explicação plausível, suposições começaram a surgir. Uma delas foi semeada e logo cresceu e frutificou:

- Ele não a queria viva! Ninguém que quer salvar alguém senta e começa a cantar tranquilamente!

A afirmação era tão insólita quanto as demais versões.

- E por que ele não iria querer? Ele entrou na gruta.

- Ele conhece aquelas armadilhas todas. Ele entrou para fingir que ajudaria. Que mais você faria se alguém que você quisesse morto já estivesse com a alma encomendada?

Fingiria que ia ajudar, mas senta e relaxa. Uma musiquinha para passar o tempo. É muito sangue frio!

Era Camilo o jardineiro dessa versão, sem ideia da dimensão do que plantava. Em horas, ele se tornaria marionete de sua própria armadilha irresponsável. Pois a história tomou corpo simplesmente porque ninguém viu razão melhor para alguém cantar uma canção enquanto precisava salvar uma criança. As conjecturas foram alimentadas, por que Martius iria querer as meninas mortas?

- Malva escapou porque ele não percebeu.
- Por que elas teriam saído da trilha, assim, sem motivo?
- Onde ele estava mesmo quando o piquenique começou?
- Foi graças a Topeca que ela chegou até aqui.
- Depois do que ele fez, era melhor que ele as mandasse para a morte por lobos.
- Ele as rastreou para garantir que elas morressem.
- Foi um plano perfeito, se não fosse Topeca salvá-la.

Quando Martius se aproximou da cidade, sorriso despreocupado, alma leve, corpo solto clamando por repouso, ele já havia sido caçado pelos corações de uma cidade inteira.

*

Foi realmente assim que ele se sentiu: caça. Ele não entendeu o peso daqueles olhares que primeiramente o encaravam nos arredores, depois os mais ousados se aproximaram e passaram a segui-lo pelas primeiras ruas da cidade, vozes agressivas começaram a ofendê-lo, depois a xingar abertamente com palavras duras, uma desordem crescente consagrou o caos que o deixou atônito o suficiente para perder seu próprio caminho para casa. Foi agarrado e levado a Kelber, que já tinha o caso claramente concatenado e a pergunta chave preparada. A seu ver, ela esclareceria todo o restante:

- A menina, Malva, disse que você cantava enquanto ela fugia. É verdade?

A anarquia que o recebeu desatinou seu raciocínio, Martius não pesou suas palavras.

- É. Ela conseguiu, não conseguiu?
- Não graças a você. – Voltou-se aos demais. – Está confirmado.
- Como não? Foi graças a mim, eu a tirei de lá!
- Cantando? Mesmo? – O olhar era de ódio.

Martius entendeu. Quem acreditaria? Tentou explicar:

- Bom, é complicado.
- Não mais, acabou de confessar.
- Confessei o quê?
- Que estava cantando.

Martius ficou pasmo. A informação que a cidade tinha sobre a sequência de fatos levava a uma única e nítida explicação, bem estruturada e exaustivamente discutida como verdadeira. Fazia todo sentido acusar uma pessoa do crime de cantar! Cantar, ou omitir auxílio quando sua obrigação era salvar. Não era o caso de um covarde que se omitiu por medo, mas um frio assassino que delegou a criaturas da natureza a execução por ele planejada após uma série de crueldades com meninas inocentes. Malva estava com o corpo todo arranhado, com escoriações e contusões, não conseguiam arrancar palavras conexas dela. E foi a que teve sorte!

Seus argumentos foram inúteis, pois não entendia a dimensão das acusações. Não se deram ao trabalho de explicar, um monstro assim não merecia sequer a dúvida para justificar esclarecimentos.

Martius foi aprisionado em um pequeno quarto com janela alta e estreita, aparentemente inacessível. Chocado, ainda tentava entender o que acontecia, mas respirou grato pelo breve, mas pacífico, silêncio que o proporcionaram. Deixado só, tentou compreender o turbilhão dos últimos minutos que acabara de protagonizar. Ou melhor, antagonizar. Não ficou claro o porquê, mas era certo que o motivo era o caso extraordinário que vivera. E como chegou a tantos ouvidos? Por quem?

Topeca.

Martius estava deitado no chão, com a pequena e alta janela à sua vista. Logo seria levado para uma cela. Sob seu ponto de vista, o deixaram com uma saída muito fácil. *Pequena, mas creio que posso me esgueirar por ela se subir pelas vigas aparentes do telhado, aí o caminho é de descida. Há apoio para os pés nas frestas, se tirar as botas.*

O cansaço de seu corpo não era maior que a necessidade que o dominava de esclarecer o mal-entendido. Alcançou o telhado agarrando o reboco de paredes antigas, firmes e irregulares. Dali, atravessou as terças e caibros, e desceu até apoiar o pé no peitoril de janela. Sua altura o ajudou a se deslocar, enquanto sua estrutura óssea dificultou sua passagem pelo vão da janela. Para dar espaço a seus ombros e evitar uma lesão, quebrou a esquadria fixa com o pé, cujo ruído foi abafado pela balbúrdia na frente do edifício. Ele saía pelos fundos. O salto até o chão nada era para quem escala e passa horas sobre árvores à espera de caça para, em seguida, assaltar uma presa de supetão. Sua preocupação era ser visto.

Puxou o capuz e encolheu o corpo, na esperança de que sua altura acima da média passasse despercebida. Tinha que atravessar boa parte da cidade até a casa de Topeca, sem garantias que o encontraria. Conhecendo seus hábitos, se desviou momentaneamente do caminho até a taverna que costumavam frequentar. Passou pelos fundos do beco e se limitou a olhar por uma janela. Sim, ele estava lá. Sorte. Conversava com Camilo, nem tanta sorte como pensado. Desde a última Cavalgada, o antes conhecido se tornara algo como um desafeto, mas a situação era por demais séria para que rixas de jogos o impedissem de esclarecer os disparates que enfrentava.

Saiu da vista da janela, deixando seu corpo deslizar pela parede em uma sequência de relaxamento dos músculos que terminou em um profundo suspiro. Seus cabelos castanhos

soltos caíam sobre seu rosto voltado para o chão. Com os olhos fechados, concentrou-se em como abordar Topeca. Poucas pessoas estavam na taverna, mas todas conhecidas, impossível evitar ser visto. Seria realmente um problema? Não se fosse rápido, pois Topeca o apoiaria e dali iriam provar sua inocência do - sabe-se lá - crime de cantar para acalmar lobos. Era uma história inverossímil, mas iria evitar qualquer possibilidade de encantamento se alegasse que escolheu atrair atenção para si e teve sorte. Não que encantamentos fossem problema, mas poucos cidadãos do Vale Cálido já tinham testemunhado alguma manifestação de magia e ele mesmo estava incerto sobre o que realmente houve na gruta. Além disso, quem iria acreditar que teria alguma habilidade espontânea? Sem estudo, ou preparação? Sim, melhor evitar o tema.

Levantou-se empertigado e entrou subitamente na taverna. A surpresa foi muda. Topeca inclinou o corpo para trás, como para confirmar o que via sob outro ponto de vista. Camilo estava de costas e demorou para se dar conta de quem entrava. Martius não perdeu tempo:

- Precisamos conversar. Você precisa me ajudar a esclarecer uma loucura que está tomando conta do povo. Até Kelber! Eles estão me acusando...

- De matá-las. – Camilo completou o que deveria ter sido ‘de cantar’.

- Ah? – Martius voltou-se para Camilo. – Do que está falando?

Camilo já estava de pé:

- E muito mais, não? Você achou que ia se safar? Que ninguém juntaria as peças? Agora ficou tudo claro.

Martius tentou ignorar o comentário para manter o controle da conversa:

- Topeca, você precisa dizer a eles o que aconteceu. A menina saiu da gruta, eu garanti isso. O que aconteceu depois?

Ele estava passivo pelo choque, demorou a responder:

- Eu a tirei de lá.

- Sim, e depois? – Martius insistiu.

- A trouxe para cá.

- Ela está bem?

- Deve ficar. – Sua voz aparvalhada expunha sua insegurança.

Camilo interrompeu, mais certo sobre o que não viu. Outros presentes começaram a cercá-los.

- O que importa foi o que você fez antes e durante. Tentou se livrar delas! Achou que ninguém descobriria! Eram crianças!

Martius se esforçava para manter o foco:

- Topeca, eu a tirei de lá. Foi a única viva quando cheguei. Não é isso? Você me viu entrando.

- Assassino!

Este foi o limite. Martius se arremessou sobre Camilo em fúria, descontando nele toda a angústia da última hora. Foi uma rápida troca de socos, ao serem separados, Martius voltou-se por saber que Topeca era sua única chance. Gritou:

- Topeca!! Diga algo! Eu sou inocente!

Topeca estava apático. Seu corpo travado sentia a pressão de todos os olhares da taverna, mais Camilo ensanguentado e Martius agigantado.

- Eu não sei de nada. Não vi. Eu não sei.

A resposta de Topeca foi lançada como uma onda de calor escaldante sobre Martius. A decepção se embaralhou ao desespero de se ver sem aliados em uma fantasia nebulosa que pesava sobre o seu futuro e talvez, sua vida. Camilo ainda se recuperava dos socos concentrados em seu olho, o que retardou sua reação e deu tempo a Martius de correr após ouvir seu veredicto.

Seus pés deslizaram pelas ruas como uma corredeira no verão chuvoso. Chegou até sua casa, parou ofegante, seu olhar suplicava por socorro. Encontrou somente sua mãe e irmã, o irmão estava fora em busca de notícias. Viu nos olhos de Diana a dúvida, o que o apunhalou mais fundo. De sua mãe, recebeu o conselho redundante, mas que, de certa maneira, o reconfortou:

- Você precisa ir embora, e rápido.

Ele a abraçou.

- Só vim pegar minhas coisas.

Pegou o violão, poucas roupas, suas armas, o que incluía outro arco e uma nova faca de caça, trocou as botas por uma mais quente e uma capa.

- Para onde você vai, meu filho? – Ela embalou uma comida nos poucos minutos que tiveram.

- Eu não sei. Sumir.

Com um nó na garganta, despediu-se rapidamente, um abraço para uma vida. Somente a mãe sentiu sua força que enlaçou seu tronco, Diana permaneceu em um canto com aquele ar de dúvida tão danoso quanto uma acusação.

Quando chegaram a sua casa, Martius estava longe; o dia também se retirava do Vale Cálido.

*

A principal saída da cidade era a Leste. Martius subiu o monte a noroeste, deixando marcas pelo caminho. Ao desviar a leste, reduziu a frequência dos rastros visíveis. Deixou-se ver ao longe, em um trajeto com poucos sinais, mas ainda presentes. Se embrenhou na noite após sair do vale para virar a norte depois de horas de caminhada intensa. Os sinais de sua passagem se tornaram imperceptíveis à medida que avançava em busca de terras mais altas e expostas ao vento frio incomum para sua gente.

Era madrugada alta quando se entregou ao cansaço. Suas pernas doíam, as costas e ombros estavam endurecidos de tensão, a exaustão tomou conta de seu corpo e espírito e logo dormiu.

Seu percurso no dia posterior foi de solidão bem-vinda pela paz que desejava, que o permitiu refletir sobre o incidente e suas consequências. A realidade começou a pesar em seus pensamentos, o que, inevitavelmente, afetou o seu ânimo. A escuridão progressiva que se seguiu ao entardecer também se apoderou de seu espírito. Dentre arroubos momentâneos de revolta, a consciência da injustiça que lhe foi acometida pela miséria humana o encaminhou à amargura natural de quem se vê impotente diante de uma força maior apelidada fortuna.

As perguntas se atropelavam procurando um sentido na aleatoriedade dos fatos que o levaram àquela floresta. Àquela clareira. Sentou. Já tinha testemunhado tanta mediocridade que relevou, tanto egoísmo que ignorou, só tinha planejado viver sua vida sem se incomodar ou incomodar os outros! Qual o motivo? Por que ele? Já passava seus dias afastado, longe das pessoas e de seus defeitos, por que não o deixaram em paz? Talvez, por isso mesmo?

Ou teria mesmo sido sua culpa? Não do que foi acusado, mas será que fez algo que merecesse ser exilado de sua própria gente? Martius não sentia serem sua gente. Não se lembrou da sensação de ser parte da gente do Vale Cálido dada a mesquinhez de inteligência que testemunhou combinada à agressividade que não o permitiu se defender. Não explicaram claramente o seu crime, tampouco o permitiram usar a palavra. Por que permitiriam? Não foi com a palavra dada aos homens que se fez, mas com a música tocada que soube quem era.

Pegou o violão e começou a dedilhar sua revolta. Tomou a escuridão em suas mãos e a transformou em ondas intensas que ultrapassaram as copas para fluir ao vento até ressoar pelos morros, encostas e ravinas.

Seu rosto se contorcia procurando nas estrelas o conforto em troca da serenata saturada de dor por traição do destino. Inspirava o ar noturno para encher seu peito de qualquer outra coisa que aliviasse seu sofrimento. A força de seus braços alimentava a música inconsolável e amargurada ao limite da potência do instrumento. Tudo o que era vivo sentia o dissabor de sua alma. Inclusive os lobos.

Martius parou. Eles estavam ao seu redor e, desta vez, não foi possível antever a aproximação.

- Toque.

Martius recebeu o pedido do alpha com insegurança:

- O que fazem aqui?

- Você nos chamou.

- Não foi minha intenção. Estou triste e me manifestei.

- Está com raiva. Está só.

A dor ao engolir fez o rastreador admitir:

- Perdi o meu bando.

O lobo deu um passo lento à frente.

- Preço alto. Não o pedimos.

O humano permitiu que a raiva crescesse:

- Não foram vocês, mas eles. Queriam todas!

- Ser banido é o pior destino. Toque. Hoje você tem nova alcateia.

Ele se comoveu com a solidariedade selvagem da criatura responsável pelo seu infortúnio. Corrigindo, participante de seu infortúnio, ela estava em seu papel, os responsáveis eram os seus. Rejeitou este último pensamento e abrandou a intensidade de sua música para abraçar o acolhimento que lhe fora oferecido, por um leve receio de que sua agressividade pudesse afetá-los justaposta a um forte sentimento de gratidão. Os lobos se aconchegaram, também gratos pela beleza da melodia que os circundou que, embora desgostosa, mostrava disposição para a partilha. Compartilharam o turbilhão de sensações que Martius experimentou nos dias anteriores: os temores, as angústias, o repúdio, a esperança e a decepção. Se encolheram em submissão à melancolia e se permitiram lamentar pelo exílio. Agradeceram a proteção das montanhas, o refúgio da floresta, e a dádiva enviada por meio do tocador. Sabiam que ele iria para terras distantes e aquela era a despedida.

Ao se retirarem, Martius olhou ao seu redor. Perdera mais um bando, e finalmente conseguiu chorar.

2. A HISTÓRIA DE TONIO

Tonio, Basra e Reno eram inseparáveis desde crianças. De início, brincavam nos quintais de suas casas, depois percorriam as ruas para conquistar a vizinhança, estenderam seus domínios além dos muros de Valdoa para o campo, a saltar regatos, guardar as estradas e praticar jogos de luta. Tonio era o mais jovem dos três e, assim, o mais propenso a ser derrotado nos desafios. Entretanto, foi perdendo com Reno que aprendeu os primeiros movimentos para a defesa e, em seguida, para o ataque. Com Basra, desenvolveu a agilidade para reações rápidas.

Para Tonio, a luta era diversão, como todas as outras aventuras urbanas e campestres que enfrentavam, fosse perseguir cães nas ruas quando crianças, ou conquistar as moças depois que os hormônios os inflamaram. Em todas, ele iniciava com a construção da estratégia em sua mente, a preparação das armas, o discurso de motivação, o cumprimento aos aliados, o grito de guerra que inaugurava a fúria, a aproximação confiante que alimentava esta fúria, o embate para libertá-la, a atenção ao inimigo no contra-ataque, um possível caos a dominar para, enfim, acusar a vitória.

No caso da conquista de mulheres, essa sequência ganhava uma interpretação especial nas primeiras festas em que se viu como homem ou ao final das feiras quando os pais estavam ocupados demais com seu comércio para guardar suas filhas.

A estratégia requeria um estudo das maneiras da moça e de suas companhias. As primeiras palavras eram armas decisivas. A motivação, um discurso mental indispensável. O cumprimento consistia em um ‘já volto’ cheio de significado a Basra e Reno. A concordância silenciosa dos colegas casava-se ao grito em suas almas que prometia a queda do inimigo. Ele crescia em segurança com a aproximação, a ouvir seus passos em meio à turba da feira. O embate das primeiras palavras determinava o rumo da batalha. O contra-ataque da moça poderia ser letal caso um sorriso não fosse rapidamente arrancado. A mão na cintura determinava o domínio do terreno e, finalmente o beijo era concluído com um pensamento: *Vitória!!! Vitória conquistada!!*

Basra e Reno, do alto de sua colina imaginária, mas geralmente encostados em um canto do salão ou em alguma barraca, repetiam o conhecido grito em suas mentes, eventualmente em voz alta, em meio a risos ladinos. Assim como Tonio, eles se entretinham com o ritual de sedução reinterpretado em uma linguagem que os atraía tanto quanto o sexo oposto.

Todos os jovens normais dos arredores se alimentavam de lendas de heróis e batalhas que traziam glórias e perpetuavam nomes para o bem e para o mal na história. Eles não eram diferentes, porém, mais dedicados. Falavam de lutas, ouviam os cantos de batalhas, sonhavam, treinavam e simulavam lutar entre si, o suficiente para investir qualquer tempo de lazer disponível em produzir a deliciosa sensação de exaustão no corpo após horas de esforço, do tipo que vicia e pede mais e mais a cada dia. Trocavam conhecimentos e técnicas com homens de armas que estavam de passagem, estudavam o colega e descreviam seus movimentos para indicar o que aperfeiçoar, usavam a repetição para criar

a memória do movimento e libertá-lo em reflexo quando necessário. Eram bons no que faziam, e não demorou até que dois conseguissem um trabalho na guarda da cidade.

Tonio recusou-se ao alistamento. Seu mundo se preenchia com três pessoas e não havia sentido em expandi-lo para que intrusos o violassem. No entanto, sua oposição não foi suficiente para alterar a determinação dos colegas, e ele experimentou o primeiro afastamento da vida que até então era perfeita. Reno e Basra viram suas recusas como um capricho que seria logo vencido.

- Que outra ocupação você poderia ter aqui? Vai para a mata cortar lenha ou irá comerciar sedas no mercado?

- Não me importa. Vou deixar que a vida me aponte um rumo, mas sei que não será ficar amarrado noite e dia sobre um muro. Vocês não são mais independentes, não saem a hora que querem, não tomam suas próprias decisões. Onde está a liberdade de antes?

Eles riram.

- Somos livres porque escolhemos o que queremos fazer para ganhar a vida. Temos vários amigos com quem gastamos as horas da madrugada na verborragia que você já conhece...

- Uma punhalada de ciúme em seu lado direito foi diligentemente disfarçada - e sabemos que são pessoas com quem podemos contar se precisarmos. Além disso, ganhamos dinheiro para treinar, coisa que sempre fizemos de graça!

- Fazíamos para nós. Não para que os outros nos digam como fazer.

- Temos método agora. Já tínhamos, eu sei, mas podemos aprimorar. Temos disciplina. Isso conta muito, não treinamos no instinto, há quem nos guie.

- Guiar para quê? Éramos dos melhores da cidade, agora estão massificados! E olhe a vida que vivem! Hora para entrar, hora para sair, hora para treinar, hora para comer, até para mijar!

Reno riu, era verdade, mas não se importava. Propôs:

- Ao invés de supor a vida que levamos agora, por que não vem ver? Hoje à noite. Portão do Torneador.

Tonio aceitou. Embora seu fígado o punisse por ter que conhecer o que Reno chamava de novos camaradas, ele decidiu ousar e experimentar algumas horas do que era aquela nova vida, mais para fazer parte da realidade dos amigos do que por disposição a se misturar.

Foi mais tranquilo do que pensou. E decidiu passar outras noites acompanhando a rotina entediante de guardar os muros após o entardecer, quando nada acontecia além de gritos bêbados, às vezes um mais eufórico a desafiar os guardas, outros correndo noite adentro em pequenos bandos cheios de energia ébria. Tonio contemplava estes últimos a refletir se estava mesmo velho para deixar para trás os melhores anos com os melhores momentos de sua vida. Certamente, uma fase já tinha passado, e se perguntava se aquela nova realidade era sua também.

Até testemunhar a autoridade dos capitães da guarda. A decepção o tomou quando viu os seus irmãos humilhados por gente tosca que nada entendia de camaradagem e que passava

pelos muros eventualmente para descontar suas frustrações sobre novatos. Afastava-se quando os via baixar as cabeças para os superiores, desgostoso com a vida que os amigos escolheram. Um dia perguntou qual a principal vantagem que viam naquela vida, Reno respondeu:

- Disciplina.

Tonio segurou o escárnio.

- É sério. O que esperam dessa vida?

Barsa esclareceu:

- Éramos livres demais. Para tudo! Dormíamos quando amanhecia, acordávamos no cair do sol. Todos os dias. Lutávamos nas primeiras horas, nos exercitávamos nas seguintes, íamos beber. Se nos entediássemos, mudávamos essa ordem e tudo continuava transcorrendo normalmente. Mas não estava normal! Nos esquecemos de nossas famílias, não as dávamos mais atenção. Onde você acha que essa vida nos levaria?

- Nos levaria ao que gostamos. Lutar, treinar, nos aprimorar, fazíamos por conta própria e éramos bons! Cada vez melhores. Por que abrir mão disso?

- Não abrimos mão. Nos profissionalizamos. Tonio! Ou é isso ou a vida nos levaria a nos tornar mercenários!

Ele se calou, vencido pela verdade. Reno completou:

- Agora sou eu quem pergunta: é o que você espera ser?

Tonio se levantou. Sentiu-se acuado ao se ver incapaz de encontrar uma resposta. Ia saindo quando parou e, sem se voltar, concluiu:

- Não pode haver apenas duas opções na vida.

*

A pergunta de Reno o fez encarar uma verdade que sempre negara: cresceram, precisavam de um rumo. Embora Tonio postergasse essa realidade, ele procurava em seu íntimo um destino que não fosse o tédio enclausurado nas ordens de quem não tinha o seu respeito, tampouco cogitava vender-se por dinheiro ao preço mais alto ofertado na praça.

Suas reflexões, mais solitárias agora – suas visitas aos muros eram infrequentes – desviavam seu foco dos treinos da madrugada para acabar numa taverna cujo vazio da resposta que o assombrava era inutilmente preenchido com amizades efêmeras que o irritavam e redirecionavam suas horas no amanhecer para a companhia de canecas mais abastecidas de sentido que ele. Na noite seguinte ele se rendia e procurava por Reno e Barsa, geralmente em suas folgas, mas as novas companhias secas não satisfaziam como dantes, quando um olhar dizia mais que um monólogo completo. Gente que se recusava a libertar suas mentes no improviso de uma aventura na madrugada da cidade – afinal, representavam a ordem – ou a mergulhá-las em mais de duas canecas de cerveja – afinal, tinham que estar prontos para a ação a qualquer momento.

Era penoso viver pior já tendo tido mais, insuficiente contar as horas quando já se foi surpreendido com a luz de mais um dia, decepcionante ver os irmãos se afastarem e nada conseguir fazer. E eles pareciam bem! Não felizes, mas bem. Em paz? Ou passivos? Será que ele deveria seguir o mesmo caminho? Não aceitaria a autoridade alheia, aqueles superiores nada fizeram para se provarem dignos de seu respeito. Como se juntar a eles dia após dia, se não suportava nem mesmo algumas horas? E como aceitar entregar-se diante de uma vida que parecia ser tão medíocre?

Foi em meio a tantas perguntas se arrastando por meses em seu coração que a emoção indesejada veio na pior de suas formas: a guerra.

*

De início, foi apenas um rumor engordado por histórias que amadureceram e trouxeram sinais em forma de homens de armas a transitar, refugiados desorientados e alterações no comércio. Até que ela própria bateu às portas de Valdoa repleta da apreensão por destinos que dormem com um rumo e acordam voltados para outra direção. As incertezas, antes pertencentes a Tonio, eram agora divididas por toda uma cidade espectadora impotente.

O exército chegou da capital, pronto para destruir o inimigo que acampou tão perto que era dispensável chegar ao topo dos muros para sentir sua presença. Todos de armas deveriam seguir à batalha, diziam que naquele cenário seria travada a decisão. Tonio havia se tornado recluso o suficiente para não ser lembrado, nem tinha como, pois a população foi recomendada a se trancar em seus lares seguros pelos muros centenários que cercavam suas vidas e deixar que profissionais terminassem com a ameaça. Afinal, também diziam que era uma batalha previamente vencida.

Obviamente, Tonio não permaneceu atrás dos muros. Não se volta as costas para irmãos, mesmo quando estes se mantêm afastados. Bem, era Tonio que se afastou, o que era mais um motivo para dar o suporte que Reno e Basra precisassem, fosse qual fosse. Contudo, primeiro teria que os encontrar e, estando alheio às notícias por não pertencer a grupos organizados, não soube como procurar em meio a um acampamento extenso de estranhezas dentro do qual ele nem tinha livre acesso. Cuidou para estar desimpedido e disponível para circular e encontrá-los em meio a milhares de outros soldados, o que evitou de se oferecer como suporte para outros que não fossem os seus.

Em meio a esse afastamento emocional que se destoava do sentimento coletivo decorrente da proximidade à crise, ele demorou a perceber que a batalha já estava em curso. Incapaz de dizer quando se iniciou, ficou desorientado ao aceitar que sua compreensão de fatos explodindo ao seu redor estava aquém do mínimo para que qualquer atitude fosse adotada. O que fazer e como localizá-los em meio àquela balbúrdia? E onde era a batalha? Pessoas corriam tensas para todos os lados, ignorando-o. O turbilhão de movimentos e gritos e ordens e batidas geravam uma canção egoísta e heterogênea, desordenada e onipresente que podia ser sentida retumbando em seus ouvidos, cabeça e peito.

Fechou os olhos, cobriu os ouvidos: os movimentos foram obliterados e os ruídos abafados. Sentiu as batidas em seu peito. Além daquelas que lhe davam vida, sentiu o retumbar de outras. Dos tambores. Tambores de batalha.

Tonio subiu em uma colina, localizou a batalha. Finalmente, via a cena imponente de milhares de homens enfileirados em dois opostos de um campo que em breve agonizaria arrasado em súplica egoísta aos céus por clemência à sua vida, sem se importar com as demais vidas em movimento parasita que em breve seriam extintas. Estas vidas parasitas tocavam agora os tambores, o choque de armas não havia se iniciado. Havia outra batida que ressoava em seu peito e que agora ficava clara e mais poderosa. Espadas se chocavam em escudos em desafio convidativo ao inimigo amedrontado diante da força oposta inabalável. Um som cadenciado de virilidade feroz que dominava o campo para abafar lamentos e alimentar o ego e a fúria dos soldados. Tonio perdeu a noção do tempo, absorto naquela batida que regulou o seu coração e hipnotizou seu pensamento ao bombear o sangue ao seu cérebro no ritmo sistemático que lhe era ordenado.

O avanço transcorreu em meio àquela batida, e ele acordou quando a música foi substituída pelo caos de sangue, com espadas batendo em espadas, gritos, espadas nos escudos adversários, choro, espadas em cabeças, lama, os tambores marcando as mortes. Tonio mal respirava por testemunhar a tragédia sem ao menos conseguir identificar seus irmãos que eram sucessivamente assassinados dos dois lados, anônimos em meio a tantos e encarnados em cada um que caía ao chão. Diversos Basras eram obscuramente identificados tombando ao lado de vários Renos já sem vida. Centenas de corpos foram somados a talvez milhares até que ele recobrasse a compreensão ordenada pela sobrevivência: era melhor afastar.

Ao se voltar, viu uma cidade inteira empoleirada sobre um muro que fervilhava de agitação e vontade de ajudar. Via que jogavam recursos do alto, outros expunham-se no exterior para carregar feridos para a segurança dos edifícios cercados, de maneira que o acampamento se conectou aos portões de Valdoa por uma fileira aparentemente desordenada de formigas. E ele assistia a tudo. Olhou para suas mãos, nunca tinha sido um expectador, por que seria logo agora? Correu e se juntou como pôde aos voluntários que qualquer coisa faziam para auxiliar os guerreiros que sangravam por Valdoa. Por poucas horas, desviou o foco de seus irmãos, porém consciente de que fazia o que estava a seu alcance naquele momento, já que era tarde para estar ao lado deles.

Quando chegou a notícia de que venceram, ainda incerta de início, mas aos poucos confirmada, Tonio se colocou novamente à procura de Reno e Basra. Procurou dentre feridos, testemunhando danos temporários e permanentes que o prepararam para depois encarar o irremediável no campo de batalha e perceber que teria sorte caso encontrasse algum deles reconhecível. E preferia não encontrar. De qualquer maneira, foi uma tentativa vã.

Com esperanças muito suspeitas de ilusão, passou a procurá-los dentre os sobreviventes. Primeiramente, junto a suas famílias, atendo-se aos vizinhos por receio de encarar os parentes de sangue. Sem pistas ainda, dirigiu-se ao comando da guarda, que estava vazio. Voltou ao acampamento e se viu dentre tantos fazendo perguntas por sobreviventes, em uma rede de esperanças vãs aturcidas e olhares apreensivos. Outros resignados, e aqueles em desespero. Sua cabeça doía, seus olhos estavam desfocados, viu-se como mais um perdido e sem importância para o mundo. Quem tinha importância não estava lá. Em

algum momento, uma alma o pegou pelo braço e o levou de volta à cidade. Provavelmente, caminhou para casa mecanicamente para ser celebrado vivo pelos seus e se jogar em um sono profundo onde o tempo foi substituído pelo torpor.

*

Levou dias para se certificar da notícia que nasceu tímida e cresceu em meio a revolta e tristeza. A guarda da cidade foi colocada na linha de frente, o que trouxe dor a muitas famílias, amantes e amigos. Neste dia, tudo o que ele ainda tinha a oferecer era um sorriso de sarcasmo ao ter do mundo a comprovação do que já lhe era evidente: o valor de seus irmãos. De fato, muitos chamavam os mortos e desaparecidos da guarda de heróis, mas um reconhecimento inútil após descartá-los tão facilmente. Já não interessava saber que os valores que seus irmãos prezavam e que alimentavam seus anseios por uma vida contraditoriamente pacífica - considerando seus hábitos de infância - era alvo de senhores se vangloriando por liderar tamanha nobreza de sacrifício dos filhos de Valdoa. Eram mortes desnecessárias aos olhos de Tonio e, como ele teve de fato teve olhos na batalha, considerava sua verdade a definitiva.

Com os meses, Valdoa se recuperou de seus traumas e retomou sua vida, embora muitos tivessem ficado presos à tragédia, sem saber como lidar com suas perdas. Não Tonio, cujos traumas trouxeram respostas que o mostraram qual caminho tomar: da estagnação.

Isolou-se mais e passou a apreciar sua própria companhia, por poder fazer o que quisesse da maneira que mais o aprouvesse. Porém, sua solidão era autofágica. Sua revolta cresceu. Amargurado, afastou aqueles que ainda se importavam consigo. E não tinha mais tolerância, nem vontade de outra coisa, senão lutar. Era como passava seus dias: luta com espada e escudo, com adversários eventuais que serviam apenas para compensar o que o martelar obsessivo em sua cabeça exigia. Não acabaria como eles, não se deixaria ser dominado por superiores ou autoridades e encaminhado à morte por caprichos de poderosos.

Sua agressividade era nítida, mas foi reconhecido como um excelente adversário para treinos daqueles que aprenderam com o recente passado como a guerra era uma ameaça à qual deviam estar constantemente preparados. Não eram os motivos de Tonio, mas ele não se importava com razões alheias. Nem as conhecia. Ele apenas estava disposto a enfrentar quem quisesse dar-lhe a oportunidade de observar novas técnicas, reagir com rapidez, medir distâncias, testar força e aprimorar a precisão do golpe.

Ele treinava e ouvia as espadas nos escudos. Em sua mente, não percebeu como seus movimentos eram guiados pelo som, como suas estocadas respondiam aos tambores e a sua espada em choque com o adversário alimentava a batida que ressoava dentro de seu peito. Entrava em transe. Ele crescia, ele avançava, ele destruía o que estava à sua frente e resgatava o sangue e os gritos daquela batalha. Estava se tornando incontrolável na luta, mas era considerado um excelente guerreiro por saber como destruir sem hesitar. Começou a receber propostas.

Por que não ganhar dinheiro com sua arte? Mesmo após aceitar, a aparente distração não impediu que a angústia continuasse a crescer, seu caminho tornou-se incerto pelos perigos

em que se colocava sem que visse sequer um sentido naquela vida. Ele apenas avançava para mais um dia desconhecido, para se perder mais. Até o dia em que não haveria retorno.

Chegou ao limite, o som lhe dava dores de cabeça, a luta o consumia, as espadas nos escudos martelavam dia a dia, pulsando num som cadenciado, numa eterna angústia prévia à batalha. Ele se via descendo a colina para deixar de ser o expectador e se juntar a todos os Basras e Renos que perderam suas vidas; mas, ao contrário de seus milhares de irmãos daquele dia, Tonio sobrevivia.

Irônico como o perigo tornara-se seu novo senhor, ele encontrou o que o dominasse! A compreensão de que se tornava um escravo de seus pesadelos foi lenta, mas ao alcançá-la plenamente, não sabia o que fazer. Apenas ia vivendo, avançando após cada nascer do sol sem uma saída para escapar daquele a quem passou a odiar ser.

Treinar lhe dava alívio temporário, mas era seguido das dores e angústias após terminado. O som grave da espada sobre a madeira de um escudo contrastava com o som seco e melódico do aço em choque deslizante. A música de violência o controlava para depois consumi-lo, seus sentimentos passavam por raiva, decepção e até desprezo pela armadilha em que construiu, mas ciente de que ignorava qualquer outra possibilidade de destino.

Sentado à beira de um rio sobre uma pedra, espada na mão, ouvia o chiado complexo da água corrente como uma música de fundo. Pensou como afundar com aquele som à sua volta seria pacífico. Começou a reproduzir o ritmo de morte do qual nunca escaparia num impacto agudo do aço na pedra a fim de ter um pouco de alívio, libertando-o de sua cabeça para tomar vida. Somou a batida em seu próprio escudo à pulsação que produzia. Pensou que chegara o dia em que aquela loucura o destruiria, estava disposto a se entregar e terminar tudo. Assim, aumentou a força de sua batida que, intensa, tomou os arredores, escapando para o mundo. Arrancou outros sons da ponta da espada, a guarda lhe dava um grave, o punho, uma mais pancada dura. Suas botas acabadas em metal acompanharam a cadência em repetições, outras vezes em variações e mudanças repentinas que lhe pareciam ter mais sentido que sua vida até então. O suor escorria pela sua face sem ousar tirar-lhe a concentração, pingava a partir do queixo ou deslizava pelo pescoço enquanto o corpo quente e úmido também transpirava pelo esforço dos músculos acostumados à ameaça. O esforço era intenso, mas a alma estava leve.

Ele parou, ofegante. Olhou ao redor à procura de uma resposta para aquela sensação tão incomum. Ao contrário do esperado, a riqueza das batidas não extinguiu sua vida, mas lhe deu uma leveza que acreditava que não tinha mais capacidade de produzir. Não se livraria dos sentimentos que pesavam no seu espírito, pois eles eram parte de si, mas viu que poderia dominá-los caso os libertasse! Teria que transformá-los para que seguissem seu caminho naturalmente, comandado pela sua alma que se elevava nesse momento. Voltou a tocar, extasiado pelo efeito de liberdade que sentia ao guiar seus próprios movimentos. E tocou até a exaustão abrir caminho para o estado de graça ao acreditar que poderia fazer parte do mundo novamente.

Trocou seus instrumentos improvisados por tambores apropriados para libertar sua angústia diária. Gradativamente, o sentimento que deixava escapar com a música abria espaço a outros mais recompensadores. Foi se alimentando desse som, sua força cresceu, o que antes o consumia passou a preenchê-lo. Estabeleceu uma rotina cujo dia se iniciava tocando, quando se acalmava e se permitia criar foco para se concentrar no treino de esgrima. Passou da repetição do movimento à repetição de um ritual. Disciplina.

Os novos sentimentos lhe deram perspectiva e recusou trabalhos que considerava impróprios. Estava a ponto de fazer inimigos por recusas inesperadas a contratantes que não compreendiam tal mudança de valores, mas recuou. Era momento de aprender, não de incitar. Decidiu sair de Valdoa.

*

Tonio tocava diariamente, assim como treinava. Manteve sua rotina mesmo com as inconveniências de longos deslocamentos, quando os imprevistos foram usados para aprender a improvisar e controlar seu temperamento. Toda sua vivência era concentrada no aprendizado de artes, fosse da percussão ou da luta. A primeira era instintiva, tocava conforme seu corpo exigia. A segunda o levou a buscar outras artes a fim de completar a técnica de esgrima, que já dominava, e ampliar as possibilidades de ação. Queria ser bom o suficiente para selecionar seus trabalhos conforme suas próprias convicções, mas seu principal propósito era manter-se em constante aprendizado, como se o movimento fosse essencial para permanecer vivo. Contudo, não o fazia pela ameaça das consequências caso seu crescimento estagnasse, ao contrário, encontrara seu foco e tinha prazer nas horas que não eram gastas, mas vividas.

Iniciou com a lança. Soube de um grupo, localizado a nordeste, famoso pela sua habilidade e para o nascente se dirigiu. A mais traiçoeira das armas, enganadora por permitir movimentos rápidos como uma serpente, aparenta ser lenta pelo seu longo comprimento. Tonio mediu as distâncias ao alvo e compreendeu suas especificidades em relação à espada de duas mãos, à bastarda e à rapier, armas que já dominava. O manusear era diferente, a arma de comprimento equivalente à altura de seu braço estendido aparentava exigir mais tempo para completar movimentos amplos, o que era um equívoco. Os movimentos curtos eram dominados com a ponta e pequeno deslocamento da haste, cuja energia era projetada para dar o bote, o que a tornava apropriada para enfrentar a espada pela vantagem de alcançar o oponente com rapidez enquanto mantinha o atacante afastado dos golpes. Tudo dependia da rapidez de resposta e, portanto, da agilidade no manuseio. Dependia também das pernas. O centro de gravidade era mais baixo a fim de proporcionar a estabilidade no deslocamento que, esse sim, era mais lento que a mão, porém longe de ser vagaroso. O corpo posicionado lateralmente reduzia a área exposta ao oponente. A combinação destes cuidados visava a estocada, cuja base herdada da luta de espada e escudo foi aprimorada pelo aprendizado com os Lanceiros Perpétuos.

Os Lanceiros Perpétuos eram uma irmandade de guerreiros seculares cujas tradições eram mantidas em um sistema hierárquico onde mais instrução gerava maior reclusão. Eles não revelavam seus métodos a estrangeiros, com raras exceções. Tonio talvez tivesse sido a primeira.

Abordou-os com uma estratégia pré-estabelecida. Seu plano era oferecer seus conhecimentos em troca do aprendizado que almejava, o que foi educadamente recusado pelo treinador dos aprendizes em um episódio insuficientemente breve.

- Sua proposta é generosa, mas não nos interessa.

- Mas o senhor nem me viu lutar!

- Desnecessário. Já conhecemos sua arte, queremos manter a pureza de nossos métodos.

- E não acha que estudar outra técnica o ajudaria a desenvolver a sua?

O mestre sorriu, condescendente, a falar com uma criança:

- Com certeza. Estudar o inimigo é sempre bom, mas acha mesmo que tem algo novo a nos apresentar?

- Eu mesmo desenvolvi alguns movimentos. Façamos um teste, o que teria a perder?

O mestre recusou novamente.

- Entendo que seu objetivo depende da insistência, mas em nosso meio, um não é aceito imediatamente. Você ofende o seu interlocutor quando acredita que ele não tem conhecimento suficiente e que você pode superá-lo no diálogo.

- Ao mesmo tempo, não temos que ter humildade para nos abrir ao mundo e aprender o novo?

O mestre mudou seu semblante, fechando o sorriso:

- O seu mundo não nos interessa. – E se afastou.

Tonio sabia que seria difícil, mas não imaginou que seria rechaçado sem ao menos uma demonstração. Colocou-se no lugar daquela sociedade fechada que claramente não revelava seus segredos a forasteiros e aceitou permanecer nos arredores a fim de esgotar as possibilidades de provar seu mérito. Esperava que mudassem de opinião caso o vissem praticar. Criou sua própria rotina naquele novo cenário: hospedado na periferia, tinha acesso a áreas isoladas no campo onde poderia manter suas atividades. Mudou ligeiramente seus hábitos noturnos para se fazer visto pelos membros da ordem: ainda que a manhã continuasse existindo para dormir, iniciava seu dia com o sol alto e tocava protegido na sombra para aquecer seus músculos. Até o final da tarde, já havia passado a primeira série de exercícios. Sua técnica particular incluía estudar os movimentos corporais por meio de croquis que registravam cada posição pela qual sentia passar. A prática continuava à noite, quando estava mais à vontade integrado ao luar. Como foi difícil encontrar oponentes naquelas terras, passou ao balé solitário contra o vento.

Mostrar-se não surtiu efeito. Sabendo que era um povo que cultivava a paciência como virtude, manteve-se fiel à sua estratégia. Não estabeleceu prazo, mas a rejeição continuada alimentou um certo desânimo. De qualquer modo, tinha sua própria técnica a estudar e o cenário era indiferente para continuar o aprendizado de um homem só.

Os recursos para se manter naquela terra estrangeira estavam se esgotando, e afinal começou a se preocupar. Não estava disposto a desistir, mas as circunstâncias poderiam

obrigá-lo a mudar o rumo de seus planos em dominar a lança. Com a confiança abalada, passou a ser menos rigoroso com os horários que estabelecera para se mostrar a terceiros, e passou a adotar sua própria maneira livre de reger seu tempo. Os treinos noturnos se intensificaram, eliminando por completo a manhã e início da tarde. Enfim, transferiu sua vigília para todo o período noturno, e a prática de percussão ocorria conforme sentia necessidade, independente da hora.

E foi por este motivo que uma noite inteira passou e Tonio inverteu seu hábito ao iniciar sua música de impacto ritmado durante o amanhecer, mas como encerramento das atividades antes de dormir. E neste dia, ouvidos atentos se voltaram para seu lado.

Tonio começou com uma batida leve, pulsada em intervalos regulares através da qual iniciava um transe. A intensidade aumentava e os intervalos se reduziam, com alternância entre fortes e fracos como degraus de uma escada heterogênea que não perde sua beleza na irregularidade. Essa escada fazia curvas pelo ar e subia até desaparecer nas nuvens, permitindo que a luz do sol nascente atravessasse seus espelhos vazados para ressaltar os raios em movimento a cada compasso. Era como se o sol tivesse som!

O mestre, que havia dado as costas a seus noviços, voltava-se eventualmente a eles, depois a Tonio novamente. Os aprendizes haviam parado para ouvir, mas receberam ordem de continuar. E o mestre desceu calmamente para se aproximar da fonte de força que tomava o ar em ondas de choque, continuando a se voltar aos seus iniciados momentaneamente, antes de prosseguir. Fechou os olhos, sentiu. Abriu-se para o infinito, cabeça jogada para trás, boca entreaberta, recebia a potência do impacto em seu corpo.

Tonio parou quando ele estava próximo. Como nunca houvera a oportunidade de outra conversa desde a primeira, ele se manteve quieto a fitar o mestre e aguardar sua manifestação. O mestre o entendeu.

- Você carrega algo especial.

Pensou que precisava se justificar:

- Eu toco para relaxar, às vezes para aquecer. É importante coordenar movimentos distintos dos membros.

- É importante, mas você não toca por esse motivo.

- Bom, ajuda. – Ele estava inseguro, sentia-se avaliado.

O mestre examinou o material de Tonio com o olhar e deixou transparecer uma ligeira intenção de tocá-los ao retesar os dedos, que foi contida por sua extrema educação:

- Como conseguiu esses instrumentos?

- Fui coletando, ou criando. O importante é que os sons diferentes me permitem criar mais.

O mestre o fitava, calado. Estava realmente avaliando-o, ponderava se Tonio não tinha mesmo ciência do que provocava. Enfim, pediu:

- Pode tocar mais um pouco, enquanto observo meus alunos?

Tonio se sentiu elogiado. Nada teria a ganhar, mas não custava ser gentil, nem costumava ter audiência. Colocou mais energia no novo arranjo, com batidas curtas e intensas alternadas em graves, médios e agudos, como a arrancar o respeito do seu ouvinte. Abusava da repetição gradativa cujo mantra saltava de suas veias e penetrava na carne daqueles que estavam em seu raio de ação. Seu corpo oscilava para produzir o impacto desejado em sua alma, e como consequência usual, transcendeu para um estado de liberdade que renovava seu gosto em estar vivo e fazer parte de algo maior. Ao terminar, estava em paz, molhado de suor, músculos doloridos e espírito leve.

Os olhos do mestre brilhavam maravilhados. Seus alunos nunca haviam lutado daquela maneira! Seu próprio corpo sentia a potência dos músculos no simples caminhar até a fonte do som novamente.

- Onde aprendeu a tocar assim?

- Hum... foi casual. Aos poucos, acontecendo. – Ele não queria entrar em detalhes do que seria difícil explicar.

- Não foi com um mestre? Alguém altamente treinado?! - Se antes o Lanceiro transmitia serenidade, agora ele se valia de seu treinamento para reprimir sua euforia.

- Hum... não. – Tonio se sentia em uma entrevista. – É música, não é como lutar.

Tonio não se lembrava de ter sido corrigido com amabilidade e admiração:

- É um dom! Sua música transmite energia para as pessoas!

- Ah! – Riu encabulado enquanto inclinava a cabeça para o lado e encolhia os ombros. – Obrigado!

O mestre o encarou profundamente.

- Não é figurativo.

Tonio segurou o sorriso, porém ainda sem entender, aguardou um esclarecimento. O mestre suspirou, não por impaciência, mas à procura das palavras certas:

- Quando a música alimenta o corpo, ela pode ser empregada no combate, desde que bem dosada. Seu dom tem grande valor, - curvou-se em deferência – será uma honra tê-lo entre nós.

*

Foram alguns anos entre os Lanceiros Perpétuos. Tonio nunca acreditou que o efeito pacificador da música sobre ele fosse distinto daquele sobre outros, algo poucas vezes mencionado. Se no início apontaram o porquê de o terem convidado a treinar, depois ponderaram como a consciência de grande poder, assim como de grande beleza, já foi prelúdio de desgraças.

Então ele passou a aperfeiçoar sua habilidade e a apreender outras, enquanto usava sua música para fins terapêuticos. Para os demais, ela era alimento.

Quando considerou que atingira uma maturidade no manuseio da arma, anunciou sua partida. Os lanceiros sabiam que sua estada não era permanente, e aceitaram já tê-lo

estudado o bastante para entender que não teriam como reproduzir seu dom. Como todo dom, era o resultado alcançado, ou o caminho construído, por ações únicas que não são aplicáveis a outra criatura. Foi convidado a ficar com sinceridade, pois deixava bons companheiros, fruto de amizades construídas em meio ao suor competitivo amainado pelas brisas reconciliadoras.

Contudo, ele já tinha vislumbrado seu próximo objetivo: a faca. O oposto da lança, a mais curta das armas era um passo almejado para dominar as artes marciais e extrair de cada arma o que ela pode oferecer em um embate.

Ao se despedir, ouviu diversas recomendações, das mais óbvias àquelas totalmente inesperadas:

- Guarde os conhecimentos destas técnicas que aqui nos apresentou e foi presenteado.

Ele acenou afirmativamente, mas sem saber se realmente entendeu.

- Não revele suas artes, exceto àqueles que considera necessitados e merecedores.

- Mas claro! Não vou quebrar meu juramento!

- Digo que não revele o poder de sua música a qualquer público. Assim como nossa arte original, sua arte original pode trazer benesses ou desgraças. Ela é mais rara que qualquer técnica de combate que irá encontrar em seu caminho, seu poder é grande e fará bem ou mal, de acordo com a vontade de quem o usa. Você tem o dom de conceder a força, conceda-a a quem merece.

- Mestre, fico grato pelo valor que me toma, mas às vezes é difícil acreditar que sou tudo isso. Não é humildade, é que não me vejo assim.

- Porque você se não se nutre dela. Você é a fonte, você apenas a liberta para as criaturas vivas que estão ao seu redor. Liberte com cuidado, de maneira que não a percebam, mesmo que a sintam.

- Carregarei comigo seu conselho. – Foi o melhor que pôde dizer, visto não entender a dimensão da advertência que estava longe de ser um conselho.

*

Encontrar quem lutasse com facas era fácil. O difícil foi encontrar uma arte que manejasse facas com destreza, cuja dinâmica ele observava ser distinta, porém não oposta, da espada e lança. O maior cuidado é a exposição do corpo ao inimigo pela proximidade entre atacante e alvo. A faca tem melhor desempenho em locais de pouco espaço, e o movimento do corpo é intenso e, muitas vezes, ininterrupto. Locais pequenos e estreitos, sem opção de deslocamento até um espaço amplo, mesmo que no exterior, são as embarcações.

Seguindo uma rota de observação e perguntas discretas, Tonio chegou à Ilha das Flores, onde as intenções oscilavam em consonância com as ondas do mar aberto a leste. Uma única cidade no centro-oeste de uma ilha que se estendia de norte a sul era voltada para uma baía que servia o porto com suas águas quentes e as terras inóspitas a sul com águas geladas. No Porto Norte, conheceu pessoas de caráter e origem variadas, muitas talentosas

na sobrevivência sobre águas profundas. Dentre eles, George era um rato cansado do mar que se esgueirava pelas curvas estreitas do cais nas noites sem lua com segurança assim que sua silhueta descarnada ou voz grave eram reconhecidas. Apontado como um dos melhores no manejo da faca das águas Norte da ilha, Tonio receou abordar figura tão típica do local e tão distante de seu mundo. Ao trocar poucas palavras que foram intensificadas pelas canecas de cerveja e rum que cada qual consumia, Tonio viu se tratar de um rato de boa índole, cansado de artimanhas e à procura de paz em uma terra desatada da ordem do continente.

- Como é? Quer pagar para te ensinar a lutar?

- A lutar com a faca! Eu já sei lutar.

Ele olhou desconfiado, estudando seu companheiro de copo.

- Duas perguntas. – Fez uma pausa para um arroteio. Jogou seu corpo sobre a mesa, levantou o indicador. – Um: por que logo eu?

- Disseram que era o melhor. Estou enganado?

- Depende. – Foi enigmático. – Dois: você já luta, sabe que a prática é que importa, acha mesmo que tem alguma coisa para aprender?

- Não se pratica sem uma técnica. Eu desconfio que, se é tão bom quanto dizem, desenvolveu uma técnica.

George expirou, entregando-se. Tonio fingiu não perceber.

- E se não a tem descrita com clareza ainda, terá comigo a oportunidade de treinar e podemos formalizá-la.

Um sorriso lateral digladiou-se com um olhar intenso, seguido de uma inesperada sinceridade e um suspiro nostálgico. Seu tom de voz mudou, entregando-se. Sua própria linguagem deixou de ser a típica do porto.

- Não é preciso. Aprendi com técnica formal, muito longe do caos em que vivo hoje. Pode ser uma boa experiência voltar a combater alguém que entende o que realmente faz. Acredito que posso me beneficiar com a experiência.

*

Tonio teve o cuidado de evitar sondar a vida de George, receoso de afastá-lo. Embora a curiosidade o tivesse atingido, deixou para seu instrutor revelar seu passado caso desejasse, não havia necessidade em pressionar. Foi fácil perceber que havia didática no treinamento proposto por George. A aula introdutória sintetizou o curso:

- Treinaremos com facas de madeira. Tente defender-se antes de saber atacar. Permita-se simplesmente fugir de uma faca, dançando como puder. A ansiedade será sua inimiga. Conquiste-a. Só permitirei que use seus braços para desviar os golpes, mas sem revidar, quando tiver desenvoltura ao esquivar. Ao desviar os golpes do oponente, ainda poderá se sentir acuado, ele continuará avançando, observe sua retaguarda e evite cair em uma armadilha. Em seguida, una o aprendizado das duas etapas com um contra-ataque com as

mãos nuas. Faça como puder: socos, tapas, empurrões. Atenção aos cortes, eles virão, seja rápido! O próximo passo terá incluída a defesa a seu contra-ataque. Conheça as possibilidades, isso já é uma luta real com um adversário que reage e ataca novamente. Assuma o controle: inimigo, entorno, arma, você. Esteja consciente de seus movimentos. Pelo que me mostrou com a espada, isso não será novidade, mas o contexto é outro. Finalmente, a última etapa será com os dois, cada qual com sua faca.

Tonio provocou.

- E eu não vou atacar com uma faca e o inimigo com as mãos nuas?

George riu.

- Ah, parceiro, é mais provável que ele esteja com uma espada. Aí é que veremos o quanto você aprendeu!

E assim seguiram os meses. Dentre as horas de treino, Tonio aprendeu sobre a vida na ilha e adaptou-se às suas especificidades. Havia uma elite comercial que morava na cidade e explorava o Norte. Neste, a navegação comercial dominava os negócios, e sua índole o manteve afastado como pôde do mercado negro. Ouviu certa vez de George:

- A regra de ouro é ignorar para ser ignorado.

Seus hábitos noturnos se encaixavam perfeitamente com um público frequentador da madrugada que nem sempre era o ideal de se conviver. Assim, Tonio passou a tocar tarde na madrugada, afastado da área ocupada para ter como fundo a música regular das ondas. Como um intervalo de 24 horas podia alterar drasticamente o ritmo das ondas, sua prática exigia improvisos variados decretados pelo mar a cada noite. Embora se incomodasse eventualmente com a umidade em seus instrumentos, ainda preferia aquele cenário que arremetia à primeira vez em que libertou sua música.

Outra adaptação foram as novas amizades. Por indicação, e com supervisão do rato, Tonio treinava com Skua. Ele chegou a se perguntar o motivo de tais nomes, mas sem ousar esclarecimentos quando sóbrio. O de George era um misto de denominação pejorativa que era admitida, mas não adotada. Já Skua, o caso era diferente: assim ele se apresentava! Tonio desconfiava que seu nome poderia lhe trazer problemas legais.

Skua era mais jovem e mais alegre que George. Ainda sonhava com riquezas que aventuras no mar poderiam render. Falava com orgulho de conhecer alguns piratas famosos, e de experiências em locais ermos que poucos ousam pisar.

- Quando for a nordeste, fique atento. Quem planeja meses no mar naquela direção não volta. Uma dica: quando as águas quentes ficarem geladas, você está chegando ao inferno!

Tonio não precisou refletir muito.

- Mas o inferno não deveria ser quente?

Skua não se importava com detalhes:

- Mas a porta é gelada! É claro, não tão gelada quanto o refúgio dos piratas. Em Dust.

- Dust? Não tem piratas lá!

- Ahhhh, não tem gente de bem! Estão reunindo marujos para uma expedição até Dust, é difícil encontrar gente que queira ir! Interessado? Pagam melhor que a expedição daquele louco que queria descobrir o caminho mais longo para o Atol Vermelho. Como se fosse vantagem saber o caminho mais longo! – Gargalhou. E lembrou-se. – Nunca soube se ele chegou lá. Já ouviu sobre isso? Não? Conto outro dia. E então, quer passar frio e ficar rico em Dust?

Ele não se empolgou.

- Não vou interromper o treinamento.

Tonio era um excelente adversário e avançava brilhantemente no manejo do corpo, mão e faca. Vendo que era improvável que Tonio tomasse alguma dianteira para uma expedição, Skua decidiu compensar sua autoestima ao se exhibir:

- Mas deveria! Eu mesmo estou pensando em ir, é claro que não é para qualquer um, você ainda tem muito o que treinar, eu entendo. Não quer nem ouvir a respeito da expedição? Hoje, após encerradas as cozinhas, no Largo do Bom Pousos.

Tonio estava livre, por que não?

Lá encontrou algumas figuras conhecidas e muitas desconhecidas, nem todas emanavam boas impressões. A maior parte, não; mas a pequena figura que dominou o Largo ao subir apressadamente em poucos saltos no tablado de madeira gasta dos leilões não se importou com os murmúrios. Sua voz aguda se sobrepôs ao pequeno agrupamento de 40 brutos para contar a história de sua última visita a Dust, a fim de exemplificar o que se esperava encontrar. Falava rapidamente, com energia, mas com pausas bem colocadas nos momentos em que fazia os marinheiros refletir sobre as vantagens e desvantagens da empreitada. Seu corpo refletia suas palavras em olhares, mas principalmente em gestos e movimentos de uma dança que acompanhava a música de sua entonação. Fazia perguntas que ficavam no ar. Olhava intensamente e provocativamente para homens mais acostumados a se sobrepôr do que a se encantar por uma mulher. Sem promessas de grande riqueza ou de uma viagem tranquila, ela criou um cenário promissor e atraente.

Tonio se divertiu com a maneira como ela transformou um povo difícil de se lidar e uma terra gelada para navegar em uma aventura sedutora que insinuou ser digna de poucos, sem fazer uso de tais palavras. Também não mentiu, pois não amenizou os perigos e não exagerou os lucros. Ela não seria capitã, nem era investidora. Era apenas uma marinheira que sabia que as mais difíceis empreitadas geram os maiores lucros. É claro que ela era mais que aquilo, mas não deixaria transparecer.

Ao final, foi ter com ela. Não tinha a intenção de se unir ao grupo, mas trocar algumas palavras não faria mal.

Ela teve a atenção capturada de imediato:

- Mesmo? Você esteve com os Lanceiros Perpétuos? E não quer se juntar a nós? Pagamos bem por habilidades especiais.

- Então você está envolvida no negócio?- Se você for a um lugar inóspito e tem a oportunidade de levar alguém que pode ser muito útil, não levaria?

Embora ela tivesse se justificado de imediato, Tonio não se fez de rogado:

- Refiro-me ao “pagamos”.

Ela sorriu. Sim, ele era bom, inteligência também era bem-vinda para navegar.

- Tenho alguma participação. Outro motivo pelo qual quero navegar com o que houver de melhor.

- E como sabe que sou bom se não me viu lutar?

- Os Lanceiros Perpétuos não aceitam qualquer um.

Ele admitiu. Não havia como negar a quem conhecesse a fama dos seus antigos companheiros que ele teve um tratamento único.

- Não posso me desviar de meu objetivo. Estou em novo treinamento aqui. É algo mais apropriado para uma embarcação, posso ser útil no futuro. Então preciso, e prefiro, concluir antes de aceitar novos trabalhos.

Ela meneou a cabeça, afirmativamente:

- Eu respeito isso, embora colocar seu treinamento em prática possa lhe fazer bem. O que treina?

- Faca, com George.

O sorriso se transfigurou em outro mais estreito e deficiente para disfarçar o desconforto:

- O Rato! Sim, claro, ele é bom. – Suspirou, Tonio teve a impressão que ela reorganizou seus pensamentos e voltou ao bom humor dantes. – Façamos o seguinte: termine seu aprendizado. Quando não tiver mais relação com ele, digo, quando tiver concluído, me procure. Pode não ser para esta empreitada, mas agora tenho a ambição de ter um Lanceiro em minha equipe.

Tonio agradeceu e se afastou, intrigado com a reação de Lucha.

*

Sua vida nos meses seguintes não se modificou. Skua não arredou o pé do porto como ameaçado, mesmo com outras oportunidades que surgiram. Tonio continuava com seus estudos complementares com uso de croquis para registrar as posições do corpo, além de observar a prática de Skua e George. Ficava atento a algum desentendimento nos arredores, pois não seria sábio pedir para que pessoas estranhas se enfrentassem para sua observação. Ainda mantinha sua prática nas artes dominadas, e procurava compará-las para registrar tanto as diferenças quanto as semelhanças entre si.

O fim de cada treino era geralmente seguido de uma ida à taverna. Bebiavam, jantavam, jogavam e contavam histórias. A relação de Tonio com George era mais indolente, bem diferente da relação hierárquica de respeito e admiração que tivera com o mestre dos Lanceiros Perpétuos ou da cumplicidade inocente e jovem com Basra e Reno. George era como um comparsa, mesmo que não tivessem trabalhado juntos de fato, aceitavam-se como iguais. Tonio recebeu convites de bicos que renderiam um conforto extra, mas

informou-se o bastante para manter uma distância dos negócios de George. Mesmo com o dinheiro acabando.

- Para sobreviver neste lugar, você precisa ser menos seletivo. As propostas da cidade podem ser menos rentáveis que as daqui.

Tonio rebateu:

- E menos perigosas.

George levantou um dedo para argumentar:

- Tão ilegais quanto.

Tonio o encarou com um sorriso desafiador através do dedo mantido no ar:

- Não aquelas que aceito.

O rato recostou-se, vencido. Mantinha um sorriso de cansaço simulado para mostrar que aceitava a derrota após tentar aliciar Tonio:

- Meu amigo, essa terra não é para você. Seu nariz bonito e bons modos podem fazer sucesso com as esposas e filhas dos magnatas, mas a segurança para que possam ir a chás e festas não é profícua. Você é um bibelô mais fortinho que elas exibem. O trabalho que vale é aquele que guarda o dinheiro deles! – Apertou os olhos fixos em Tonio, dedo indicador a bater na mesa. – Ou que guarda aquele negócio que só acontece no meio da noite.

- Este último eu deixo para você. Não vou tirar seu sustento.

George gargalhou. Foi o tempo para Tonio completar:

- Além disso, se você quisesse, pegaria esses trabalhos de bibelô. Você se infiltra tão bem neste mundo quando naquele, não pense que não percebi.

Ele concordou, levemente saudosos:

- Sim, eu tenho essa capacidade. Mas a cidade central me traz lembranças. Sabe? Já convivi no meio aristocrático. Era meu mundo, eu fazia parte de uma guilda!

Tonio manteve-se calado. Viu que finalmente George estava abrindo seu passado.

- Mas cometi muitos erros. A cidade me esbofeteia com meus defeitos. Aqui, as distorções de personalidade são habilidades, são talento, são bem vistos!

Levantou o copo em brinde, Tonio acompanhou.

- Ser membro de uma guilda é um grande mérito. Estou sinceramente admirado! – Confessou Tonio.

- Não posso contar detalhes, acredite, saber não o faria bem.

O aluno fez um gesto de desprendimento, a deixa para George continuar:

- Tínhamos um código que respeitávamos, e hierarquia rigorosa. Eu cresci na guilda, por um tempo, eu tive respeito dos meus camaradas e inspirava temor nos adversários. – Suspirou. – Até o dia em que ferrei tudo!

- Cometeu um erro? Não era perdoável?
- Não para eles. Acho que nem para mim. – Refletiu por uns segundos, e murmurou. – Nem para mim, fui fraco. Aí vim para cá, e aos poucos vendi minha alma.
- Um termo forte, não? Se está arrependido, pode-se dizer que ainda tem alma, por que não tenta voltar?
- Regras. – Olhou para o lado, vendo algo que não estava lá. – Estive arrependido desde o dia em que fui expulso. – Encarou Tonio novamente. - Expulso! Não me afastei, não me convidaram a sair. Não basta estar arrependido ou deixar que tempo passe. É preciso oferecer algo, e fui pelo outro caminho, não conquistei nada que possa ofertar em troca de perdão.

Tonio pressionava a caneca com os dedos, sensibilizado pelo destino do amigo.

- E acha que não está em tempo? Você parece amargurado, se essa não é a vida que quer, tome uma atitude!

George riu, animando-se, levantou os braços a abarcar o ar à sua volta.

- Essa é uma das vidas que quero! Me cabe. Há preços a pagar por nossas escolhas, o preço do retorno é alto demais. – Enfim, confessou com a voz grave. – Eu simplesmente não tenho cacife.

- Reputação não se paga! Construa-a! - Corrigiu-o um Tonio indignado com tal resignação.

George soltou uma risada alta.

- Não tenho como responder a isso, meu amigo. Você é muito escrupuloso, já sei como os Lanceiros te aceitaram. É o guerreiro perfeito! Praticamente, um paladino! Forte, corajoso e, tenho certeza, incorruptível, não é?

Tonio não levou por mal.

- Você me confunde com um ingênuo. Se não está disposto a se fazer valer para sua guilda, não é problema meu. O problema é vê-lo desabafar e concordar com isso. Acha que eu diria para se conformar e morrer aqui?

George estava triste, mas amigável. Seus olhos ainda eram ariscos. Piscou.

- Aqui não é ruim, nós é que nos cercamos das companhias certas ou erradas, não? Você é atualmente a minha companhia certa. Um Lanceiro Perpétuo!

Tonio levantou um dedo para marcar sua observação:

- Eu fui.
- Não foi expulso, foi? Eles o aceitariam se voltasse, não?
- Nunca prometi que ia ficar. Fizemos um acordo.

George inclinou os ombros sobre a mesa em reflexo ao seu interesse:

- Ah. Então você tinha algo a oferecer!

- Eu tinha uma ilusão que eles aceitaram como verdadeira. Não a ofereci, eles pediram!
- Está me dizendo que enganou os Lanceiros Perpétuos? – A surpresa era espontânea.

Tonio riu, condescendente.

- Não, isso me mataria! Eu deixei claro que não era real, mas eles insistiam que eu estava em negação. Fui sincero, e fizemos o acordo. Um aprendizado pelo outro.

- E deu certo?

Respondeu enquanto levantava a caneca:

- Claro que não. Eles compraram uma ilusão. E como eu poderia ficar, sabendo que eu era uma farsa? – Finalizou com o gole que havia resguardado para o fim da confissão.

O rato se recostou intrigado, a sobrancelha levantada não foi proposital:

- Eu daria um dente para saber do que fala, meu caro.

Tonio o avaliou. Voltou seu olhar para o fundo do copo. George manifestou interesse, mas não pediu para que ele se expusesse. No entanto, George confidenciou seu segredo naquela noite. Decidiu ir além.

- Sabe, você pode me ajudar. Eu realmente acredito que foi uma ilusão do mestre que influenciou os demais, por que não me ajuda a confirmar?

*

Subiram as rochas à beira-mar, onde o oceano ditava a música de Tonio. Ele carregava os instrumentos, levou um tempo montando enquanto era observado pelo rato, que brincava com as facas de madeira nas mãos.

- Ainda não estou entendendo.

- Você vai me dizer o que sente. Se há diferença antes e depois.

- Vou me sentir mais sóbrio e triste depois, já que não me deixou trazer a garrafa.

- Poucos minutos. Preciso de você consciente.

Tonio havia posicionado cada um dos instrumentos, cujo arranjo era cuidadoso. Seguia seu pequeno ritual toda noite, e aquela deveria ser especial.

- Pronto. Acha que pode treinar agora?

- Meu caro, se eu dependesse de estar sóbrio para usar a faca, já estaria morto!

- Vamos aquecer um pouco.

Despenderam uns 10 minutos em golpes e esquivas, contra-golpes e eventuais bloqueios. Depois, Tonio sentou e tocou.

O mar estava bravo, o choque das ondas sobre a rocha eram estrondos cujos intervalos foram preenchidos pelo toque ritmado de mãos humanas. George sentiu inicialmente seu corpo formigar, depois experimentou uma sensação que renovou sua disposição. Quando

Tonio terminou, podia perceber que George estava diferente, de prontidão e eufórico. Prescrutou:

- O que sente?
- Seus instrumentos são mágicos!
- O que sente, George?
- Muito bem! Bem disposto, sem dores, potente!

Tonio estava cauteloso:

- Quer treinar?
- Com certeza!

Tonio o acompanhou, ambos estavam renovados.

No entanto, a dinâmica foi diferente. Mais aguçada, deslocamentos mais rápidos e precisos, porém adequadamente desviados pelo adversário, a força despendida totalmente focada no movimento. A concentração era limpa, a potência dos movimentos foi a maior que George já experimentou. Tonio também percebeu diferença. Já tendo se acostumado ao seu adversário, viu mudança clara no seu desempenho. Eles pararam.

George estava ofegante, mais de emoção que de cansaço. Exibia um sorriso empolgante e nítida satisfação por uma das mais prazerosas experiências que já teve. Tonio continuava atento, seu hábito de tocar e executar em seguida sua série pessoal de práticas o resguardava da alegria intensa que o colega exibia.

- Então?

George balançou a cabeça:

- Sem palavras! Onde consegui esses instrumentos? Com quem?
- Não são os instrumentos, já disse!

George o fitou, sentindo-se enganado.

- Não quer dividir a informação, não é?
- Não seja tolo. Eu te mostrei meu maior segredo. – Tentando manter a indiferença, mas magoado e com uma certa raiva pela cobrança do parceiro, deu as costas para recolher seus instrumentos.

A faca que se aproximou não era a de madeira. Tonio sentiu o ar vindo da arrebentação se mover com resistência ao seu lado, e por instinto puxou o braço que se aproximava. Ao se voltar, o rato tinha os olhos ferinos de assassino. Dentes expostos ameaçadoramente numa boca sorridente nada amigável.

Nada foi dito, não houve tempo além de uma troca de olhares que revelou o papel de cada um naquele novo combate.

George investiu novamente, e pela segunda vez, Tonio agarrou seu punho para puxá-lo para seu lado. O rato voltou-se de costas para o mar e passou a faca próximo do abdômen

do adversário. Tonio recuou da trajetória para depois avançar com um chute que empurrou o traidor para trás, pegando-o de surpresa.

Ao contrário dos locais onde treinavam, ali eles tinham espaço, e espaço familiar ao atacado. Ele combinava seus conhecimentos resgatados da memória de seu corpo com o necessário para controlar a situação.

Em segundos entendeu o tipo de guilda que o rato fez parte e o preço para voltar. E entendeu o que precisava fazer.

Usou o terreno a seu favor, trocando de lugar com seu oponente, o que enganosamente o contentou. Tonio considerou que George não estudara o terreno e posicionou-se na beira da rocha. O sorriso do assassino o denunciou antes de avançar, faca à frente em uma estocada para distraí-lo enquanto a mão esquerda espalmada o empurraria. Tonio agarrou o punho direito da faca e o ombro esquerdo para sustentar o giro que lançou o rato para o ar, e ambos caíram. Tonio o soltou ao longo do giro e aterrisou no estreito platô de nova rocha a 1,5 m abaixo do aparente fim do terreno, enquanto o adversário voou para a escuridão com um curto grito interrompido pelo choque, para ser rapidamente engolido pelas ondas.

Tonio estava inundado de raiva e desprezo! Seu corpo tremia pedindo por mais ação para esgotar aquela cólera que explodia em seu peito. Ele fitou o mar abaixo, até os músculos da face estavam travados numa careta de repulsa.

Recolheu os instrumentos. Precisava treinar mais o enfrentamento sem armas.

*

Naquela mesma noite, despediu-se da ilha com rancor. Por um tempo, seu caminho foi determinado pelos trabalhos que conseguia obter, em geral envolvendo segurança, mas também cobrava para ensinar suas técnicas de luta, à exceção da lança.

Passou a praticar a música afastado de qualquer tipo de ocupação não mais pela privacidade, mas para resguardar sua terapia das ameaças cuja plausibilidade tornou-se patente.. Seu poder ainda era pouco compreendido, mas já aceitava ser autêntico.

Seu caminho o levou às montanhas, bem-vindas pela imagem oposta à experiência que teve na costa. Chegou ao Vale da Rã acompanhando um grupo de mercadores que precisavam de proteção na viagem, e gostou do ambiente que envolvia trocas de conhecimentos de diversos tipos. Agricultura, artesanato, poções, jogos, músicas, dança, tudo em pequena escala pulsava em fase inicial ou consolidada. Combate também. A cidade era pequena em relação a Valdoa ou à Ilha das Flores, mas era variada em ações diversas onde o compartilhar era bem visto e a cooperação estimulada entre os pequenos grupos. Foi o ambiente perfeito para aprimorar a luta corporal.

Tonio continuava a se sustentar com seus serviços de segurança, e ainda conseguiu alunos bastante dispostos a aprender, o que completou o seu orçamento. Em um de seus serviços, acompanhou uma travessia pela floresta escura próxima aos precipícios além do Vale, e conheceu um batedor competente em se localizar e hábil na caça com arco e flecha. Tonio se aproximou de Martius pelo interesse nesta arte, que foi bem recebido pelo segundo em

troca de aulas de combate com espada e corpo livre. Não demorou a se convidarem para dividir trabalhos cujas especialidades eram compatíveis com a natureza da missão.

Foi uma estadia profícua. Seu nome se tornou referência para pessoas bem-intencionadas, mas que enfrentavam perigos por motivos diversos. Sabiamente, ele se informava sobre o cliente e seu passado antes de aceitar uma tarefa, visto que serviços escusos também eram ofertados.

Houve uma única vez em que aceitou uma missão sem perguntas, sondagens alheias ou sequer conhecimento da natureza do trabalho.

Ele recolhia as armas após uma aula de esgrima, e percebeu pela luz do lampião na entrada do salão que uma pequena sombra se aproximava. A princípio, ficou alerta, todos os alunos já haviam saído. A luz amarela trêmula combinava com os cabelos loiros e com o temor com que ela se aproximava ao tocar as paredes em busca intuitiva por apoio. Sua cautela se transformou em curiosidade. Ao se voltar a Tonio, o efeito do lampião foi sobreposto pelo sorriso cuja luz ampliou o salão, o que contrastou com os olhos de medo mal dissimulado que estrangulou o campo de visão de Tonio. Ele já estava arrebatado. Ela perguntou:

- Você pode me ajudar?

Não pensou, a resposta já a aguardava:

- Sim, eu posso.

3. A HISTÓRIA DE ELLA

Ella veio de família culta. Desde criança acompanhava a família em viagens a fim do pai negociar enquanto Ella e a mãe gastavam as horas em contato com a cultura local. Gente que se alimenta das artes, que vive da beleza, da poesia e contemplação. Desde pequena aprendeu as línguas por onde passava. Tinha facilidade para assimilar as pronúncias e seus respectivos sotaques. O violino foi iniciado aos 4 anos, e se tornou uma paixão. As línguas foram se desenvolvendo aos poucos, e incluía aquelas cuja cultura era a mais rica na época.

Seu ambiente sempre foi alegre, em festas ela se divertia como convidada ou tocava com colegas, ou era formal, em cujas cerimônias também tocava ou trabalhava como tradutora. Seu sorriso era cativante, o que ampliava suas oportunidades de conviver com pessoas de diversas origens.

Sua vida era a comunicação: por palavras, mãos, olhar e sorriso. Seu poder cativante ia além, mas este Ella desconhecia, limitando-se ao normalmente assimilado pelas pessoas comuns.

Foi numa festa em que tocava que sua vida mudou.

Ella estava com mais três violinistas em música de câmara. A dança de mãos hábeis no violino faz parte dos quadros vivos que a natureza reservou para os ambientes antrópicos, transcende a técnica e leveza para construir um elo entre a loucura e a paz num mesmo sentimento. Esta relação aparentemente incoerente é responsável pelo encantamento natural do violino quando bem tocado por mãos comuns. Em mãos mágicas, o poder é bem maior.

Foi o que Demétrio percebeu, arrebatado pelo poder que identificou em um bardo alheio à sua própria magia. Tanto potencial por lapidar não poderia ser desperdiçado em festas e alegrias fúteis. Era preciso dar um propósito maior à fonte de poder bruto que deslizava inocentemente as mãos pelo instrumento, a comandar tanto o balanço de seu corpo em harmonia com a música quanto o humor das pessoas naquele salão.

Sua aproximação foi sutil, um cumprimento no intervalo com olhar intenso, porém cativante, daquele que sabia como usar sua beleza para chamar a atenção. Após se fazer notado, Demétrio se mostrou atento à nova parte da apresentação, para depois surgir no final do segundo intervalo para um novo e breve cumprimento à distância. Ella sorriu em resposta, confirmando seu interesse. Ao final, eles foram se conhecer.

- Encantado com o seu talento.

- Muito grata.

- Eu é que agradeço. Faz tempo que não tenho o prazer de apreciar tamanho talento à minha frente, concentrado em uma pessoa só.

Ella foi espontânea:

- Muitos ensaios para atingir a harmonia. Já me disseram que somos um quarteto...

Ela foi interrompida pelo indicador que ele levantou, pedindo silêncio educadamente. Ele ressaltou com palavras vagarosas, em deferência:

- Uma pessoa só.

Ella ficou desconcertada. Embora reconhecesse o valor dos colegas, o elogio a encheu de orgulho.

- Entende de música?

- Tenho algum conhecimento, mas pouco da técnica e mais dos efeitos. Sou um apreciador do encantamento que transmitiu hoje para seu público, algo raro neste nível. Sua música, no entanto, se mistura e perde a pureza com os seus colegas, tenho certeza de que é ainda mais bela em um solo.

- Algo incomum de se dizer. Não tenho o hábito de tocar só, exceto para ensaiar.

- E quando ensaia, as pessoas à sua volta gostam do que ouvem.

- Geralmente sim. – A violinista riu, lisonjeada.

- Geralmente. Ou sempre?

Ella refletiu. Sempre! Sua surpresa transpareceu a resposta e, com um cumprimento de cabeça, deu-se por satisfeito, despedindo-se.

*

A confirmação do talento de Ella foi desnecessária, Demétrio percebeu na primeira música o que ela carregava com ingenuidade. A intenção era despertá-la para compreender a dimensão de seu talento, além de fazer com que ela se interessasse no que ele tinha a oferecer.

Já tendo se informado sobre o quarteto, criou facilmente oportunidades de encontrá-la em eventos e pequenos passeios. Cumprimentou-a ao longe em alguns, a fim de instigar o interesse da moça, e aproximou-se em outros. Era recém-chegado, estava de passagem, mas sem data para partir. Suas posses e negócios eventuais o permitiam tais luxos, que aproveitava para negociar arte e conhecer locais e pessoas de interesse. Seus cabelos negros curtos realçavam os olhos verdes como os dela, prenúncio de uma conexão que se confirmou com os assuntos em comum.

De uma simples conversa em uma confeitaria, passaram a passeios em galerias, salões e monumentos que abrigavam esculturas, pinturas e afrescos. Apreciavam a arte nas suas mais distintas formas, fosse a mais bruta arquitetura ou a música dos menestréis nas praças da cidade. Assim, mais que um interesse comum foi moldado durante a semana em que se aproximaram.

Na semana seguinte, Ella já estava comprometida em ensinar os segredos do violino a Demétrio. Iniciou com teoria musical no estúdio em sua casa, e passou à prática no jardim quando o tempo era bom. Demétrio assimilou rapidamente a leitura da partitura, o que não surpreendeu a professora, mas despertou sua atenção. Ele captava uma demonstração

com facilidade e, quando passou a evoluir progressivamente a cada aula, ela notou que ele era mais que um pupilo dedicado.

- Está muito bom, Demétrio. Talvez o melhor aluno que eu já tive.

Ele sorriu, vencedor.

- Então podemos fazer um intervalo para conversar mais um pouco? Queria contar sobre minha visita na noite passada ao Barão, ele é um mecenas generoso cheio de preciosidades em seu salão.

- Seria interessante que eu venha a conhecê-lo?

- Seria muito. Embora não seja um mecenas para você, ousou dizer.

- Por quê?

- Você merece mais!

Ella se afastou, tocando displicentemente os objetos ao seu redor.

- Você me elogia em excesso. Eu é que deveria elogiar sua evolução. É demasiadamente rápida. Parafraseando-o, ousou dizer que merece mais do que eu como professora.

Demétrio percebeu o amargo de sua ironia.

- Minha querida, diga-me o que eu fiz para ofendê-la.

Sua resposta foi seca:

- É bem óbvio, não?

O desapontamento do aluno foi convincente. A professora esclareceu em acusação:

- Você já sabe tocar.

A suposta tristeza de Demétrio se transfigurou numa malícia envergonhada da travessura de um garoto. Ele levantou o violino e respondeu à altura, com uma melodia doce e complexa que esperava encantar sua professora. Contudo, ele não tinha o dom do encantamento, de tal modo que teve como resposta um acesso de fúria crescente que Ella conseguiu reter até que ele terminasse sua confissão, para finalmente explodir:

- Duas semanas fazendo papel de idiota para que risse às minhas custas?!

- Rir? – Para quem esperava aplausos, foi um choque.

Ela se aproximou com os punhos levantados.

- Eu pensei que valesse a pena! Seu canalha metido! Tenho mais o que fazer do que ser o brinquedo de um pomposo rico que...

Foi segurada delicadamente.

- Eu só queria passar mais tempo com você! – E sem esperar resposta, a puxou para si, a fim de selar aquele acesso de fúria.

Ao soltá-la, viu a transformação que um beijo apaixonado pode provocar.

- Então não está interessado na música? – Murmurou.

- É claro! Sua música é divina, é parte de você e não sei qual eu escolheria se tivesse que optar. Para minha felicidade ou desespero, você e ela são uma só. Hoje só peço que me diga que tenho chances de ter essa felicidade!

*

Nos dias que se passaram, Ella percebeu que o conhecimento que Demétrio tinha em pintura, escultura e arquitetura não se comparava ao que ele tinha em música. Era o parceiro perfeito. Tocavam em dueto como se fossem amantes há anos entrelaçados nas cordas. Provocavam inveja e admiração, e foi fácil perceber que Ella logo iria abandonar o quarteto.

Porém, uma coisa a incomodava e trazia insegurança à relação devido à música: Demétrio era tecnicamente superior no manejo do arco, e Ella não entendia a admiração real que ele tinha. Um dia, após um ensaio próximo da perfeição, ela terminou cabisbaixa. O parceiro captou no ar seu humor e Ella teve que confessar:

- Você é melhor! Muito melhor! O que vê em mim?

Ele não se surpreendeu, mas tentou ser modesto.

- Você não vê o que tem, não é?

- Eu tenho muita coisa, eu sei, mas não se me comparar tecnicamente a você!

- Exato. Tecnicamente. Ella, sua alma é a música. A mais doce e alegre que se pode ter.

Ella se rendeu àquelas palavras, mas ele não tinha terminado:

- Como confessei, tive que me aproximar devagar. Não queria assustá-la, mas preciso do que você tem! Preciso conviver com o seu talento. Pode melhorar, eu sei, e posso ajudar. Quero, se você quiser. A essência é única e é só sua. Eu só tenho condições de te guiar para tirar o máximo de seu dom.

- Está me propondo algo, Demétrio?

- Sim, estou me oferecendo totalmente, por todos os dias, para um aprendizado que prometo que não irá se arrepender. Você tem magia em sua música e quero que aprenda a controlar isso, para a usar em seu favor e daqueles a quem queira presentear com o seu dom.

Receosa, mas tentada, quis saber mais.

- Como? Vai me dar aulas?

- Vou ensinar, haverá aulas, mas haverá muito mais! Experiências, viagens, precisa conhecer o que o mundo tem a te oferecer. Precisa colocar-se à prova e aprender a dominar seu ambiente com a música. Então você será plena! E poderá se unir ao que há de mais poderoso nas artes.

Não era tentador, era irrecusável!

*

Não houve mentiras naquelas palavras. Demétrio era mais influente do que Ella havia imaginado, e a introduziu nos melhores salões dos mais abastados mecenas. Ella tocou com grandes artistas, nomes que pensou que nunca veria o rosto, desenvolveu sua técnica e rapidez no manejo do arco para muito além do que imaginava possível. Desde a melodia mais doce até a música enérgica que descrevia uma batalha, ela dominou os salões e arrancava aplausos, presentes e propostas que não precisava recusar pois seu parceiro estava alerta a ameaças que poderia interferir em seus planos.

Não era tudo simples. As aulas de Demétrio exigiam muito, mas ela estava disposta ao esforço descomunal, se preciso, dados os resultados que já tinha alcançado. Ele às vezes se irritava, tentava direcioná-la para acordes mais fortes, ela recusava, ele insistia impaciente. Nesses momentos, Demétrio via como sua doçura natural se transformava em uma pequena fúria que poderia crescer caso não fosse apropriadamente aplacada: seus olhos se apertavam enquanto os lábios cresciam projetados para a frente, preparando-se para atacar com as palavras que o demoliriam. Tão rápido quanto no violino, o agora professor interrompia a aula e recuava para mostrar os benefícios de uma maior dedicação. Ella concordava, não reclamava do cansaço e retornava ao treino para aceitar a direção da música apontada por Demétrio. No entanto, Ella tinha o dom de apaziguar a força obscura da música proposta em uma energia de luz que fazia o professor suspirar profundamente, para depois abrir um sorriso elogiando os resultados.

- Eu fico embriagado pela sua música.

Fez-se dissimulada, com um movimento do ombro:

- Todos ficam. –Corrigiu com modéstia, mirando-o docemente. – Graças a você.

Ele a enlaçou nos braços.

- Você pode mais! Eu tenho grandes planos para você. – E ressaltou, encostando sua testa à dela. – Para você! Só me levará junto se desejar.

Aquelas palavras foram proféticas na vida de Ella.

*

Estavam em um salão de um casamento de nobres, para o qual foram convidados sem a intenção de tocar. A festa era oferecida em três níveis de importância, de acordo com o prestígio da personalidade convidada.

A nata estava no salão, onde eram servidos os mais refinados pratos com as carnes mais suculentas às famílias dos noivos, aos nobres, aos políticos importantes, aos abastados influentes e aos líderes de ordens ou religiões. O entretenimento era composto por música, poesia e rápidas performances que arremetiam ao romantismo adequado ao momento. O clima era fino, de sorrisos aristocráticos e movimentos vaporosos a fim de indicar a falta de preocupação intrínseca a uma elite que vive para o prazer.

Colaboradores como médicos, escrivães e capitães, clérigos das mais variadas estirpes e a baixa nobreza ocupavam a antessala de espera ocupada por mesas de tábuas especialmente construídas para a ocasião. Eram servidos com fartura de boa comida, mas sem as inovações de temperos e outros mimos que surpreendiam os convidados mais

abastados. Uma música mais energética, mas em tom baixo para não interferir com os eventos do salão, não distraía os ouvintes das discussões políticas inflamadas ou das piadas sujas atenuadas pela voz baixa, e contraditoriamente destacadas pelas risadas altas.

Por fim, no pátio, os servos que não tinham trabalho de suporte à festa e qualquer cidadão livre da cidade estavam convidados a comer e beber entretidos por malabaristas, acrobatas e menestrelis. Era o ambiente iluminado por fogueiras altas que prometiam diversão duradoura para beber, dançar e fornicar.

Demétrio e Ella, como comentado, estavam entre os melhores. Por mais de uma vez, Ella se voltou a Demétrio quando ele estava atento a outra direção, admirada com seu parceiro e com sua beleza. Nos dois anos juntos, ele nada mudou. Era pouco tempo, mas seu rosto e corpo eram impecáveis, pele perfeita que cobria leves músculos e destacava traços fortes suavizados pela juventude e charme que, ela aprendera, lançava a terceiros quando desejava. Certa vez, Ella ressaltou:

- Você diz que não tem dom, mas o seu charme às vezes não parece natural.
- Devo ter aprendido a encantar um público contigo.
- Não tente me enganar. Você já era mestre nisso quando me conheceu.

Ele sorria infantilmente.

Porém, naquele momento, enquanto Ella o fitava, ele se voltou e sorriu calorosamente.

A conexão cúmplice foi interrompida por nova atração. Foi anunciado um dos mais talentosos bardos festejados dentre os países vizinhos, frequentador de ambientes exclusivos que incluía mais de uma realeza. Ella ficou excitada com tamanha surpresa, Altero de Medina era famoso por construir um espetáculo completo onde os sentimentos eram explorados com efeitos visuais tão fantásticos quando a própria música. Como todos à sua volta, Ella se deslumbrou com o que viu, ouviu e sentiu. O mote era o amor, e foi envolvida em um sentimento que quebrou suas poucas defesas. Repousou a cabeça no ombro de Demétrio, único que não se deixou levar pela magia da música. Ele correspondeu ao gesto ao cobrir a mão que ela largou em seu braço, mas a observava com olhos que queimavam.

A apresentação terminou com uivos e louvores incomuns para um público tão contido, mas era merecedora. Altero, e seus dois parceiros, também bardos reconhecidos, voltaram aos seus lugares com dificuldade, dados tantos cumprimentos que os prendiam a cada novo passo. Tornaram-se o centro das atenções de maneira que os noivos só não se ressentiram por gratidão ao momento que tornara a festa inesquecível, digna de menção pela próxima década.

Após o banquete, e em meio a uma e outra apresentação, os convidados começaram a se misturar tardiamente se comparados aos ambientes contíguos. Demétrio estava contemplativo, observava a festa de pé com um olhar atento, a captar todo o ambiente. Ella estava mais agitada, queria conversar, se misturar, extrair da festa o que pudesse. Fez menção de ir cumprimentar os bardos, Demétrio recusou com um imperceptível movimento de cabeça enquanto segurava sua mão pedindo que ficasse. Enamorada, ela

entendeu como um misto de ciúmes do sucesso alheio e insegurança pelo entusiasmo dela. Como não era afeita a jogos, respeitou a reserva de seu parceiro. Entretanto, não demorou para que fossem interpelados pelo próprio Altero, que cumprimentou-os elegantemente e se voltou a Demétrio, para decepção da fã. *Mas claro, ele já circula nesses meios há muito mais tempo.*

- Demétrio Feigasse, eu creio. Há muito desejava conhecê-lo.

- Nunca tivemos a oportunidade de nos ver pessoalmente, não?

Dúvida. Uma rivalidade pela fama? Fama que Demétrio não tinha!

- Mesmo tendo muito o que conversar. – Proferiu aquelas palavras com um cuidado incomum, o que mostrou claramente intenções específicas familiares a Demétrio.

- Eu apreciaria muito explorar alguns minutos do conhecimento do grande Altero de Medina, mas não seria gentil deixar minha amiga desacompanhada.

A denominação de amiga foi ácida a seus ouvidos, mas foi sensata em se manter indiferente. Demétrio não era irresponsável com as palavras.

- É imperativo que possamos refletir sobre algumas questões. Sua opinião seria muito importante, sua percepção e influência seria benéfica a nós dois se combinadas às informações que carrego. Seria saudável se as transmitisse.

Demétrio tentava disfarçar mais que desconforto, por um segundo Ella considerou que se sentia ameaçado.

Altero insistiu:

- Eu e meus amigos precisamos muito falar contigo.

Foi quando ele se deu por vencido, e essa decisão parece ter aliviado sua tensão.

- Querida, eu lamento.

Ofendida, curiosa e preocupada, Ella se convenceu tratarem-se de negócios que poderiam afetá-lo, mas sem maiores consequências. A ofensa foi mais pela indiferença que ele dissimulou, mas como estava disposta a se misturar - na verdade, estava ansiosa - relevou os sentimentos negativos e concordou com um sorriso afetado, dando sinais de que haveria explicações no final da noite.

- É claro. Não se preocupe.

Esperava que se afastassem, mas não que fossem discretamente caminhando até desaparecerem de sua vista, o que causou maior estranhamento dada a necessidade de tamanha privacidade.

Sabia que se veria só por pouco tempo. Sua aptidão social a garantia uma companhia em qualquer ocasião, e já estava habituada aos ambientes suntuosos proporcionados pelo seu mentor, mas não teve tempo de fazer-se valer de qualquer habilidade.

Uma voz próxima a suas costas envolveu-a de maneira incomum como a um dejavú.

- Há muito desejava conhecê-la!- Ella se voltou. - Altero de Medina, é uma honra.

A reação foi aquela conhecida quando Ella se sentia ludibriada. Os olhos se apertavam, a boca se contraía e os lábios saltavam em preparação para o bote.

- É a mais incrível estupidez se apresentar como Altero após ele ter devorado toda a atenção desta festa! O que quer?

O homem foi plácido e seguro:

- Eu sou Altero. Meu aprendiz cumpriu bem o seu papel.

Ella não soube o que dizer, além de balbuciar:

- Papel?

- Olavo é o mais talentoso dos meus aprendizes. No entanto, era eu que desejava conhecê-la, há muito.

Ella recuou.

- Que estratagemas é esse?

- Aquele necessário para distrair seu amigo enquanto eu me aproximo de uma das violinistas mais talentosas que já ouvi tocar. Obviamente, perto dele eu não poderia interpelá-la. – Mostrou as palmas das mãos, a oferecer a verdade. – Ele não permitiria.

Tudo ficou claro. E lisonjeiro, embora desleal. Sentimentos que guiaram suas palavras:

- Não é assim que eu ajo.

- Suplico que abra uma exceção. De um bardo para outro.

*

Afastaram-se da multidão, Ella tomou a iniciativa para reverter a conversa em um interrogatório:

- Explique-se então. Chamou-me de bardo?

- Barda, se preferir.

- Quando me viu tocar?

Altero aceitou o formato que Ella impôs:

- Há cerca de um mês, no espetáculo da festa de Líbero.

- E por que a presença de Demétrio o impediu de falar comigo?

- Sua fama já corria as estradas. Estamos atentos a comentários que coincidem com efeitos que bardos podem provocar. O meu aprendiz, o falso Altero de hoje, confirmou semanas antes e alertou-me. Eu fui pessoalmente, mas sabemos que seu bom amigo – proferiu as palavras em tom mais pujante, que Ella interpretou incorretamente, mas ignorou – não me daria espaço para contatá-la apropriadamente, tivemos que apelar para este estratagemas. Acredite, você é a razão da minha presença nessa desafortunada festa.

Estava sem palavras. Experimentou muitas honrarias até aquele momento, mas parecia que não haveria limite! Seria verdade?

- Se é mesmo o senhor Altero de Medina, me explique, por favor, por que tanta atenção a uma mera violinista?

- Porque a senhora sabe que não é uma mera violinista. Os bardos precisam se agrupar, viemos buscá-la.

Parecia que o inesperado não tinha limite.

- Eu... eu já tenho proposta nesse sentido.

- Não tem, acredite. Demétrio é talentoso, mas sabe que há algo nele que não combina com sua música. Viemos salvá-la.

Ella riu com tamanha pretensão:

- Não preciso ser salva. Minha relação com ele envolve muita coisa, mas não ameaças.

- Senhora, estou bem informado de sua relação com o senhor Demétrio.

Ella enrubesceu. Ele continuou:

- Viemos salvar a sua música!

Do constrangimento, passou a uma sensação de insegurança, como se reconhecesse alguma veracidade naquelas palavras. Por muitas vezes Demétrio a levava para uma direção que terminava em discussões desnecessárias. Os estilos eram conflituosos e Ella se dedicava em vão a conciliá-los, enquanto percebia em seu parceiro uma retração a se expor. Aquilo fazia sentido, mas não podia ser totalmente verdadeiro.

- Acredita que minha música está ameaçada com Demétrio?

- Eu não teria como provar, embora desconfie que sim. E venho para fazer um convite.

Fez uma pausa, estudando-a.

- Estou ouvindo.

- Algumas semanas entre bardos. Meses, caso se interesse. Dias se não gostar. Para que se reconheça dentre os seus, aprenda a que veio e amplie sua visão do mundo que frequenta.

- Quer que nós o acompanhemos?

- Sim, ambos são bem-vindos.

Estava insegura: tentada e desencorajada.

- Ele não irá aceitar!

- Meus assistentes estão cuidando disso.

- Ele não vai... – Murmurou.

- Senhora, se quiser vir, ele não poderá impedir. Se não quiser, aceite nossa companhia por alguns dias. Toque conosco. Experimente ser um bardo por completo.

Era demais, ela tremeu de emoção, uma barda? Ou bardo, como se diz?

Pareceu que ele ouviu seus pensamentos:

- Uma barda violinista.

- O que eu faço?

- Já sabe.

- Diga!

- Sua música ilumina os corações, traz alegria aos desafortunados, esperança aos desesperados, renova a alma dos aflitos. Sua música tem poder para unir, pode aflorar a boa vontade dos avaros. Basta que os faça felizes.

As palavras que inundaram seu peito logo escoaram ao perceber o olhar de Altero sobre o seu ombro, fitando ao longe quem se aproximava.

Demétrio estava lívido.

- Ella?

- Demétrio, precisamos nos falar.

- Temos muito a explicar, não? – Tocou o seu cotovelo e afastou-a gentilmente do quarteto que se agrupou. Ainda virou a cabeça, despedindo-se voltado ao verdadeiro Altero.

- Sr. Altero.

Ella preferiu se calar.

- Armaram uma bela cilada, não foi, minha querida?

- O que significa tudo isso?

- Eles a querem. E eu não vou poder acompanhá-la.

Ella se alterou.

- O quê? Não? Por quê?

- Acalme-se, não é tão assustador quanto parece.

- Demétrio, ele disse que sou uma barda violinista!

Ele via medo no seu olhar, mas também desejo de que fosse uma verdade. Sabia que o medo era perdê-lo.

- E pode ser. Você tem tudo para ser. É uma oportunidade.

- Não sem você!

- Eu tenho minhas obrigações, minha querida. No momento, sou chamado para outro lugar, compromissos que não posso descuidar. Eu não queria, mas tentarei resolver o mais rápido que puder e retornar para você.

Ella hesitou.

- Acha que devo ir? Mesmo?

- Sem culpa! No momento, o melhor lugar para você é onde eles estiverem.

*

No dia seguinte, Demétrio partiu apressadamente em uma carruagem, após uma despedida fria de uma noite acalorada. Ella esperava ser buscada pelos bardos em poucas horas, mas eles chegaram antes, todos armados de seus instrumentos. Uma harpa, um acordeão e um baixo. O quarto se explicou:

- Eu só faço as ilusões.

Estavam confortáveis na sala de Ella, que os recebeu formalmente. Não gostava de surpresas.

- O combinado era me pegarem em horas.

Altero se explicou:

- Achamos que não gostaria de acompanhar quatro estranhos em uma viagem sem estabelecer laços.

- E acha que laços se estabelecem com música?

Ele apenas sorriu. Ella se sentiu tola e se levantou:

- Levo uns minutos para afinar.

- Todos nós! – Concordou Altero.

Eram amigáveis, e ela estava disfarçando uma excitação em tocar com pessoas extraordinárias que arrancaram qualquer controle da situação de suas mãos. Como o que deveria ser uma sensação de impotência era tão irrelevante diante do que vivia? Estava se entregando! *Haverá algum perigo nisso? Não posso ver como!*

E não houve! Foi como se Ella conhecesse naquela experiência o que era e quem era. E para o quê nasceu! E qual era o seu caminho. Como lhe foi prometido.

Eles foram sábios, nada impuseram, apenas acompanharam o violino. Limitaram-se a dar suas contribuições: somaram a segurança que cresceu dentro dela, mostraram verdades nos acordes, expuseram suas essências de maneira que não era possível mascarar. Revelaram-se do pianíssimo ao fortíssimo, retornaram ao diminuto, nada esconderam, ofereceram o que tinham. Ao final da música, Ella se preparou para conter a emoção. Deveria estar mais tocada, mas sentiu que uma paz foi vagarosamente preenchendo-a, resultado da confiança conquistada ao compartilhar, pela primeira vez, a magia de três bardos oferecida generosamente sem nada pedir em troca.

- Senhores, onde pretendem me levar?

- Bardos podem viver livres, Ella. Vamos onde você quiser.

Era algo novo para Ella. Fazia anos que era guiada.

*

Olavo e Cândido eram músicos da harpa e acordeão, respectivamente. Vegécio dava suporte ao grupo. O baixo era a arma que Altero usava para encantar.

Olavo também era versátil nas cordas, motivo pelo qual tomou o lugar de Altero na apresentação do casamento. Porém, não havia alcançado o mestre.

Altero era espetacular! E não impunha seu estilo, embora o transmitisse com prazer. Observava os aprendizes e tentava captar sua essência, contribuía, mas os deixava crescer. Ele transmitia seu calor ao grupo, deixava Olavo e Cândido guiarem o andamento da música, esperava ver os seus brilhos aumentarem.

Ao final, concluía com os olhos satisfeitos a fitar Ella e um tênue movimento dos lábios. Um dia, ela conseguiu ler: a luz.

Ella estava apaixonada, pela música, pelo grupo, pela experiência. Não deixou de testá-los, propôs tocarem em praças, em pequenas vilas, em grandes salões. Eram bem recebidos em qualquer ambiente, e a resposta era sempre magnífica. Foi fácil perceber o que tocava o público e como extrair a excitação de um agudo contrastado com o grave do baixo que acalmava os corações. A harpa carregava a mente para longe, em um convite a reflexões sobre o passado, alimentadas com as boas memórias que Ella induzia. O acordeão convidava à melancolia, mas também era festivo quando lhe convinha.

Quando pensava em Demétrio, Ella se perguntava se o convenceria a permanecer por mais tempo entre os bardos de Altero. Não queria partir, mas entendia que havia uma hostilidade incompreensível que a levava a desejar secretamente o adiamento do retorno de seu amor.

Amor? Suas experiências ofuscaram tal sentimento, confuso em meio a uma viagem de conhecimento sobre si cujas consequências eram irreversíveis. Pensava em Demétrio com carinho, mas seu momento de amor era com a música e com o grupo. Estava certa de que o amor estava em algum lugar, mas sem destaque pelo momento e pela distância, e que retornaria de maneira diferente quando viesse à tona.

Não obstante a tais pensamentos confusos e sentimentos ambíguos, decidiu sondar a receptividade de Altero ao resgatar a noite em que se conheceram.

- O que foi dito a Demétrio? – Ella perguntou.

- Ele não contou?

- Quero sua versão.

- Pedido perigoso, minha pequena.

- Por favor.

Ele suspirou, vencido:

- Contamos a ele de uma ameaça que pairava sobre pessoas próximas que ele jurou proteger. Essa informação caiu em nossas mãos por sorte, e nos valemos dela para afastá-lo de você.

- E precisava de tudo isso? Por que uma conversa não poderia resolver?

- Você tem essa resposta.

Ella engoliu em seco. Ela tinha. Tentou ainda justificar a postura dos bardos de Medina.

- Era importante avisá-lo da ameaça, de qualquer maneira.

Altero confessou sem de se importar com a falta de escrúpulos:

- Não nos tome como magnânimos!

Ella aceitou a verdade baseada na inexplicável rivalidade que transpunha o ar. Aceitou também a sinceridade de Altero ao pedir sua opinião:

- Acha que ele iria ficar?

Altero se mexeu na cadeira, satisfeito com o que ouviu:

- Ella, você quer ficar?

Riu para descontrair, corrigindo a si e ao bardo:

- Na verdade, quero ir onde vocês forem, mas não quero excluí-lo.

Altero se recostou.

- Entendo. Terá que tomar uma decisão, e em breve.

Altero esperava que os próximos dias fossem de triste reflexão para Ella. Ao contrário, ela continuava a emitir a alegria que contagiava os arredores ao tocar, fosse em solo ou com o grupo. Se o pensamento do retorno de Demétrio a incomodava, não era demonstrado. Sua atenção havia se desviado para outros assuntos, como o que Cândido habilmente colocou sobre a mesa.

- Como? Podemos controlar outros efeitos? Já temos nossos dons!

Vegécio tomou a palavra:

- Os intrínsecos ao nosso caráter. Como os sentimentos que despertamos são da natureza, podemos manejá-los. Não todos, claro, mas temos conexões com o ar, o vento, a vida. Tudo que se move, que não é inerte, é parte de nossa magia.

- Nada que não se move está excluído, como pedras!

Vegécio sorriu, compreensivo, mas resolveu encurtar a história.

- Pedras tem energia, tudo tem energia! Vocês podem se conectar. Só não se meta com a inércia da morte, porque ela também tem energia.

Até aquele momento, Ella ouvia. Recostou-se, ressabiada, pois não esperava um redirecionamento da magia para a morte.

- E como você sabe disso?

- É o que faço aqui. Abro novos caminhos para que se conectem, identifico-os. Procuro o que tem vida, e não ousa abrir caminhos com a morte.

Não houve muita oportunidade de Ella aprender com Vegécio, somente uma. Ele provou sua percepção quando ela tocava em um jardim. O som de seu violino deslizava por entre as trilhas de pedriscos, escoando sereno para se perder na dispersão de folhas e flores. Vegécio se aproximou para ouvir, colocando-se inconvenientemente à sua frente. Ella sorriu em permissão à invasão de seu espaço, sem se interromper. Em agradecimento, ele

se voltou para o lado, tocando as flores displicentemente que estavam ao redor da violinista. Ella continuou a tocar, ignorando-o para se concentrar em seu labor. Não viu onde Vegécio se escondeu, mas estava ciente de sua presença por perto. Talvez atrás. Ella continuava absorta no balé que acompanhava o movimento do violino até sentir uma vibração tênue que se alastrou rodeando-a e ganhou intensidade em número. Sem parar de tocar, viu Vegécio no lado oposto ao que ele tomou inicialmente. Ele ainda tocava uma flor, despertando-a para a música e ordenando que esta também reconhecesse o talento à sua frente ao acompanhar a vibração e ressoar sutilmente como a caixa do violino. Era outra forma, outro material, mas as flores respondiam e acompanhavam a música cientes do presente que recebiam gratuitamente. Elas agradeciam, como o público agradece ao acompanhar a melodia com um involuntário balançar do corpo. Ella percebeu então, que as flores sempre estiveram cientes da música! Era ela que não percebia as flores.

Olhou para Vegécio, grata pelo presente. Ele a fitava com paixão pelo que ela produziu, percebeu e valorizou. Em seguida, se afastou, deixando-a desfrutar de sua magia.

*

No dia seguinte, Ella acordou na hospedaria com uma carta de Demétrio. Sempre tivera o cuidado de escrever para um endereço fixo a fim de não perderem a comunicação. Ele anunciava que chegaria em dois dias mas, se o tempo colaborasse, já no dia seguinte. Estremeceu. Os momentos do dia anterior foram destruídos em minutos com o que deveria ser motivo de alegria para finalmente poder contar tudo o que viveu e aprendeu nas semanas que se passaram.

Sua excitação era podada pela expectativa pouco amigável da reação de Demétrio. Ele claramente não fazia parte do grupo e era certo que se sentiria excluído. No mínimo! Havia algo mais que Ella não conseguia ler no companheiro de dois anos mesmo após compartilhar tantos momentos com muito aprendizado. Porém, um aprendizado pequeno em relação ao que tivera nas últimas semanas. Tinha a magia, e ele estaria sempre excluído desta parte de sua vida.

Perdida em pensamentos, não viu o tempo passar até ouvir os bardos que começaram o ensaio mesmo com sua ausência. Justo. Eles sabiam, Vegécio entregara a carta. Ela desceu, se sentou ao pé da escada para apreciar a beleza do som que invadiu a hospedaria. Sua tristeza era óbvia, mesmo sustentando um sorriso na face. Não havia como disfarçar.

Os bardos aguardaram que o mestre a abordasse:

- Más notícias?

Balançou a cabeça negativamente, mas conformada:

- Apenas as esperadas.

- Ninguém gosta de vê-la assim.

Ella mantinha o sorriso triste.

- Não podemos escapar das decisões que nos definem.

Altero a fitou com intenso carinho.

- Nosso papel está cumprido. Você deve se definir agora.

- Eu já sei quem eu sou.

Ele balançou a cabeça em concordância, embora não tivesse pedido pelo veredicto. Talvez soubesse.

- A chuva passou. Por que não vai dar uma volta?

Sábio. Ella foi caminhar.

*

Durante anos Ella se perguntou o que teria acontecido se tivesse ficado. Se tivesse visto mais.

Foram horas andando sem rumo, pensando em tudo o que viveu nos anos em que deixou família e amigos para embarcar em uma viagem de muitas paradas, alguns retrocessos e avanços intensos. O que pensava que sabia era pouco diante dos patamares que alcançou para ver mais longe, para ter uma compreensão mais ampla do mundo da música que não achou que era para si. Compreendeu também o amor em diversos níveis ainda não experimentados. As poucas semanas com os bardos foram mais extraordinárias que dois anos de paixão intensa com um homem que considerava perfeito. Até a paixão pela música era terrena por demais se comparada à magia dos bardos. Relações que romperam com seus conceitos do que era o amor, a amizade e a troca. E não saberia como retroceder. Avançou até o que considerava o limite de suas experiências com Demétrio, e não via futuro sem os bardos. E foi difícil retornar aos seus braços, mas não pelos motivos que pensava.

Ao entrar na hospedaria, ouviu a voz de Altero:

- Então eles eram dispensáveis.

Ouviu uma porta se bater, provavelmente a da cozinha. Quando fechou a de entrada e se voltou para o salão, experimentou pela primeira vez uma sensação que ainda lhe faltava viver. O horror! A tragédia estava em toda parte! Na expressão dos rostos que se mantiveram inteiros, nos corpos esfaqueados que forneceram o sangue compartilhado em um mesmo chão, escorrido de membros espalhados pelas mesas e cadeiras. Os bardos, outros hóspedes, os donos da hospedaria. Todos mortos.

Altero não respirava mais. Seus olhos paralisados no vazio ainda refletiam a luz da janela embaçada, mas não havia vida dentro dele. Ella também estava paralisada. Como em um sonho, que cogitou estar, caminhou lentamente entre as partes que antes compunham pessoas que conheceu, e subiu a escada de seu quarto. Esperava ir até a sua cama e encontrar seu corpo repousando em sono profundo a aguardar que a alma retornasse para despertar. A cama estava vazia, seu corpo era mesmo aquele. Um grito encheu o ar, ultrapassou as paredes da hospedaria e alertou a cidade do pior crime que até então se passara por lá.

*

Demétrio chegou no dia seguinte. Encontrou-a com sua confiança destroçada. Ele também não estava normal, apressou sua chegada após ouvir as notícias perturbadoras que voaram tão rapidamente no sentido contrário, esmagando sua alma. Disseram que a violinista havia sobrevivido, e Demétrio pensou em como Ella enfrentava sozinha o terror de mais uma noite sem seu apoio.

Ele abraçou com força uma mulher passiva que não reagiu ao seu calor. Ella fitava o vazio, diminuída em tamanho e espírito. Ouvia seu nome repetidas vezes e demorou a se conectar com a realidade vazia que insistia em tirá-la de seu torpor confortável para enfrentar o pesadelo com forças que lhe foram tomadas pela mais terrível das visões.

Porém, ao retornar, Demétrio estava lá, e ele lhe deu o braço. Havia como se recuperar.

Ella foi afastada daquele cenário e cuidadosamente direcionada a ambientes ausentes de tensão para que se recuperasse minimamente. O plano de Demétrio era criar uma tranquilidade cujo meio fosse profícuo para dar oportunidade de sua consciência regressar e, então, retomar uma rotina que a estabilizasse.

Ella imergiu naquele processo sem protestos. Qualquer decisão tomada em seu nome era tão positiva quanto nenhuma, mas a presença de uma referência por meio da qual Ella pudesse saber que ainda pertencia àquele mundo era de grande ajuda. Sua referência voltou a ser o seu antigo mentor que, aos poucos, com muita dedicação e paciência, foi transformando um recatado sorriso de agradecimento após ouvi-lo tocar uma tarde inteira em um toque de mãos, ou um passeio autômato em um bosque em uma oportunidade de contemplação.

Até o dia em que Ella se abriu:

- Não quero diminuir o seu papel em minha vida, o que você faz por mim ninguém fez. Mas aquelas semanas foram indescritíveis, o que eu vivi não cabe em palavras, o que eu senti com cada um deles, com todos juntos, ou até comigo em separado, ainda precisa de tempo para que eu assimile todas as nuances das conexões que apenas degustei.

- Sei que foi muito intenso. - Lembrou sabiamente. - Para o melhor e para o pior.

Ella não percebeu a profundidade do comentário.

- Mais que isso! Intenso é enérgico, é frenético, é demasiado! No entanto, foi pacífico, foi absoluto, foi conciliador. Foi único! Mágico!

Demétrio a contemplou com carinho e compreensão maior que esperado:

- Mágico! Único! Duas palavras tão distantes.

- Como?

Seu comentário a fisgou mais rápido do que ele mesmo planejara. Tentou ganhar tempo, tudo com Ella deveria ser vagaroso e sutil.

- Você fala de conexão, de exclusividade. Pela perda de pessoas tão queridas, embora de pouco tempo de convivência, você as considera únicas. Mas a própria intensidade de suas relações a leva a pensar que não as viverá mais. Não vou me ater ao tempo em que

passaram juntos, sei que essa intensidade pode compensar, ou mascarar, a ausência das relações duradouras que realmente consolidam as conexões. Suas semanas com eles foram como um peixe que saiu da profundidade de um lago para se maravilhar com as belezas da superfície. Mas é superficial. O duradouro é mais profundo.

Ella gastou uns segundos ruminando aquelas palavras.

- Demétrio, a nossa relação tem profundidade, mas a que tive com eles não precisava de tempo para ser consolidada. Ela já estava lá, já existia há muito tempo antes de nos conhecermos.

Ele baixou a cabeça para diminuir o impacto do sorriso de deboche.

- Destino, Ella?

- Não. – Decidiu confessar. – Magia! São bardos, Demétrio, eles têm magia.

Ella esperava que ele fosse finalmente entender que ela era uma barda, que fazia parte de uma relação mais ampla com o meio em que tocava e com as criaturas que a rodeavam. Estava pronta para relatar a parte que já tinha compreendido e queria que Demétrio a ajudasse a conceber o restante, a ampliar e crescer.

Após a tragédia, seu tempo de recuperação passou pela aceitação e posterior revalorização de seu parceiro em sua vida. Nada estava acabado, era apenas uma nova fase em que ela se sentia apta a ajudá-lo a definir os caminhos que iriam seguir. Ella esperava que ele aceitasse a magia de uma barda e a apoiasse em uma nova visão de mundo que também o conquistasse.

Contudo, ele disparou:

- Você fala como se a magia barda fosse a única no mundo!

- Como? – Balbuciou Ella, surpreendida pela rispidez de Demétrio.

Ele percebeu sua falha e suavizou o tom, porém foi incapaz de apagar todos os vestígios de seu desagrado:

- Ella, você acha que as outras formas da magia se manifestar não são válidas?

Ella encolheu os ombros.

- Há muito mais! Mais poderoso, mais fantástico, mais raro. Você mal começou.

Ella recuperou o fio da conversa:

- Não é a minha magia, Demétrio. Eu sou uma barda.

- Você tem o dom, mas pode usá-lo de maneira muito mais grandiosa do que para o entretenimento alheio. Para divertir e deixar boas memórias em pessoas que não têm um propósito.

- Demétrio, está me dizendo que sabia que eu era uma barda?

A doçura retornou integralmente em sua voz e olhar acolhedor:

- Sempre soube, minha querida. Desde a primeira noite. E me apaixonei depois que soube mais de você, mas você precisava despertar!

Viu que Ella se retraiu. Ele captou a ameaça daquela reação e evitou uma pausa para desarmar sua parceira a tempo.

- Foi um processo lento. Não se desperta para a magia quando não se está pronto, e foi muita preparação e esforço, creio que você agora reconhece o valor do que passamos. Para minha sorte e seu azar, eles surgiram e facilitaram o seu crescimento. Minha sorte, pois reduziu o tempo de nosso aprendizado. Seu azar, pelo desfecho lamentável que foi obrigada a passar.

Ella inspirou para dizer algo, mas foi desencorajada.

- Eu não podia dizer com todas as palavras o que eles podiam falar abertamente, pois eles tinham como provar! Eu tinha que levá-la por um caminho mais tortuoso. E logo vi que você não aceitaria seu dom caso não pudesse comprová-lo. Ao contrário, poderia rejeitá-lo, e retroceder. E talvez nunca alcançar todo o seu potencial. Por isso nunca mencionei o termo bardo. Também porque não quero que se limite a este significado, eu acho que você pode ser muito mais do que um artista de magia!

- Então deixou que eu fosse com eles?

Demétrio suspirou, satisfeito:

- Sempre foi perspicaz, minha querida! Sim, eu sabia que seria o melhor para você. Embora eu tivesse mesmo pendências urgentes, seus amigos bardos jogaram comigo até por ignorarem que eu compartilharia sua amizade com eles de bom grado para o seu crescimento. Por um tempo; mas não poderia retê-la!

*

Foi a conversa decisiva que os reaproximou. A confiança foi conquistada pela sinceridade esclarecedora de lógica justificada que o retrospecto de Demétrio forneceu.

Ele ainda a deu tempo para se habituar àquela nova perspectiva, para então oferecer mais. Obviamente, sabia que Ella havia compreendido existir a possibilidade de ampliar seu poder, mas como não houve manifestação posterior, viu que teria de apressar seu processo de maturação.

Logo, começou a instigar sua curiosidade com poucas palavras, para testar seu interesse sobre o assunto, assim como sua disposição em ouvir mais. Pouco funcionou. Ella ainda tinha reservas sobre sua própria experiência metamorfoseada do belo inominável à calamidade incompreensível. Era um momento delicado para Demétrio, estava tão próximo de apresentar um mundo realmente novo e sem limites para sua parceira, mas sabia que sua fragilidade poderia ser rapidamente suplantada pela sua reserva teimosa em seguir seu próprio instinto que, naquele momento, significaria estagnação. Ele precisava ainda de sua confiança absoluta para que se entregasse ao caminho planejado cuidadosamente por anos em que dedicou toda sua atenção, astúcia e paciência. E mais paciência era ainda exigida, o que aceitava como um sacrifício necessário em vista da promessa de seu maior sucesso.

Porém aceitar não bastava. A paciência construída ao longo dos últimos anos que sustentou seu progresso estava em declínio desde a ameaça que os bardos colocaram à sua frente, ao tentar romper sua teia pelos dois lados que a sustentava. Demétrio escolheu Ella, a dívida a pagar se tornou maior e o tempo mais curto.

Assim, começou a instigá-la com o último de seus segredos. A sua magia.

Aos poucos, Ella teve contato com pequenos elementos não naturais em seu cotidiano. Uma salamandra que se aproximava sem se saber como entrou ou saiu, uma corrente de vento frio sem janelas abertas, um objeto que pareceu ter se movido. Peculiaridades possíveis de ser notadas, mas que pouco fariam diferença para olhos pouco argutos. Contudo, a sequência dos eventos não causou estranheza, apenas despertou Ella para a presença de tais fenômenos. Ao despertar, veio a curiosidade. Ella começou a identificar e analisar o fato, para depois interagir. Logo, os pequenos eventos transformaram-se em pequenas maravilhas, muito distantes da grandiosidade que ela experimentara, mas sutis e descarregadas de preocupação. Era uma brincadeira sem consequências que trazia leveza e distração.

E assim, a despreocupação se tornou acessível.

*

Atravessavam a nave alta de um santuário onde o tempo desacelera. Como imaginar que paredes pesadas de pedra de superfície lisa no exterior isolavam o ambiente com tamanha leveza de formas para reverberar as horas e dispersá-las pelo espaço? A luz azul filtrada pela rosácea central desconectava o dia da noite, confundia-se com a cor do céu da manhã e dançava com a fumaça branca que dominava o espaço. Era um ambiente de paz, solto do mundo. Ninguém ousava levantar a voz, os olhares suaves eram usados em pares ou em pequenos grupos e ausentes às presenças estranhas, um aconchego ao espírito. Passos não se ouviam, a música branda convidava ao deleite sereno de sentar e apreciar.

Após as pequenas belezas cotidianas, algo novamente especial!

Demétrio a acompanhava cuidando de cada passo e de cada reação da visitante, deixando-a desviar seu olhar cativado pela cena e pelos detalhes conforme lhe aprazia, a fim de permitir que Ella se fundisse naquele ambiente. Caminhavam vagarosamente, embora ele tivesse sempre um passo à frente para, às vezes, apontar silenciosamente algum pequeno mimo do lugar. Ella captava embevecida com tamanha paz, e retribuía o olhar atento e caloroso de seu guia com um agradecimento fortuito, para novamente voltar-se ao seu redor. E avançavam devagar.

Uma porta se abriu em gesto cortês convidando-os a entrar por uma luz quente em uma capela lateral. Estava vazia, exceto pela música plácida que se antecedeu ao casal, vinda da nave para tomar posse do espaço de mármore branco batizado com a luz amarela de muitas velas. Atrás do pequeno altar, uma passagem para uma escada.

Não havia curiosidade, apenas um caminho a seguir. Algo mais para contemplar, porém com menos luz. A música estava presente, mas se distanciava. Demétrio pegou sua mão.

Uma porta de ferro ao final da escada estava aberta. Ella adaptou os olhos à pouca luz. Reduziu o passo, Demétrio deixou que a velocidade fosse feminina.

Pensou estar em catacumbas, ouviu a menção a um lugar sagrado. Sim, tudo naquele lugar era sagrado, tinha que concordar. Não percebeu que não emitia som.

Ao longo de um caminho em leve declive, o ambiente se transformava à medida que a música desaparecia. Ella olhava para as paredes de tijolos cerâmicos estreitos empilhados em padrões incomuns oprimidos pelo ar denso que começou a incomodar. Tudo era tão etéreo lá em cima, seu caminho natural seria retornar, mas não conseguiu reduzir o passo, continuava a fluir para baixo. Deslizou os dedos pelas frestas das paredes, sentindo no toque rugoso das juntas entre tijolos uma rede absorvedora. Desceu os olhos para o chão, o musgo ocupava oprimido uma linha no encontro das paredes com o piso de terra batida, demarcando o caminho para baixo. A densidade aumentou, apertando sua frente. A música leve e delicada que a saudou pela nave se transformara em um compasso pesado e sombrio, Ella não percebeu quando exatamente. Desceu os olhos no musgo, ele era cada vez mais escasso. Não demarcava o caminho para baixo, mas lutava para escapar por onde ela viera. Finalmente estancou, na tentativa de se reconhecer naquele lugar. Demétrio puxou sua mão delicadamente, receoso de despertá-la de seu encanto. Ella ofereceu resistência.

- Vamos. – Ele insistiu.

Sem reação. Olhava vagorosamente ao seu redor, contemplando paredes, teto, piso. A rede de juntas da parede pareceu cair como um manto, cobrindo-a. Seus ombros pesados dificultavam a mobilidade, o mais fácil seria deixar que a mão apertada de Demétrio comandasse a jornada. Abaixou a cabeça, vencida de um pequeno esforço cuja resignação nada significa. Por que então a faísca do desconforto continuava gritando pequena, mas estridente?

Esboçou um sorriso ao ver pequenas flores junto ao musgo. Tênuas, fracas e sofridas, elas estavam vibrando ao som daquela nova música, em luta árdua para sobreviver naquele ambiente em que foram covardemente fincadas pelo destino. Era elas que gritavam, mostrando a Ella qual era a música profunda e sombria que vinha de além daquelas catacumbas e a envolvia como um manto ameaçador. A escuridão ficou clara em sua mente.

Demétrio a puxou novamente:

- Ella!

- Não!

Ele a fitou, incrédulo. Era mesmo uma recusa?

- Ella, vamos, nos esperam.

Ella encarava o túnel escuro à sua frente como se desviar o olhar fosse fatal. O medo despertou:

- Aquilo não sou eu.

- Como não? O que há lá é para nós!

- Nós? Não!

A segurança da vitória que ele exibia até aquele impasse foi suplantada pela ameaça de retrocesso de talvez meses! O difícil seria manter a calma após tanta expectativa.

- Ella, minha querida, meu amor. Esse é o caminho! Vamos expandir nossos mundos juntos, estou trazendo-a finalmente para o meu, que nada será sem você. Precisamos crescer juntos! Esse é o início de uma vida sem limites!

- Não há limite mesmo, não nisso. Não é para mim!

Ella deu um passo atrás, o que levou Demétrio ao prelúdio de um desespero.

- É para mim!

Foi um grito. Ele tentou se controlar:

- Foram anos te preparando para este momento. A partir daqui tudo será mais fácil, eu prometo. Estará envolvida, será grande, será rapidamente respeitada por eles, o que você tem a oferecer é maior do que qualquer um jamais ofertou! E será recompensada! Mas temos que descer! Eu te prometo que tudo que já experimentou até hoje não terá valor diante do poder que iremos alcançar.

Ella o ouvia parcialmente. Continuava com os olhos fixos na ameaça, não iria avançar.

- Eu não sou o que há lá dentro!

Demétrio se descontrolou de vez. A agarrou pelos ombros, agitando seu corpo na esperança de acordá-la para o futuro que oferecia. Gritou com olhos bestiais:

- Eu sou!

Ella foi obrigada a fitá-lo.

- Eu sou o que há lá! – Insistiu Demétrio. - E você me deve! Eu te fiz, eu te conduzi, eu a trouxe até aqui! Eu fiz escolhas! Você, sempre você! Seus desejos, necessidades, o que foi preciso para que acordasse! Dispensei pessoas valorosas por você!

Horror. De volta, as últimas palavras de Altero surgiram escritas em sua mente. Demétrio começou a puxá-la com toda a sua frustração e ódio na ânsia de recuperar terreno da única maneira que restou.

- Você é obra minha! E virá onde eu...

A fúria se voltou contra ele antes que terminasse seu discurso. Ao invés de resistir ao empuxo de Demétrio, Ella se jogou com os punhos fechados sobre seu rosto, despejando a cólera contida dos dias de terror que sacrificaram sua curta vida de barda. Demétrio se encurvou para conter a dor em seu nariz que irrompia em sangue, ombros encolhidos, levantou um olhar de ódio.

De costas para o vão escuro, pensou que o horror da barda era por ele, mas a mão do espectro que saiu do fundo daquela galeria pousou gentilmente sobre seu ombro. Ele gelou. Voltou-se e suplicou:

- Espere. Vou levá-la.

Ella recuou rapidamente sem dar as costas a seu algoz.

Outras sombras surgiram. Não eram espectros, mas pessoas reais. Talvez. Eles ignoraram a violinista.

- Venha.

Demétrio se afligiu:

- Espere!

Fez menção em avançar, foi segurado.

- Ella!

Teve sua resposta:

- Você vem. A violinista virá se assim desejar. – E se voltaram a Ella, que correu.

Tudo que ouviu foram gritos de seu nome rapidamente abafados por uma música doce de luz azul serena.

*

Ella saiu do santuário com a sensação de que os olhos frios e carregados de morte que a fitaram no subsolo estavam a segui-la. Lá fora, o dia alto não se incomodou com suas atribulações, mas a presenteou com o calor protetor do sol. Foi se acalmando, à procura das ruas largas da cidade densa que pudessem misturá-la aos passantes enquanto se escondia na luz.

O medo, raiva e desamparo brigavam para dominar seus sentimentos. A armadilha que Demétrio construiu ao longo de anos se desfez, provavelmente no último momento, pela força que conquistou através daqueles que tiveram suas vidas sacrificadas.

Cogitou se viriam atrás dela. Não! Deixaram claro que era sua escolha. Exceto Demétrio. Sem saber o papel que ele tinha naquele antro, não era possível avaliar se ele corria riscos, mas desejava que sim. E que nunca voltasse!

Queria também nunca voltar àquele lugar. Esconder-se para passar a noite e seguir durante o dia em segurança, ou abandonar a cidade ao anoitecer? Não conseguiria dormir mesmo. Optou pela pior noite de medo que já tivera para atravessar o campo em um pequeno coche obtido às pressas em companhia de três outros estranhos em uma viagem sem lua para qualquer lugar disponível que fosse longe. As noites seguintes permitiram o sono, e em breve estava tão distante a caminho de casa que relaxou e acreditou sair de um pesadelo.

Porém, exatamente quando baixou a guarda, os pesadelos de fato se iniciaram. A hospedaria em sangue, as catacumbas estreitas que abrigavam o mal, o peso do ar delimitado pela rede que os envolvia, a música sombria que a abraçava. A voz de Demétrio, antes doce, emergiu da profundidade para assombrar.

As noites em que acordou aos gritos, suor pelo corpo ou - a pior das sensações - um espasmo no coração como se o tivessem tocado, eram facilmente explicadas pelo trauma que tinha passado. Precisava ir para casa para ter paz e se recuperar sem jamais voltar à vida, às pessoas e aos hábitos que aprendeu com Demétrio. Era hora de retornar ao seu mundo, e tudo ficaria bem.

No entanto, os pesadelos começaram a ficar mais intensos. Uma noite, despertou a puxar o ar como uma âncora que agarrara para se levantar. Sentou-se na cama, olhos vazios focando uma imagem tênue de Demétrio à sua frente. Ainda sonhava.

- Vá embora.

A imagem respondeu.

- Estarei sempre contigo.

Ella apertou os olhos, boca tensa, acusou:

- Você está morto.

O sorriso que se seguiu à constatação de uma agradável surpresa apunhalou sua espinha e a acordou. Ella levou horas para ter forças nas pernas, pensando, ainda deitada na cama, se tinha sido um fantasma, ou apenas um sonho.

A partir de então, os encontros frequentes nas noites prometiam seu retorno, aconselhavam não se afastar, mostravam a inutilidade de seus esforços. Ella insistiu que ele estava morto. Ele se divertia, e fazia promessas de alcançá-la em breve, pois conhecia sua vida e sabia onde encontrá-la. Em breve ele partiria, melhor não o levar até a sua família.

- Você está morto! – insistia.

Angustiado, ainda considerava serem pesadelos, mas as pequenas maravilhas que um dia ele a presenteara voltaram a se manifestar, porém com outra forma. A cada dia, a cada caminho que tomasse a pé, a cavalo ou em uma carruagem, um sinal de morte estava presente. Um inseto próximo ao seu prato, um rato na escada, um cavalo na estrada, ou um enterro de passagem. Seria possível? E quando mais de uma morte ocorreu à sua frente, por doença, acidente ou crime, Ella compreendeu que não poderia ir para casa.

Sim, era seguida, em breve ele a encontraria, a sensação tornou-se reconhecível e logo sua presença seria real. Implorava à noite para que ele fosse embora; ele a lembrava de sua dívida. Confessou que um dia o amou; ele ainda amava o que ela tinha a oferecer. Ameaçou matá-lo; ouviu a gargalhada mais sinistra que nunca imaginara que Demétrio pudesse ter.

- Desista minha querida, você é minha. Espere, em breve estarei contigo.

E desapareceu. Pasma, de espírito entregue, acreditou. Era inútil. Não havia como fugir.

Antes do desespero que dá novas forças desconcertantes e portanto, fatais, vem o torpor. Nega-se que algo maléfico está à espreita e procura-se resgatar tempos em que a felicidade foi real, como uma despedida. Desde o incidente nas catacumbas, carregava o

violino sem sequer tirá-lo do estojo, por falta de inspiração e pela urgência em se deslocar. Abriu, afinou, e tocou até que o amanhecer se lançasse sobre sua pele e a ordenasse a seguir seu curso.

E continuou a se afastar para qualquer outra direção que fosse longe de seu percurso original. Não teve sinais de morte naquele dia. Quando não tocava, tinha a sensação de que ele estava em seu encaixe, mas nas noites em que libertava o violino do estojo, sentia sua própria música envolvê-la em um manto que ofuscava o olhar de Demétrio.

Ella seguiu tocando para sua proteção, envolta em um pesadelo real controlado pelo seu próprio poder. De tempos em tempos ele a localizava, logo perdia seu rastro. Estabeleceram um duelo de caça que acabou por dar-lhe forças por conseguir enfrentá-lo e obter diversas vitórias, porém sem a esperança de um dia realmente escapar de seu domínio. Sua luta apenas adiava o seu fado.

Foi se levando nessa vida e sentindo que, aos poucos, Demétrio se aproximava. Depois sumia. Logo retornava. Não entendida a dinâmica daquelas idas e vindas, sentia que as forças de seu inimigo se exauriam para depois retornar, mas sua participação neste processo era incompreensível. Uma de suas hipóteses era se afastar do subterrâneo, de tudo que era morte enterrada ou enviada ao pó. Subir, alcançar o céu e arejar sua música parecia uma boa chance. Afinal, lutava como um bardo.

E assim chegou ao Vale da Rã. Onde mais uma vez procurou contratar um guarda-costas para as horas do dia.

4. A HISTÓRIA DE LUCHA

Lucha chegou à Ilha das Flores disposta a fazer fortuna rapidamente e retornar às montanhas que tanto amava. Era a mentira que repetiu a si mesma a viagem toda: na ideia, na preparação, na escolha do lugar e no trajeto.

Estava entediada, a sua vida honesta e pacata lhe prometia tanta emoção quanto uma partida de mulas a transgredir o descanso de uma manhã de domingo. Sua atração pelo submundo da Terra Seca, onde vivera os últimos anos, era uma simples contemplação de um teatro cujas vidas não eram concebíveis como reais, dadas as ligações que optou por preservar. Esperava fazer fortuna e preencher um vazio ao usar o dinheiro e reconhecimento em algo que desse mais significado à mediocridade que a rodeava. Porém não enxergava a profundidade de seu tédio pela vida.

Iniciou na navegação comercial com um curriculum inexistente, mas que rapidamente foi preenchido pela sua iniciativa natural em tomar decisões quando o vácuo da ação se impunha à sua frente. Seu primeiro trabalho foi uma travessia simples, e ela usou a observação intensa e o distanciamento para estudar seu ambiente. O mar não era fácil para ninguém, e uma mulher pequena com cara de poucos amigos não ajudava a melhorar sua imagem, que inicialmente se tornou de alguém competente e intragável. Ela realmente era dedicada e mostrava habilidades e interesse onde outros apenas cumpriam suas obrigações. Seu objetivo era aprender, e seu foco era na atividade, não nas pessoas.

Porém um solitário não sobrevive no mar e, a duras penas de ser isolada ou até entrar em apuros, Lucha entendeu a importância das relações que se sustentam nas calmarias e enfrentam as tempestades. O ar úmido que soprava do leste ao amanhecer trazia os cardumes que ela aprendeu a identificar com facilidade e passou a compartilhar a informação generosamente com os colegas. O vento Sul gelado que poderia trazer a morte também trazia as tainhas cheias de gordura que reforçavam os estoques para evitar paradas desnecessárias nos portos. Lucha sentia em sua pele um vento que ainda estava para vir, alertando a tripulação para o bem ou para o mal que trazia consigo. Com essas pequenas trocas, Lucha assimilou como muitas pessoas são mais necessárias que medíocres. Tornou-se útil aos navegadores e agradável à tripulação, passou a ter mais reconhecimento para negociar seus interesses e maior conforto ao conquistar aliados.

Em seguida, aprendeu a malandragem. Seu nome se tornou reconhecido no porto, onde raramente blefava a fim de reservar o recurso para momentos realmente necessários e se impunha sem intimidar. Tinha paciência em observar e usou do sarcasmo à indiferença para se posicionar diante de vozes agressivas e desafiadoras. Desistiram de testá-la, ficou conhecido que Lucha não jogava.

No entanto, negócios não eram jogo, e não eram conquistados com ameaças. Com um sorriso no rosto e a despreocupação dos poderosos, ela deslizava pelo porto para capturar a melhor oferta para o produto que traziam, ou melhor, induzir a melhor oferta com outro negociador à frente. Ela sabia tramar para valorizar o que ou quem quisesse, embora não o fizesse abertamente. Não era de sua natureza se expor ou ser indelicada gratuitamente,

mas elaborava algum estratagema, tom de voz, ou jogo de olhares que direcionavam o pensamento do seu opositor para atender aos seus desejos.

Conquistou seu grupo. Com ele, deixava visível suas duas faces de adaptação. Seus prazeres eram acolhidos, mas temporários: a música, a bebida, a festa ou o amor se adequaram ao disponível, com espectro limitado pela lealdade aos seus e desconfianças ao que era lhe estranho. Como desconfianças eram um aspecto saudável naquelas águas, seus prazeres eram estáveis. Já o seu foco era o trabalho, e o grupo conhecia o seu modo de agir, que aprovavam já que sempre os favorecia. Sua lealdade era somente aos seus, entre eles se sentia à vontade, até ao se impor eventualmente. Desculpas não eram seu forte, mas era legítima, e capaz de ser agradável quando não se cobrava. O curioso é que Lucha não cobrava nada dos demais, mas se entregava totalmente a uma empreitada a fim de que o sucesso fosse garantido. Eles sabiam que aquela ânsia em mergulhar em um objetivo não era uma necessidade superficial por poder ou dinheiro, e confiavam em sua dedicação obsessiva embora não entendessem seus propósitos. Por mais de uma ocasião comentaram que, no fim das contas, Lucha não se interessava tanto pelo poder quanto dizia.

Seus olhos estavam no mar. Não na superfície, mas no horizonte distante que guarda segredos para aqueles que almejam mais que a vista revela. Telmo a pegava nesses momentos, sobre as rochas que cercam a praia dos golfinhos e protegem a paz dos locais de incautos curiosos. Uma estreita faixa de areia separava a água da rocha, tanto quanto a estreita e íngreme rocha separava a praia da mata.

- O que você está vendo que eu não estou?

- O mundo inteiro. – Ela brincava, embora tivesse o desejo de ver o mundo espelhado na superfície do mar calmo do meio do dia.

Conheceu Telmo em uma de suas primeiras travessias pela baía, por onde especiarias penetravam no continente após chegarem no entreposto da ilha vindas do exótico além mar, fosse da terra de dragões e anões, do deserto efêmero ou do fantástico, e não comprovado, arquipélago invertido. Telmo se prontificou a ensinar o básico da espada curta a Lucha antes que ela fizesse outros amigos e muitos inimigos. Ele era conquistador pela sua simpatia e delicadeza com as pessoas, o que o fez alcançar Lucha antes de outros ao reconhecer uma boa aliada para a viagem. Lendo-a, viu que seria uma boa aliada para qualquer desavença em qualquer viagem, e passou a indicá-la para outros trabalhos. O resto ela conquistou por si só. Construíram uma amizade sólida que sobreviveu atribulada pelo cotidiano quando os interesses divergiam. Telmo alertava Lucha sobre o que ela tinha, que ele curiosamente almejava e a moça estupidamente não dava valor.

- Você tem conteúdo. Você tem respeito, as pessoas te enxergam. E sua vida é muito mais do que você tem nessa ilha, por que não começa a apreciar o que conquistou?

- Não acabou. Parar de lutar é parar de viver. Eu ainda quero crescer.

- Você vai afundar sem ter vivido!

Palavras que a machucavam, pois ele, assim como outros amigos, se afastava para viver, deixando-a, muitas vezes, só na luta. Lucha se divertia, passava noites nas tavernas e preenchia seu espírito tanto de música quanto o corpo de cerveja, mas sabia que afogava suas horas porque nada acontecia. No entanto, a simplicidade de seguir uma vida pequena de satisfação limitada, pela qual tantos conhecidos optaram era amarrar-se em grilhões nos porões do navio onde a luz nunca entra. Telmo arranhou esposa e filhos, e Lucha duvidava que aquilo realmente o deixava feliz. Quando ele retornava à procura de um alívio para sua opressão, Lucha zombava e o acusava de desenhar sua própria infelicidade. Ele se defendia da mesma maneira, ao recriá-la:

- Você também não é feliz.

Ela concordava:

- Eu não me apego a ilusões. Não sou infeliz, isso basta. A vida é mais.

- É o quê? Eu tenho laços, o que você tem, além de uma dureza cruel?

Ela estava de pé em sua rocha predileta no sul da ilha, onde os golfinhos a visitavam constantemente para apresentar seu balé nas ondas aos privilegiados que cruzavam a trilha na mata detrás do rio que desaguava na mesma praia.

- Honra! Eu sou dura comigo porque preciso ser. Um dia será útil.

- Para quê Lucha?

- Olhe ao seu redor Telmo, olhe a vida no mar. Ela não é leve, não se sobrevive sendo mole!

- Não há honra no mar.

Ela concordou que naquele porto, não. Contudo, a honra exigia dureza, e ela queria navegar oceanos afora.

*

Navegar sem Telmo era entediante. Embora ela o provocasse constantemente por saber que ele escolhia os trabalhos mais distantes para mitigar a opressão de sua vida em família, nem sempre eles se interessavam pelas mesmas empreitadas.

Na última em que viajaram juntos, Telmo se aproximou mais que o comum, e recebeu a sentença que Lucha guardava há muito com um sádico prazer de expectativa:

- Não pego homens casados.

Telmo e Lucha eram opostos. Ele era cativante e indisciplinado. Indeciso, sofria por suas escolhas e apoiava-se nos amigos para enfrentar suas dúvidas. Lucha era distante e analítica. Objetiva, não pensava em suas decisões depois de tomadas pela inutilidade em remendar o passado e achava injusto transferir o peso de suas escolhas para aqueles por quem ela tinha apreço.

Ela era útil a Telmo; ele era agradável a Lucha. Na verdade, ele era o componente de felicidade não momentânea na vida obsessiva que ela escolheu, e ela sofreu com sinceridade quando ele se voltou ao outro estilo de vida que, ela sabia, não o preencheria.

Então esperava que um dia ele iria fraquejar da vida que escolheu ser refém, e deixaria sua carência ditar suas atitudes. A paciência cruel dela temperou sua vingança.

Ele saiu furioso deixando-a rindo a olhar o horizonte. Permaneceu afastado o restante da viagem, ofendido pela dispensa maliciosa. Ao aportarem, Lucha atravessou seu caminho com olhos duros:

- Honra!

Telmo se enrubescou, baixando os olhos. Ela não o perdoou, era merecido. As pessoas cavam suas sepulturas, jogam terra em cima e depois lamentam o que deixaram. Como se pudessem ter tudo.

Lucha pensava sem ressentimentos sobre o episódio no mesmo ponto onde ele ousou abraçá-la na noite sem estrelas, afinal, as mágoas desaparecem depois da vingança. Agora era dia, o horizonte não era o mesmo, mas o navio sim. Telmo foi com Skua e Bergamota para o Nordeste, em resgate a um navio visto pela última vez próximo ao Atol das Gaivotas Negras. Lucha retornava de sua terceira viagem a Dust, proveitosa como as anteriores, porém mais agressiva e lucrativa. Os lábios rachados pelo frio daquela terra descendente de piratas que abrigava os piores mercadores do Sul a lembravam do gosto do rum que foi obrigada a tomar – sempre preferiu a cerveja – para se aquecer, enquanto Maurício distraía os corvos com falsos desafios para liberar sua gente para a verdadeira negociação e ela circulava discretamente fragilizada a se apoiar entre um e outro parceiro na noite. Tudo acertado, Lucha recebia, interpretava e transmitia a informação, muitas vezes com instruções adicionais. Cruzou os preços, a origem das mercadorias, avaliou o que era legal e o que valeria o risco, e sentava com Lomardo para receber sua estratégia. Ele era o chefe. Ela, o seu braço direito. Maurício, o capitão exibicionista.

Com os três, Lucha selecionou a tripulação. Era adequada. Podia ser perfeita com o sorriso cativante e acolhedor de Telmo, com as piadas sujas de Walger e a presença imperceptível do Coruja; mas eles não estavam disponíveis. O último a fez se lembrar do Rato, este sim, era invisível quando queria, mas sua ajuda não valia o preço incerto de sua presença. Saíram às pressas pela falta do elemento que melhor distrairia os corvos de Dust. Nada fizeram de errado além de manipular as informações para conseguir o menor preço das melhores mercadorias ao explorar a rivalidade interna dos negociantes, mas sabiam que, ao cruzarem as informações, sentir-se-iam ludibriados.

E naquele frio, ninguém queria ficar no entreposto sul à costa das pradarias por mais tempo que o necessário. Sair no meio da noite seria confessar uma fuga; mas conseguiram.

Maurício e Lombardo teriam que passar anos sem aportar em Dust, terra de gente orgulhosa. Lucha apostava que poucos se atentaram à sua figura. Porém, ainda seria prudente enviar outros representantes numa próxima vez.

Honra. Por que era diferente? A honra não era para aquela gente, era para Lucha. Ela ainda não sabia por que a mereceria; mas sabia que nunca traía os seus. Era o que a incomodava? Ou não sair de Dust de cabeça erguida? Aquela sensação de que deixava algo inacabado a mantinha em vigília, enquanto o restante do navio repousava ou

mantinha seus afazeres alheios a uma força que gritava silenciosamente que não estavam sós.

Lucha olhou ao redor. Suas preocupações eram tolas. Culpou o caos da terra gelada e árida que cortava a pele fina dos bem-nascidos no vento seco e a tostava no reflexo da areia branca cheia de sal que ressecava a boca e temperava suas carnes para as gaivotas. Olhou novamente. Leu as ondas. Sua nuca queimava. O balanço não era estável. Seria isso? Fitou os pés. Fechou os olhos. Sua nuca queimava. Sentiu o vento. Havia turbulência. Uma imperceptível turbulência a bombordo perturbava o diálogo da embarcação com as ondas que, por sua vez, respondiam às ordens do vento que soprava, empurrando-a a norte. Deveria ser uma conversa harmoniosa, de três elementos sincronizados que se conectam para transmitir suas frequências, mas havia outros timbres nessa música.

Lucha se voltou. Ela não viu, mas alertou à tripulação de que três navios se aproximavam rapidamente: os piratas de Dust os seguiam. Piratas invisíveis que diziam não existir, mas de tempos em tempos sua memória era reavivada por um desaparecimento, uma tragédia ou um simples boato. Nunca ninguém os vira, é claro, era a própria Dust travestida em sua versão do mar. Agora eles vinham cobrar o preço do orgulho ferido.

Eram navios rápidos e pequenos que os cercaria rapidamente e fariam jus ao ditado: quem avista um pirata de Dust não vive. A tripulação se alvoroçou, mas as velas já estavam içadas, toda a força não era suficiente para escapar. Os piratas surgiram à vista. Maurício a gritou:

- Vai ficar parada?

Ela o fitou da parte de baixo da popa:

- Vou afiar a espada.

Nada mais a fazer. Lucha olhou ao redor. Somente se pegassem uma corrente marítima desconhecida poderiam escapar, e isso se os piratas não pegassem a mesma trilha! Ela sentou, fitando a cena insólita que prenunciava a morte enquanto afiava a espada carinhosamente, captando no desespero alheio uma música ainda desconhecida. O navio balançava para cima e para baixo, como a rir do destino de criaturas tão miseráveis. Então sua vida terminaria sem sentido como tantos outros que almejam o que não lhes é permitido? Ou seria hora de vender sua alma para conquistar algo maior no futuro? Seu sorriso sarcástico zombou de suas próprias reflexões desesperadoras. Era a morte, simples e nua à sua frente. Melhor aproveitar!

Ela levantou a espada e se encheu de loucura, pronta para o último aprendizado de sua vida.

*

A dor não penetrava em seu corpo, mas saía dele como um feto maldito e pútrido que largou para trás um dedo inconveniente a cutucar seu lado. O frio deveria ajudar, mas a água gelada que lambia seu corpo piorava a espetada daquele tritão minúsculo que brincava e corria em seu lombo.

A memória da espada raspando o osso do quadril voltou. Lembrou de cair ao chão com a dor aguda e ser arrastada pelos cabelos até um canto onde viu uma lâmina descer e cortar a carne de seu braço instintivamente colocado à frente do corpo. Gritava de dor e desespero. Parecia ser noite, ou uma tempestade, difícil dizer, estava escuro. Poderia ser o sangue em seus olhos. O segundo corte foi interrompido por uma criatura estranha que a olhou com tanto medo quanto ela dos piratas.

- Não se rouba a oferenda que é do mar.

Foram embora, deixando fogo e dor. Lucha não conseguia se levantar, tendo testemunhado todos os passos e botas que passaram ao seu lado por horas debaixo de chuva forte. Confirmado, já era noite, e continuava a chover. E o fogo então?

Lambia tudo debaixo da fina garoa incapaz de controlá-lo. Desejou morrer do sangramento, não agradou o fogo, tateou uma espada. Seu movimento encontrou uma mão que a agarrou, ela gritou e se debateu sem forças.

- Lucha, calma, está viva. Somente nós! Vamos, pouco tempo, tudo está queimando.

Um corpo cambaleante a arrastou para um bote e a jogou brutalmente para dentro. Ele teve forças para algo mais, em seguida ela sentiu o baque do bote na água. Sim, melhor morrer congelada. Longe do fogo.

Agora acordava debaixo do sol forte que cegava seus olhos. O pequeno tritão a espetava fundo, era difícil se mexer. Gemeu.

- Ainda não a perdemos.

Lucha aceitou ser necessário abrir os olhos. Cosmo, e o garoto, ironicamente chamado de Rico. Ela riu como pôde. Tinha o Cosmo Rico a seu dispor no meio do oceano. Isso deveria significar algo.

- É uma péssima piada.

- Eu falei alto?

- Você pensa muito alto.

Foi o sinal para que mantivesse alguma sanidade. Tentou levantar a cabeça, Rico a apoiou. O garoto estava assustado, era apenas um grumete de 10 anos que pensou ter sido adotado por uma tripulação.

- Ser pequeno e magro pode garantir um bom esconderijo, não?

- Eu não me escondi.

- Não o culpo. – Ele não teria sobrevivido de outra maneira.

- Por que não a levaram? – Rico devolvia a provocação que Lucha não tinha como entender. Ela apenas o fitou interrogativamente.

Cosmo:

- Ou mataram ou levaram os sobreviventes. Levaram principalmente as mulheres. Sabiam que estava viva, discutiram sobre você.

Ela não deu importância:

- Eu não deveria valer a pena.

Cosmo preferiu não dar importância. Lucha completou, incomodada:

- Acho que não precisavam de mais comida, vocês sim.

Rico não entendeu, Cosmo ignorou inicialmente, mas o espaço pequeno que tinham não permitia desconfianças.

- Eu traria todos que estivessem vivos, acredite. Mesmo você, por mais que alguns piratas estivessem com medo.

Não valia a pena a resposta. Ela fechou os olhos e dormiu.

Em seu sonho, sentiu o balanço do bote. Ouviu sons, vozes ao longe carregadas pelo vento que chicoteava sua pele enquanto o sol queimava suas entranhas. O tritão continuava a dançar e espetar. Sentiu seu espírito ser puxado para o fundo do oceano, onde outras vozes e vidas a esperavam ansiosos. Os fantasmas dos afogados a invocavam em um gemido uníssono que ela acompanhava. Ela se entregava, deixando-se afundar. Sentia seu corpo lambido pela água gelada da superfície enquanto o silêncio das profundezas a acariciava. A paz seria bem-vinda, só faltava expulsar aquela criatura endiabrada que lancinava seu quadril.

Viu os espíritos do fundo. Eles flutuavam etéreos na escuridão. Passavam por ela em um canto de morte que delimitava seu território. Lucha tentou afundar; eles apenas passavam. Ela tentou seguir os fantasmas, juntar-se a eles em sua música arrepiante para que fosse aceita na escuridão gelada e sem dor, mas eles não cantavam. Eles seguiam a música. Todos em uma direção, formavam uma corrente densa em busca da fonte daquela música aterradora e ao mesmo tempo reconfortante.

Embora desejasse, não teve forças para se juntar à corrente. Presa em sua contemplação, sentiu um estranho afeto no toque familiar do oceano que a envolvia. Aceitou a voz trêmula que murmurou em seus ouvidos para ficar e lutar.

Lucha acordou em gritos, recuperada da morte que a recusou. Estava desorientada, foi contida fisicamente. Ela apontou:

- Lá! Remem, a corrente é lá.

No final do dia foram resgatados.

*

A sorte daqueles três naufragos foi anunciada como benção em todos os portos. Os únicos sobreviventes dos piratas de Dust fizeram fama com testemunhos descritos em tavernas, depois transformados em canções. Descreveram a luta, a fuga heroica, a agonia da espera, e finalmente a vitória do resgate. Cosmo e Rico foram tímidos à princípio, mas Lucha estava em choque e não se incomodou em apontar que eles se esconderam da batalha. Ela mesma não fez muita coisa mas, ao contrário dos dois, Lucha não viu proveito naquela fama.

Recuperou-se febrilmente e com muito custo para depois passar os dias contemplando os golfinhos na praia. Mancava, mas foi matando o tritão aos poucos, enquanto arrancava dele a fonte para continuar a viver: a tragédia que esmagou seu espírito nas primeiras semanas transformou sua vontade. Ela sabia que o mar era um mundo complexo de vida rara, porém maravilhosa. Agora olhava para ele como um mundo misterioso cujas portas estão abertas para aqueles que não temem a morte. Tinha algo mais que precisava ser desvendado, que clamava por compreensão e companhia.

- Algo que não está ao alcance dos homens está lá, esperando para ser encontrado.

Assim ela dizia ao vento quando estava só. Um dia o vento respondeu, em prantos pelos que se perderam. Lucha também chorou e desceu para avisar à família de Telmo que ele não retornaria.

- Telmo, Ana, Skua, o capitão Álvarez, estão presos e não voltam.

Ninguém acreditou. Porém a notícia se confirmou semanas depois, pois o que deveria ser um resgate se extinguiu com menos sinais que a campanha anterior. Uma nova expedição devia ser preparada. Parentes iriam financiar, precisavam reunir uma tripulação disposta. Pensaram que as palavras proféticas de Lucha a impediriam de ir, mas foi a primeira voluntária. Prometeu: eu trarei o que houve com eles, não sei se os trarei.

Era suficiente dada a angústia dos familiares. Os negociantes também se comoveram, duas tragédias no mesmo porto em tão pouco tempo seria demais, precisavam resgatar a tripulação de Álvarez para que a esperança voltasse àquela gente. Mais, a cidade central se envolveu, um porto com fama de azar seria fatal para os negócios, logo surgiu financiamento de maior vulto.

Grandes capitães foram convidados, uma estrela aceitou. Lucha se perdeu entre celebridades e se deu por satisfeita. Era apenas mais um membro de uma tripulação heroica que salvaria a imagem do porto. Contudo, ela sabia, eles não iriam voltar. E estava em paz com seu destino.

Partiram para o Nordeste em uma manhã cinzenta de outono, na direção para onde os espíritos naufragados flutuaram.

*

Era uma das maiores embarcações que Lucha colocara os pés. Ela estava entre desconhecidos que convenientemente a ignoravam. A expedição se transformou em uma peça publicitária de mau gosto dos locais, cuja fama e glória era mais importante que o propósito do resgate. Foi, na verdade, explorado pelo mote da humanidade em não abandonar entes queridos ou para encerrar o ciclo daqueles que não voltariam. O olhar de Lucha não poderia ser diferente, ela só via frivolidade à sua volta por desacreditar no retorno daqueles que ali dividiam o mesmo espaço, era sua maneira de se desatar. Gostou de haver tantos estranhos, pois laços não cabiam mais em seu objetivo.

O Nordeste é claro e ensolarado. Quente e cheio de vida. E assim foi, até passarem pelo Atol Vermelho.

Conhecido pelas suas tempestades, o trecho entre o Atol das Gaivotas Negras e o Atol Vermelho é traiçoeiro e exigente com seus navegadores. O Parcel da Tertúlia tem localização desconhecida em área pouco mapeada pela falta de bravos que se dispunham a navegar naquelas águas. Lucha se perguntou o porquê de Telmo ter aceitado tal trabalho. Pensou que o correto seria sentir culpa, mas não acreditava que algum dia Telmo tivesse tomado decisões baseadas nas ações dela. Não se importava. Ela também não o fez.

O tempo fechava-se sobre a embarcação. A chuva fresca lavava seu corpo, ela se recusava a descer. Permanecia no convés principal ou abrigada em um dos bordos, em uma ansiedade bem disfarçada por saber que se aproximava dos segredos do oceano.

O dia tornou-se quase tão escuro quanto a noite, a névoa os engoliu e se confundia com água espirrada do choque das ondas cada vez maiores sobre o navio revirado para todos os lados. Lucha testemunhava impassível a luta da tripulação para manter a estabilidade da nau e também de suas emoções. Lembrou-se do momento em que preparava sua espada para a luta contra os piratas. Nada mais a fazer.

O mar continuava levando-os. Falaram em perda de controle, não era verdade. Içar as velas, soltar, girar, o diabo, não fazia diferença. O mar os levava. Para Lucha, tudo estava sob controle, havia uma direção. Ela apostava que nenhum Parcel seria avistado naquele tempo; mas foi. Antes, no entanto, Lucha ouviu novamente a música que tanto ansiava misturar-se à tempestade para comandá-la. Sua boca secou, a dor no lado retornou, Lucha caiu ao chão. Os músculos tensos a fizeram agarrar a balastrada e se levantar, não queria perder a visão. Onde estava o fundo, e de onde vinha o canto?

Então ela diferenciou o canto que atraía as almas dos mortos como um mero ruído de fundo para o canto que dominava a tempestade.

Sua cabeça rodopiou ao sabor do mar, a chuva acariciava seu rosto convidando-a a se jogar. Sim, os vivos se jogavam. Eles saltavam em amor ou desespero. O que importava? Ela se segurava, viu o Parcel abrir o mar para que o navio estancasse obediente ao canto de destruição. O desejo de se juntar àquele som e ser consumida pela sua fonte fundia-se em paradoxo à ânsia de o consumir. Lucha correu até a proa e saltou, pronta para afundar no abraço gelado de uma imensidão cujo túmulo pode ser partilhado por toda a humanidade.

Ela não afundou, a água só amorteceu sua queda. O Parcel era raso; as muralhas de corais mantinham as ondas fortes sob controle enquanto os naufragos enfeitiçados nadavam para a origem da música. Em breve, caminhavam. Arrastavam-se no mar vermelho que invadiu o Parcel pelos arranhões, cortes e carne rasgada e despedaçada que se soltava dos recém-chegados. Lucha caminhava com água de sangue em seus joelhos. Já não sentia dor nem frio, estava em casa para repousar pela eternidade. Logo, era a única de pé.

A tempestade parou. As sereias fitaram aquela mulher de cabelos em fogo sobre a água vermelha e a saudaram ao chamá-la de irmã.

*

Não, Lucha não era uma sereia! O óbvio era visível, ela não tinha cauda, não nascera daquele povo mágico, não era uma delas. No entanto, foi estranhamente recebida e celebrada como um membro distante que retornava, ou um visitante de honra.

Foi convidada a ficar, não morreria como os outros. Não fez perguntas, mas aceitou naturalmente seu lugar entre o povo mágico que a acolheu e dividiu seus dons de encantamento e morte. Os espíritos estavam presentes e podiam lamentar suas saudades e perdas, mas ela era alheia ao sofrimento, se houvesse. Seus nomes e rostos também se tornaram irreconhecíveis a ela, que tinha olhos e ouvidos para suas irmãs somente. Ela reconheceu o canto sombrio e fez coro a ele, sentindo a paz e até satisfação na ode ao mar, onde outras criaturas surgiam para saudá-las sem ameaças à vida. Somente humanos eram desgraçados.

Lucha testemunhou outra destruição. Foi uma sensação crescente de êxtase enquanto o navio se aproximava e as almas saltavam para serem consumidas por sua música. Era o único calor que sentia naquele Atol frio cuja névoa impedia que o sol aquecesse sua pele. Não sentia frio, mas não havia calor.

O restante era cantar, brincar, controlar e manipular almas e dores como uma criança se entretém inocentemente com os peixinhos que captura em um balde na praia. Não havia maldade naquela vida que foi feita para assim existir.

Infelizes eram humanos que, em sua prepotência em dominar todos os cantos do mundo, invadiram os territórios preparados para outras criaturas. O fluido que preenche estes locais não recebeu a humanidade em sua formação e não tem responsabilidade de abrigá-la, mas permite outros povos ocupar e progredir em sua matéria. E quando os arrogantes humanos se aproximam para dominar, são transformados nas vítimas de sua própria sede de viver.

Ao aprender o canto e assimilar suas nuances de dor e morte, Lucha desvendou os segredos que dominavam o mar. Entendeu sua permanente conversa com o vento e como sentiu o balanço dos navios piratas interferir em sua percepção. Conheceu criaturas que se abrigavam nas profundezas e a beleza de sua luz emancipada do sol. Nadou pelo mar bravo em harmonia com suas irmãs que ditavam a melodia de emoção alegre de uma aventura sob a tempestade. E tomou consciência do papel da magia naquela vida que era ao mesmo tempo sobrenatural, porém real. Embora nada humana.

No entanto, sua consciência era humana e, mesmo turvada pela magia, foi tomando sua forma original ao desvendar os mistérios e dominá-los. Em breve, sua percepção se sobrepunha à lógica mágica do Parcel. As sereias perceberam e não demoraram a alertá-la.

Lucha emergia para se esticar sobre uma rocha. As águas calmas ajudavam nos momentos de tranquilidade. Deitou e fechou os olhos, e Alia se colocou ao seu lado:

- Irmã, está entediada?
- Apenas pensando.
- Em sua vida anterior?

Lucha foi pega de surpresa. Levantou a cabeça.

- Por que eu pensaria na vida que tive antes?

- Porque ela é sua.

As outras se aproximaram, interessadas na conversa.

- Não é mais, não há o que pensar.

- Lucha, irmã, quem não pensa no que já teve, seja bom ou ruim?

Lucha estranhou a conversa sensata naquele local. Sentiu-se ameaçada.

- O que querem?

Alia foi amigável.

- O seu bem. Não a queremos infeliz entre nós.

- Alia, pensa que sou infeliz aqui?

- Não é feliz.

Ela se viu presa em uma armadilha familiar.

- E faz diferença?

Latoria interferiu.

- Achamos que você quer retornar.

- Por que acham isso?

- Seus sentimentos estão distantes.

- Disseram que eu era uma de vocês!

- E é! Em espírito, sempre será uma de nós. Porém você não nasceu como nós, e pode querer ter outra vida. A vida anterior de volta.

Lucha deu uma risada.

- Como se fosse possível!

As irmãs trocaram olhares, complacentes com sua ignorância. Lucha percebeu e se apurou, pronta para ouvir. Ramona tomou a frente:

- Não a chamamos, Lucha.

Ela se levantou, ameaçada. Alia a confortou:

- Acalme-se irmã. Nada vai mudar para nós; ainda que possa mudar para você se quiser ir embora.

- Só que eu não posso! – Ela balbuciou.

- É uma escolha. Apenas uma escolha.

Alia olhou para Ramona, que esperava paciente a sua vez:

- Lucha, você não foi convocada. Você nos procurou, queria nos encontrar. Foi uma surpresa a vez em que ouvimos o seu canto ao longe, próximo da morte. Quisemos resgatá-la! Porém, foi você quem se resgatou, e poderia ter ficado onde estava. Escolheu vir até nós. Deu-nos grande alegria saber que existia e era parte de nós.

Ela ouvia com a lucidez que achava que não existia mais.

- Foi convidada a ficar por ser nossa irmã. Não a atraímos, não a obrigamos, e pode nos deixar quando quiser. Foi livre para vir e assim é para ir.

Algo tomou vida dentro dela.

- E é possível?

- É o mar, amada irmã. Ele pode ser amigo e tomar sua vida no momento seguinte. Será sua travessia como está hoje, uma escolha que pode matar. Sua vida é sua decisão, e irá com nossa benção se assim decidir.

Assim, Lucha já tinha clareza que as chances de morte eram maiores que as de vida quando partiu.

Não soube por que não ficou; como disse, não era infeliz. Tampouco tinha desejos secretos de felicidade profunda, sua vida era satisfatória e longe de ser medíocre. No entanto, jogou ao mar aberto sob a benção de um povo que atrai a morte por natureza, e aquela motivação assombrada devia significar algo mais que uma simples condenação.

Recebeu as últimas palavras de Alia:

- Não demos nada. Você já carregava quando aqui chegou.

No entanto, outras palavras foram resguardadas de seus ouvidos quando estava fora do alcance:

- Que as criaturas do oceano a guiem e protejam em sua ignorante jornada.

- Melhor que assim seja. Ter feito dela nossa irmã pode não ser suficiente para subjugá-lo, ela deve aprender em seu próprio mundo a paga à nossa generosidade.

- Uma dívida que ela desconhece, uma irreversível escolha que assumimos com corações aflitos. Teremos feito o necessário?

- O que julgamos ter sido o melhor, Alia. Não teremos sequer tempo para vingança se ela nos virar as costas, pois nossos céus se encherão de fogo e choro sob a ira do despertado.

*

Ao se afastar das águas mágicas e do canto protetor, o cansaço foi consumindo seu corpo. Inútil dizer que nadava bem, mas seu lado humano retornou com a distância do Parcel e não há humanidade que vença o mar. Ela boiava para recuperar as forças enquanto apreciava as águas quentes do Nordeste que há muito não sentia. Também apreciou o sol cálido, mas logo ele ardeu em sua pele branca de meses sem luz. Girava na água, à procura de um rumo a seguir.

Era uma chance ínfima de sobreviver, por que fez aquilo? Sua pergunta não mostrou o caminho para cogitar um retorno.

Escolheu o sol poente, e nadou. Sentia as correntes e as evitava sempre que possível. Quando avaliava que seriam úteis, deixava seu corpo deslizar pelos rios de águas que cortavam outras águas. Depois seguia seu curso para o que deveria ser terra.

A noite chegou. Sua percepção pouco mudou, seguiu, sentia vida à sua volta, pouco incomodavam. Amanheceu, descansou, continuou. Tédio. Depois, desânimo. Não deixaria o desespero reinar. Se fosse morrer, que fosse em paz.

A exaustão, no entanto, não está no rol dos sentimentos, mas das sensações corpóreas. Assim também é a fome, que retornou violenta para lembrar a Lucha que ela ainda era viva. Era possível controlar o cansaço, mas perderia logo as forças sem alimento.

Era novamente humana, e como seu povo, foi prepotente em achar que se sobreporia aos desejos do mar. Logo afundaria, não era possível se sustentar. As forças se esgotavam.

Se não houver desespero, a morte pode ser pacífica.

Chorou! Não queria ir! Seu lado humano clamava por vida novamente, queria retornar, ver o que deixou, retomar algo ou reconstruir. Seus instintos para o que era sobrenatural a abandonaram como um castigo de quem abusou de suas chances, estava apegada novamente à pequenez do amor a uma vida qualquer, qualquer uma, desde que sobrevivesse! Desejou as montanhas, o riso, uma caneca quente de qualquer coisa sob o calor do fogo. Uma cama macia ou um toque na pele. No entanto, escolheu a morte. E morreria com o mesmo sentimento de perda de um bonachão que arrastou preguiçosamente sua vida, mesmo tendo vivido a maior aventura de todas! De que valeu? Onde estava o mar que preencheria seu vazio?

Pensou nas irmãs sereias. Odiou-as. Foi uma armadilha. Contudo, Lucha sabia que se ficasse, poderia enlouquecer. Sim, a morte era melhor. Elas não foram honestas, mas foram justas. Não morreria odiando-as. Só tinha ódio por si própria.

Não, tinha que amar! Amava a si; à sua vida. E lamentava seu destino.

Chorou um lamento de despedida antes de submergir. Afundou sob o canto que aprendera para saudar a morte das criaturas. Este canto se expandiu pelas águas e despertou a empatia de outras criaturas que aceitaram chorar juntas. Elas vieram comovidas pelo pranto e ofereceram ajuda. Lucha foi amparada e descansou, foi alimentada e pôde seguir.

Outra versão foi construída na mente de Lucha sem a loucura à beira da morte que a fez enxergar uma força onde apenas a coincidência reinou. Viu baleias ao longe. Naqueles mares, ou elas se aproximavam da costa para acasalar, ou retornavam. Era uma aposta. Lucha reuniu suas forças em meio à pouca sanidade que restava e nadou junto, seguindo-as até ser resgatada por um baleeiro.

Ironia.

Na primeira versão, elas teriam a amparado. Na segunda, a prepotência humana destruiu mais um pedaço do mar.

*

Quando aportou em terra, estava lúcida como possível. Seus olhos não reconheciam o ritmo cadenciado das ondas, o movimento dos corpos no barco nada significavam. A música trazida pelo vento tinha se extinguido, era apenas um sopro em rajadas leves murmurando uma história distante. Até os gemidos dolorosos das baleias que assombraram seus ouvidos foram liquefeitos.

Olhou ao redor do porto. O movimento era intenso, a notícia de seu resgate meses depois do desaparecimento inflamava o cais, gritos e olhares curiosos a cercavam.

Era tudo tão estático!

Sem a sequência cadenciada das ondas que pulsavam a vida do mar, tudo era inerte, previsível.

Previsível. Palavra bela!

Inerte. Como seu coração. Quisera viver sem que ele pulsasse, daria mais paz.

Voltou-se ao mar. Uma superfície brilhava a cobrir os segredos que escondia de incautos e inocentes; de tiranos e arrogantes. De pequenos pedaços de carne seca e quente que pensam que podem se impor a uma vida que não lhes pertence, e ainda exigem que a morte lhes seja aprazível. Agradeceu a piedade.

Era hora de subir a montanha, livre da maldição que jogou sobre si.

Parte II

A HISTÓRIA NO VALE DA RÃ

1. A CONFLUÊNCIA

Lucha passava pelo mercado rapidamente, já tendo encomendado o necessário para a semana da taverna. Sentia-se desconfortável com aglomerações quando precisava seguir, e o caminho tortuoso entre passantes a diferentes velocidades lentas e irregulares a irritava. No entanto, a curiosidade desviou sua atenção de seu incômodo crescente quando pequenos grupos aleatórios estrangularam a passagem e a colocaram defronte a Tonio, cuja surpresa foi expressada em um recuo da cabeça para abrir um sorriso de alegria infantil.

Embora tivessem se cruzado no Vale da Rã por algumas vezes, reconheceram-se de outros tempos e se viram finalmente na situação obrigatória em admitir que haviam se identificado. Poucas palavras foram trocadas por estarem em direções opostas, mas o contato que poderia ter sido uma mera formalidade foi amigável como a primeira vez em que se falaram, e frutificou em outros momentos na Murta de Fogo.

Tonio mantinha sua vida preferencialmente noturna, e encontrou outro ser de natureza notívaga disposto a acompanhá-lo até a aurora, quando até a taverna já estava fechada para clientes. E Lucha encontrou alguém com os gostos e prazeres semelhantes aos seus, ausentes em sua roda de amizades, ao contrário dos gostos intensos dos dois. Apesar de desconhecerem os dias mais sombrios vividos pelo outro, identificaram-se pelos mecanismos que usavam para se afastar do passado. Ambos foram forjados com o sangue de vítimas tombadas por suas mãos, armas ou indiferença, e sustentaram perdas que consumiram suas entranhas refeitas ao optarem por viver a se entregar. Contudo, não eram os únicos.

Lucha foi vista pela primeira vez por Martius no espetáculo de rua que cantava a lenda dos Matadores do Vertedouro de Astel, que exterminaram seus inimigos com um misto violência e humor cujo sucesso remanesce ao tempo. Provavelmente o aspecto alegre foi adicionado ao espetáculo para que se tornasse mais atrativo, mas a história da perda das carroças ou do destino inevitável até a taverna realmente compensava a linguagem dura das promessas de morte ou das descrições cruas de assassinatos. Esse tipo de espetáculo, relativamente comum nos arredores, era marcado por um espontâneo ritual em que indivíduos se enfrentavam à frente dos artistas com socos e pontapés, como a referendar a mensagem de destruição que os deleitava. Havia mesmo uma energia envolvente na música que os levava da contemplação admirada à consagração à violência gratuita que os consumia e mantinha a paz entre vizinhos. Eram peças musicais necessárias para elevar o espírito guerreiro e extravasar as angústias dos inquietos esmagados pelo cotidiano pacífico da região. E funcionava. De tempos em tempos, uma dessas peças surgia no vale e atraía os mais inquietos para elevar seu espírito de luta com um grito de guerra, um canto à violência e um final que variava entre um clamor por paz ou louvor à vitória. Os Matadores tinham o toque adicional da alegria ao transformar os momentos cotidianos da

história em riso, mas sem eximir-se da menção à morte. Martius e Tonio eram adeptos do ritual dançante de briga de rua, Lucha considerava um toque necessário para consumir o excesso de testosterona incentivado pela mensagem do espetáculo. Porém, em seu canto lateral à multidão, ela não percebeu Martius no grupo no qual Tonio se infiltrou.

A percepção de Lucha era uma de suas características marcantes. Ela era atenta na observação e até habilidosa na manipulação quando do seu interesse. No entanto, em situação sem ameaça provável, sua capacidade de apreender o entorno caía a quase zero ao conectar-se com a realidade pela captação de movimentos e luzes fugazes como uma dança constante do mundo. Era quando sua mente relaxada fluída livremente, estimulada somente pela combinação da música com a noite, e ela permanecia nesse estado preliminar ao hipnotismo até que algum estímulo externo a resgatasse à realidade. Assim, naquele momento ébrio da mente, ela não percebeu Martius.

Foi na comemoração da praça alta que Lucha conheceu Martius, assim como Ella. Martius reconheceu Lucha da noite dos Matadores do Vertedouro de Astel. Antes, foi abordado por Ella que o abraçou como a um amigo de longa data e apontou onde Tonio estava em companhia de outros. Foi uma aproximação estranha a Martius, arredio a relações próximas desde que deixou o Vale Cálido.

Tonio estabeleceu horários fixos de treino com Martius na tentativa de disciplinar sua própria agenda. A dedicação de ambos à prática e a trabalhos que eventualmente dividiam, finalmente aproximou Martius a alguém com interesses em comum, sem que este contato pudesse representar uma ameaça. Ele viu nas artes que transmitia, ou que apreendia, uma direção a seguir. Até então, sua amizade resumia-se à mata do entorno do vale, o que o satisfazia durante muito tempo dado que qualquer pessoa mais próxima poderia ser sinônimo de ameaça ou traição. Agora, no entanto, dividia uma perspectiva de vida que via ser possível com o exemplo de Tonio. E assim tornou-se amigo e o aluno mais dedicado de Tonio.

O fim desses treinos era marcado pelo horário disponível a Ella, que inicialmente demandava serviços de guarda-costas e, após um tempo sem sinais de ameaça, serviços de ensino, para que aprendesse a se defender fisicamente. Martius a cumprimentava com a cabeça sem nenhuma palavra ao encontrá-la na saída, mas percebeu uma leveza crescente no sorriso da nova aluna com o passar dos poucos meses.

Assim, seu desconforto ao se ver cumprimentado com um abraço na praça alta e uma única frase que pareceu – a Ella – ter esclarecido tudo, foi uma mistura de surpresa e acolhimento. Desconfortável, mas acolhedor. Quando Martius se lembrou daquela noite tempos depois, admitiu que não teria como explicar como a contradição fez sentido.

- Tonio está lá. – Apontou e passou.

Quando Ella retornou, Martius já havia se integrado. Ella estava acompanhada de Miranda, Cássio, de sua namorada e irmão, e Lucha e Tonio completavam o grupo reunido pelo último.

Com o fim das comemorações, discutiram para onde ir. Lucha não gostou de Ella, que falava demais e demandava mais que sugeria. O desagrado durou cinco minutos, teria

durado dez caso Lucha estivesse mal humorada. No entanto, Lucha nem era a mais calada, pois Martius olhava o grupo de cima, a aguardar de braços cruzados o veredicto do local para onde seguir. E, pior que ele, não gostou de ninguém. Nem da música. Nem do lugar. No entanto, seu irmão, o oposto em ânimo, incentivava a prosseguirem com a noite. E assim, Lucha propôs conheceram a Murta de Fogo.

Não demorou para o encontro seguinte na mesma taverna, também espontâneo. Tonio chegou acompanhado de Martius, porém reclamando, pois sabia que a taverna fechava habitualmente naquele horário e que Lucha abria uma exceção a ele. Como já levava Martius, mesmo que anunciado previamente, sentiu ser demais que Ella tivesse se convidado. Lucha riu, ela não viu com maus olhos repetir a festa e bebedeira da vez anterior, ainda mais com a pessoa que a levou a bater seu recorde de passar da antipatia ao apreço sincero.

- Ella é ótima! Deixe-a vir.

- Mas ela vem com amigos!

Lucha tinha os cotovelos apoiados ao balcão e mãos apoiando o queixo. Afastou as mãos levantando os ombros em resignação amigável.

- Desde que eles não destruam meu estabelecimento...

Na visão de Lucha, Ella chegou com duas crianças adultas mais gentis que seus próprios sobrinhos que eram crianças de fato. Havia bebido, mas eram amadores na arte de dominar o álcool que acaba por dominar o artista. Eles flutuavam pela taverna como se nunca tivessem entrado em uma, embora acabassem de ter vindo de outra. E foram embora mais cedo.

Dos assuntos que transcorreram naquela noite, Lucha confessou o interesse em aprender as armas com Tonio.

- Achei que já sabia!

- Sei algo. Já estive em embates – Evitou falar de batalhas de fato. – Mas minha técnica é originada na transgressão do porto e foi limitada ao pequeno espaço do navio.

- Então o que falta é o aprendizado formal. Isso eu posso ensinar.

O outro assunto originou-se quando eles perceberem que sabiam tocar: Ella, Martius e Tonio. Cada qual o seu instrumento. Lucha se empolgou.

- Deviam se juntar!

Todos desconversaram.

*

Aquela foi a primeira de muitas outras noites, em que trocaram mais que palavras bêbadas. Deram o vexame típico do álcool, contaram histórias, enfrentaram-se em diversos jogos. Riram muito. Conheceram superficialmente a história de cada, o que levava inevitavelmente à música, cujo assunto caía sobre eles como se suspenso no ar até que seu peso não se sustentava mais. Lucha amava a música e ajudava a puxá-lo, ela tinha

o desejo sincero de vê-los tocando, mas logo percebeu restrições mal disfarçadas e respeitou os colegas de caneco que aprendia a admirar.

Os três começaram a passar por um processo de aceitação que até então não ousaram permitirem-se. A ação subversiva cansa e cada qual sentia saudades de tocar livremente, quando não se preocupavam com as consequências, mas retinham-se pela memória dos bons e maus momentos que experimentaram com suas melodias. Tonio pensava que Lucha nunca poderia compreender, Ella temia se tornar um chamado para Demétrio e Martius acreditava que suas canções não eram para humanos.

Todavia, a confiança cresce em um grupo restrito alimentado pelo silêncio que a noite proporciona e pela segurança que o álcool traz a confissões. A empatia alimentou devaneios de tocarem juntos e certa noite na casa de Tonio, ao final do treino com Martius, os três músicos se encontraram e cederam, incentivados pelo rastreador.

- E se tocássemos só nós? Sem que ninguém testemunhasse?

Ella aprumou o corpo, e olhou para Tonio. Ele conhecia sua história a fundo, e entendeu seu receio.

- Pode ser bom. Você não estará só. – Disse com confiança, embora tivesse restrições por si mesmo, abaladas naquele momento pela tentação de voltar a tocar.

Era um desejo compartilhado. Se tivessem que tocar algum dia, aquele grupo seria o mais apropriado. Ainda estavam inseguros, se houvesse consequências, poderia ser a ruína de uma amizade crescente. Decidiram arriscar.

Apreensivos, mas com um certo entusiasmo, prepararam os instrumentos, limparam, afinaram, testaram timidamente. Encontraram-se no espaço de treino. Tinham seus próprios problemas para perceberem que todos estavam na mesma sintonia por expectativa, angústia, desejo e temor.

Tonio já tinha montado seu conjunto. Ella estava empertigada na cadeira de prontidão. Os dedos de Martius coçavam para dedilhar, tinha o corpo encurvado para o violão, mas os olhos nos colegas. Ninguém ousava começar. Ella perguntou:

- Como vai ser?

Tonio olhava o chão. Levantou a cabeça e fez a pergunta derradeira.

- Têm certeza de que querem fazer isso?

Ella tomou fôlego, mas nada conseguiu dizer. Martius segurou as cordas, travando-as. Refletiu.

- Se é para ser, é agora!

Tonio largou as baquetas.

- Eu preciso falar! Não quero que entrem sem saber: isso pode ter consequências.

Ella fitou os pés antes de concordar:

- Sim.

Martius sentiu uma pressão na boca do estômago ao admitir:

- Pode.

Tonio os contemplou por um segundo antes de levantar a baqueta e dar o primeiro toque. Ella e Martius acompanharam. As primeiras notas, tímidas, cresceram com a harmonia, e os artistas receberam e deram o que tinham de melhor.

A música fluiu por eles! O braço de Ella deslizou no comando do arco e seu corpo respondeu ao movimento como o violino respondeu à energia recebida de Tonio, e a sensação de acolhimento que Martius proporcionou foi alegrada pelas cordas de Ella. Eles deram e receberam, tão entretidos em recobrar suas próprias sensações, que não perceberam as trocas que abraçaram durante as horas tocadas. Olhavam apenas para dentro, a ponto de esquecerem seus próprios temores. Ao final, exaustos, satisfeitos e seguros, não olharam à volta à espera de qualquer hostilidade, assim como não olharam entre si para reconhecerem-se como cúmplices.

*

Entretanto, a expectativa da ameaça surgiu no dia seguinte, e no outro. Ainda aguardavam que algo mais pudesse ter acordado. Com a negativa nos dias que passaram, decidiram repetir a experiência. Foi gratificante como a primeira vez. Convenceram-se que o sistema era eficaz e que poderiam repetir outras tantas vezes.

Tonio argumentou quando Lucha entrou para reabastecer o pequeno barril de cerveja e o assunto veio à tona:

- Vão nos ouvir tocando! Não podemos fazer isso em segredo para sempre.

- Tem razão, – Martius concordou – mas não quero tocar na frente de estranhos. E nem quero que eles me ouçam pela janela.

- Precisávamos de um lugar como este, mais afastado da vila, seria perfeito. Já repararam que pode haver qualquer algazarra dentro que não é ouvida do lado de fora quando as janelas se fecham?

Entreolharam-se à observação de Ella. Lucha era de confiança, por que não contar somente a ela?

Tonio se justificou:

- Tenho meus motivos, e eu a preservava deles. E sei que vocês têm os seus. Contudo, agora que já ensaiamos outra vez, posso afirmar com tranquilidade que meus temores acabaram, posso aceitar que Lucha me ouça tocando. Não acho que irá afetá-la.

Martius concordou. Ella também. Era aceitável.

- Só não quero tocar só, sempre precisarei que estejam comigo.

Aceitaram a condição de Martius. E convidaram Lucha para ver um ensaio, que exultou com naturalidade pela boa nova, feliz pelos músicos terem unidos seus instrumentos.

- Finalmente! Estarei lá com certeza!

No final da semana, Lucha destrancou a porta de Tonio com a chave jogada pela janela no minuto anterior. O ensaio já começara. Estavam no intervalo discutindo a próxima música e a iniciaram no momento em que Lucha apareceu sorrindo à porta. Estavam concentrados, saudaram-na rapidamente e voltaram-se para os instrumentos, cada qual novamente entretido em sua produção. Embora a harmonia fosse única, não atentaram para a contribuição individual que era recebida, apenas para o que era fornecido ao conjunto. A lufada de magia que Lucha sentiu a fez apoiar-se no batente da porta para se estabilizar. Seu sorriso desapareceu fascinada pelo que testemunhava. Adiantou-se, sentou e recobrou a firmeza nas pernas. Ao retomar seu próprio eixo, tentou identificar a fonte do que sentia. Riu sarcasticamente. Não era possível! Três?!

Lucha se deixou levar. Eles pareciam não dar importância ao que tinham. Quanta desenvoltura em integrar uma força mágica retroalimentada por três fontes! Levantou-se e caminhou pela sala, o que a permitiu captar outros encontros das ondas que proporcionavam diferentes sensações diante da reverberação no espaço irregular. Não era apenas sensação auditiva, era paz, ou felicidade, ou amor, ou ódio, medo, confiança. Eles podiam tomar ou dar o que quisessem com aqueles acordes!

Ao fazerem um intervalo, Tonio elevou o seu sorriso infantil em meio àquela nuvem de força que o envolvia:

- E então? – Levantou as sobrancelhas. – Gostou?

Lucha estava sem palavras, embora a boca estivesse aberta, não tinha condições de levantar o queixo. Eles ignoraram e voltaram a tocar. Ao falar, a música abafava suas palavras:

- Pela escuridão que assola oceanos profundos! Eles não sabem!

*

Lucha esperava que as horas seguintes seriam gastas convencendo-os do que eles tinham. Não foi difícil.

- Calma lá, isso é perigoso!

- Então você sabe, Martius?

- É... mas as pessoas não entendem!

Tonio reforçou a afirmação de Martius:

- Pode atrair muitos problemas. Muitos!

- Espere, Tonio! – Ella dirigiu-se a Lucha. – Você está dizendo que nós três temos esse dom? – E aos homens. – E vocês estão dizendo que já sabiam disso? Como é que não percebemos?

Martius já tinha sua opinião formada:

- Agora que a Lucha falou, ficou claro como água de nascente. Ao rever, sim, estava lá, nem precisamos tocar para comprovar. Só que isso não significa que seja seguro!

- Por que não?

- Lucha, eu já perdi muito por isso. Você nem imagina! Não é um dom, é quase uma maldição.

Lucha olhou Martius nos olhos antes de responder:

- Você sentiu como uma maldição?

Ele se desconcertou, olhando para as mãos à procura de algo. Ela continuou:

- Ouçam, eu sei o que é uma maldição, de verdade! E sei que o que vocês sentiram não foi ruim! Eu li vocês tocando! O que posso afirmar é que o que vocês sentem ao tocar vocês transmitem também. Não são imunes, nem uns aos outros, mas o apoio é mútuo e pode transformar sensações negativas em positivas. Está no quê e em como vocês tocam. Vocês podem controlar, podem até muito além!

Ella se levantou, ressabiada:

- Não fale isso, não quero nada além.

Tonio tocou sua mão, em um gesto para acalmá-la. Lucha conteve suas palavras:

- Se você não quer, não vá além. Fique com o que vocês têm. Apesar de que eu sei que vocês sabem que é algo bom e forte, e que os beneficiará. Desde que fiquem juntos, céus, vocês se apoiaram o tempo todo! Não viram?! O tempo todo! É mágico! E é tão intenso quanto vocês quiserem que seja!

O rosto de Vegécio atravessou a mente de Ella. Ela murmurou, mas suficiente para todos ouvirem.

- Está dizendo que somos bardos?

Lucha sorriu em cumplicidade, com uma piscadela:

- Você já sabia, não?

*

Não foi uma virada instantânea. Martius era o mais alheio à empreitada de se expor. Lucha não forçou, e aguardou a semente que plantou no coração de Ella germinar no tempo certo. Ela proviu o espaço e hora próprios para ensaiar, na madrugada da Murta de Fogo. Lucha enchia a caneca e se perdia com as sensações que eles geravam. A privacidade os deu liberdade para fazer testes, com posterior confirmação de Lucha ao interpretar em palavras o que eles tramavam. E assim, sentiam-se prontos para um passo mais ousado. Notavam com clareza a leitura que Lucha viu no primeiro dia e os temores de se expor foram minando.

A confiança levou Ella a contar parte de sua história nos intervalos, desvelando sua experiência em se apresentar a públicos variados, porém sem qualquer menção que levasse a Demétrio. Tonio, que sabia da história, mantinha um silêncio respeitoso. Fitava o fundo do copo enquanto criava remendos nas partes cortadas pela violinista. Quando Lucha perguntou como Ella largou aquela vida para se embrenhar no Vale da Rã, recebeu um olhar triste e doce:

- Ah, minha querida. Há coisas que é melhor não mexer para evitar atraí-las.

Lucha só devolveu o olhar, entendendo cada palavra. Não era o seu caso, ou poderia ser ao considerar que jamais retornara à costa. Ficou claro que Ella não queria remexer em algo latente de maior alcance que sereias limitadas ao oceano.

Tonio também chegou a se revelar, porém timidamente no início. Ele mencionou que seu dom levantava muita ambição. Era suficiente.

O clima de confissões foi propício para que Martius descortinasse o que pensou que nunca diria a um humano. No entanto, fazia tempo que sentia dever explicações, embora ninguém houvesse cobrado. Ele sabia que todos se perguntavam:

- Eu sou daqui de perto, – apontou com a cabeça uma direção nada aleatória – mas nunca poderei voltar para casa. O que temos, que você Lucha, entendeu e aceitou bem, as pessoas não aceitam! Elas temem a magia e a transformam no que é mais confortável para condená-la.

- Ou querem aproveitar-se de tal poder para seu próprio bem. – Tonio completou.

- Ou para o mal dos outros. – Ella murmurou.

Um silêncio tomou o salão. Lucha o quebrou com delicadeza:

- É verdade, a magia da música pode ser perigosa. Por isso é que acho que vocês poderiam fazer a diferença, se quisessem.

- Não daria certo, Lucha. Eu fui banido pela minha própria gente. Aliás, fugi! – Seu sorriso foi amargo. – Eles ainda podem me executar se eu retornar. Fui condenado pela minha música!

“E eu condenei sem sequer refletir. Executei também.” Lucha afastou tais pensamentos.

- Martius, eu já fiz coisas muito erradas. Uma delas é inominável. Não sei se é pior fazer que receber, ambas provocam uma amargura difícil de lidar. Sei que parte de meus fantasmas foram apaziguados quando subi as montanhas e deixei o tempo se valer. Apesar de amenizados, eles desapareceram por completo apenas quando ouvi vocês. Os seus também desaparecem quando vocês tocam. E você, particularmente, tem um toque especial que me atinge de cheio quando canta! Eu lamento que eu seja a única privilegiada em sentir meus pecados perdoados.

Martius se levantou como uma torre sólida que jamais seria derrubada. Ele se afastou mostrando indiferença. Ninguém se abalou, todos conheciam suas estratégias orgulhosas para se manter forte quando se via abalado emocionalmente. O mais jovem do grupo afastava-se eventualmente para se recompor ao simular a solidão acolhedora da mata. Ella foi ao seu encontro, tornara-se sua confidente.

A sós, Tonio se queixou:

- Você foi dura com ele.

- Desculpe. A intenção era desarmá-lo do rancor. – Bebericou de sua cerveja.

- Ah, ele foi desarmado! Embora eu creia que ele esperasse solidariedade.

- Ella fará isso. Se todos formos solidários ele não vai se livrar dessa raiva.

- E por quê ele iria querer se livrar?

Lucha o encarou, confusa.

- Você acha positiva?

- O mantém caminhando. – Ele se concentrou em beber.

- É um caminho para a destruição.

Tonio sentiu algo familiar.

- Pode ser.

- Alguém precisa arrebatá-lo antes que chegue lá, Tonio.

Ele suspirou. Havia escapado, mas não concebeu como poderia ajudar Martius.

- Acha que sou a pessoa certa para fazer isso?

- Você e Ella.

- Você não?

Ela fez um gesto de desprendimento.

- Estarei sempre por aqui.

Tonio tomou um gole, preparando-se:

- Eu quase segui o mesmo caminho, me perdi por um tempo em direção ao abismo.

Lucha sentiu cada palavra, mas trocou a queda por submersão. Fechou os olhos, meneou um sinal de concordância para mostrar que entendia. Tonio aceitou o convite com alívio. E contou sua história por completo. De sua arrogância em aceitar as escolhas dos amigos de infância à dor em perdê-los, da incubação desta dor que quase o destruiu até a transformação na música que conquistou de admiráveis confrades de lanças até comparsas falsos que quase o mataram.

Ao final, Lucha entendeu a estabilidade e força que Tonio emanava. A estabilidade de seu corpo era um mero reflexo daquela edificada na alma que controlava seu raro, porém existente, temperamento explosivo. E suas ações esporadicamente infantis davam leveza a sua força em um resgate momentâneo de uma época inocente e despreocupada.

A primeira vez em que se falaram veio à sua mente.

- O rato! Que arrependimento! – Lucha baixou a cabeça.

- Você não teria como saber. Nem eu acreditaria. Eu também teria sido cauteloso em alertar um estranho.

- Você percebeu?

- Sua cautela? Sim, um pouco. Não dei importância. E se não tivesse sido ele, teria sido outro.

Ela largou o copo na mesa.

- Eu não fui cautelosa! Só não me importei! Não sou muito de me importar com as pessoas.

Tonio riu.

- E o que você está fazendo desde que nos conheceu?

Lucha coçou a nuca embaraçada.

- Acho que sou como Martius. Admitir que tenho sentimentos? Ah não!

Simulou uma cara de nojo antes de acompanhá-lo no riso.

*

Os laços criados entre os três bardos os levaram, finalmente, ao público. A princípio, amigos foram convidados para uma noite exclusiva na Murta de Fogo. Funcionou com perfeição. Os três exploraram acordes variados e observaram atentamente os efeitos na plateia ignorante à magia, mas ciente das sensações que acreditavam ser exclusividade da música.

Não sentiram que a noite sem vento foi trocada por rajadas que penetravam nas janelas para refrescar a plateia, como Martius mostrou ser possível, ou perceberam os olhares arrependidos daqueles que chegaram ao recinto em meio a uma discussão, pela generosidade de Ella. Não viram quando Lucha acenou negativamente a Tonio a fim de que reduzisse a intensidade que tremeu as estruturas além do usual, embora o tivessem visto sorrir orgulhoso após uma falsa careta de susto que nada entenderam.

Eram todos amigos e conhecidos, muitos alunos de Tonio e, portanto, colegas de Ella ou Martius. Um ambiente propício para uma confraternização que seguiu noite adentro até que os últimos se retiraram ao amanhecer. Lucha encheu quatro canecos para um brinde e, após fingir não ver a confirmação entre seus olhares, ouviu de Tonio:

- Pode nos anunciar para a próxima semana.

*

Os bardos tornaram-se notícia. Os três tiveram a prudência em evitar explorações em público, e deixaram para desenvolver suas habilidades nos ensaios. Os quatro tiveram a prudência de omitir a palavra bardo, e discutiam os avanços a portas fechadas. Trancadas. Era o compromisso de Lucha, que seguia no cuidado de encobrir qualquer sinal que poderia revelá-los.

Tocar três vezes no Vale da Rã era suficiente para fazer nome. A cidade tinha espaço para manifestações culturais variadas, desde que de pequeno porte, e a performance dos bardos atraiu admiradores e curiosos. Convites para tocar em outros locais frutificaram, mas deram prioridade ao conforto da Murta de Fogo que passou a arrecadar mais que o costumeiro. Lucha dividia os proventos honestamente. Sempre quis ter um grupo fixo para tocar na Murta, mas não havia encontrado algo que a agradasse. Ser logo um grupo de bardos, mesmo que em segredo, e ainda seus amigos próximos, era muito mais que qualquer expectativa que criara. Quando surgiram convites para apresentações externas,

como nas feiras da cidade, ficaram tentados, mas sabiam que tinham que ser leais à sua promotora.

Tonio foi encarregado de perguntar:

- Você se incomodaria? Para nós seria um passo importante.

- Talvez me incomode, e talvez não. Quanto ofereceram?

Foi a vez de Tonio se sentir incomodado com a pergunta, mas ela foi tão direta que ele não soube como evitar. Ao ouvir o valor, criticou:

- É pouco! Peçam o dobro.

- Ficou maluca? Não vão nos dar o dobro! Nem tenho como pedir!

Ela sorriu maquiavelicamente levantando as sobrancelhas.

A partir daí, Lucha agendava as apresentações e conseguia os melhores contratos.

Tonio alertou:

- Você está explorando-os!

Ella apoiou:

- Isso não está certo.

Martius:

- Ei, eles querem pagar! Deixem a Lucha em paz!

- É exploração Martius, nós já os manipulamos!

Lucha retrucou perante dos princípios de Tonio:

- Você acha que os hipnotizam a gostar de vocês? Apenas os fazem ter experiências reais que eles apreciam, mesmo que vocês não revelem como. Qualquer mágico assim faz. Não são enganados, vocês dão o que eles pedem e querem mais! Não percebem o seu valor?

Ella estava com Tonio:

- Não precisamos explorá-los.

- Ninguém vai ficar pobre para sustentar vocês, e vocês não vão ficar ricos. Nem eu! Só mudou para vocês, que estão vivendo melhor, não estão?

Martius apoiou:

- Estamos. E isso faz bem.

- E esses eventos reúnem muita gente. A responsabilidade e o esforço de vocês é maior. Não acham que vale ganharem mais que a quarta parte da entrada da Murta cada um? A maioria desses eventos são abertos, são as guildas ou os mecenas que pagam!

A reflexão fez Ella pesar os seus critérios:

- Nesse ponto Lucha está certa, Tonio. A responsabilidade é maior. Eu ganhava muito bem fora daqui, e na Murta é mais barato, todos que não puderem pagar fora podem ir até lá.

Em parte. Havia lista de espera na porta, depois de um horário só entrava um quando saía outro. Lucha administrou bem o aumento do movimento, transferindo Corvino do balcão para a porta de entrada, já que estava familiarizado com a tarefa eventual de agarrar um bêbado inconveniente pelo pescoço e atirá-lo para fora. Colocou mais dois novatos no balcão, onde deu suporte nos intervalos das apresentações nas primeiras noites até que tivessem desenvoltura e independência. Também servia as mesas do salão quando necessário, embora sua tarefa principal fosse observar o público, o andamento dos funcionários, o fluxo de entrada e saída da cozinha e a reação à música. Via quem entrava e saía da casa, quem ia aos banheiros e quem demorava a retornar.

Por este motivo, valorizava as apresentações exteriores para restringir sua atenção aos momentos reservados aos bardos e se desligar o restante do tempo para relaxar a mente. Nos dias posteriores é que ouvia as histórias do que captou superficialmente durante a noite.

Pegou Martius e Tonio rindo das dançarinas que também se apresentaram na última noite na praça da cidade. Ella advertiu:

- Elas são de bordel!
- Deixe de preconceito Ella!
- Imagine se eu, que já convivi com toda a espécie de artistas, de músicos renomados de reis a palhaços de rua, teria preconceito! Só estou relatando um fato!
- O fato é que você não pode aceitar a delicadeza da Laianny.

Com o dedo para cima, em advertência:

- Ouçam o que eu digo, isso não é bom. Principalmente ela.
- Porque é bonita?

Enquanto Ella discutia com Martius, Tonio fez sinal a Lucha:

- Não são do bordel.

Lucha não deu importância, mas resolveu alfinetar:

- De bordel ou do bordel?

Eles conviviam durante o dia nos treinos, à noite nas apresentações e em seus momentos exclusivos nas madrugadas. Lucha passou a treinar, primeiramente para retomar a destreza dos tempos dos mares e, em seguida, focou na luta de espadas em campo aberto, ao contrário de seu lugar de conforto. Ella mostrou ter um chute potente e soco preciso que Martius brincou que havia um rosto mentalizado na almofada. Tonio usava as horas livres para acertar o alvo da flecha enquanto Martius revelou destreza na espada e lança. A ele começava a ser transmitido o conhecimento dos Lanceiros Perpétuos, o que despertou a admiração e reconhecimento dos demais.

- É a isso que você deve se dedicar, e não a pessoas como Laianny. – Reclamou uma Ella obstinada.

- De novo? Dê um desconto, Ella. E Laianny mal fala comigo.

Não era verdade. Embora tenha conhecido primeiramente Tonio, era a Martius que Laianny andou trocando olhares quando brigou com o namorado.

Lucha soube por Tessa que Laianny percebeu Martius desde a primeira vez em que o viu cantar.

- Quem é Tessa?

- Uma amiga. Um dia vocês vão conhecer alguém mais cruel que eu. – Lucha gargalhou.

Martius a corrigiu:

- Você não é cruel. Nem se irrita conosco!

- Só não me importo.

Ela não se importava mesmo se eles passavam mal no chão da taverna, se apareciam no raiar do dia tirando-a da cama com o argumento que a Murta não pode fechar ou com arroubos impacientes de Tonio em seus momentos de irritação. Essas últimas eram papel de Ella puxá-lo a um canto e dar-lhe o sermão sobre como ter paciência com as pessoas.

Uma manhã Tonio perguntou:

- Não ficou mesmo chateada?

- Está perguntando isso para quem conviveu com marinheiros. – E dava de lado.

O que eles não sabiam era que ela agradecia em suas orações por tê-los conhecido. Pequenos contratempos eram nada entre irmãos.

A primeira vez em que ela ouviu o termo irmãos foi de Martius. Ele declarou serem todos seus irmãos. A segunda, foi quando Tonio abriu a porta da Murta de Fogo sem bater, e Ella o repreendeu. Sua resposta foi direta:

- Não se pede licença para família. E pulou o balcão para pegar uma caneca.

Quando eles traziam alguém próximo para um ensaio, Lucha parou de interromper seus afazeres para receber o novato:

- Não vai servir seu amigo?

Um dia Ella instituiu o ritual do arroto. Lucha protestou:

- Logo você? Tão certinha, tão elegante, cheia de modos! Por quê?

Martius:

- Todo mundo tem um lado negro.

Eles haviam chegado com o ritual implementado.

- Calma lá. A Lucha não. Isso é entre nós bardos. Tratem de respeitá-la.

Tonio e Martius riram. Lucha olhou ironicamente para Ella:

- Você acha que vou correr o risco de um tapa na testa só pela minha “autoridade”.

Ella se defendeu, indignada:

- Eu estava me valendo da minha!

A partir daí, um arroteio era sinal para encostar o polegar na testa e apontar o dedo mínimo para o alto, com os demais fechados na mão. Ou um tapa surgiria na testa do desavisado. Por anos, Lucha repetiu:

- Se eu fosse amaldiçoar alguém por um motivo fútil, Ella, seria você por introduzir essa bobagem ao grupo!

Palavras que soaram fortes na primeira vez em que foram pronunciadas:

- Não brinque com maldições.

Contida, Lucha se desculpou. Não demorou a entender porquê.

*

Ella tinha o dom de controlar os rumos dos amigos sem ser invasiva. Por vezes, errava no toque, mas seu carisma compensava qualquer repreensão. Seu código de honra incluía alertar os amigos das asneiras que poderiam fazer, e eventualmente eles o faziam.

Tonio foi o último a descer do palco até desmontar e carregar seus instrumentos. Martius passou em carreira por ele, com um sinal:

- Distraia Ella!

Ele demorou a entender, mas o fez prontamente. Queria mesmo discutir o ânimo do público naquela última noite do festival de inverno, embora preferisse que Martius estivesse presente.

Nas três noites de festival, o rastreador desaparecia depois de certa hora e só retornava para migrarem para a Murta de Fogo. Lucha mantinha a taverna aberta e os deixava à vontade em suas outras apresentações, mas o fim de noite era sempre dos bardos. Contribuía com dicas de magia que certa vez instigaram a curiosidade de Ella, que tinha iniciação nas artes. Ella perguntou maliciosamente, esperando ouvir uma história emocionante:

- Você nunca contou como tem tanta intimidade com a teoria.

Lucha sorriu condescendentemente, com as palavras certas para minar a conversa:

- Lembra quando você protestou da minha brincadeira da maldição? – Ella se empertigou.

- Tive que concordar. A minha prática não é agradável.

Ella a fitou profundamente. Lucha corrigiu:

- Fique tranquila. As montanhas afluem o melhor que tenho a oferecer, através de minha família e dos bardos. Se depender de mim, você nunca vai descobrir o que faço de pior.

Essa foi a conversa que fez Ella refletir nos últimos dias, inclusive quando Tonio se aproximou para distraí-la a pedido do Martius. Ella ignorou a pergunta sobre o público para devolver outra:

- Você conhece bem Lucha, não conhece?
- Bom, tem algum tempo. Aproximamo-nos todos na mesma época, com pequenas diferenças.
- Depois que ela surgiu, Demétrio nunca mais retornou.

Tonio inclinou seu corpo para trás, antes de responder:

- Eu pensei que essa hipótese era sobre mim.
- Já tenho minhas dúvidas.

Tonio passou fraternalmente o braço sobre os ombros de Ella:

- Não deixe a lembrança de Demétrio estragar o que você conquistou aqui.

Ella se retratou:

- É uma bobagem, eu sei. É que está tudo tão bom, e foi assim antes do desastre acontecer.

Ele entendeu os temores de Ella e mudou o tom para se adequar à gravidade do assunto:

- Ninguém mais vai morrer por intermédio dele. A essa altura, Demétrio já desistiu. Veja só, tem quase um ano que você não sente qualquer presença dele, mas ainda percebo o quanto se preocupa.
- Vou me preocupar até o dia em que veja o seu corpo sem vida. E com ressalvas. Você diz que ninguém vai morrer, mas a magia dele está além de seu alcance!

Ele segurou os seus ombros, amparando tal desânimo:

- Você não o combateu com a sua? Nós três juntos não conseguiríamos?

Ella ponderou e desistiu:

- Ah Tonio, não posso exigir isso de vocês.

Soltando as mãos, espalmou-as para a violinista:

- Eu estou oferecendo! E Martius não fugiria de uma boa briga.

Ella gemeu, em súplica:

- Não trate como brincadeira.
- Verdade! Ele não fugiria de lutar ao seu lado, tenho certeza. Posso propor mudar o teor de nossos ensaios.

Ella hesitou.

- Seria envolvê-los em meus problemas.
- Ei, eu sou pago para isso! E Martius domina boas notas temporais que podemos aproveitar. É hora de mudarmos a música.

Ella sorriu, encorajada, porém sem a devida certeza:

- Podemos falar com ele agora e ver o que acha? No entanto, se ele recusar, não vamos insistir, está bem?

- Quando o virmos. Acho que foi para lá. – Disfarçou Tonio, apontando na direção oposta ao palco.

Ella sorriu inocentemente:

- Tonio, você apontou para trás do palco nas duas vezes em que falou o nome dele. – Seu sorriso sumiu quando a ingenuidade deu lugar à malícia. – Atrás do palco?

Tonio tentou contê-la:

- Ella, não é o que você pensa!

Ella nem escutou aquelas palavras. Dirigiu-se como um furacão para a zona escura de trás do palco. Tonio a seguiu, argumentando o óbvio:

- Você sabe que ele pode ficar com quem ele quiser...

Ela se voltou com o dedo em seu nariz. Murmurou ameaçadoramente:

- Desde que valha alguma coisa!

Tonio deu de ombros, desistindo de domar a fera, mas ainda lançou um comentário alto para Martius ouvir.

Laianny foi enxotada aos protestos:

- Mas por quê?

- Porque ela é brava, se apressa!

A dançarina passou por Ella, que a ignorou com elegância enquanto congelou um olhar fulminante a Martius, cuja espinha gelou enquanto a pele fervia.

- Senta!

Martius se sentou no pé da escada do palco.

Ao chegarem à Murta, Ella mantinha um ar severo sobre um Martius retraído que parecia mais baixo, e Tonio com o ar de desdém cansado típico de quem há muito entregara a batalha. Ele fez um sinal diante do olhar confuso de Lucha: apontou para sua própria orelha e moveu silenciosamente os lábios:

- Inchada de tanto ouvir.

Lucha não entendeu:

- Por quê?

- Laianny!

- Xiii...

Ella ouviu o nome de longe.

- O que vocês estão comentando? – Perguntou, desconfiada.

- Nada, Ella. Só estou admirando o quanto o Martius a respeita. – Respondeu Lucha cinicamente, arrancando um riso mal contido de Tonio.

O suspiro tolerante de Ella salientou o seu anseio por apoio:

- Lucha, você precisa me ajudar. – Reclamou. – O sucesso está expondo esses homens, eles não sabem lidar com isso. Pode trazer problemas, temos que ficar atentas.

Lucha sentiu pena da sincera aflição de Ella. Tinha razão, o sucesso podia destruir. Embora ela desconfiasse que havia mais naquela preocupação, aceitou o pedido:

- Vou ver com Tessa.

2. AS OUTRAS PESSOAS

Tessa era amiga de Lucha de longa data, desde que ela retornara ao Vale da Rã. Tão intensa quanto Lucha, a primeira não tinha os bardos para apaziguar a energia excedente na noite. Tessa frequentava três diferentes grupos, cujos gostos e hábitos eram incompatíveis. A pergunta mais corriqueira era:

- Quando Tessa dorme?

A segunda, Lucha sabia responder:

- Ela é especializada em poções.

- E como ela conhece as dançarinas?

- Os bordéis usam poções para enrijecer os clientes.

- Ahá!! Não falei? Eu sabia! – Ella era toda razão.

Tonio olhou para Lucha perdido, que ria da brincadeira. Repreendeu-a:

- Lucha!

A antiga maruja resolveu se ater à verdade:

- Ela tem aprendizes, Laianny é uma. – Não parava de rir.

Ella ainda olhava ameaçadoramente para Martius, inconformada com a simplicidade da verdade. Insistiu:

- O que tem a dizer, afinal?

Martius puxava o ar à procura de palavras quando Lucha o salvou. Ela achava que Martius merecia viver. Uma paixão poderia resolver alguns de seus problemas ou substituí-los por outros mais fugazes. No entanto, após indagar sobre Lainany, ela foi fiel ao que ouviu:

- Vale nada. Martius pode pegar que não se apaixona.

Ele aproveitou a deixa:

- Viu? Lucha me entende.

Ella não descruzava os braços:

- Lucha não está se importando com você, seu tolo. Ela está rindo.

A taverneira resolveu revelar a fofoca:

- Na verdade, Martius, ela já tinha reatado com o namorado na noite passada.

Silêncio.

Ella levantou o queixo em vitória. Martius enfrentou:

- Então está resolvido. Posso pegar que não vou me apaixonar.

- Aí é que você cai de quatro!

Lucha continuava a rir, mesmo quando concordou com Ella:

- Também acho. Você vai sofrer a cada vez que ela te dispensar para ficar com o namorado.

- E quem disse que estarei à disposição?

Entretanto, foi Tonio, que Martius considerava que melhor entendia a atração por Laianny, que ouviu sua confissão em um momento de maior sossego:

- Já peguei umas três vezes. Não vale mais a pena. A Ella é muito brava!

A história de Martius com Laianny trouxe duas consequências. O reconhecimento do respeito, ou temor, que Martius tinha por Ella, e a aproximação de Tessa ao grupo.

Tessa passou a dividir com Lucha as horas de treino de espada, e sua sinergia com Tonio foi instantânea. Embora Lucha tivesse previsto uma identificação, surpreendeu-se pela intensidade além da esperada. Durante o tempo que os bardos permaneceram no Vale da Rã, Tessa ensinou poções simples e completou os conhecimentos dos amigos com uma magia que fluía por líquidos ao invés do ar, e atingia os alvos infiltrada pelo interior do corpo, ao invés do som que penetrava pelos ouvidos ou pressionava o ar à volta da pele. Bem diferente do que estavam habituados.

E o envenenamento foi proposto por Tessa, ou oferecido, como solução para o problema de Tonio quando o sucesso também o afetou, porém mais negativamente do que a Martius.

Tonio a fitou com receio.

- Acho que não.

- Não me refiro a envenenar para matar. É uma poção, vai desviar a atenção dela.

- Ela não é tão perigosa. Só me azucrina.

Tessa entrelaçou os dedos das mãos, em reflexão.

- Hum... acho que não. Ela é perigosa.

A conversa foi um dos desfechos do assédio de Samantha sobre Tonio. Ele, um dia, descreveu ao grupo como uma pessoa se apresentou com interesse em aprender as armas, mas logo revelou conhecer boa parte de sua vida no Vale da Rã. Ela o conhecia dos espetáculos públicos ou na Murta de Fogo, e nomeou os amigos mais próximos e pessoas do passado de Tonio no Vale. Como eles tinham conhecidos e desafetos em comum, Tonio não viu mal em dar-lhe atenção.

Entretanto, logo começaram a surgir cartas com assuntos cotidianos e perguntas pessoais que o desconcertariam se fossem feitas pessoalmente. Ella já saiu ao ataque:

- O que você tem na cabeça? Por que foi responder?

- Porque sou educado e não deixaria suas cartas e bilhetes sem resposta.

- Você foi encontrá-la?

- Claro que não, mas ela sabe onde me encontrar.

Lucha reconheceu, poderia ser perigoso. A mulher tinha informações desconfortáveis de Tonio, como onde morava, com quem andava e onde iria tocar. Ella queria dar um ponto final, usou seus melhores argumentos:

- E se ela for uma espiã, de você sabe quem?

Novamente, ele defendeu suas atitudes:

- Duvido que ele usaria alguém como essa mulher. Deixe estar que ela se cansa.

Não se cansava, contudo. As cartas se tornaram mais íntimas e desviavam a atenção de Tonio dos jogos e conversas. Somente a luta e os ensaios o mantinham imerso para se esquecer daquele assédio.

Martius reduzia a importância do fato, mas até ele ficava atento quando Samantha surgia na Murta de Fogo. Geralmente, quando Ella estava longe.

Martius foi solidário como pôde:

- Agora a atenção de Ella será toda sua. – E riu.

Tonio estava irritado:

- A diferença é que eu não quero!

- Relaxa. Ela logo se cansa.

Repetiram várias vezes o mantra, ao contrário de Ella que ficava cada vez mais alerta. E estava com razão.

Na noite em que Tonio dirigia-se à casa de Martius após terminado o último treino, ele se viu levado a um passado quando ameaças na rua eram reais e brigas se desencadeavam em corredores escuros, preferencialmente ao sair de alguma taverna na companhia de Basra e Reno. Ele não acreditou a princípio, mas seus reflexos o trouxeram rapidamente à realidade e enfrentou com eficiência os dois que fecharam os lados opostos da rua. Não foi fácil, tinham experiência.

Seu desabafo era impaciente e indignado:

- Eram profissionais!

- Foi Samantha!

- Para quê ela faria isso, Ella?

- Não sei, vingança por não dar atenção a ela.

Ele simulou uma risada sem graça, mas não estava com humor para maiores ironias. Ella insistiu:

- Estou falando sério, Tonio!

- Eu também! Eram profissionais! – Repetiu.

Fúria diferente da de Tonio, era de Martius. Ele andava inquieto pela sala da casa de seu amigo como um animal enjaulado.

- Você acabou mesmo com eles? Deixou-os no chão?
- Não. Eles correram. Bom, um correu, o outro se arrastou.
- Não fez perguntas?

Fez um gesto negativo com a cabeça antes de se justificar:

- Eu corri para Ella.

Lucha fechou o semblante, olhando para a violinista, que desviou o rumo com uma aclaração de outra natureza:

- Tudo que pude fazer foi cuidar de suas feridas.

Foi quando Tessa ofereceu a poção que Tonio prudentemente recusou. No entanto, Ella alimentou a observação de Tessa:

- Por que a acha perigosa?
- Já leu as cartas dela? Totalmente desequilibrada. Você é o alvo do momento, como já houve outros.

Lucha ficou repentinamente interessada:

- O que você sabe, Tessa?
- Sobre ela, pouco, mas posso me informar.

Lucha completou:

- Veja o que consegue. Vou acionar alguns meios de saber sobre esse ataque.

Tonio a desencorajou:

- Lucha, você pode ter uma taverna, mas seus amiguinhos são todos decentes.
- Quase todos, Tonio. Eu procuro evitar os piores, mas eles estão por aí.

Tonio estava certo. Outras épocas levaram Lucha a submundos, mas não em sua própria cidade. E o pouco que soube foi ao acionar a família, pois seu cunhado tinha influência necessária para desencravar alguns segredos:

- Duas pessoas, como você descreveu, Tonio, surgiram com escoriações e hematomas no dia seguinte ao seu incidente. E logo saíram da cidade, com dinheiro para uma rápida evasão.
- A melhor evasão é floresta adentro. – Martius apoiou um cotovelo na mão enquanto a outra cobria a boca.

Lucha concordou em parte:

- Para você, Martius, mas nem todos têm o seu dom. Eles gastaram com cavalos para escapar pela estrada.

De Tessa, tiveram a informação de que Samantha já havia tido desentendimentos com outras pessoas, vítimas de um cerco que trazia insegurança e as abalava diariamente. E

Tonio já andava atento pelas ruas, o que minava sua paciência e o fazia descontar nos bardos. Ella deu um basta:

- Este é o primeiro passo para você cair na rede dela. Seus amigos não têm culpa de sua tensão! Talvez aqueles bandidos tenham tido sucesso, assustaram-no como desejado.

Tonio tentou repreendê-la em vão:

- Ella, concentre-se no ensaio.

Eles tinham mudado o teor dos ensaios que estava mais agressivo, embora aquele repertório não deixava as paredes e as portas trancadas da taverna, restrito aos ouvidos de Lucha.

- Chega de ensaio. Se não quer usar nosso poder contra Samantha, dê a cartada final!

Ele soltou as baquetas, vencido:

- Que cartada, Ella? Não sei se é ela, não iria feri-la. Não serei injusto!

- Apenas escreva dispensando-a. Respeitosamente!

Martius coçou o queixo, satisfeito com o gesto para expor suas dúvidas. Lucha, de trás do balcão, aprovou. Tonio ainda manteve suas reservas:

- Não saberia o que escrever.

Ele foi ingênuo em achar que Ella desistiria tão facilmente:

- Eu escrevo. Lucha, me ajude.

Lucha deu algumas opiniões, Ella dirigiu o tom da mensagem, até Tonio entrevistou. Por fim, ele recebeu uma carta direta e sem piedade, porém sem crueldades desnecessárias.

A violinista concluiu, orgulhosa de seu trabalho em defender o amigo:

- Se ela for inocente, irá respeitar e você se livra de um estorvo.

Ele espetou:

- E se ela não for?

- Terá eliminado uma abordagem.

Tonio se calou e enfiou a carta no bolso para evitar alimentar o assunto. *“Eu quero é evitar abordagens”*.

Conseguiram esquecer o episódio por cerca de três semanas, quando Lucha foi à casa de Tessa. Mostrou sua urgência ao saltar os cumprimentos:

- Lembra-se que me contou sobre uma poção para localizar pessoas, desde que conhecidas?

Tessa sentiu a tensão no ar:

- Sim.

- Tem o suficiente para localizar Tonio?

- Xiii...

Ela tinha o suficiente. A interjeição foi pelo infortúnio da situação. Precisava de mais informações:

- Como aconteceu?

- Não sei. Martius chegou dizendo que Tonio sumiu. Procuramos, e nada.

Tessa estava calma e tentou influenciar a amiga:

- Fique tranquila que ela só é perigosa se provocada. Tonio é prudente.

- Acho que ele tem toda condição de lidar com Samantha. Minha preocupação é se não for ela.

- Ella e Martius também pensam assim?

Conversavam enquanto Tessa preparava a poção.

- Ella tem certeza de que é Samantha. Martius pouco disse. Colocou arco e flecha nas costas, e saiu de espada na mão até a casa de Tonio.

Tessa apertou os olhos:

- Não conferiram o lugar mais óbvio? Sabem que ele se atrasa!

Lucha se deu ao trabalho de responder com um gesto. Martius vasculhara tudo, e por várias vezes. Era impossível ficar parado esperando. Ella logo surgiu na casa de Tessa, aflita por não encontrar Martius:

- Ele está pela cidade. Não deveria tê-lo deixado ir só.

A tentativa de Lucha acalmá-la foi débil:

- Ele dá conta. Desde que não encontre Tonio em perigo, pois assim iria se atirar. Tonio deve estar negociando.

Ella discordou:

- Tonio irá com tudo caso se sinta ameaçado!

- Até lá ele procura se controlar! Principalmente se estiver com Samantha.

Tessa interrompeu as conjecturas:

- Pronto. – Entregou a Lucha. – É só beber.

Lucha hesitou. Ella pensou ter entendido a dúvida:

- Como vai funcionar?

- Ela irá sentir a direção em que ele está. Como um imã.

Lucha passou o copo para Ella:

- Beba você.

- Lucha!

- Não funciona comigo. Beba.

Tessa entreviu:

- Não há perigo.

- Não ouviram o que eu disse? Não funciona comigo! Digo, pode não funcionar. Ella deve beber.

Ella não entendeu. Tessa olhou interrogativamente para Lucha, com uma silenciosa exigência por explicações. Sem saída por falta de tempo, Lucha desviou o olhar para dizer:

- Já tem magia sobre mim. Qualquer outra pode não funcionar. Se entrarem em conflito, perderemos tempo para fazer mais.

Ella guardou aquelas palavras, mas bebeu rapidamente pensando no bem-estar de Tonio. E como um imã, ela sentiu uma atração em uma direção que crescia à medida que se aproximava de uma casa a sul da cidade, incrustada em terreno acidentado que seria facilmente encontrada por Martius se no campo. Na cidade, a poção levou as três mulheres para uma situação constrangedora, ligeiramente cômica, mas também perigosa. Tonio estava mal amarrado com Samantha ao seu lado de olhos vermelhos. Ele explicava pacientemente porquê não ficariam juntos. Ella percebeu que ele poderia facilmente se soltar. Desconfiou que deixou ser levado. Tessa se abaixou atraída pelo cheiro de um líquido derramado ao chão. Aproximou o nariz para perto, colocando-se de cócoras. Em seguida, exclamou:

- Eu acho que você preparou errado essa poção, amiga.

Samantha enxugava as lágrimas. Tonio fez um gesto negativo com a cabeça indicando que não fora usada, e preocupado, perguntou por Martius.

- Feito louco pressionando pessoas nas paredes para saber de você.

Tonio começava a mostrar impaciência ao saber dos seus, mas não direcionava sua agressividade a Samantha.

- Ele seria mais útil aqui que vocês.

Ofendida, Lucha se cansou:

- Vou embora.

Ella a impediu:

- Não ouse. A situação é séria sim.

Tessa estava atenta a tecer fios de um bordado imaginário. Samantha finalmente falou:

- Você não disse que elas nada significam? São apenas alunas?

Ella o fitou com ironia. Ele a ignorou para responder a Samantha:

- E são. Para elas, vir aqui atrás de mim não passa de um treinamento.

Ella captou algo naquelas palavras. Tonio não teria tanta paciência com quem o amarrara para declarar amor eterno. Ele tinha a voz compreensiva por demais:

- Não acha injusto que alguém morra por um simples exercício?
- Você não é um exercício para mim!

Mesmo amarrado, as cordas frouxas o permitiram pegar na mão de Samantha:

- São meus amigos, Samantha. Por favor, diga onde colocou. Precisamos saber quem bebeu.

Em alerta, Tessa procurava qualquer reação de envenenamento em Lucha e Ella. Lucha a lançou um olhar cúmplice. Ella recuou um passo, pensando em Martius.

Aquela conversa ainda iria demorar e poderia ser fatal. Tessa se adiantou:

- Por via das dúvidas, farei uma poção para anular o efeito, basta que todos a bebam.

Samantha sorriu tristemente:

- Não há antídoto.

Foi informação suficiente para eliminar os venenos mais óbvios. Tessa retrucou:

- Sempre há, minha cara.

Lucha jogou sua carta:

- Havia um suco estranho amarelo pardo no balcão no final da manhã de ontem. Pensei que era uma experiência exótica de Ascânio na cozinha, mas acho que agora sei a origem do que tomei.

Ella soltou um gemido. Lucha estava impassível. Tonio não sabia se ela blefava.

Samantha respondeu:

- Então eu lamento.

Tonio se levantou de súbito, encerrando a extensão de sua gentileza. Lucha manteve-se ainda calma, desinteressada na ameaça.

- É melhor você encontrar Martius para conferir se ele chegou a experimentar. Eu tomei mais da metade, mas ele esteve lá antes que eu tivesse jogado o resto fora. – Voltou-se a Samantha. – Se tivesse se dedicado, teria nós três.

Samantha justificou, contraditoriamente triste por palavras sem arrependimento:

- Uma perda já é o bastante.

Tonio não estava interessado nos motivos de Samantha, adiantou-se a distribuir as ordens:

- Ella, não a deixe sair. Tessa, pode preparar um antídoto?
- Não tem cura!

Tessa a ignorou:

- Vou tentar algo com certeza, mas...

Lucha a interrompeu, pois Tonio já se dirigia à porta:

- Se Martius bebeu, só experimentou. A garrafa estava cheia quando peguei. Só confirme que ele esteja bem.

Tonio a olhou com preocupação e saiu. Lucha sentou-se ao lado de Samantha, o carinho em sua voz ressaltou naquela atmosfera de apatia que as envolveu, ambas entregues ao seu destino:

- Samantha, se Martius estiver limpo, vamos encaminhá-la a quem poderá ajudar, está bem? – Não alterou o seu tom fraternal ao continuar. –Se ele morrer, vou arrancar sua pele devagar enquanto seu sangue é drenado em um pote do qual vou me alimentar, está bem, minha querida?

Ella imaginou se Lucha já delirava, pois ela continuava inabalada em sua doçura. A violinista arriscou uma opinião baseada em seu desejo:

- Eu acho que Martius não bebeu.

- Assim espero.

- Não tenha medo. Tessa fará a poção correta.

Samantha entrevistou:

- Eu já disse que não há poção para essa receita.

Ella aproveitou a deixa:

- Por que não?

- Eu pesquisei.

- Você não tem acesso a livros como esse.

- Não vai arrancar qualquer solução de mim.

Lucha apaziguou:

- Fique tranquila Ella. Eu não vou morrer se Martius não morrer, embora eu vá ficar muito mal.

Ella tentou captar algum código naquelas palavras. Lucha percebeu que teria que explicar mais:

- Lembra-se do que falei na casa de Tessa?

- Ah, venenos? Não se referiu a magia?

- Sim, a magia. Creio que estou sob alguma no momento. Estou ouvindo um canto distante desde cedo me alertando de um mal que será uma tortura insana, e contam como posso escapar.

- Canto?

- Eu disse que tinha meus contatos, não disse?

Tonio e Martius surgiram.

- Lucha?

- Então?

Martius esclareceu:

- Eu não. Como você está?

Não respondeu a Martius, mas dirigiu-se a Samantha:

- Ótimo, mais uma vida permanece no mundo.

Só Ella entendeu. Tonio tentou organizar:

- Vamos amarrá-la. Depois mandaremos alguém. Temos que cuidar de você agora.

- Já tenho tudo sob controle. – Lucha murmurou.

Ele tomava as rédeas:

- Nós cuidaremos de tudo, Lucha.

Martius foi mais compreensivo:

- O que pretende fazer?

- Vou beber o que Tessa me der. Será doloroso. Aí vou precisar da ajuda de vocês, alternadamente. Ella a princípio, Tonio no final.

- Para fazermos o quê?

- Tocar sem parar. O tempo todo. Se vocês aguentarem, eu aguento.

*

Martius estava à frente da única lareira acesa da taverna, ouvia o violino no andar superior. Tonio entrou:

- Como ela está?

- Como previu. Quando começou a se contorcer em dor, Ella começou a tocar e foi se acalmando. Ainda tinha uns espasmos quando saí.

Tonio sentou ao seu lado ao ouvir a pergunta do rastreador:

- E Samantha?

Ele respondeu com um gesto negativo, alheio a um desabafo apesar do rancor. Martius se satisfez com a ausência de detalhes. Após uma pausa que levou seus pensamentos para longe, Tonio resgatou uma conclusão:

- Ela poderia ter matado todos vocês.

As preocupações de Martius eram apenas em Lucha:

- Não acho que ela vá sobreviver. – Seus olhos embaçaram e fungou para controlar as lágrimas.

- Ainda vamos cumprir seu último desejo. Cada qual irá tocar a seu tempo.

*

Todas as promessas foram cumpridas, dos bardos e de Lucha. Sobreviveu; mesmo após momentos difíceis. Ella tocou até os dedos incharem. Quando o violino parou, Martius saltou da cadeira e subiu com o violão. Já conhecia as canções prediletas de Lucha e incluiu outras tantas com o toque que a confortava. Qualquer intervalo a fazia urrar de dor, e decidiram alternar-se. Como predito, Ella teve mais sucesso no início, Martius apazigou a dor em seguida e Tonio ajudou-a a recobrar sua cor. As explicações vieram dias depois.

- Sim, vocês me salvaram. Mais do que a poção.

Tonio queria mais:

- Como?

- Acho que a poção só amenizou algo, mas meu corpo não teria aguentado sem vocês.

Ele insistiu:

- Como nós a salvamos, Lucha?!

- Ah, hum. Estou certa de que sentiram, pois estavam trabalhando abertamente nisso. Eu precisava de Ella no início, para ter ânimo em enfrentar horas e horas seguidas de cólicas insuportáveis que sabia que estavam por vir. Ao contrário de Tonio, que me deu forças quando as minhas se esgotaram. A música lutou junto com o meu corpo.

- E eu só fiz passar o tempo?

Lucha descontraiu:

- Ah Martius, mesmo morrendo, eu amo ouvir você tocar! – Riu.

Ele se acanhou, Lucha retificou:

- Você me confortou! De verdade, você me trouxe conforto quando me senti só por tanta dor, como se ninguém pudesse entender a intensidade, eu vi e ouvi como você entendeu. – Voltou-se a todos. - Acredito que vocês sabem o que fizeram! Se Martius tivesse bebido a poção, eu não teria suportado! Para mim, ficou clara a atuação de cada um à medida que acontecia.

- E é isso que precisamos entender, Lucha querida. Como já sabia exatamente o que fazer? E pare de falar em vozes! – Adiantou.

Lucha inspirou. Ella não a deixaria fugir da confissão. Aprumou-se na cama, preparando-se para uma longa narrativa. Inspirou lentamente, escolhendo as palavras. Todos respeitaram solenemente o ritual que transformou o olhar cansado, porém aliviado, em algo sombrio e distante.

- Sombrio e distante. São boas palavras para descrever.

Eles se entreolharam antes de Tonio cavar a resposta:

- As vozes?

- Meu passado. As vozes existem, são pessoas reais. Na verdade, - hesitou - criaturas. Cheguei a pensar se não foi uma fantasia que criei em um momento insano de minha vida.

– Um sorriso mordaz zombou de si mesma. – Não pensei, desejei! Pois nunca duvidei que fosse real.

Ella pediu com delicadeza:

- Pode ser menos evasiva?

Ela inspirou novamente. Era difícil falar.

- Certa vez, parti em uma busca a que estava fadada, pois sempre me inquietou. Ao menos, é o que me parece, na época não tinha como saber. Uma busca que me levou longe, terminou no mar. Algumas pessoas se deparam acidentalmente com acontecimentos que os afetam pelo resto da vida, seja por encantamento ou trauma. Não foi meu caso: uma sensação de carência de algo importante na minha vida foi crescendo comigo e, quando adulta, me levou para a costa e lá se tornou ainda mais forte. Só foi saciada quando cheguei ao limite: me deparei com criaturas mágicas, daquelas que habitam as lendas e que ninguém afirma ser testemunha. Bom, quase ninguém, pois essas criaturas me acolheram e expurgaram os meus anseios, até o dia em que me adaptei. Então o processo reverso iria começar, o desejo de voltar ao meu mundo, e quase perdi a vida para retornar! Foi uma experiência assombrosa, mas que eu não conseguiria viver sem ela. Eu precisei passar por tudo aquilo! E consegui deixar para trás, principalmente após conhecer vocês e a magia dos bardos.

Fez uma pausa. Ninguém gosta de confissões.

- Na manhã do envenenamento, senti a presença de minhas irmãs novamente me acompanhando. Falando comigo! Estavam tristes por mim, me confortaram. Demorei a entender e juntar as peças e palavras que me eram jogadas, fazia tempo que não sentia a linguagem delas. Elas me prepararam para o que viria, então eu soube o que fazer e aceitei o processo como mais uma batalha de tantas que já tive. Desta vez, entretanto, com bons aliados ao meu lado.

Silêncio. Pausa que Ella rompeu:

- Essas criaturas te ajudam?

- Regularmente? Não. Ajudaram dessa vez. A essa distância, não creio que poderiam ir além de enviar um alerta. Acho que elas sentiram algo quando bebi. E, não sei como, elas sabiam o que havia à minha volta que poderia ajudar. – Essa parte a amedrontava.

- Então, essas criaturas mágicas são suas boas amigas?

Lucha abaixou a cabeça negativamente, envergonhada:

- Boas? Me chamam de irmã, mas não sei se diria boas. Trazem a morte a qualquer um que lide com elas. Eu não preciso temê-las, embora todo o resto do mundo deve. Inclusive vocês. – *Na verdade, não sei como dizer o quanto temi por vocês.*

*

O movimento na Murta de Fogo voltou ao normal aos poucos. Os bardos voltaram à sua rotina, enquanto Lucha precisou de mais um tempo para compensar os danos no corpo.

Seu preparo físico a permitiu inicialmente descer e dar ordens. Em seguida, enfrentou a noite completa na Murta, para em seguida ter disposição de negociar, transitar pela cidade e assumir as compras para manter o estabelecimento. O último passo seria voltar a treinar com Tonio, em parceria com Ella.

Neste meio tempo, o alívio os envolveu e permitiu que falassem mais no evento. Lucha não voltou a falar no seu passado, mas tiveram notícias de Samantha e remendaram o tecido que ela tramou.

Era viúva do carcereiro chefe da prisão da cidade e herdou as amizades torpes que cercaram Tonio em uma tentativa, como ela confessou posteriormente, de provocar temor e assim fazer com que ele procurasse alguém para desabafar, quando ela ofereceria ajuda e se mostraria ser útil em sua vida.

- Como Tonio procurou por nós, Samantha viu que poderia consolá-lo caso ele perdesse pelo menos um.

- Doentio. - Tonio ainda se sentia desconfortável, levantou-se e foi se acalmar no ar frio da madrugada.

Os bardos já haviam terminado, mas a Murta continuava aberta para os poucos bêbados que se recusavam a largar o copo e abraçar a cama. Ella decidiu acompanhá-lo, era quem o acalmava quando a irritação o tomava:

- Fique tranquilo, ela não volta.

- Estou tranquilo. Só me dá raiva. Não acho que tenha feito algo para provocá-la assim.

- Era doença, eu acho. Não importa. A culpa foi minha em fazê-lo enviar a carta de rompimento.

- Carta? – Tonio hesitou. – Hum... A carta. Tenho que confessar algo.

Ella se interessou, o silêncio deu segurança para que continuasse:

- Eu... nunca enviei aquela carta. – Tentou dizer casualmente.

Ella piscou repetidamente, a pensar sobre o significado.

- Como nunca? Eu perguntava se ela havia respondido, você dizia que não.

- Não respondeu porque nada recebeu. – Se desarmou. – Ah, Ella, eu achei invasiva, preferi não enviar.

- Tonio, você mentiu para mim?

- Só para evitar problemas. E foi mais uma omissão.

- Foi mentira. Achei que tínhamos o bastante para não escondermos nossas vidas! Bastava dizer que não queria enviar, eu iria entender!

- Não iria! Iria insistir, cobrar, esgotar minha paciência tanto quanto Samantha.

Ella levantou o dedo e a voz:

- Não me compare a ela!

Tonio não quis argumentar, Ella continuou:

- Como pode quebrar nossa confiança assim? Todos acreditamos que tinha enviado!
- Todos não.
- Ah?
- Eles sabem. Martius logo percebeu, e contei a Lucha dias depois.
- Todos mentiram para mim?
- Hum... omitiram.

Com os olhos apertados, boca contraída e lábios preparados para esmagar, Ella retornou para dentro e parou à frente do balcão, onde Lucha e Martius se encontravam. Eles sentiram a tensão.

- Ella?
- Então vocês sabiam e não me contaram! – Acusou Ella com a voz uma oitava mais aguda.

Eles não faziam ideia do assunto.

- A carta para Samantha! Fizeram com que eu acreditasse que foi enviada, não?

Martius se mexeu no banco, mas nada disse. Lucha tomou a palavra por falta de opção:

- Era um assunto de Tonio, cabia a ele contar. Vejo que acabou de fazer.
- E você não me contou por quê? – Ella se voltou a Lucha.
- Pelo motivo que acabei de dizer. Não era assunto meu.
- Era assunto nosso! Escrevemos a carta juntas.
- Sim, mas se ele não queria enviar, era problema dele.
- E quando eu falava sobre isso, você nada dizia!
- Ei, eu só soube dias depois. Quando você falou sobre a carta, eu também não sabia. Você nunca perguntou a mim depois que Tonio me contou.
- E precisava perguntar repetidamente para que você tivesse me falado?
- Se eu o tivesse visto jogar a carta fora ou algo semelhante, você saberia. Como me foi contado, me foi passado com confiança também, por que eu deveria escolher entre você e Tonio?

Martius continuava calado, apenas olhava quando Tonio entrou:

- Era um assunto que eu tinha que resolver, não vocês.

Ella continuava revoltada:

- Acha mesmo? Então por que me deixou acreditar que tinha enviado? Era só dizer que não queria mandar a carta.
- Eu contei quando achei que deveria.

- E eu pensei que eu era a culpada. – Apontou para si. – Todo esse tempo, eu pensei que provoquei aquilo.

Martius entrevistou:

- Ei, ninguém tem culpa.

- Porque vocês sabiam que a carta nada tinha com a história! Eu não!

Lucha tentou se desculpar como sabia:

- Lamento Ella. Se você me confessar algo sobre Tonio, também não direi a ele.

Pouco ajudou:

- Eu jamais faria isso, Lucha. Essa é a diferença, eu não vou guardar segredos de vocês. É nisso que se baseia a confiança.

- Então peço desculpas, mas ainda não denunciaria algo que me foi dito também por confiança. A mesma que você está me cobrando. Resolvam vocês. Espero que nunca venha a escolher um dentre os três.

Martius tentava encontrar um meio de apaziguar os ânimos:

- Não é melhor deixarmos isso de lado?

Ao ver a preocupação dele, Ella deixou clara a abrangência da crise:

- Vamos deixar, Martius! Só estou magoada. E preciso que saibam.

Um pouco mais aliviado, Tonio tentou emendar:

- Entendemos. Desculpe, não farei isso mais.

A violinista aceitou o pedido em partes. Ainda queria insistir:

- Não é o que esperava de vocês!

Tonio começava a mostrar sinais de impaciência:

- Já falamos sobre isso!

- Já falamos. E com Martius converso amanhã. – Ele se encolheu ao ouvir se nome. – Só quero que saibam que me feriram.

Silêncio. A secura da voz de Ella pareceu sugar a umidade até das paredes:

- Boa noite.

*

A mágoa não demorou a passar. Eles tinham mais a compartilhar e as diferentes proporções que o episódio teve para cada um dos envolvidos não corrompeu os laços que os uniram. Continuaram a treinar, a tocar e a brindar juntos.

Tessa eventualmente se juntava a eles, tendo reconhecido parcialmente que os bardos tinham algo de especial, embora não tivesse alcançado a profundidade daquele poder. Tessa enxergava o poder de entretenimento e a capacidade de unirem os mais dispostos para a diversão, mas a música que a atraía era outra e não voltou sua atenção aos acordes

que despertavam a magia. Ela treinava com Lucha e Tonio, ao qual se aproximou mais que o esperado inicialmente.

Fizeram planos de trabalhos em conjunto. Tessa acionou suas aprendizes para pesquisar as poções que davam vitalidade ao corpo a pedido de Tonio, com um olhar de maldade que ele não fez questão de esclarecer. Penélope, a mais esquelética e dedicada das pupilas, investigava as últimas descobertas sobre força e vitalidade humanas e levava empolgada para que Tonio estudasse. Tessa se debruçava sobre seu ombro reconhecendo naquelas intenções um interesse em ampliar um potencial fisiológico, mas por desconhecer a sua capacidade com a música, justificou a pesquisa apenas pela luta.

Por diversas vezes, Lucha convidou Tessa para as noites na Murta de Fogo. Ela aceitou algumas, mas para se distrair ao assumir o bar e, conforme Lucha desconfiava, temperar as bebidas com ingredientes especiais que elevaram os ânimos ou provocavam situações adversas. Os bardos controlavam os desvios com as músicas, e assim neutralizavam as brincadeiras de Tessa.

Este espírito desordeiro não impedia que Tonio tivesse um carinho especial pela sua nova aluna. Ao contrário, ele se sentia atraído pela energia e bom humor que ela emanava, mesmo ao lidar com situações sombrias, como se o mundo não tivesse problemas e a noite não tivesse perigos. Tessa dava leveza a Tonio e Lucha. Pouco alcançou Martius e Ella tanto pela música como pela hora em que funcionavam. O lado sombrio de Tessa era parte da noite, como Lucha e Tonio, e se contrastava com o dia que Ella emanava e que Martius naturalmente acompanhava.

Penélope passava horas dedicada aos interesses de Tonio, o que nada incomodava a Tessa, mas que chamou a atenção de Lucha.

- É praticamente uma criança, não vá criar outra Samantha em sua vida.

Tonio não gostou do que não soube ser uma brincadeira ou uma séria advertência.

- Não levante essa história novamente! E Penélope só quer saber da pesquisa, ela está mais próxima de Martius que de mim.

Ao procurar esclarecer as palavras de Tonio, soube que a dedicação da adolescente a levava frequentemente à casa de Tonio e a fez se aproximar de Martius, que se tornou um confidente. Após um tempo, ele anunciou:

- Ela é minha afilhada! Vou batizá-la.

- Para qual deus?

- Ela vai beber a primeira caneca de cerveja dada por minhas mãos! – Disse com orgulho.

A partir da cerimônia que ocorreu no salão de treino de Tonio, Martius deixou um carinho especial nascer por quem ele julgou ter responsabilidade. Ella concordou:

- E tem mesmo! Não vá me decepcionar!

- Não vou decepcionar a minha afilhada!

Embora Penélope não frequentasse a noite, o sorriso de Martius e os cuidados adicionais que ele voltava exclusivamente a Penélope agradaram a Ella, que acabou por comentar:

- Ele precisava de alguém assim.

Lucha:

- Ele só tem carinho por ela. Como um protetor.

Ella concordou ao explicar o que via em suas conversas privadas com o rastreador:

- Martius não é o bruto que quer transparecer. Demonstrar carinho já é o bastante.

- Então ele está indo bem. – Lucha se lembrou da conversa que certa vez teve com Tonio.

E havia mesmo melhorado. Ainda era intempestivo, disposto a enfrentar qualquer um antes de perguntar, o que Tonio controlava com louvor. Sua crença de que o mundo era uma ameaça ainda permanecia, mas se transmutava em um instinto protetor àqueles que considerava serem ameaçados por este mundo. A aparente fragilidade de Penélope, denunciada pela sua magreza e uma cor rosada como se fosse desprovida de pele, despertou a disposição de Martius de socializar com outros além dos bardos, e permitiu que ele fizesse as pazes com a cidade, embora ainda precisasse descarregar seu temperamento nas matas além do vale.

Esse mesmo instinto protetor se inflamou quando ele viu Demétrio pela primeira vez, e saltou veloz do palco com o ímpeto em enfrentar aquilo que reconheceu instantaneamente ser uma ameaça.

*

Martius tocava absorto na dança de suas cordas, cabeça baixa e olhos semicerrados. Estava no palco à frente da parede da rua, enquanto Tonio se posicionava ao fundo e Ella no lado oposto, perto da parede onde, mais à frente, estava a lareira principal do estabelecimento. A música era tranquila, para elevar o espírito de contemplação e carregar os ouvintes a passados felizes e saudosos. O violino gerava um som ao balanço do corpo de Ella e a percussão, a regularidade exigida pela balada.

Lucha estava ao fundo da taverna em sua localização habitual de onde controlava a dinâmica da noite. Situava-se pouco atrás da lareira principal, ao final da parede onde ficava alinhada com Ella. Dali, ela cercava o acesso ao andar superior, que era privativo, além da passagem aos banheiros e a entrada ao balcão, mais ao fundo, que coincidia com a porta da cozinha. Estava em distância igual do palco e da porta da rua, onde podia visualizar qualquer ponto com um leve giro de cabeça.

Embora consumisse a música, Lucha estava nos seus momentos de atenção e sentiu o desconforto envolvê-la antes mesmo de Demétrio entrar. Ao se voltar para porta, já esperava algo. A figura imponente tinha um olhar aparentemente calmo que disfarçava a escuridão abissal de olhos cercados por vincos profundos que atestavam tormentos mal superados. Sua boca carregava um sorriso tênue incomum àqueles músculos, mas sincero pela cena que presenciava: fitava Ella!

Lucha deslizou diligente pelas mesas. Ella levantou a cabeça e seu braço se soltou de seu comando. Desafinou ao congelar de pavor. Tonio parou imediatamente, dirigindo seus olhos para onde Ella se perdeu. De seu lugar, estendeu a mão a Ella enquanto Martius já havia localizado a mesma fonte e saltava instintivamente para se colocar entre o palco e o que quisesse fosse aquele contratempo. Naquele momento, Lucha se colocava à frente de Demétrio em defesa de seu território, olhos fixos de fúria controlada:

- Saia!

Demétrio abaixou a cabeça e seu sorriso desapareceu ao fitar a pequena figura a bloquear sua passagem. Estudou-a por um segundo e expirou o pouco ar que retinha nos pulmões, desfigurando seu semblante vitorioso enquanto se voltava para a porta e extinguiu a oportunidade de Martius o desafiar. Tonio estava inclinado sobre seus instrumentos a segurar firme a mão de Ella. Ao alcançar Lucha, confronto sabotado pela antecipação da taberneira, Martius perguntou:

- Quem é?

- Um bruxo.

Lucha se voltou para dentro certa de que aquele homem não voltaria naquela noite.

*

O ambiente ficou pesado e logo expulsou os convivas, tanto pela violência enfeitiçada pela interrupção abrupta de Ella, quanto pelos olhares trocados entre músicos. A um sinal de Lucha, a experiência de Ascânio e Corvino expulsou cordialmente os poucos fregueses sem tato que transpareciam querer resistir. A Murta de Fogo fechou cedo.

Martius se movia como um animal enjaulado, desejava perseguir a causa daquela coação tanto quanto ficar. A inércia da situação o corroía, mas quando tentou sair Lucha o segurou, apontando a cabeça para Tonio que confirmou o pedido para que ficasse. Sua sensação de impotência aumentava pelo silêncio quebrado apenas pelos seus passos, desejoso de, ao menos, informar-se para saber como confortar Ella.

Quem tentava confortá-la era Tonio que, ao seu lado, sussurrava palavras que foram entrando devagar em sua mente. Sentada na cadeira mais distante da porta, Ella tinha olhos perdidos em um despercebido copo em sua mão, entregue a pensamentos desconexos e lembranças esmagadoras.

À sua frente estava Lucha, porém no lado oposto do salão, encostada de pé na face externa do balcão perto de seu posto habitual, como se ainda fosse preciso controlar o ambiente. Esperava que Ella se recobrasse com o apoio de Tonio, que claramente estava a par dos acontecimentos. Aguardava que Tonio a resgatasse enquanto se perguntava se aquela seria uma noite para ouvir. Era certo que seria uma noite longa.

Incomodada com a inquietude de Martius, Lucha ia quebrar o silêncio quando viu que Tonio alcançou Ella, que levantou a cabeça e o fitou, finalmente atenta para as palavras inaudíveis aos outros dois. Martius também captou o movimento de seu murmúrio:

- Ele não vai parar até ter o que quer!

O instinto do rastreador argumentou alto:

- Então nós o destruimos!

Ella e Tonio se voltaram a ele, a primeira com raiva e dor:

- Você nem sabe do que está falando!

Foi uma acusação que transformou seu espírito bélico em súplica:

- Então me conte! – Expôs as mãos vazias para a violista, que se comoveu ao ver o sofrimento que causava a seu jovem amigo. Entretanto, lembrou-se do sofrimento maior que causou a outros que amou.

- Não posso envolvê-lo. O melhor para todos é permanecer longe dele.

Tonio entrevistou, preparado para aquele argumento:

- Não foi para isso que mudamos o foco dos nossos ensaios? Agora acha que recuaremos para que lute só?

Ella se preocupava com seus parceiros com amor abnegado:

- Era uma teoria. Nem estamos prontos. Não vou sacrificá-los para testar um poder que sei que não será suficiente.

- Por que acha que não? - Lucha entrou na conversa. Permanecia de braços cruzados.

Enquanto Ella procurava as palavras, Martius reforçou:

- Exato! Por que acha que não somos capazes?

Lucha corrigiu:

- Desculpe, Martius, mas não foi o que perguntei. Queria saber por que Ella pensa que esse sujeito é tão poderoso. Precisamos conhecer o inimigo.

Olhos profundos e inchados a fitaram:

- Ele é um necromante.

A resposta não afetou a taverneira. Aguardava mais. O silêncio aquiescente de Tonio e chocado de Martius pressionou Ella a continuar:

- Ele eliminou as pessoas próximas a mim enquanto construía uma armadilha que quase me dragou para uma magia de morte. Ele planejou escravizar minha vontade e me destruir na necromancia.

Martius tremeu de raiva. Tonio baixou a cabeça, a confirmar com um leve movimento a história. Lucha ainda avaliava.

- E você acha que seria destruída?

Ella se viu em uma arguição. Defendeu-se:

- Lucha, eu tenho certeza! Aquilo não é para mim, eu não sobreviveria àquela magia.

Lucha se moveu devagar, deslizou a mão esquerda sobre o balcão, mas ainda fixada em Ella.

- Eu acho que você sobreviveria. Seria consumida pelo mal, com certeza! – Levantou o indicador no ar, a apontar o teto ao argumentar como um catedrático. – Porém, seu dom é maior que o dele! O que ele possui se baseia em conhecimento advindo do estudo, ele deseja ser mais forte que realmente é. Assim que sua instrução a possibilitasse se equiparar a ele, você o destruiria. Só o controle deste indivíduo sobre sua vontade poderia impedi-la. Conhecendo-a, eu acho que você iria se sobrepor a esse bruxo em pouco tempo.

Tonio rejeitou com repulsa o que ouvia, desafiando:

- Lucha, está sugerindo que ela ceda?

- Claro que não. – Compartilhou a repulsa. – Ella não voltaria! Seria consumida, embora mantivesse sua vida! Tudo que é Ella hoje, deixaria de existir. Sequer cogito isso!

Ella repetiu para si:

- Consumida. – Atestou para os demais. – Eu senti algo assim na entrada do covil.

Tonio estava mais interessado em estudar as palavras de Lucha:

- As coisas que você diz, são suas vozes?

Lucha sorriu, desconfortável com a lembrança:

- Não. E não creio que elas irão me alertar sobre o necromante, não as interessa. Além disso, a magia de morte dele é tão clara para mim quanto a de vida que vocês carregam, não preciso de alertas.

- Magias opostas. – Tonio levantou as sobrancelhas. Seus questionamentos não haviam cessado. – E como você consegue identificar as duas?

Ela tentou disfarçar a invasão perceptiva de Tonio.

- Experiência. – Pulou para trás do balcão para organizar canecas, garrafas e barris, evitando encará-los.

Ao perceber a evasão da taverneira, Ella se levantou e caminhou devagar até o balcão. Um sorriso frágil para Martius denotou recuperar sua confiança e permitiu que ele oferecesse o braço, que aceitou para apoiar-se fraternalmente. Tonio estava próximo do balcão, e a apoiou com o olhar.

- Lucha, eu estive na porta de entrada de um covil de necromantes, após passar por catacumbas com ossadas humanas para todos os lados. Senti a morte subindo por aquela porta e me envolvendo, havia dor e sofrimento a esmagar tudo que era vivo à nossa volta. Eu não quero isso para vocês!

Lucha estava de costas, não se virou para responder. Na verdade, para perguntar:

- Vocês sabem por que tantas pessoas temem enfrentar a morte, mesmo que não seja a sua própria?

Era retórica, e assim permaneceu.

- Não a conhecemos de fato, ao passo que a morte nos conhece muito bem.

Não havia resposta para o comentário que direcionava cada um mais para dentro de si.

- Ella, não foi a morte que se elevou às catacumbas. Ela já reside dentre os mortos. O que você sentiu foi o mal!

Ella baixou a cabeça, lembrando-se “Eu não sou o que há lá dentro!”.

Após uma pausa, Lucha concluiu:

- Quer viver com este mal no seu encalço?

E a própria Ella completou, com olhos úmidos:

- Para que um dia me alcance?

Todos respeitaram o estalar da lenha na lareira e nenhum outro som foi emitido, em um mantra solitário que alimentou a visão das consequências, cenários e futuros diversos decorrentes daquelas últimas palavras. Ella eliminou um arrepio com uma inspiração profunda para revigorar seu horizonte:

- Lucha reconheceu o que tínhamos, quando nem nós fomos capazes. Se ela diz que podemos enfrentá-lo, não vou recusar. Vocês são a minha força!

3. O NECROMANTE

Lucha recomendou que Ella passasse a noite na Murta de Fogo. Demétrio certamente reconheceu haver poder na música que ouviu, embora o canto brando não deixara que identificasse a extensão do que teria que enfrentar. Previram que seriam atacados e precisavam planejar. Ella demorou para relaxar, recusando-se a dormir, mas a exaustão do choque e o apoio dos bardos fizeram-na se entregar ao sono ao amanhecer.

Ao acordar, metade do dia já havia passado e Tonio e Martius estavam ausentes. Descia a escada quando Lucha ouviu seus passos e correu para encontrá-la. Ficou levemente insegura ao saber que estavam fora:

- Seu poder é maior à noite, mas ele ainda pode afetá-los.
- Não acho que ele os afetará até saber do que são capazes. Pelo que você disse, não é alguém que subestima o inimigo. – Fitou Ella intrigada antes de perguntar. - Não deveria estar preocupada de que ele venha até você?

Ella levantou a cabeça instintivamente, para depois olhar devagar sobre o ombro. Lucha riu, ela própria estava despreocupada naquele momento. Ella apertou os olhos astutos, desconfiada, desvendou a máscara que aprendeu a reconhecer.

- O que você não contou dessa vez, Lucha?

A taverneira inspirou, moveu a cabeça a relaxar a nuca e finalizou o movimento ao devolver o olhar inquisidor de Ella com uma rendição cúmplice. Aos poucos, acostumara-se com o caminho aberto por Ella para revelar seu passado e alguns de seus segredos para os bardos. Sem intenção em resistir, deixava que esse curso seguisse como uma corrente que a levava mar afora. Porém, ao contrário do oceano, havia uma bonança nessa entrega.

- Qual parte te alertou?
- Você está arrumando a casa.

Lucha riu novamente. Ella testemunhou uma transformação mordaz naquele sorriso.

- Não tenho experiência em reconhecer necromancia, ,mas você não vai gostar!
- Acho que estou esperando essa informação faz tempo.

Lucha confirmou com um movimento com a cabeça concluído ao fitar Ella em uma mistura de desafio amigável:

- Tenho atração! Ele detém a arte da morte, e isso me atrai.

Ella nada disse. Lucha aproveitou para justificar:

- Os bardos também me atraem. São como duas âncoras que me puxam para os bordos opostos do navio. Claro, a dele irá me puxar para o fundo.
- E nós não?
- Por vocês, eu afundo! Ao menos terei um motivo.

- Então você acha que irá afundar conosco?

A taverneira suspirou, pensativa:

- Não. Não foi uma boa comparação. Vocês me mantêm na superfície, perto do sol, do vento e da vida, - sentou-se para ponderar. - mas para que vocês se mantenham na superfície, eu estou disposta a afundar com o bruxo.

Ella levantou uma sobrancelha, severa:

- Você não sabe o que diz!

- Acho que sim. Ele é perigoso, não nego! Vocês detêm mais poder mágico, o dom é natural. Contudo, ele é experiente, calejado, tem cicatrizes visíveis que corroboram ter passado por muitos apuros.

Ella estremeceu. Demétrio envelheceu anos em meses, e ela desconfiava o motivo. Ainda ouvia os gritos quando o abandonou à porta do covil. Lucha não percebeu, deu continuidade à sua análise:

- Entenda, eu não quero isso. Já escolhi o meu lado, mas sei que se o enfrentar, eu afundo, - e nesse momento seu olhar mordaz retornou mais forte, acrescido de um prazer faminto – mas vou consumi-lo por completo e desconstruir sua existência de maneira pior do que ele jamais sonhou em fazer você sofrer! – Estremeceu, Ella não conseguiu perceber se de prazer, ou de medo. – O bruxo percebeu o que eu sou ontem. Não irá ousar a se aproximar de meu domínio.

E pior que a ameaça, foi o medo que ela finalmente revelou:

- E como sei que não volto, não quero ir!

Ella segurou sua mão e a confortou:

- Os bardos não são só a minha força, não é?

*

Enquanto esteve no Vale da Rã, Tonio aprendeu a ter paz e aceitar a vida que lhe parecia satisfatória. No entanto, os bardos deram mais que aquiescência à vida. Voltou a sentir prazer na companhia alheia, a rir e a se permitir ser bobo novamente.

Ele se lembrou do dia em que correu bêbado e descalço pela madrugada até a Murta de Fogo apenas para resgatar uma chave enquanto Ella e Martius corriam atrás ensandecidos pelo seu estado. Ele ia saltando por caixotes e barris, desviando de cães vadios, sentindo-se o comandante de uma matilha vivaz e feliz. Fez as casas acordarem mais cedo naquele amanhecer e Ella e Martius enfrentarem os gritos e xingamentos, pois não parava para que houvesse tempo dele ser identificado como autor da balbúrdia de uivos e latidos. Lucha não o deixou entrar, mas entregou as chaves à porta da Murta de Fogo coberta em uma manta, mais atenta ao olhar feroz de Ella que chegava no fim da rua do que no sorriso adolescente de Tonio. Ela riu cinicamente sabendo o que o esperava, desejou sorte com a violinista e fechou a porta.

Ele riu com a lembrança. Enfrentou a zombaria de Martius e Lucha por semanas, mas aquela parte era a mais fácil. Ella nada disse naquela manhã, apenas o chicoteou com um olhar que se transformou em um discurso sobre responsabilidade no fim daquele dia. Tonio era o mais responsável dentre todos, mas deixou de reacear mostrar seu lado infantil e ser tido como fraco entre os bardos. Com eles, era tão criança em fazer caras e vozes nos jogos e esquecer que portava uma espada pesada e a leveza de um Lanceiro Perpétuo. Eles viravam os olhos para sua competitividade e seguiam para o próximo jogo, sem valorizar sua vitória nada modesta nas cartas e dados.

Ele tinha o sorriso mais despreocupado e uma capacidade de transformar o caos em estabilidade que contagiava o grupo. Sua afirmação frequente de que estava pronto para espalhar a discórdia unia os demais, mesmo que fossem contra ele mesmo. No entanto, embora fosse o elemento unificador, ele se amparava na maneira como os outros lidavam com a vida: no entusiasmo natural de Ella de seguir em frente, na praticidade de Lucha em simplificar os problemas e na impulsividade de Martius nas escolhas.

Passou meses se preparando para o momento em que Demétrio pudesse finalmente surgir, e chegou a acreditar que aquele dia não chegaria. Não era mais um trabalho, e o receio em falhar com Ella se avultou de uma maneira que não esperava. Sentado na penumbra, ouvia o som da água corrente a um canto e tentava colocar os pensamentos em ordem, mas a ansiedade pela proximidade de Demétrio e, principalmente, por desconhecer seu paradeiro naquele exato momento impedia que o treinamento com os Lanceiros Perpétuos protegesse sua concentração. Estava disperso e lutava por controlar a ansiedade, com pensamentos desconexos que sempre se voltavam à Murta de Fogo. Lucha garantiu que ele não retornaria naquele dia nem noite, seus argumentos foram bons. Demétrio reconheceu que Ella não estava só e iria se preparar. Mau sinal. Tonio não sabia como poderia se preparar. Levantou, pegou os instrumentos e tentou esgotar sua ansiedade da melhor maneira que era capaz.

Martius entrou com o arco e um punhado de flechas nas costas e lança na mão. Tinha ouvido as batidas de Tonio do pé da escada e inflou o peito absorvendo os estrondos. Sua inquietude encontrou um adversário que a subjugou e, renovado ao concentrar sua atenção em combinar os passos nos degraus com a cadência da percussão, chegou a Tonio pronto para debater em lugar de se lançar às ruas à procura de um estranho necromante.

- Isso ajuda.

- Para você também? – Tonio colocou as baquetas de lado. – Está pronto para quê?

Martius suspirou:

- Para o que for preciso.

Tonio desabafou:

- O problema é que não sei o que é preciso!

- O que for. Não podemos abandonar Ella.

- Não vamos. Mas não sei como agir com um necromante. Estou pensando em pedir ajuda a Tessa.

- Vai envolvê-la, Tonio? – Martius se aproximou da janela, entreabriu uma folha para conferir a rua.

- Precisamos de um elemento surpresa. Tessa pode ter algo que seja útil contra um poder desses.

Martius tinha dúvidas. Tessa se auto intitulava sombria e experiente, mas ela mais testemunhara que realmente enfrentara uma crise tão séria.

- Lucha disse que Demétrio percebeu que ela o identificou, e que deve ter sentido poder em nossa música, mas não necessariamente a relacionou a nós dois.

- Ele logo vai saber. Ele reconheceu Ella como barda, acha que não terá nos reconhecido?

- Não teve tempo suficiente. Lucha o interpelou de imediato.

- Não podemos arriscar. Alguma poção de Tessa pode ser nosso diferencial.

Martius suspirou, Tonio parecia decidido.

- E nossos ensaios?

- Nunca os colocamos à prova. Não é hora de sermos confiantes.

*

Tessa foi chamada. Um ar funesto a tomou quando ouviu a palavra necromante. Ela concordava em silêncio, pensamento efervescente e ouvidos atentos.

Martius sorriu para Penélope quando ela passou por eles, fez sinal para que se afastasse, a fim de evitar que ouvisse mais que deveria.

Tonio continuava a narrar a crise com uma breve introdução do passado recente de Ella. Tessa queria saber a extensão do poder de Demétrio. Tonio engoliu em seco:

- Não sabemos. Apenas Ella o confrontou.

- E o que ela diz?

- Eles se confrontaram diversas vezes, mas na música, e à distância. Ella não sabe dizer se ele usou magia para matar.

- Eu consideraria que sim.

- Eu também.

Tessa se decidiu:

- Então, começamos por aí: uma poção de proteção. Você diz que Lucha sente a aproximação dele?

- Sim. – Confirmou Tonio.

Sussurrou:

- Se são congêneres, se reconhecem.

- O quê?

- Nada. – Dirfarçou, sem levantar o olhar. – Falei para mim. Posso fazer algo para que sintam ele se aproximar, como Lucha, mas creio que uma poção para evitar que durmam com algum feitiço entorpecedor pode ser mais eficaz. Não é preciso usar magia quando suas vítimas estão desacordadas.

- Ele certamente usaria algo assim para levar Ella.

- Ele ainda quer levá-la? Não é vingança?

- Não sabemos.

Martius, que cercava a porta por onde viu Penélope, entrevistou:

- Não pode dar poções diferentes a cada um?

- O que você quer?

- Algo que aumente minha velocidade, por exemplo.

Tessa virou o corpo em sua direção, analisando-o:

- Ele usa a morte. Toda a magia dele virá da morte, ou terá relação com ela. Entorpecer a mente, dormir, matar, conjurar mortos, trazer escuridão, medo, isolamento, talvez dor dependendo de seu poder. Um ataque direto não é sua especialidade. Uma aliada como Ella o faria mais poderoso, pois traria outras habilidades. No momento, seu poder se concentra no subterrâneo e tudo que vem dele. Se quer algo para o ataque, sugiro uma poção para ver na escuridão, talvez.

A oferta indecisa foi bem aceita por Tonio, que acenou com a cabeça:

- Parece útil.

- Posso fazer as duas. Cada um tem dois frascos, e decide o que tomar.

Tonio aprovou. Martius realmente gostou da possibilidade.

*

De volta à Murta, eles esperaram. Consideraram que Demétrio não teria reservas a um confronto público, então a taverna não abriu naquela noite. Mantiveram-se acordados por revezamento, Tonio tomou a poção para não dormir sob efeito de magia. Ella tocava eventualmente para captar algum sinal mais distante de Demétrio. Lucha imaginava que experiências deveriam existir no covil de onde o bruxo tinha brotado. Martius foi o único que dormiu rapidamente, relaxamento apropriado para horas anteriores à batalha.

Nada aconteceu.

Ella tentava prever os passos do inimigo:

- Ele está se aparelhando.

Lucha concordou enquanto gangorrava na cadeira a fitar o teto:

- Disso já sabemos.

Martius ponderou:

- Deve estar nos estudando.

Tonio lamentou a perda de tempo em aguardar:

- Tínhamos que fazer o mesmo.

Ele tinha um estranho ar de alerta cansado, olhos muito abertos emoldurados com olheiras pela poção que tomara. Ella captou o cansaço por trás do estimulante:

- Você pode dormir?

- Tessa disse que não durmo sob efeito de magia, mas posso dormir naturalmente quando quiser.

Lucha ofereceu:

- Então suba e durma um pouco, já amanheceu. Todos nós já descansamos.

- Prefiro pensar em como podemos contra-atacar.

Mesmo sob perigo, Ella não deixava de cuidar dos bardos:

- Tonio, Lucha disse para ir dormir! Vá, é preciso, pare de postergar.

Tonio não gostava de ordens:

- Vou quando achar que devo, Ella. Conheço meus limites!

- Conhece nada! Depois fica de mau humor como agora!

Lucha já havia se arrependido de um convite tão simples. A expectativa do confronto claramente os esgotava, especialmente a Tonio que não dormiu de fato, e a Ella, o alvo do inimigo.

Martius tentou conciliar:

- Essa discussão não faz sentido. Vamos nos concentrar. O que fazer agora?

Ella e Tonio se sentaram. Este último ainda murmurou a abrir os braços timidamente:

- É o que estou dizendo.

Lucha era melhor em interromper do que conciliar:

- Vamos refletir. Há alguma possibilidade de ele ter visto vocês três juntos e ter desistido?

Todos negaram.

- Há alguma possibilidade de ele ter atacado esta noite sem que tenhamos percebido?

- Seria difícil, não?

- Seria, mas é possível?

- Ele não esteve por perto, tanto minha música no violino quanto a de Martius rastreou os arredores de maneiras diferentes. E você pode perceber se ele chegar muito perto.

- Percebo a magia, não ele. – Corrigiu em movimento, já se levantando para pescar um pedaço frio de carvão na lareira. Começou a riscar: uma alternativa que poderia ter acontecido naquela noite era anotada em cada parede do salão. A partir delas,

desdobramentos surgiram ao longo da discussão. Ao final, tinham três paredes riscadas com uma teia de fatos e ações para que votassem em uma opção.

- Ou mais de uma. Podemos nos separar.

Tonio analisava o esquema enquanto acenava negativamente para a proposta de Lucha:

- O que mais me parece viável é que ele esteja nos estudando.

- Ele ter ido em busca de reforços também faz sentido.

- Ele sempre foi só, Martius, eu nunca o vi mencionar aliados até o encontro com Altero.

Tonio lembrou:

- Naquela ocasião ele foi ao socorro deles, não?

Ella suspirou, concordando.

Tonio olhou para Lucha, a pedir sua opinião:

- O que você faria?

- Eu me recolheria. Meus inimigos não poderiam ficar unidos todo o tempo, quando se cansassem e fossem viver a vida, atacaria um a um. Até Ella ficar sem apoio.

A violinista estremeceu:

- Se for assim, melhor eu me entregar e poupar vocês.

Tonio se irritou com a capitulação tão incipiente:

- Você está partindo do princípio que ele conseguiria vencer a mim e a Martius.

- Separadamente? Ele pode vencer. Você mesmo disse que não sabemos até onde nosso poder integrado pode ir! Esqueceu de observar que nãoo conhecemos quando separados!

Lucha corrigiu Ella:

- grande!O que importa é que é grande quando reunidos! Eu reconheci, tanto o de vocês quando o dele. Nada aconteceu rápido o suficiente para eu me enganar, vocês só não têm prática. O importante é que fiquem juntos. É a melhor chance!

Martius foi direto:

- Ao contrário do que Ella contestou, sabemos de nossos limites separados, só não conhecemos o inimigo.

- Eu disse que não o conhecemos ao todo, estamos aprendendo o que podemos fazer. – Murmurou Ella, aborrecida.Lucha aproveitou o gancho de imediato:

- Então apliquem o aprenderam, o que alcançaram nos ensaios. Ele não viu essa parte.

Decidiram então que Lucha abriria a taverna, porém todos estariam em alerta. Os bardos tocariam músicas aparentemente descontraídas, mas algumas seriam de rastreamento de sinais. Só iriam para casa após o amanhecer, e estariam unidos novamente antes do cair da noite. Durante o dia, tentariam manter as atividades normais, dentro do possível.

E assim tudo transcorreu calmamente na segunda noite.

Todos treinavam com mais afinco durante o dia, Tonio os mantinha concentrados e atentos. Mesmo longe da noite, Ella estava sempre acompanhada.

Era entardecer, Lucha ainda não havia retornado à taverna. Ela se preocupava pouco consigo, sabia que Demétrio a temia. Lucha chegou a ponderar qual prazer sentiria caso capturasse Demétrio e o entregasse como tributo à sua própria ordem, como ele tentava fazer com Ella. Comentou com Tessa, que retrucou:

- Ou você pode entregar Ella como tributo.

Lucha não hesitou:

- Ou posso entregar você em um jarro e me atirar do penhasco mais próximo.

- São tudo possibilidades. – Mudou o tom para deixar as brincadeiras de lado. - Só não deixe Tonio saber de suas conjecturas, ele enlouqueceria se tivesse que cuidar de vocês duas.

- Nem cogito a possibilidade! Ella já sabe e às vezes a vejo me olhando com tanto amor que penso que ela irá me pedir em casamento.

Tessa riu:

- Você fala demais!

- É que não pretendo fazer. Já estive com a morte, não quero ir até ela tão cedo novamente.

- Necromancia é pior. Bem mais feio.

Lucha abraçou os ombros antes de projetar o tronco, interessada:

- E sou eu que falo demais? Você já viu, não é?

- Já testemunhei muito. Coisa pesada. Não fiz parte, mas posso dizer que seria o fim da Ella que conhecemos.

Lucha pensava naquelas palavras ditas pela manhã, quando foi reabastecer as poções. Estava no mercado para providenciar os últimos víveres para a cozinha, mas a mente voltada aos problemas recentes a fez errar em valores e quantidades. Estava com perna de rã para duas semanas e sem páprica para o porco. Atravessava a praça novamente em busca do tempero.

A cena de seu encontro com Tonio no mercado passou rapidamente sob seus olhos, quando sua vida se desviou rumo à leveza e poesia. Ocorreria também o início da noite, talvez uma hora mais tarde. Um sol mais baixo veio à sua mente, porém as sombras eram menores na lembrança. Lucha achou curioso. Uma ilusão ou simples engano da memória? Não deu importância ao fato, mas por garantia tentou sentir Demétrio nos arredores. Nada. Foi truque da mente, uma impressão fruto da preocupação dos últimos dias. Seguiu seu caminho.

Na taverna, Ella já estava a postos com Martius. Tonio havia se atrasado, mandou um garoto avisar que estava a caminho. No entanto, a demora de Lucha deixou Ella impaciente. Martius afinava o violão relaxado, aparentava menor preocupação do que

realmente sentia. Com os pés apoiados no encosto da cadeira mais próxima, tentava influenciar Ella:

- Ela está bem. O mercado pode estar cheio.
- Não é hora de se perder em compras.
- Não foi nosso acordo? Tentar manter uma certa normalidade?
- Eu toquei antes de virmos.

Martius confirmou com a cabeça estar ouvindo, embora os olhos estivessem no violão. Ella prosseguiu:

- Não percebeu nada estranho?

Ele parou, pôs os pés no chão e a fitou:

- Não. Você percebeu?
- Não sei. Havia algo no retorno da música. Algum distúrbio.
- Pode ser baixa reverberação?
- Eu diria má reverberação. Irregular. Não seguia a variação das frequências como deveria.

Martius permaneceu a fitá-la, porém soou com hesitação:

- Ainda temos tanto que aprender...

Tonio entrou com Lucha, o que sobressaltou Ella momentaneamente:

- Estavam juntos?
- Nos encontramos agora na rua. Vou entregar as compras, já volto.

Tonio se acomodou atrás de uma mesa:

- Todos bem? – Não esperou resposta. – Repassando, o que faremos hoje?

Martius repetiu como combinado:

- Lucha de vigia. Se ele vier, Ella lança a proteção. Você tocará para atacar, tentará desestabilizar seu corpo. Eu o mando para o chão. Depois pego a espada. Você o manterá pressionado.
- Será mesmo para matar?

Tonio não hesitou na resposta ao amigo:

- Isso eu decido na hora, mas não acho que terei piedade.

Embora preparados, nada aconteceu novamente.

Tiveram privacidade cedo, pois a sorte proveu um público cansado para aquela noite. Concluíram que Demétrio não os importunaria quando o dia amanhecesse.

- Precisamos atacar!
- Se soubéssemos onde ele está, Martius, mas nós é que somos alvo.

- É exatamente o que estou dizendo: não devemos esperar, precisamos agir. Mesmo que seja para encontrá-lo. Esta espera é o mesmo que entregar Ella!

A própria violinista o repreendeu, afetada pelas palavras duras:

- Martius!

- Ella, é isso que devemos evitar!

Ella se resignou. Eram apenas palavras.

Lucha estava relutante em revelar suas reflexões dos últimos dois dias, mas era hora:

- Podemos revirar os cemitérios.

Todos se entreolharam. A concordância de Martius era baseada em sua necessidade de ação:

- Eu irei. – Corrigiu a impetuosidade. – Se Tonio ficar com Ella.

Tonio discordou:

- Ninguém vai sem mim.

Martius tinha consciência de que Ella era a prioridade, embora estivesse ansioso por enfrentar, acuar e até matar aquele agressor. Apelou para Lucha:

- Você fica?

Ella respondeu pela taverneira:

- Ela fica. Vocês vão.

Lucha corrigiu, fiel à sua teoria:

- E se formos todos? Não devemos separar vocês três.

Tonio refutou a proposta por motivos óbvios:

- Não quero Ella próxima aos mortos.

A lógica de Ella era consonante com a de Tonio:

- E nem você deve, Lucha.

A maneira como a ex-maruja se encolheu com a reprimenda de Tonio não a impediu de retrucar ao alerta de Ella:

- Lembre-se que ele irá me evitar tanto quanto eu quero evitá-lo.

Antes que Tonio e Martius pedissem explicações, ela se voltou aos homens:

- Se separados, então não recomendo irem.

- Não é você quem toma as decisões, Lucha.

- Ninguém toma as decisões por si, Tonio, nós tomamos. – Entreviu Ella. – Lucha tem razão sobre ficarmos juntos.

- Como bichos amedrontados, Ella? Precisamos de uma estratégia!

Martius, que se mantivera calado a acompanhar a discussão, manifestou concordância a Tonio:

- Os animais atacam mesmo quando acuados, ou principalmente nessa situação. Estamos esperando ficar sem opções? Sou a favor de ir ou... de prepararmos uma armadilha.

Todos o fitaram, intrigados com a última proposta. Ele explicou:

- Deixar que Demétrio pense que Ella está só. Atrair e transformar o desgraçado em caça. Passaram o resto da noite a planejar uma caçada.

*

Foi a manhã de sono mais tranquilo para os quatro. Dormiram menos de cinco horas para ter tempo suficiente para preparar o cenário. Ella levou roupas para a casa de Tonio à vista dos vizinhos. Martius a ajudou ao carregar seu colchão, para que fofocas corressem que Ella ficaria dias fora. Tonio e Martius comentaram com conhecidos que não tocariam na Murta de Fogo aquela noite. Ao comprar combustível para tochas, deixaram escapar algo em relação a um cemitério.

A Murta de Fogo anunciou novo espetáculo, cujos músicos Lucha conseguiu com facilidade: os bardos já haviam dado bom nome à casa. Bastou justificar que Ella estava doente.

Cada um fazia sua parte até que, no meio da tarde, tiveram notícias de Tessa. Ela os procurara na taverna e em suas casas no final da manhã, mas cada qual estava em movimento cuidando de sua parte do plano. Tessa encontrou Ella na casa de Tonio, e esta mandou chamar Lucha. Ella informou que os homens chegariam em breve, como combinado.

Quando Martius e Tonio chegaram, Tessa já estava de saída. Tinha olhos fundos, face tensa e a dureza estava em seu tom.

- Cuidem-se.

Tonio tentou retê-la:

- Que houve?

- Elas contam. Vou ficar longe, não posso expor minhas alunas.

Martius olhou para Ella, que não tinha condições de se manifestar. Foi Lucha quem explicou:

- Penélope foi atacada. Não dá para saber se seria para Tessa. Mais parece que você era o alvo, Martius.

Martius ficou mudo. As palavras de Lucha não faziam sentido, afinal, Penélope não era parte daquilo. Ele se sentou no chão, ignorou a saída de Tessa. Não concebia como Penélope foi atingida por aquela guerra que mal começava. Balançava a cabeça em negação, olhos fixos em Lucha como a aguardar que ela desmentisse a notícia.

- Ela está muito ferida, mas vai sobreviver. Tessa vai tirá-la da cidade.

Era verdade, então? Ao sentir a realidade injustamente atingir quem nada havia feito para participar da desgraça, algo adormecido retornou a espetar sua garganta. Ele cresceu junto com a raiva que tomou conta de sua sanidade. Levantou-se:

- Vamos prosseguir. Atacamos hoje e acabamos com isso hoje! Todos continuam a postos.

Tonio repousou a mão em seu ombro:

- Calma. Temos que reavaliar. Talvez estejamos sendo observados.

- Não é essa a oportunidade?

- Digo, ouvidos.

Martius estancou. Lucha acenou afirmativamente. Ella também emanava raiva.

- Vá ver Penélope.

Lucha o acompanhou. Ninguém ficaria só a partir daquele momento.

Tonio se sentou, afetado pela saída ríspida de Tessa, e sem oportunidade sequer de uma despedida apropriada. Ficou remoendo aquela cena e tentando organizar seus pensamentos, mas a urgência da situação o levou a encostar sua mágoa em um canto para lidar em outro momento.

Quando retornaram, Martius era o próprio deus da guerra. Empunhava o violão com a mesma força que a espada, uma em cada mão. Arco e flechas às costas, tinha sede de sangue nos olhos úmidos e vermelhos, e lábios secos retesados não permitiam que a piedade entrasse naquele corpo. Tonio fez um sinal a Lucha, ela acenou ter sido como Tessa informara.

- Vai sobreviver.

- Traumas não se curam. – Ella acariciava o violino, com olhos apertados a tentar enxergar o corpo de Demétrio sem vida.

- Vai anoitecer, Tonio. Temos que ir enquanto há movimento nas ruas.

Tonio concordou com Martius, mas postergou a saída propositadamente com pequenos contratempos. Puxou Lucha a um canto.

- Estão transtornados. Estou contando que possa controlar Ella.

Lucha recusou:

- Deixe que Ella esteja em fúria ao pegar o arco.

- Não posso deixar que Ella se perca!

- Vigie Martius. Ele é a tranquilidade do grupo; estabilize nosso rastreador! Ella não tem chances de se perder a Demétrio. – Fez uma pausa. – Morrerá primeiro.

Tonio odiou Lucha naquele momento:

- Não está ajudando! – Disse entre os dentes.

- Muitos precisarão morrer antes dela! Concentre-se em sua parte. Estarei aqui quando voltarem.

E assim fizeram. Depois de serem vistos por toda a vizinhança, eles retornaram pelos telhados. Ao perceber que estavam logo acima, Lucha se despediu de uma Ella vingativa e retornou à Murta. Entrou na taverna a tempo de anunciar o novo grupo, e depois saiu discretamente pelos fundos para dar cobertura aos bardos.

Foi uma noite de vigília. Ella tocava com tristeza, a anunciar ao pequeno mundo ao redor da casa de Tonio sua sensação de culpa por colocar os amigos em tal situação. A balada aumentou a revolta de Martius, mas acalmou seu espírito ao compartilhar o sentimento com Ella. Tonio, ao seu lado, o manteve focado com exercícios de respiração até perceber que Lucha se postara atrás das escadas, na escuridão. Martius permaneceu no telhado com o arco, Tonio desceu para um quarto nos fundos, no mesmo andar superior onde Ella se encontrava.

Do escuro, Lucha observava com facilidade o vão iluminado das escadas e as sombras projetadas sobre si mesma. Projeção estranha. Percebeu a mesma sensação de sombras incomuns de sua lembrança no mercado. No mesmo momento, Martius percebeu a reverberação irregular que Ella havia comentado. Teve a impressão que o ar tornara-se mais denso. De seu canto, Tonio tocou a porta que o separava de Ella, a vibração denunciou mais uma força no recinto. Nada novo, aquilo estava presente nos últimos dias.

Ele estremeceu e fechou os olhos em arrependimento. Estratégia errada!

Estrondos repetidos vieram da porta do térreo. Martius vira uma figura familiar se aproximar em corrida e permitiu passar. Apenas Corvino fora avisado que Lucha estaria lá e chamava pelo seu nome enquanto batia incessantemente à porta. Lucha abriu, ele estava sem fôlego:

- Você precisa voltar! A Murta de Fogo, ela está mesmo em fogo!

*

Ironia. Foi o que Lucha pensou ao ver as labaredas altas dominarem a Murta. Conhecidos e figuras anônimas lutavam inutilmente contra as chamas, ela ajudou mecanicamente, mas não havia o que fazer. O edifício estava condenado. Via sua casa se desfazendo.

Lucha não esperou que os bardos a seguissem. Apenas gritou para que não se separassem. Agora permanecia estática a admirar a dança das chamas sem perguntar como havia começado, pois conhecia o incendiário. Ela sorria indignada pela ironia de seu ataque, ele tinha humor, então? Foi quando acordou para a armadilha em que haviam caído: não era humor, era estratégia! Demétrio afastou Lucha dos bardos.

Lucha se virou para onde tinha vindo, sem se importar com sua propriedade. Talvez já fosse tarde, mas precisava ir em socorro dos bardos.

Entretanto, àquela altura dos acontecimentos, Ella, Tonio e Martius já desciam a ladeira em direção à luz que podia ser vista de longe. Levavam as armas, Ella e Martius também os instrumentos. Esperavam ajudar, embora a situação ainda não estivesse clara a eles.

Ella foi a primeira a perceber a retaguarda. Segurou o braço de Tonio quando ouviu o seu nome vindo do topo da ladeira. Instantaneamente o largou e apoiou o violino no ombro para proteger seus companheiros. O arco que Martius puxou não era como o de Ella para tocar. Enviou uma flecha sobre Demétrio enquanto Tonio, já de espada em punho, correu morro acima para enfrentá-lo. Obviamente, eram esperados. As flechas de Martius foram desviadas. A proteção de Ella não previa o afastamento de Tonio, atraído pela perspectiva de uma ação rápida. De certa maneira, a velocidade de Tonio foi uma surpresa e Demétrio, que planejava neutralizar a música de proteção do violino, foi obrigado a ignorá-la para lançar Tonio ao chão. Este largou a lança, mas o que travou seu pé não foi forte suficiente para tirar-lhe a espada da mão. Martius posicionou o violão como pôde e conjurou o vento forte a soprar com intensidade sobre Demétrio. Ella se adiantou e seu avanço acolheu Tonio por trás de sua barreira de proteção. O inimigo cambaleou, mas não cedeu. Elevou a palma da mão voltada ao céu e baixou-a rapidamente até tocar o solo. O piso tremeu; arremessou os bardos ao chão. Martius protegeu o violão ao cair, afastando-se de sua lança, Ella ficou de joelhos, não parava de tocar. Tonio, que já estava deitado, rolou e se levantou antes dos demais. Ao se voltar para Demétrio a se levantar, viu Tessa ao seu lado.

Hesitou.

Ella gritou ser uma ilusão. Era tarde, outro movimento do inimigo dragou Tonio por um buraco que escapou apenas por Martius saltar e dar-lhe a mão. Os dois já estavam fora da proteção de Ella. Então a música mudou em uma virada do arco, e a imagem de Tessa desapareceu para dar lugar à de outros dois aliados ao lado de Demétrio. Uma era de uma mulher de joelhos a conversar com o chão. Seus cabelos em desalinho evidenciavam o esforço em criar um feitiço oculto pela terra. A outra pessoa era um jovem que iniciava uma descida pela ladeira para enfrentar os homens. Ele foi interrompido pela música que Martius expediu. Pôs as mãos em sua cabeça confuso. Ella entendeu a música e reforçou as notas com seu próprio toque. O homem gritou. Demétrio viu Ella desprotegida, mas só teve tempo de inspirar até ver a espada de Tonio voar em sua direção. Desviou-se.

A mulher se levantou, satisfeita com seu desempenho. Por trás de Ella, coisas sem vida se aproximaram, movendo-se desconexas e displicentes. Eram corpos. Ella gritou, Martius jogou sua espada para Tonio e desceu para se colocar entre as criaturas e Ella, que protegia a frente. Martius salvaguardou o pé da ladeira com o violão. Estavam abrigados pelas cordas que formavam dois refúgios invisíveis à magia que se alastrava à frente e atrás. Entretanto, apenas Tonio tinha capacidade de ataque, o que exigiria deixar o abrigo. Ella propôs avançarem juntos, a proteção logo cairia caso não contra-atacassem. O homem se recuperara da dor e unia forças a Demétrio. A mulher comandava seu pequeno bando que surgira ao pé da ladeira.

Lucha chegou. Viu que Martius mantinha habilmente a distância daquelas criaturas, mas sem possibilidade de auxiliar os amigos. Ela percebeu a intenção de Tonio atacar, sabia que Martius era necessário.

Contemplou os mortos. Eram diferentes daqueles que outrora conhecera, principalmente dos mortos recentes criados pelo canto com suas irmãs. Não tinham a beleza da dor,

tampouco a profundidade da eternidade. Gritou de raiva por aquela distorção, o que chamou a atenção das criaturas que a olharam hesitantes. Lucha paralisou. Os mortos a fitaram indecisos, em seguida olharam para sua mestra no topo da ladeira. Desejavam ser guiados. Confundiram Lucha com seu mestre? Tinha algum poder sobre aquilo? Observou bem antes de descartar a hipótese. Ela sorriu, pois a resposta era mais simples que magia.

Lucha avançou firme e empurrou uma das criaturas com uma mão e outro grito. O corpo caiu sem vontade. Lucha vira os mortos chorarem por conforto, nadarem em direção a um chamado, abandonar os corpos e se perder no infinito. Ela conhecia a morte! Aquilo não eram mortos, eram cascas vazias ambulantes, feitas para aterrorizar. Tirou a espada e golpeou aquelas cascas, desmontando-as com gritos guturais que expurgaram sua raiva e com pancadas do aço que nada tinha a cortar exceto uma carne seca e sem coesão. Um dia fizeram parte de um todo unido pela vida, mas tornaram-se apenas peças fáceis de separar.

Ao ver Lucha dominar o grupo, Martius se voltou para a verdadeira batalha. Seu violão comandou o vento para rolar as lanças caídas de volta aos pés dos bardos. Ella mantinha firme o escudo que os resguardava de Demétrio e seu parceiro. A mulher concentrava-se inutilmente para comandar os mortos que eram desmontados. Por trás do escudo de magia, Martius e Tonio avançaram de lança em punho. Ella os seguiu, mantendo-os sob o manto que Demétrio tentava romper. O jovem deu um passo atrás, receoso pelas lanças que se aproximaram rapidamente mesmo ladeira acima. Demétrio o repreendeu.

Lucha terminara seu extermínio e subia a ladeira em direção à mulher. Deu conta finalmente da presença de Demétrio e sorriu maquiavélica: Tonio e Martius seguiam em posição que poderia encurralar os dois bruxos se houvesse um terceiro para fechar o cerco. Lucha disparou naquela direção, mas não antes de fitar a mulher para que sentisse suas intenções para com ela, e o quanto as intenções para com Demétrio eram maiores. A mulher aproveitou a chance dada e correu. Demétrio tentava lançar um feitiço sobre Ella, para enfim derrubar os lanceiros. Em vão. A firmeza com que Ella tocava mostrava sua vontade. Demétrio esperou então que as lanças ultrapassassem o escudo para atingi-lo. Abriu os braços a aguardar o que seria o seu contra-golpe.

Lucha era inesperada e chegou ao seu lado para puxar o jovem, que gritou em desespero. A ação desconcentrou Demétrio que recebeu as duas lanças nas palmas de suas mãos, travando seu corpo contra uma parede. Lucha arrastou o jovem pelos cabelos para afastá-lo de Demétrio. Ella encerrou sua música, a proteção se desfez. Demétrio estava impotente, preso pelas lanças. Tonio deu a permissão:

- Vá em frente.

Ella não hesitou. Tirou sua espada e cravou-a no coração de Demétrio. Ele nada disse, não gritou. Tinha os olhos úmidos, o que somente Tonio enxergou, sem se importar.

O jovem lançou um olhar de súplica para Lucha, sem reação pelo pavor por reconhecer o que o segurava. Lucha o soltou ao chão, deu um passo atrás. Por um instante, ele pensou ter tido clemência. Contudo, ela havia se afastado para dar espaço para que Martius

murmurasse o nome de Penélope antes de usar sua espada sobre a cabeça do aprendiz de bruxo.

*

Andavam guiados por Martius, que conhecia os caminhos mais rápidos para se embrenhar na floresta e sumir do Vale da Rã. Era uma precaução unânime tomada após discussão sobre as opções.

Havia culpa em Ella por levar os amigos àquele caminho, porém alívio por Demétrio estar terminado. Martius se sentia vingado, embora ainda revoltado pela maior vítima ter sido Penélope. Tonio estava magoado com Tessa, sentiu-se rejeitado. E Lucha remoía uma insegurança por ter deixado um escapar. Todos se perguntavam se a caçada continuaria pela mulher necromante.

Lucha se desculpara ainda na cidade, embora tivesse sido categórica em afirmar que deixaria a mulher novamente, se preciso socorrer os amigos.

- Eles podem querer vingança. - Ella alertou enquanto viam as cinzas esfriarem do que antes era a Murta de Fogo.

- É mais certo que sim. – Tonio concordou. - As ordens não abandonam os seus, a não ser que ele tenha sido renegado.

- Ele foi punido, não tenho dúvidas. Contudo, o fato de Demétrio não estar só mostra que ele tinha apoio.

Lucha destacou:

- Notou que eram aprendizes? Ninguém com poder maior estava do seu lado.

- Ainda, eu não confiaria, Lucha.

Tonio estava certo, todos sabiam. Eles precisavam se preparar para mais ataques, e em sua cidade eram alvos fáceis: todos eram conhecidos, tinham muitas relações públicas e endereços fáceis de localizar. Ao perderem seu principal ponto de encontro, consideraram que a casa de Tonio seria a próxima a ser atacada. E o incidente com Penélope foi miseravelmente exemplar.

Tonio se sentia responsável por zelar pelos amigos. Foi o primeiro a envolver a jovem, embora Martius tivesse se apegado mais. Ele decidira adotar a pior possibilidade como certa a fim de proteger os seus: melhor contar com novo ataque.

Ella pôs a mão no ombro de Lucha que, sentada, deixava os pensamentos fluírem livremente com a fumaça que resistia em brotar do negrume da madeira até atingir o céu.

- Eu lamento.

- Eu também.

- Quero dizer, me desculpe.

Lucha apertou os olhos e voltou-se para a violinista:

- Por quê?

- Eu não precisava envolvê-la.

Lucha voltou a olhar os escombros:

- Eu teria muitas respostas para isso, mas nenhuma vai deixar claro o que sinto ou penso. Era inevitável.

- Eu poderia ter...

- Você não poderia! E não deixaríamos! É. Essa é a melhor resposta.

Lucha não tinha interesse em discutir perdas, mas percebeu que todos tinham necessidade em oferecer sua solidariedade quando estavam na trilha, longe do Vale da Rã. Lucha caminhava distraída com os sons das folhas secas se quebrando a seus pés. Martius manejou para que ficassem atrás.

- Eu tive que deixar minha família também.

Assim como na mata, em que Martius escolhia o caminho mais curto, ele nunca dava voltas para introduzir uma conversa. Lucha aceitou a troca pelo interesse em seu teor.

- E foi difícil?

- Muito. Só não foi pior porque não tive tempo para despedidas.

- Então foi pior que eu. Se você passou bem após deixá-los, também vou superar.

- A primeira noite é a pior. Depois nos acostumamos.

Lucha ficou mais interessada nele. Raramente Martius se abria com ela:

- Você estava só na primeira noite?

Uma pontada incomodou Martius, que pôs a mão no lado do abdômen como se fosse física.

- Estive só várias noites fora da cidade. Na primeira, tive companhia depois de certa hora.

- Isso ajuda, não?

- Mais que imagina. – Pausa. – Pode machucar também.

- Quando não são humanos, são mais sinceros.

Martius se calou. Ela completou:

- Eu não moro com minha família, Martius. Eles têm sua própria vida, vão ficar bem. E eu não estou mal.

- No meio de uma floresta, pouco antes do anoitecer, depois de ter sua casa incendiada e sem saber quando vai voltar?

Ela deu uma gargalhada:

- Acredite, já estive em situação bem pior. Outras migrações, bem mais radicais.

- Na busca até as suas irmãs?

Suspirou ao aceitar o momento de reflexão sobre sua própria trajetória:

- Até elas, para longe delas. – Ela achou que Martius merecia saber. – Estive só no meio do oceano, sem embarcação, sem forças, sem visão da terra, sem esperança. Estar com vocês em fuga no meio de uma floresta fria e úmida é estar em casa.

Ele inspirou o ar para se contagiar:

- Para mim, este lugar é casa. Faça da minha a sua.

Ela agradeceu e assegurou:

- É acolhedor estar na casa de um irmão.

Martius anuiu com um gesto afirmativo da cabeça. Satisfeito, adiantou-se para a vanguarda, ao ultrapassar Ella e Tonio que trocavam impressões. Tonio aceitava avaliações e opiniões, mesmo quando, ou até por se sentir responsável pelo grupo, a fim de evitar maiores confrontos ou derrotas.

- Não foi uma derrota, você finalmente o matou, Ella.

- Lucha perdeu muito.

- Pensei que ela ficaria pior.

- É o primeiro dia Tonio, ela ainda irá nos cobrar.

Tonio discordava. Contudo, tinha outras questões mais urgentes a analisar:

- Demétrio não me pareceu tão poderoso quanto esperado.

- Você acha que não? Depois do que passamos?

- Não pela nossa experiência. Ele não usou a música!

Ella finalmente se deu conta daquele importante detalhe. Ponderou:

- Você não teve oportunidade de usar sua música também.

- Eu não tinha os instrumentos. E ele toca como você, por que ele não levou o violino para uma armadilha tão bem planejada?

- Ele era um violinista, não um bardo.

- Tenho mais perguntas que precisam de resposta: por que levar um aprendiz? Ele não parecia ter todo o poder que prometia. E como Lucha desfez a magia dos mortos?

- Ela não desfez. Os atacou com a espada.

- Foi muito fácil!

- Martius viu. Pergunte a um deles.

Martius passava naquele momento após terminada sua conversa com Lucha.

- Ah? Ela os atacou. Como Ella disse. A única coisa estranha é que eles não atacavam.

Adiantou seu passo para o reconhecimento.

Tonio se voltou a Lucha:

- Como você não foi atacada?

Ela o fitou em dúvida:

- Pode ser mais específico?
- Os mortos. Eles não avançaram sobre você.
- Não. Eram passivos.
- Não acha estranho?
- Bom, nunca lutei contra corpos sem vida antes!

Não foi suficiente para Tonio. Viu que teriam muito o que conversar à luz da fogueira naquela noite. Entretanto, a conversa foi adiada para a caminhada do dia seguinte, pois estavam todos exaustos. Ele ainda pensou em tocar para dar forças ao grupo, mas admitiu que uma noite de sono pesado faria bem ao ânimo geral. No dia seguinte, convocou-os para a conversa enquanto iniciavam o passo.

- Antes de entrarmos neste assunto, Tonio, quero saber para onde estamos indo. – Exigiu Ella, a fitar o rastreador.

- Para cantos mais confortáveis e distantes das cidades, Ella. Tento evitar o frio intenso do solo à noite ou o calor do dia provocado por barreiras sem vento.

- A canção de calor que tocou ontem foi mais eficaz que a fogueira. – Admitiu Ella com uma piscada de olho nada discreta para Martius.

Ele se remexeu envaidecido. Sabia que as folhas úmidas não isolariam o frio como necessário, e aquela época do ano era escassa em folhas secas.

Embora Ella tivesse reconhecido o conforto que Martius proveu, ainda tinha reservas sobre os rumos que tomavam:

- Vamos nos esconder para sempre? O que queremos agora?
- Sobreviver - Lucha suspirou, sarcástica.

Martius apontou para Lucha para reforçar:

- No fundo, é isso mesmo.

Tonio perdeu a calma:

- Podemos nos concentrar, por favor? Sem divagações ou obviedades? Temos mesmo que decidir algo, e não fugir sem rumo! Alguém sabe se estamos sendo seguidos?

Ella tomou a frente:

- Quando toquei esta manhã, nada senti.
- Bom, mas não vamos confiar que estamos seguros. O que podemos fazer?

Silêncio. Quando Tonio fazia perguntas cujas respostas ele já esperava, ficava impaciente com as erradas. Como cada um deixou para o outro, a ausência de resposta também o irritou.

Martius resolveu o impasse:

- À noite, vigiar. De dia, avançar. Procurar um terreno seguro para nos defendermos.
- É um começo, mas nos defender de quê?

Todos se olharam. Ella tentou amainar a tensão:

- A magia deles, ou dela, se estiver sozinha, é baseada na morte. Não há cemitérios ou coisa parecida aqui, eles estarão fracos.
- É uma teoria. Você acha que não seremos atacados na floresta?

Martius gostou da ideia. Semanas ou meses enfiados em grotas, bebendo a água dos rios e subindo morros para ver o horizonte. Contudo, Lucha cortou sua fantasia.

- Necromantes lidam também com espíritos dos mortos. Não há corpos de pessoas por aqui, mas eles podem se manter perto das fontes de morte e enviar espíritos que não são limitados pela distância. – Ela esperou que os outros assimilassem a hipótese. – O garoto era claramente um aprendiz. A mulher pode ser também. Ela não conseguiu manter aqueles corpos de pé, estavam sem resistência a qualquer impacto. Eu me preocuparia com os espíritos.

- Então, se espíritos vierem, há outros envolvidos?

Tonio esclareceu:

- Se houver espíritos nos seguindo, Martius, a ordem de Demétrio está nos caçando.

*

E vieram. Ao final de uma semana, os bardos estavam acampados no topo da Serra da Terra Velha que captava os ventos gelados que atingiam o Vale da Rã. A umidade alta era trazida pelas nuvens que se chocavam incautas contra a serra íngreme após atravessarem seguras e imponentes uma planície de morros tímidos que terminavam aos seus pés. As fogueiras debilitadas requeriam atenção para se manter vivas, camadas extras de folhas eram usadas para isolar as garras do frio vindo do chão, o vento gelado nascido no Sul açoitava a noite e castigava seus aventureiros. A neblina densa envolvia as árvores, arbustos e pedras como um véu protetor à percepção humana que poderia macular os elementos da floresta. Ofendido, o sol chegava cedo para transformar o breu em um limbo branco e opaco que só transparecia os obstáculos a uns poucos metros do observador. Insistente em se sobrepor às demais substâncias, o sol resgatava o orvalho para o ar após dissolver demoradamente a neblina até descortinar a paisagem para revelar um infinito de montes baixos e altura regular a se estender a sul e dar a impressão de que a Serra da Terra Velha é o limite no topo do mundo.

- Na verdade, são dois conjuntos em altitudes diferentes, só.
- É finada a poesia!

Todos riram, mas foi o movimento de Tonio, ao se jogar para a frente enquanto baixava a cabeça num soluço de riso, o melhor indicativo de como a paisagem magnífica foi um sopro na tensão dos últimos dias.

A descontração da primeira impressão àquela vista definhou até o início da noite. Os ânimos eram plácidos, cada um voltara o cansaço para si.

A umidade lembrava Lucha do porto, era uma nostalgia que há muito tempo não vivenciava, mesmo que estranhasse a sensação sem o cheio do mar.

Ella sentia saudade da civilização e de seus confortos. Desejava a água quente em seu corpo, mas não tanto quanto temia pelo violino naquele clima.

Tonio tentava resgatar seus melhores momentos com os lanceiros em um exercício mental para se manter estável diante das incertezas que viviam.

Martius não se preocupava com o violão, confiava em suas próprias instruções também repassadas a Ella. Procurava compensar os demais pelo ambiente inóspito, e em geral tinha sucesso, senão com ações práticas, com a música. Naquele momento, pensava no que caçar para variar o cardápio de coelhos dos últimos dois dias.

Sua caçada foi ardilosa. Perdeu a presa por duas vezes até perceber que seguia o vazio. Ficou intrigado. Retornou de mãos vazias para achar Tonio nervoso.

- Se não têm algo a dizer, não falem!

Havia acabado de acontecer. Ella e Lucha tinham um ar de indagação. Tonio, de cobrança.

- O que houve?

- Alguma brincadeira sem graça. Uma delas está me chamando e não diz nada quando respondo!

- Ninguém o chamou, Tonio!

- Eu também não.

Silêncio. Martius escutou o vento. Ella olhou à sua volta. Nada mais aconteceu, mas a inquietude dominou o acampamento até a hora de dormir.

Todos tentaram resistir ao sono por preocupação, mas a ausência de ação fez com que Ella e Tonio se entregassem primeiro. Martius queria ficar de vigília. Encostado a um tronco caído, acompanhava o caminhar lento de Lucha ao redor do acampamento pelo seu vulto em meio à neblina densa e pelos passos cautelosos, como se o craquelar das folhas perturbasse seus sentidos. Ela parava e contemplava o breu coberto, a tentar alcançar além. O que ela realmente tentava era ouvir outro tipo de existência que outrora enchera seus ouvidos. Como só havia silêncio, voltava a andar à procura de outro ponto mais propício para captar as forças que sabia estarem ao seu redor. Estava ciente da escolta visual de Martius. Quando ela ultrapassava a neblina até ele, trocavam olhares coniventes. Depois seguia seu rumo dentro da cortina de água suspensa no ar, um mar menos denso, porém tão gélido quanto o original. De seu posto, Martius tentava ouvir o mesmo, porém vindo do mundo da floresta. Reconhecia os sons e procurava qualquer clique que não fosse de cigarras, um sussurro além do vento ou um uivo ao longe fora do usual. Depois do ritual que os preparou para o sono, Lucha aceitou que nada conseguiria e finalmente recostou o corpo, encolhida.

Martius fechou os olhos em seguida, exausto do dia e da tensão. Abriu de súbito segundos depois! Ouvira o sussurro que esperava? Ele se repetiu. Sim, ele se misturava ao vento por usá-lo como meio para chegar aos bardos. Os outros já estavam adormecidos. Pegou a espada, levantou-se e alertou os demais. Não se mexeram. Sem tirar os olhos dos arredores, foi mais incisivo, falou alto, gritou, chutou Tonio. Nada!

Praguejou! Estavam sob um feitiço de sono! De espada em punho, cobria o círculo do acampamento movimentando-se enquanto tentava localizar a direção do som. Realmente vinha com o vento, mas ele não iria se deslocar e deixar os demais desprotegidos. O som que viesse enfrentá-lo.

- Como nos deixou?

A voz de uma criança! Martius virou-se e viu. Uma sentada sobre uma pedra, a outra de pé ao lado. Uma sangrava pelo pescoço, a outra tinha as mãos no abdômen a impedir que algo caísse ao chão.

Ele as reconheceu. Um nó na garganta bloqueou sua respiração por uns segundos, liberou-a com um gemido.

Elas não se mexeram, ele as fitava com dor, elas tinham a inocência triste de quem perdeu algo precioso, mas não entende o motivo. Elas aguardavam uma resposta, Martius tinha a respiração irregular que impedia a firmeza da espada pesada presa às suas duas mãos. Ele apertava forte, embora sentisse perder as forças que a levariam ao chão. Elas continuavam a aguardar a resposta.

- Também não quer falar com a gente?

Ele reagiu:

- Ah?!

Crianças são insistentes, mesmo as mortas:

- Como pôde nos deixar?

Ele baixou a espada, a guarda lavada por aquelas palavras. Murmurou, sem argumentar, apenas para confirmar para si mesmo:

- Eu não as deixei.

- Deixou que fôssemos embora sim. Foi você!

Era uma acusação de alguém muito infeliz, em eterna solidão. Por um segundo Martius acreditou. Entretanto, reviveu sua história rapidamente e se convenceu:

- Não! Eu só encontrei uma viva! Quando entrei na caverna já estavam...

Hesitou em dizer. Até que ponto as crianças têm consciência do que lhes acontece?

- Nós sabemos. Estávamos lá, vimos quando entrou. – Elas se revezavam na argumentação. – Quando tirou Malva, torcemos por ela. Sabíamos que o que havia acontecido não tinha mais volta.

- Então...

- Então você não se apressou! Nos deixou sermos perseguidas, arranhadas e mordidas. Até morrermos. Mesmo se não tínhamos o valor de seu sangue, por que não se importou? Por que nada fez?

Ele se sentia encurralado pelas acusações, imaginou se assim elas se sentiram frente aos lobos.

- Você mesma disse! Cheguei tarde! Se vocês viram!...

- Por que não veio antes? Você sabia!

A dor em sua garganta o impedia de falar. Martius tremia. Um fio de voz o representou:

- Assim que eu soube...

Uma delas gritou, ele esperava algo aterrador, mas seu coração se partiu: só havia dor e tristeza.

- Você foi negociar! Por que não correu e os deixou? Por quê?

Martius estava diminuído. Segurava as lágrimas.

- Eu tinha dúvidas!

- Você sabia! Ninguém melhor que você sabia!

- Eu já paguei tanto por isso!

- Não como nós!

Perdeu as forças que restavam, ajoelhou em dor enquanto liberou um grito que preveniu que seu peito explodisse. Ao contrário do peito, sentiu seu rosto explodir com a bofetada que Tonio deu, acordando-o.

Até reconhecer o amigo, rastejou para trás para se livrar do ataque instintivamente. Parou com a respiração ofegante, trêmulo e com lágrimas no rosto. Fitou os bardos, Ella de olhos vermelhos, Tonio com uma expressão atormentada e Lucha angustiada. Ela tinha mais condições de falar:

- Fomos atacados pelos espíritos.

Quando se recobrou, alegou:

- Não fui atacado. Só conversamos.

- E como acha que eles podem nos atingir de outro plano?

Ella esclareceu:

- Seria um gasto de energia muito grande trazê-los aqui se não pelos sonhos. Agora que Lucha falou, já devíamos esperar.

- Na verdade, eu esperava que os necromantes fossem mais poderosos que isso. Ainda bem que foram fracos ou tímidos. Basta que ignorem.

O rosto de Ella se contorceu:

“Ignorar Altero? Como?”

Ella se lembrou de suas palavras:

- Foram muitas vidas interrompidas nesta hospedaria por você.

Estavam no salão, onde tantos foram sacrificados. Havia sangue por todo o lado, o horror do cenário montado, mas sem os corpos. Ella sabia que haviam se levantado.

- Altero?

Ele percorreu o ponto onde seu corpo havia caído até a porta oposta, da cozinha, por onde Demétrio deveria ter saído. Bateu nela com o punho fechado, como a testar a madeira. Constatou algo e se voltou a Ella:

- Demetrio saiu por aqui. Você ouviu. Devia ter ido atrás.

Ella tentava entender. Esperava compreensão de Altero.

- Se eu fosse, ele poderia ter me matado.

- Nós sabemos que não, Ella. Você se acovardou.

Ella tentou lembrar do que sentiu naquele momento, olhou ao redor para resgatar. Não conseguia.

- Eu não me lembro.

- O que sente?

- Horror!

- Não Ella, o que sente agora?

Balbuciou:

- E acho... dúvida...

- Por quê? – Altero parecia compreensivo.

- Estou levando outros para a morte. – A voz tremulou com a constatação.

Altero não abalou sua linha de pensamento:

- E você os ama?

Ella suspirou:

- Muito!

- Deixe-os ir, então. Tenha piedade.

- Mas Demétrio está morto!

A transformação de Altero não foi apenas na dureza de sua voz, mas nos braços a mostrar o salão à sua volta:

- Há outros! Muitos outros! Quer enfrentar um covil inteiro? Eles nos alertaram, querem vingança! Já não basta nosso sangue mágico desperdiçado no chão? O sangue derramado de todos nós?!

Apontou para as entradas do salão, de onde Vegécio, Cândido e Olavo, mais os donos da hospedaria, os funcionários e hóspedes entraram vagarosamente, vindos da porta principal, do alto da escada ou da cozinha. Todos tinham olhares de súplica, alguns de revolta.

Ella sentia o peso de suas vidas sobre seus ombros.

Altero de Medina, sempre tão amigável, emanava indignação. Murmurou:

- E você ainda quer acrescentar mais três a esse peso!

Ella deixou o choro dominá-la. Onde estavam seus amigos que a revelaram à magia barda? Por que a julgavam?

- Porque interrompeu nossas vidas, Ella. – Olavo respondeu aos seus pensamentos.

Vegécio tinha a cabeça baixa, finalmente a levantou:

- Sim. Estávamos dispostos a dar parte dela, semanas, até anos, mas toda a vida foi um preço alto demais para liberá-la de Demétrio. Quem paga essa dívida?

O pranto tomou conta de Ella.

- Não acha que quem merece se juntar a nós não são os seus...

- Ella! Ella!

O veredito foi interrompido pelo chacoalhar de seu corpo nas mãos de Lucha. Ainda se recuperava quando ouviu sua voz ansiosa para saber se estava bem, que após confirmar voltou-se a Tonio que se debatia. Sem pensar em si, foi ajudar Lucha acudir o amigo em perigo.

Ele gemia raivoso, quase espumava pela boca. As duas jogaram seus corpos sobre o dele na tentativa de segurar os seus braços que esmurravam o ar e passaram a atacá-las. Não tinham oportunidade de socos ou tapas, então o método milenar dos beliscões o trouxe de volta. Martius estava quieto, o que deu tempo a elas de resgatarem a sanidade de Tonio à realidade. Ele ainda procurava Reno e não entendia como Lucha e Ella o substituíram.

As acusações foram as mesmas. No meio do campo de mortos, Reno o confrontava sem um braço e sangue escorrido pela cabeça. Somente os dois estavam de pé.

- E você não quis lutar.

- Não é verdade.

Reno sorriu com desdém.

- Egoísmo, covardia, fico no além pensando em porquê você mereceu viver!

Tonio sentia estar ferido, mas nada o havia atingido além das palavras de seu irmão.

- Deveria ter caído no campo com vocês? Entregar-me à manobra dos poderosos que os mandaram para morrer?

- Não salvamos a cidade?

Levantou as sobrancelhas para Tonio, em constatação por estar certo.

Tonio se calou, baixou a cabeça.

- E nada fez pelo seu irmão!

Levantou em seguida, para capturar em Reno as palavras não ditas.

- Reno, o que eu deveria ter feito?

- Ora, se você se importasse!

- Reno!

O espírito ficou agressivo, mas da maneira que humanos ficam ao acusar. Gritou, girando o braço bom para apontar a imensidão do campo de mortos:

- Não o procurou! Vê Basra aqui? Onde?

O bardo gaguejou para finalmente dizer:

- Basra está vivo?

- E com muita dor! Se acha que tenho raiva, no dia em que ele se juntar a mim você verá o que é ódio pelo seu egoísmo!

Tonio recobrou as forças:

- Onde? Como ele está?

O menosprezo de Reno estava estampado em seu rosto sujo de lama e sangue.

- Para quê dizer? Não daria sua vida por ele, daria?

A inspiração curta de Tonio foi acompanhada de um espasmo:

- Não duvide!

- Eu duvido! Eu aposto! Minha alma, se houvesse como! Apostaria a alma pelo seu precioso sangue de bardo com facilidade! Pois sei que você vai deixá-lo sofrer até a morte!

- Onde ele está? Diga que vou buscá-lo.

Reno havia capturado sua vontade mais profunda, e expôs sua vingança:

- Você não vai. Vai viver e sofrer sabendo que Basra está prisioneiro em algum lugar de seu mundo, e você impotente para varrer toda a terra.

Algo se mexeu dentro de Tonio. Ele crescia com a esperança de desfazer parte do passado.

- Reno! É o Basra!

- Sim! É, mas daquele lado! Deste lado, por que me importa? Vocês que aguardem rastejando em dor e desalento nessas suas miseráveis existências, ou venham logo se juntar a mim!

Tonio deu um grito de raiva e correu para se jogar contra Reno para arrancar do espírito a informação que parecia valer sua vida. Sentiu ele virar dois a tentar imobilizar seus braços, lutou contra eles até sentir dores agudas de garras sobre sua pele e ver Ella e Lucha à sua frente.

De volta, e após acordar Martius, Tonio dividiu com os demais uma ressaca moral difícil de quebrar. Cada qual se fechou remoendo o encontro com os seus fantasmas, literalmente. O silêncio os reprimiu, levando-os a perscrutar suas mentes e corações e se afastar da realidade. Lucha temeu uma nova investida caso eles permitissem que as condições apropriadas fossem construídas. A noite continuava escura e muito tempo levaria até o nascer do sol alterar os ânimos dos bardos. Naquelas circunstâncias, espíritos poderiam alcançá-los caso os necromantes tivessem mais poder que o mostrado até o momento.

Ela se levantou a comandar:

- Não pensem nos sonhos! Ainda não acabou!
- É fácil para você! Você gosta deles.

Lucha se voltou a Ella, foi a coisa mais estranha que um dia ouviu da violinista. Ela suspirou ao interpretar as palavras, e explicou com mais simpatia:

- Tenho certeza de que você gostava de quem a visitou, ou não teriam como atingi-la. Os necromantes conjuram os mortos, ouvem suas histórias e os convencem de realidades distorcidas. É um jogo, e vocês serão atingidos se permitirem.
- Está dizendo que não foi apenas uma construção de nossas mentes, Lucha?

Ela percebeu como a explicação razoável a que Martius se agarrou era por necessidade. Muito boa por ser menos ameaçadora para alguns corações. E mentiu, pois a essência pouco mudava:

- Se os necromantes tiverem informações sobre a pessoa, sim, fica fácil manipular sonhos. Sonhos são outro estado de pensamento a que eles podem acessar. Tem razão. Eles podem induzir alguns pensamentos no sonho. A sua explicação me parece mais correta que a minha.

Viu o amigo suspirar de alívio, mas advertiu:

- Apesar de ter descoberto a estratégia inicial deles, Martius, previna-se, pois pode haver mais. Não se deixe levar pelos delírios que eles implantaram em seu sonho.

Ella não acreditou na correção, mas sorriu em agradecimento pela solidariedade da ex-taverneira. Não havia passado pela cabeça de Lucha amenizar a verdade que ouviram, mesmo sabendo que os enfrentamentos ocorridos foram sugeridos pelos próprios inimigos aos espíritos em meio a encantamentos de sedução. E realmente era uma dedução, ela poderia facilmente ter imaginado todo o episódio e Martius estar certo. Contudo, não acreditava na hipótese de Martius pela maneira como seu sonho se desencadeou.

Ela enfrentava aqueles para quem cantou e, assim, matou.

- Eu me lembro da dor de ter a carne esfaçalhada, e por mim mesmo!
- E do desespero que nos levou a fazê-lo.

Eles estavam no Parcel da Tertúlia. Lucha estava só sobre as rochas lambidas pelas ondas fracas, mas estranhamente sem o frio intrínseco que acompanhava o cenário. Ela se sentia em um julgamento, com os fantasmas reunidos sobre águas rasas e profundas sem distinção. No entanto, eram corpos flutuantes tanto na água quanto no ar. Queriam esmagá-la, mas ela não se importava. Naquele lugar ela era imune a sentimentos.

- Eu sei o que fiz. E lamento.

- Por que lamenta se não sente culpa?

- Não me agrado deste passado, mas não viverei remoendo-o.

Houve uma súplica:

- Diante do que vê, não sente nada?

Lucha hesitou. Depois confessou, mas ainda mantinha um casco invisível entre ela nas pedras e os espíritos no mar.

- Claro que sim. E me culpei, mas sinto que já passou. Só não quero me entregar a algo parecido novamente.

- E sua dívida conosco?

- É a natureza das criaturas do Parcel. Vocês invadiram, mesmo inadvertidamente.

A acusação tentou abalar sua certeza:

- Você não é uma delas!

Desafiada, Lucha afastou sua empatia e desceu às águas:

- Quem de nós sobreviveu ao pisar aqui?

Silêncio. Segundos depois, ele foi quebrado pelo som da água em movimento. Algo emergiu. Ao se virar, viu cinco sereias subindo ou encostadas nas rochas como costureiro, mas eram desconhecidas. Seu sangue gelou como o oceano dos pólos.

Elas apenas olhavam o espetáculo inexpressivas, porém curiosas.

Lucha engoliu em seco. Parecia que os espíritos também foram abalados.

- Suas irmãs não podem ajudá-la. Você precisa aceitar a responsabilidade pela centena de assassinatos que cometeu.

Lucha não deu as costas às sereias. Tentava ler seus olhos, receosa do julgamento ser delas. Finalmente virou-se aos mortos:

- Eu não me importo!

Eles se enfureceram. Avançaram com gritos de assassina, mas ao gritar monstro, as sereias reagiram ofendidas e se colocaram entre ela e os algozes. Paralisaram. Lucha tinha aliados naquele lugar. Entendeu então que não as conhecia por estarem mortas antes dela ter pisado no Parcel.

Percebeu como se defender:

- É claro que me importo, mas não aqui. Aqui sou parte do Parcel, das sereias e das criaturas do mar. Vocês pretendem punir o oceano pelas suas mortes? Por que invadem as águas? Em terra tenho sim culpa, tive muita, em terra vocês são a minha gente que mandei embora. Mas não me culpem pelo seu infortúnio neste lugar! Aqui eu não sou o outro lado!

Lucha pensou que afastaria os espíritos, mas o viu confusos. Pensou em convencê-los a se recolher, mas reconheceu aquele olhar perdido em outras criaturas mortas. As cascas dos corpos que atacaram os bardos logo após o incêndio da Murta tinham a mesma hesitação.

Ela se aproximou. Falou baixo, condescendente com a dor alheia.

- Lamento que tenham escolhido este caminho. Apenas defendemos a nossa casa.

Viu a angústia da dúvida naqueles seres. Já conhecera a dor dos mortos, o lamento, até sua solidão até sumir no infinito desconhecido. Porém, a dúvida por acreditarem em uma informação incorreta não parecia ser parte deles.

- Vocês entendem que foi natural? Há arrependimento, mas a ação foi parte do que é o mundo. Vocês entendem?

Eles estavam em paz.

- Sim.

Voltaram-se para sumir de sua vista, quando ela os reteve:

- Espere! Por quê então me acusaram de algo tão natural?

Os espíritos a fitaram surpresos.

- Não sabemos. Quando nos foi dito, pareceu verdadeiro.

E desapareceram.

- Foi dito? - Sussurrou. Em seguida, voltou-se interrogativamente aos espíritos das sereias que já não habitavam o mundo.

Apenas esclareceram o suficiente:

- A magia de seus inimigos não pode nos chamar, tampouco nos atingir.

Também afundaram, deixando Lucha só. Ela olhou ao redor, nada além do vapor da água respingada das ondas. Ela se agachou no nada e sua aflição foi crescendo à medida que entendia o que acontecera. Precisava alertar os outros!

Não sabia estar em um sonho e começou a gritar enquanto procurava a saída do Parcel, foi tão simples da primeira vez, mas não conseguia escapar! Corria, nadava, procurava a saída, até acordar ensopada de suor e ver Ella chorando enquanto dormia.

*

Lucha reforçou:

- Parem de criar um estado emocional propício para eles virem!

Ninguém estava disposto a ignorar sua própria dor.

- Ah Lucha, o que ouvi e vi!

- Ella, verá mais se eles vierem aqui. Olhe ao nosso redor, já é sombrio, quase mórbido!

Martius saiu em defesa:

- A floresta não é mórbida!

- Então trabalhe isso! Não se agarre aos sentimentos que irão enfraquecer sua vontade e abrir a porta para que eles venham! É o delírio, o sonho, o vazio que eles preenchem! Não digo para ficarem felizes, para esquecerem seus temores. Apenas não se entreguem a eles! Se um estiver predisposto, será o suficiente para que venham!

- Eles não virão Lucha, não há espíritos, fomos nós que desenterramos nossas culpas!

Tonio concordou com Martius:

- É.

Ella tentou apoiar Lucha, em vão:

- Podemos tocar, mas no meu estado de ânimo, pode ter efeito inverso.

Lucha se sentou, vencida. Ella tinha razão, a música errada seria um convite. Seria melhor então que falassem, a fim de evitar que se perdessem em pensamentos.

A névoa estava mais densa, a luz franzina do que restava da fogueira lutava para iluminar as silhuetas das figuras cabisbaixas e temerosas em voltar a dormir. Ela não tinha escolha, distraí-los era sua única opção:

- Eu matei mais de uma centena de pessoas. Conhecidos e desconhecidos.

Tonio levantou o olhar, Martius mexeu o corpo em preparação para maus momentos, Ella suspirou diante da confissão.

- Um acidente?

Ela sorriu com tristeza.

- Não. Deliberado. Ligeiramente inconsciente, mas eu sabia que eles morreriam. Não inconsciente; instintivo.

Silêncio.

- Eles vieram me cobrar! Principalmente a pouca culpa que sinto.

- Pouca? Está dizendo que matou e não sente culpa?

- Sinto pesar, Martius, não culpa, mas tenho medo de sentir. Tenho medo de não suportar.

- Ela engoliu para dar tempo de achar as palavras. – Eu sempre direcionei esse passado à mente, não achava que o coração suportaria. Bom, eu os enfrentei e... lá não foi difícil, o coração não foi atingido. Continuo sem me martirizar. Eles quase conseguiram, mas não sinto aquela culpa que deveria sentir, e é disso que tenho medo. É contraditório, não quero ser um monstro, mas tenho medo de ceder a tamanha culpa que pode me destruir.

Martius a invejou:

- Sorte sua. Eu achei que não ia suportar o arrependimento em não ter largado tudo e todos para correr, sem me importar com aqueles que estavam atrás. Ah, eu poderia ter mudado muita coisa. Eu achei que paguei caro, mas... talvez tenha sido justo.

- Não. É isso que eles querem. Acha mesmo que errou?

- Eu não sei. No início não, achei que era vítima, mas agora, quando vejo que poderia ter sido diferente! – Levou as mãos à cabeça enquanto fechou os olhos a fim de imaginar outro presente.

Ella não permitiu que ele divagasse sobre a realidade que não existiu:

- E poderia mesmo? Você sabia de tudo que sabe agora, Martius? Lucha tem razão, vejo que eles jogaram com a culpa dela, a sua e a minha. Mesmo se não existisse, tentaram despertá-la! Embora a minha esteja me acompanhando desde que Altero e os outros foram mortos. Eu a disfarcei por estar ameaçada, mas ela está mais viva que nunca! E eu estou furiosa por ver que está sendo induzida pelos mesmos responsáveis pela morte dos meus! Não vou assumir essa responsabilidade agora. Agora não! E nenhum de nós deve!

Tonio não se identificou:

- Eu tenho que assumir. Sempre culpei os outros, poderosos, manipuladores, até o destino. Não achei que o que aconteceu foi fruto de minhas escolhas, mas agora tenho que assumir responsabilidades se o que ouvi estiver certo.

Todos esperaram que continuasse. Tonio não estava disposto a dar mais informações. Levantou-se e ia saindo do círculo, Ella o deteve.

- Não se feche. Temos que saber.

Tonio justificou:

- É que pode ser verdade.

- Todos os sonhos podem, mas se dividir conosco, podemos ajudar a lidar com ele.

Cético, respondeu:

- Não há o que lidar, Lucha. Já tive minha luta interna anos atrás. Tenho que ir adiante e conferir a veracidade do que me foi revelado. Eu estou bem porque sei o que fazer. E não envolve vocês.

Martius se alarmou:

- Vai nos deixar?

- Não agora, não assim, mas tenho outro caminho, meu amigo.

Ella o conteve, embora apreensiva com a notícia:

- Vemos isso depois.

Ele insistiu:

- Já vão se preparando, é irreversível. - E sua amargura o levou ao sarcasmo. – Meu precioso sangue de bardo está em jogo.

Ella:

- Como é?

- Uma brincadeira infeliz, ignore. Foi algo que ouvi.

Ia saindo, quando Ella explicou:

- Em seu sonho? Ouvi algo semelhante! – Captou a atenção de todos. – Ele disse que o sangue mágico foi derramado. Não. Não é certo derramar nenhum sangue. Como foi? Sangue mágico... desperdiçado. Ele disse desperdiçado.

Martius retomou a conversa:

- Faz sentido. Somos mágicos. Nada de novo. Mas você ir embora, não será só.

- Martius, não é uma conta sua.

- Nem a minha era a de vocês, e cá estão comigo a pagar por Demétrio.

Ele contornou a conversa, havia revelado uma decisão ainda incipiente:

- Você tem razão Ella, não é o momento, conversamos depois.

Lucha tentou arrematar a conversa:

- Lembre-se Tonio. Eles estão tentando nos atingir com nossos arrependimentos, não caia nessa rede que o enfraquecerá.

- Não se preocupe, não tenho arrependimentos, mas uma missão. Estou renovado.

E era verdade. Nenhum ataque ocorrera naquela noite, embora não se comprovou se foi pelo moral que se elevou. Não eram ânimos absolutamente positivos, mas eram fortes o suficiente para bloquear qualquer abertura a outros mundos.

*

Mantiveram-se no mesmo acampamento. Era distante de qualquer aglomeração humana e, portanto, distante de mortes e mortos recentes. Martius já explorara o entorno, o que significava evitar surpresas do terreno. Embora mal instalados, tinham como fechar um círculo protetor na clareira que tinham aberto e ainda garantir áreas de escape. Com o local conhecido, consideraram a provável neblina uma aliada.

Tonio percorreu os arredores, retornou com uma série de tocos e paus de diferentes tamanhos e espessuras e os organizou segundo uma lógica própria. Testou o som, o que elevou os ânimos.

Ella afinou as cordas do violino, limpou o arco.

Lucha acompanhou a pequena escalada de Martius até pontos altos da serra onde apenas o reino mineral resistia incólume ao vento. Ele tocou na tentativa de captar qualquer irregularidade no ar, enquanto ela o fazia com outra percepção.

- Alguns bandos por perto, nada alarmante, mas este vento vem do sul, nada posso afirmar das outras direções.

- Ao norte é muita mata, estão cobertos.

- Acha mesmo que eles virão?

Lucha apontou para sul:

- Vê aquela vila abaixo? Ou por lá, o que é menos provável, ou pelo norte, passando pelo Vale da Rã, que é a referência deles. Não creio que venham pela Vila das Gramídeas, não é caminho de nada.

“Exceto para quem vem do Vale Cálido”, Martius pensou.

- Queria Tessa aqui, com uma poção para não sonhar.

Lucha sentia a força e a regularidade do vento que a lembrava do mar aberto.

- Eles não vão usar a mesma estratégia. Ela falhou, agora tentarão algo mais efetivo.

Martius discordou, com uma expressão abatida:

- Ela não falhou, Lucha.

O silêncio foi anuente. Desceram para ajudar os demais a preparar o terreno.

Ao entardecer, uma chuva fina os visitou, o que atrapalhou as fogueiras ainda apagadas, preparadas com antecedência ao redor do acampamento. Cobriram-nas com lonas e casacos, sem se importar com o frio que era compensado pela tensão que aumentava à medida que o sol baixava.

Tonio tocou novamente para se familiarizar com os instrumentos de improviso.

- Precisava testá-los.

- Em nós faz efeito. – Ella tinha a intensão de oferecer apoio, mas não foi suficiente para satisfazê-lo.

- Quero mais.

Martius pegou o violão.

- Lucha, pode acender essas fogueiras? – Voltando-se a Tonio - Vamos ver se nós dois as mantemos vivas apesar da chuva.

Sucesso. Uma pequena chama em cada e Martius e Tonio as alimentaram com um dueto que transpareceu a expectativa da batalha. Lucha se lembrou da tensão vivida antes do ataque pirata que quase a matou. No entanto, Ella continuava sentada, segurando o arco com o violino no colo. Estava pronta, mas sua batalha interna por tudo que havia vivido até aquele momento já havia começado. Essa nutria sua determinação para aquela que estava por vir.

Anoiteceu. A chuva se intensificou, mas as fogueiras cheias de magia não se apagaram. Assim que começou, Martius se levantou e usou o próprio violão para isolar os instrumentos da água. O som ainda atravessava um ar úmido com gotas pequenas e

grandes cuja mudança de posição alterava a dispersão das ondas, mas que mantinham as fontes protegidas. Ao invés de parar, ele conciliou seu dedilhado ao ruído branco do cair da água, perscrutando o local para logo depois destacar uma batida forte no violão que todos souberam interpretar.

Tonio acompanhou Martius, ainda a aguardar que este apontasse uma direção. Lucha havia ajustado refletores de casca de árvores antigas e grandes folhas para que Tonio direcionasse sua energia a quem desejasse. Não era uma dádiva aos inimigos. No momento, todos estavam atrás do conjunto de instrumentos de Tonio, os refletores à frente.

Martius deu dois passos à frente, posicionando-se. A chuva forte era agora um ruído de fundo para os acordes agudos que ele lançava para o alto que, amplificados pela energia de Tonio, perturbaram o vento conforme sua vontade. As árvores chacoalhavam enquanto suas folhas e galhos finos começaram a voar, deixando um rastro de mata destruída que se abriu para formar um corredor. Naquele caminho demarcado pelo caos, quatro sombras surgiram em um lento caminhar atento aos percalços que Martius criara.

Lucha apagou as fogueiras mais próximas aos bardos, deixando apenas aquelas que os separava dos invasores.

A aproximação dos inimigos revelou que a mulher que acordara os corpos vazios do cemitério vinha à frente com um ar transtornado. Outra mulher estava um passo atrás, com um homem ao seu lado. Ambos estavam elegantemente vestidos com roupas formais, porém justas, e capas que se abriam como asas naquele vento. O último estava protegido pelo esvoaçar das capas dos comparsas, e seu próprio capuz impedia que fosse identificado.

Lucha gritou para que Tonio parasse de tocar. Não era momento de dar forças ao inimigo. Ele pegou sua lança e se colocou ao lado dela, Martius à frente e Ella ao fundo, com o violino e arco nas mãos. Os cabelos de Martius dançavam tão alto quanto as capas dos necromantes, porém claramente apontados para o caos que ele criava, cobrindo parcialmente seu rosto. O movimento de seu corpo evidenciava o quanto queria avançar, num balanço do tronco acompanhado da cabeça, porém como olhar sedento fixo no alvo. Ele confirmava cada acorde com o corpo, de maneira a intensificar sua fúria estampada no rosto.

Abalada pelo vento ou pelas circunstâncias, a mulher se prostrou em terra como feito no Vale da Rã e tocou o chão, murmurando palavras inaudíveis. Lucha estranhou, haveria mortos por perto para atenderem ao seu chamado? Tonio não esperou: a um sinal ele e Lucha passaram correndo por Martius, que reduziu a intensidade de sua música. O mesmo sinal era a deixa para Ella levantar o violino para proteger seus amigos.

No lado oposto, naquele mesmo momento, a dupla se separou com um passo cada. A mulher segurou nos cabelos da levantadora de corpos e passou rapidamente uma navalha em seu pescoço enquanto o homem gritou solenemente palavras inteligíveis aos bardos.

Tonio e Lucha pararam de súbito, atônitos com o inesperado fogo amigo. A surpresa também atrapalhou Ella segurar o arco e desfez a proteção.

O homem ao fundo tirou o capuz e avançou até se agachar e esperar o sangue do sacrifício escorrer por suas mãos. A levantadora de corpos tinha os olhos arregalados de quem finalmente compreendia seu papel na ação. Sua cabeça era sustentada por mãos que decidiram soltá-la para se elevarem aos céus cheias de sangue. Antes de seu corpo tombar, Tonio se antecipara para alcançar a carrasca, que respondeu ao lançar a navalha. Ele desviou o corpo, mas não a tempo de evitar um corte no braço. Já ia empertigar o tronco quando sentiu mãos sobre seus ombros, puxando-o para trás. Perdeu o equilíbrio e caiu num baque pastoso na lama em meio à chuva.

Lucha havia seguido Tonio segundos depois, mas foi bloqueada por três novas figuras saídas do flanco que a cercaram. Ela contraiu o abdômen jogando-se para trás a um corte horizontal de espada enquanto libertou um fendente rumo a um dos inimigos. O movimento foi rapidamente dominado pelos outros dois que trancaram sua espada em uma manobra conjunta. Ela não a soltou, mas a terceira lança em sua garganta a coagiu a parar. Lucha via medo nos oponentes, embora a tivessem dominado. Em uma tentativa de enganá-los, recebeu um corte superficial no pescoço que a obrigou a permanecer fora de ação. Sentiu o sangue quente escorrer pelo seu corpo e aceitou manter-se imóvel. Curiosamente, eles eram sutis em direcioná-la para o centro da clareira, na intenção de deixá-la junto de Tonio.

Martius foi à defesa de Tonio com sua lança, separando-o dos três que tentavam imobilizá-lo ao chão. A intervenção foi suficiente para que o amigo se levantasse, e a dupla se viu a enfrentar cinco oponentes, um parcialmente ferido pela lança de Martius, que mantinha os demais afastados. Em um movimento calculado, Martius passou atrás de Tonio enquanto sua lança foi entregue à frente daquele que melhor a manjava, e ficou com a espada. Tonio alcançou mortalmente um outro, tendo ainda o conjurador e a carrasca à sua frente. Eles se aproximaram para dominar os quatro restantes.

Enquanto Martius corria ao socorro de Tonio, Ella havia corrigido seu toque para iniciar nova melodia de proteção que foi interrompida por uma voz familiar. O homem com o sangue em mãos tinha se levantado e voltara-se para a violinista que tremeu ao ouvir a voz mágica e inumana que saiu dele. Era a voz de Demétrio!

Novamente em seu encalço, embora como um espírito. Lutou contra a perda de forças nas pernas, compensadas pela energia que Tonio havia fornecido minutos antes. Olhou para o corpo que recebera o espírito de Demétrio, sorriso faminto por uma vitória que considerava certa.

- Continuo querendo que se junte a mim, mas agora por outros motivos e em outro lugar!

Eram olhos maus de vingança incubada em uma dor nascida do dano no corpo original e transmitida ao além pela passagem cruel que sofrera. Se antes Demétrio queria Ella para crescer e se beneficiar com seu poder, restou apenas o desejo de destruição.

Ella sentiu sua intenção, e se postou pronta para a luta. Demétrio continuava sem o violino, e ela não sabia como esperar um ataque de um espírito encarnado. À sua volta, viu Lucha dominada e os dois homens em confronto árduo e desigual. Estava só como

nos embates no passado, mas com um oponente em estado supernatural desconhecido. Tinha sua música e sabia que deveria se valer dela.

O conjurador feriu Martius na panturrilha com uma pancada que o levou a se ajoelhar. O corte veio em seguida, tirando sua mobilidade, embora mantivesse sua capacidade de defesa. Satisfeito com seu desempenho, o conjurador não se atentou para o contra-golpe de Martius que o tirou de ação com uma estocada no abdômen. Sem poder se levantar, Martius desejou seu violão, mas só poderia confiar em Tonio, que continuava a lutar para dominar os outros três necromantes.

Sua paralisia momentânea o permitiu avistar uma outra figura estática ao fundo, a observar toda a ação. Sem escolha, começou a cantar uma melodia sem palavras a fim de bloquear os atacantes, porém concentrado no espectador.

O homem possuído por Demétrio foi até Ella, que tocou para bloquear sua passagem. Em um corpo com carne, sangue e ossos, ele estancou. Murmurou algumas palavras e rompeu a barreira. Ella sentiu o poder de dois espíritos em um só corpo e mudou de estratégia. Ao ouvir a música de Martius, alterou sua melodia para um bloqueio mais voltado a intenções que à substância a fim de acompanhar o parceiro.

Ao ver Martius protegido, Tonio mudou seu jogo para também acompanhar a canção. Embora com três oponentes, conseguiu evitar as batidas indesejadas com desvios e fintas e encontrar o tempo certo para a lança tocar as espadas alheias a fim de entrar no ritmo sugerido por Martius. Seria uma energia que beneficiaria a todos, mas por ser feitiço de proteção, ela foi adequadamente aproveitada por quem tinha consciência de sua disponibilidade.

E foi Ella quem fez melhor uso do feitiço que a acolheu, sentindo-se novamente entre os bardos e afastada da criatura que tentava alcançá-la pelo medo. Ella cresceu e induziu a canção a uma mudança para o ataque. Martius percebeu e transferiu a mensagem a Tonio, que se jogou com mais ânsia aos três inimigos para depois recuar e aguardar. Sua pausa deixou os oponentes inseguros, que não entenderam os acordes de Ella. Martius em silêncio e Tonio estático ouviam o violino intenso de Ella que se voltava totalmente ao possuído. Com notas mais fortes e agudas, os harmônicos criados envolveram o corpo que Demétrio usava e o prenderam. Ella tocava incessantemente para atingir seu alvo em um ponto específico.

Lucha ignorou os seus captores e se voltou para o som que crescia. Já os oponentes de Tonio compreenderam o que acontecia e se recolheram com receio de captar a atenção de Ella.

O suor de sua fronte passou a um tom róseo, e logo o sangue brotava e escorria pelo seu rosto. Seu esforço continuou alimentado pela raiva que foi nutrida pelo medo e renascia sedenta de um desfecho.

Uma câmara exclusiva e invisível abrigava a violinista, o espírito e seu corpo emprestado, que começou a sentir os efeitos da música. Sem se restringir a vibrar as membranas do tímpano, as cordas vocais do possuído responderam ao chamado de Ella e se tornaram reativas à música que as invadia. Vibraram sem controle de seu mestre, retesadas

repetidamente em velocidade inumana que cresceu o ar de som sobrenatural para, em seguida, cederem em exaustão. Afrouxaram e paralisaram-se pelo excesso. A dificuldade em respirar veio em seguida, e o corpo com pouco oxigênio cambaleou. Demétrio ainda lutava para manter o controle quando o corpo em colapso, pela laringe flácida que não sustentava mais a passagem do ar, determinou o fim daquela vida.

O desfalecimento do corpo possuído tinha a atenção de todos os presentes. A visão da lama viscosa que o envolveu no choque foi um despertar para Tonio apontar novamente a lança, cuja resposta foi imediatamente interrompida pelo espectador misterioso que ordenou um recuo. Os oponentes de Tonio e Martius obedeceram prontamente, os de Lucha hesitaram, mas assim o fizeram após confirmação:

- Recuem! Todos! Todos!

Ao contrário dos demais, ele avançou e disse aos bardos:

- É hora de negociar.

*

A proposta pareceu a mais indecente que Martius ouvira em toda sua vida, e tentou levantar para atacar em resposta. Além do ferimento na perna não permitir, Tonio o reteve bloqueando seu caminho.

Ella estava prostrada de exaustão. Lucha se aproximou, impressionada pela aparência catastrófica que nunca vira na violinista, ficou ao seu lado para oferecer solidariedade ou proteção. Tinha uma das mãos na espada e a outra no pescoço para estancar o sangue que colorira suas roupas.

Quando o líder se aproximou, Tonio levantou a ponta da lança para mostrar que estava atento a armadilhas. O líder parou ao entender qual o limite do território. Mostrou as mãos vazias:

- Não é necessário ameaçar. Vocês derrotaram Demétrio duas vezes, já se provaram.

- Provar? – Constatou. - Como se fosse um teste!

- Bem colocado. Um teste de força. Vocês destruíram um de nós. Tínhamos que conferir até onde seriam capazes de ir.

- Nós? Vocês acabaram de matar um de vocês!

O líder olhou para o corpo da mulher sacrificada, e mencionou mais para si que para os demais:

- Não era uma de nós. Queria ser. – Voltou-se a Tonio. – Foi a promessa de Demétrio, ele sempre tinha o argumento certo para seduzir seus aliados. – Desviou o olhar para Ella. – Bom, quase sempre.

Ella não se intimidou:

- Quem é você?

- Sou chamado de Severo, melhor que saibam apenas que sou um contra-mestre de nossa irmandade. Nos vimos nas catacumbas...

- Eu nada vi naquela noite.

- Era noite apenas em sua alma.

Sem nada dizer, Lucha se colocou à frente de Ella para romper com o contato visual entre os dois.

Severo apenas sorriu para a ex taverneira, enquanto Tonio resgatava a palavra:

- O que quer de nós, afinal?

- Nada mais. Estamos satisfeitos com o que vimos.

- Não é suficiente. Você disse negociar.

- A suspensão das agressões. – Assentiu Severo. – Já perdemos muitos hoje. Um preço alto pelos assuntos pessoais de Demétrio.

- Vocês é que vieram até nós!

- Para conferir se não tinham interesse em nossa irmandade, decidimos nos resguardar de seu ataque.

- Nos atacando primeiro. – Acusou Tonio, ainda de lança em riste.

- Sim. E não peço desculpas. Se Demétrio ainda não estivesse sob punição e não tivesse recrutado sem nosso conhecimento, o que fizeram a ele seria uma ofensa grave e teríamos vindo com todas as forças para esmagar vocês. Aquele foi apenas mais um de seus erros, desde que ele ficara cego pelo poder da violinista.

Ella ainda estava sentada, protegida pela muralha que Lucha levantara. Ouvia as palavras de Severo, mas não se interessava em ver os necromantes. Já Martius estava cada vez mais interessado e irritado:

- Nós o ofendemos por termos matado quem nos atacava? Quem perseguia Ella? E houve outras vítimas!

Severo não se constrangeu:

- Como eu disse, não fomos nós. A irmandade só atuou aqui. Vocês têm toda a dimensão de nossa atividade. E nós perdemos mais que vocês.

Martius ficou sem argumentos, e Tonio decidiu encerrar a discussão antes que nova contenda fosse despertada:

- Então vão embora. Saberemos se irão cumprir sua palavra!

Severo olhou para Lucha:

- Eu sei. – Sorriu para ela, que mantinha um olhar de cobiça ameaçadora para os necromantes. – A não ser que alguém queira conhecer as promessas que a violinista dispensou. Seria bem-vinda. – Ele quebrou a tensão ao elevar alegremente a voz para os

homens. – Vale para qualquer um, é claro, mas vejo que há uma mais propensa a aceitar.
– E fixou-se sedutoramente em Lucha.

Ela abriu um sorriso largo, acolhedor ou maquiavélico, difícil saber. Sem nada dizer, mas com olhos famintos em Severo, caminhou em sua direção até passar por Tonio, que mantinha a lança a postos durante toda a conversa. Severo perdeu a compostura e ameaçou repentinamente:

- Se passar da ponta desta lança vou considerar um ataque!

Os necromantes ao fundo reagiram em movimento de defesa. Lucha parou, mas continuava a sorrir. Um tom docemente magoado e claramente cínico foi acompanhado de palavras lentas:

- Que descortês. Faz um convite e depois me renega?

Severo se refez, com nova medida:

- Peço perdão. Se quer vir conosco, irá honrar a irmandade. Seu talento rapidamente a elevará em nossas hostes, e terei orgulho de intervir a seu favor. Entretanto, antes, preciso de sua palavra que é seu desejo se juntar a nós, e então a acolheremos.

Lucha continuou olhando-o profundamente. Sua resposta foi seca e sincera:

- Vocês oferecem uma nova versão de uma música que eu mesma escrevi. Com os bardos eu conheço novas canções cheias de riqueza. Por que me sentiria atraída por vocês? – Tocou no sangue escorrido pelo colo, e sujou os lábios fechados com o vermelho. Deu as costas a Severo, mas ainda falava com ele. – Ouça Tonio. A palavra dele é a nossa.

Ao passar por ele, Lucha segurou seu braço em apoio, e o apertou levemente com um sinal que ele não entendeu. Em seguida, ela foi ajudar Martius a se levantar. Tonio tomou a palavra:

- Saíam sem pegar seus mortos. Nós os deixaremos na curva do córrego, na pedra amarela. Só há uma.

Severo assentiu:

- E de você, quero sua palavra que ninguém sairá deste acampamento ainda esta noite.

- Certamente. E sem levantar estes mortos!

Severo riu silenciosamente:

- Seria inútil, mas tem minha garantia.

Quando todos haviam se afastado, Tonio perguntou a Lucha:

- O que foi aquele sinal?

- Para que fosse duro. Ele estava com medo.

Tonio franziu a testa, mas sabia que haveria outra hora para perguntas e respostas.

Lucha e Ella ajudavam Martius, o mais atingido na contenda. Ele usou a manga da camisa para secar carinhosamente a testa de Ella, e lamentou:

- Todos sangramos de uma maneira ou de outra. - E brincou. – Parece que o precioso sangue dos bardos foi desperdiçado, não?

Lucha levantou a cabeça de súbito. Depois olhou para o chão, onde Ella havia sangrado. Alheia a essa reação, Ella sorriu, concordando:

- Sangraria novamente, se fosse preciso, desde que tudo tenha realmente terminado.

Parte III

A HISTÓRIA APÓS O VALE DA RÃ

1. AMULETOS

Muito aconteceu após deixarem a Serra da Terra Velha, pouco que valha a pena registrar. Os bardos estavam todos na mesma condição e, assim, não aceitaram que Tonio seguisse só na busca por Basra.

No entanto, havia um longo caminho a vencer e o dinheiro não duraria a viagem toda. Embora Tonio não tivesse mais os seus instrumentos, Ella e Martius ganharam o suficiente para investir no necessário para Tonio montar outro conjunto de percussão. Como na sua cidade natal, Lucha negociava as apresentações e o preço. Eles tinham nome na região do Vale da Rã e, à medida que avançavam, expandiam esse nome que precedia o próximo lugar a visitar. Assim, se começaram com poucos pertences limitados ao que conseguiram carregar a partir do Vale da Rã, logo tinham bens que forneceram status para facilitar outras conquistas, como admiração, respeito e informações.

No início, Tonio ainda relutava em envolver os amigos nos seus problemas, alegava que poderia ser perigoso.

Martius:

- Mais um motivo para irmos juntos.

Ella:

- Você não nos deixaria, e não me deixou.

Lucha:

- Que se dane. Não pode nos impedir de segui-lo.

Lucha sabia que Tonio se sentia melhor com a presença deles, e com pouco tempo ele aceitou as companhias inevitáveis. No entanto, havia uma condição:

- Devem fazer o que eu digo!

Todos concordaram.

No entanto, no quesito diversão, faziam o que Lucha planejava. Ela marcava as apresentações, definia as hospedarias e, muitas vezes, até o que comiam. Tonio determinava o percurso, mas cedia a liderança quando tinham que atravessar matas ou campos a Martius. Quando precisavam lidar com nobres ou eruditos, principalmente linguistas ou artistas renomados, Ella impressionava.

A conquista do público era tímida, porém eficaz. Nada de grandes arroubos além do festejar de qualquer taverna ou salão. O cuidado em se destacar com a música e manter a magia discretamente disfarçada era essencial para evitar problemas e chamar atenções além do desejado a fim de acelerar o progresso.

Tonio às vezes se isolava, pensativo, pedia tempo para organizar seus pensamentos. Os outros tentavam ajudar, mas sabiam que o melhor seria respeitar sua necessidade. Ele refletia sobre os meios para conseguir informações após tantos anos afastado de Valdoa, quem saberia de algo que não fora revelado na época da batalha? A primeira busca seria junto à família de Basra. Talvez ele tivesse enviado algum pedido de ajuda, ou houvesse algum resgate que a família não pudesse pagar. Em seguida, os sobreviventes da batalha. Ele tentou resgatar mentalmente quem sobrevivera. Ninguém que conheceria pessoalmente, teria que apurar. Caso não tivesse sucesso, suas opções restritas o obrigariam a investigações imprecisas.

A angústia da incerteza o levou a ideias extravagantes.

- Invocar Reno?! Ficou louco?
- E tenho opção melhor, Ella?
- Não conte comigo para mexer com os mortos!

De Martius, teve outra reação, mas igualmente desencorajadora:

- Não foram espíritos de verdade, Tonio. Não se agarre a isso.
- Então por que raios está me acompanhando? Acha que estou atrás uma ilusão?
- Não. Acho que eles tinham informações e jogaram com sua mente. Só em Valdoa você saberá se Basra está realmente vivo.

Lucha se mexeu desconfortável com a proposta:

- Não é um bom caminho.
- Ella e Martius já me disseram isso.
- Ou ele ainda está com raiva, influenciado pelos necromantes, ou está em paz. Deixe seu amigo descansar.
- Se Basra está em perigo, Reno não está em paz.
- Não funciona assim. Os problemas deste mundo ficam aqui. Eles se desgastam ao entrar em contato conosco, eu acho.

Levantou uma sobrancelha:

- Acha?

Ela mostrou as mãos vazias:

- Não entendo tanto disso. Já vi alguns, conversei com outros, você já sabe a história. Nunca pareciam estar totalmente bem.

Tonio suspirou:

- Se você invocar...

A sugestão levou Lucha a apontar para si:

- Eu?! Ah, espere aí! Eu não sei invocar! Eu só sei que é perigoso, se vier algum espírito errado, teremos uma encrenca maior que a de Demétrio. Não, gente inexperiente não invoca espíritos! É estupidez.

- Eu pensei...

- Nunca tive contato proposital. E só no mar, poucas vezes. A exceção foi esta última por meio de Ella, que viu e fez muito mais que eu! Vamos fazer o seguinte, vamos tentar os meios terrenos. Se não funcionarem, vamos atrás de um especialista. Alguém que demonstre confiança e competência.

Foi o melhor que ele conseguiu. Estavam em uma hospedaria bem conceituada em uma cidade de região ainda montanhosa, detentora de fonte de águas quentes que atraía abastados de longe, pelo conforto ou para cura de doenças. O primeiro grupo, viajantes à procura de diversão, era um público fácil e perdulário, o que os convenceu a prolongar a estadia para reforçar as bolsas antes de seguirem a estrada, a fim de garantir eventuais percalços.

Ella fazia um solo que anunciava a despedida da noite, ao induzir o sono e o desejo inconsciente por uma cama aconchegante após horas de exaltação, humor e conciliação. Assim os expulsava com a sensação de bem-estar que os faria retornar na noite seguinte.

A música também teve efeito em Tonio, embora sua inquietude retornasse após uma hora de terminado o espetáculo e Ella ter se retirado. Ele e Lucha tomavam o último gole de muitos ainda por vir até amanhecer, privilégio por trabalharem na casa.

- Lucha, por que disse que Severo estava com medo?

Ela foi pega de surpresa, mas tentou agir naturalmente:

- Ele estava com medo de mim.

- Por quê?

Ela torceu a boca, braços apoiados sobre a mesa:

- Por algum motivo, ele sabia que matei muitas pessoas. Teve receio de eu fazer o mesmo.

- Você seria capaz?

Foi rápida e seca:

- Não.

Tonio aceitou que ela não tinha habilidade para tal, e mudou de assunto para o que realmente o interessava.

- Me ajude a encontrar uma pista de Basra, ou terei mesmo que apelar para um necromante.

Lucha assentiu com a cabeça, preocupada.

Teve oportunidade de preparar Ella e Martius dias depois, quando Tonio novamente se isolou para trabalhar sua estabilidade emocional. Ele tocava devagar para preencher o seu coração até transbordar o que o incomodava. Depois sentava-se em local silencioso para

deixar os pensamentos fluírem e os sentimentos vazarem em um exercício mental que diluía a muralha interna construída enquanto tocava. O corpo despovoado de emoções proporcionava paz. A paz, por sua vez, permitia que seu discernimento evitasse se aprisionar em um círculo impenetrável a novas possibilidades. Suas perspectivas se ampliavam e novas constatações antes improváveis ascendiam à sua frente. Este exercício era particularmente prazeroso à margem de um lago de águas quentes e calmas

Os outros esperavam em uma hospedaria na saída da cidade. Recusaram convites para uma temporada completa, o que custaria toda a estação. Embora Tonio tentasse disfarçar, viam sua pressa em chegar logo a Valdoa: qualquer decisão que implicava em parar mais cedo, como ao encontrar uma estalagem no caminho antes de anoitecer, implicava em aumentar sua angústia. Por muitas vezes dormiram ao relento com bons locais de descanso deixados para trás, a fim de não retardar o progresso.

A parada na estância de águas foi estratégica, mas a um custo árduo para Tonio. Com as bolsas cheias, eles esperavam compensar ao reduzir o tempo da viagem com a compra de cavalos.

- O suficiente para trotar, não queremos campeões. O preço será razoável.

Lucha fez cara feia:

- Não sei, Martius. Eu e eles não costumamos nos dar bem.

- Se ele sentir que você tem medo, não tem jeito mesmo.

- Não tenho medo. Só não tenho moral! Eles não me obedecem! Nenhuma criatura me ignora tanto quanto um cavalo, mesmo comigo em cima deles ameaçando o martírio eterno de uma tormenta de ondas gigantes ao pé de um vulcão em erupção!

Martius riu.

- Então arrumamos para você um que tenha costume de seguir o grupo. Você não precisará comandar.

Ela aceitou em silêncio e aproveitou para introduzir o assunto que Tonio havia colocado dias antes. Seria difícil investigar algo de tanto tempo em uma cidade desconhecida, mas tiveram boa parte da noite para discutir e elaborar um plano paralelo ao de Tonio.

No dia seguinte, Martius e Ella buscaram os cavalos.

- Sabe montar, Tonio?

- O normal, nada de extraordinário. E você?

- Bom, deveria ser o normal, mas... – Fez nova careta.

Todos sabiam que Martius cavalgava bem, mas quando pegaram os cavalos, Ella surpreendeu ao dominar o trote e testar os limites de sua montaria pátio afora. Martius a olhou interrogativamente, com um sorriso para acompanhar a resposta vaidosa:

- Não sabe tudo sobre mim! – Virou-se para o dono do estábulo. – Como se chama?

- Garoto.

- Gostei. Tem um trote duro, mas é firme e confiável.

Martius se animou em ter companhia tão desenvolta para montar. Tinha a sensação de que não seria assim com Tonio e Lucha. E teve certeza de que Lucha não era de simulações quando Ella entregou sua montaria.

- Não faça essa cara, eles sentem, viu?

- Então diga para ele sentir pena de mim e colaborar.

Como prometido, Lucha não conseguia controlar Bruma por muito tempo. Quando se cansava, o animal desviava-se para uma sombra ou diminuía o passo deliberadamente.

- Ao menos gostei do nome.

Tonio também não estava confortável, mas seu desempenho básico era melhor. Estava com Luz da Manhã, e Martius, com Fogaça.

Com este apoio, seguiram viagem sem maiores percalços. Os únicos contratempos eram quando Lucha gritava por ter ficado para trás. Quando Lucha os alcançou a pé a segurar as rédeas, Ella ofereceu para trocarem de montaria. Não adiantou, foi a vez de Garoto fazer corpo mole.

- É, creio que o problema é você mesmo, Lucha.

- Queria saber o que eles pensam sobre mim. – Murmurou.

Martius riu:

- Melhor não.

- Tem certeza de que se chama Bruma? Parece mais uma esponja do mar, daquelas que se soltam na maré e se deixam levar.

- Talvez eles achem que você seja a esponja, Lucha.

Usaram as paradas para descanso, com pouca música para não se retardarem, e mantiveram uma velocidade três vezes maior que a original. Logo avistaram os muros de Valdoa.

*

Tonio permaneceu calado ao se aproximar de sua cidade natal. Os outros também, em respeito. Sabiam que aquele sossego era sinal de um turbilhão de sentimentos contraditórios que lutavam para aflorar. No caminho, ele narrara a história que o separara de Reno e Basra. Relembrou sobre a sensação de vitória ao conquistar um beijo, nas batalhas ensaiadas desde a infância e na batalha real que testemunhou em meio fatos desconexos alimentados por um labirinto de memórias.

O portão principal estava com trânsito intenso de viajantes e fornecedores a caminho do mercado que era entreposto para distribuição de frutas de gostos variados para cidades vizinhas. O cheio era nauseante para quem não estava acostumado. Martius contraiu o nariz, mas Tonio sentiu uma nostalgia que o levou a se ver correndo entre becos cheios

de caixas vazias lambuzadas de pasta de frutas podres que eram um manjar para os cães vadios.

Instalaram-se próximos ao mercado, misturados a compradores de perto e longe de Valdoa. Tonio foi ver parentes para depois se dedicar a seu objetivo. Os outros foram descansar. Ficou combinado que Ella acompanharia Tonio até a família de Barsa, pela sua simpatia natural. Lucha e Martius aguardariam.

E quando se separaram no dia seguinte, cada dupla seguiu seu plano. Martius e Lucha passaram a frequentar tavernas e fazer perguntas quando achassem conveniente. É no fim da noite que o álcool no sangue dos mais resistentes se torna o meio para a comoção e o saudosismo. Enquanto a maioria se retira, aqueles que permanecem acordados permitem que o cansaço faça de qualquer estranho com um sorriso no rosto e um olhar complacente, um bom confidente.

Ella se juntou a eles algumas vezes, pois Tonio hospedara-se com os de seu sangue e seguia com suas investigações. Eles ajudavam quando ele chamava.

A visita à família de Basra foi frustrante e incômoda. Nada sabiam, e Tonio não quis dar esperanças da incerteza em que ele mesmo se encontrava. Foi recebido com alegria sincera, ao contrário da amargura de anos atrás. Ele reconheceu como a família encarou a perda com tristeza, e como a amargura que antes enxergou era o reflexo de seus sentimentos confusos da época.

Ao saírem sem informações práticas, Tonio concluiu:

- Como uma perda pode nos destruir por completo, se deixarmos!

A presença de Ella fez diferença naquele momento:

- Ou os que estiverem conosco deixarem.

Ele a abraçou e caminharam juntos.

- Espero que Basra tenha alguém que não o deixe desistir.

Da família de Reno restou apenas uma irmã com quem Tonio tivera contato da maneira como se convive com uma irmã de um amigo próximo: alguns conflitos infantis, depois afastamento quando crescem. A memória da cobrança de Reno o assombrava, e foi difícil enfrentar a cordialidade, mesmo que distante, de quem havia permanecido junto aos pais após o fim do irmão e agora construía sua própria descendência. Reno era passado para ela que se mantinha em luta cotidiana pela sua prole. Entretanto, ela conhecia um membro da guarda que sobrevivera, e indicou onde encontrá-lo. Tonio agradeceu, ansioso por deixar aquela pequena casa que emanava vida desatenta aos que haviam partido.

Seu próximo objetivo era então este sobrevivente. Já era tarde e a busca requeria perguntas, então deixaram para a manhã seguinte. Tonio acompanhou Ella à hospedaria, onde passou a hora seguinte conversando quase em monólogo sob permissão solidária da violinista. Depois seguiu seu caminho, quando Ella foi até Lucha, que se vestia para sair.

- Foi um dia estranho.

- Estranho bom ou ruim? – Quis saber a taverneira enquanto calçava as botas.

- Triste.

Lucha se aprumou na cadeira, mãos nos joelhos e atenção voltada a Ella:

- É ruim ser espectadora, não?

- É. E ouvinte. Tonio mencionou como uma perda pode destruir uma pessoa. Eu digo que pode destruir várias.

- Pode, mas não faz parte de nosso instinto permitir.

Ella apertou os olhos, a analisar as palavras da amiga. Lucha foi compreensiva:

- Você está cansada. Deixe comigo e Martius.

- Acho que vou deixar mesmo. Teremos que acordar cedo, e Tonio está acordando cedo!

A busca de Martius e Lucha era menos direta. Ouviram histórias sobre a batalha, como a mais comum, sobre onde cada um estava e o que fazia naquele momento: alguns realmente em campo, outros em auxílio a feridos, alguns apenas como espectadores. Aqueles mais jovens e os que se esconderam em suas casas contavam as histórias de terceiros, e essas também interessavam aos bardos. O que houve com os sobreviventes, onde estavam, como superaram. Lucha não era o primor de simpatia, lidar com os marinheiros e sua rudeza era mais fácil para ela que com gente cujos costumes ela não era íntima. Além disso, aquela gente, fosse homem ou mulher, a via como uma mulher disponível, enquanto os marinheiros sabiam o que realmente esperar dela. Em contraste, beber era com Martius e a conversa surgia naturalmente como consequência de uma interação. Nesses momentos, ela se colocava como sua acompanhante. A cada noite, captavam alguns fatos ou suposições, e o papel de Lucha era ouvir e registrar em diagramas, como o feito nas paredes da Murta de Fogo ao analisar o conflito com Demétrio. Depois de Tonio, era ela quem mais dormia manhã adentro, pois não permitia que o sono de uma noite embaralhasse a sua percepção, que já era seletiva.

Às vezes, perdiam o equilíbrio entre a quantidade de álcool necessária para conquistar a confiança dos parceiros de copo e a quantidade máxima que não comprometia a atenção. Ou o bom senso. Martius chegava a comprar brigas, e Lucha não era a melhor pacifista do grupo para conciliar ébrios. O carisma residia em Ella, cuja luz amainava qualquer descaso, seguido de Tonio, que era amigável e cordial, fora poucas exceções. Na ausência dos dois, ela tentava ser racional:

- Vocês contaram tantas histórias incríveis essa noite para terminar assim? Se não é para divertir, melhor irmos embora. – E puxava Martius, que não perdia contato visual com o desafeto até Lucha chutar a canela ferida na Serra da Terra Velha.

Em outros momentos jogava-se sobre Martius simulando estar muito bêbada, e desviava a atenção para o contador quando não era ele que estava na contenda. Certa vez, a discussão se estendia por demais e, cansada de argumentar e brigar com Martius para que parasse, perdeu o controle da situação. Quando Tonio perguntou se ela deixou que acontecesse, foi sincera:

- Não me lembro. Desistência ou incompetência, que importa agora?

Foi assim que Tonio descobriu a investigação paralela. Ficou furioso por ver Lucha com hematomas no braço e Martius com o lábio cortado.

- Não é para isso que lutamos! Briga de bar? Sêrio?

Ella expôs a ele a vantagem da investigação alternativa que poderia compensar as dificuldades que ele enfrentava na oficial. Tonio visitara um sobrevivente que apenas mencionou que lutavam contra a Guarnição Ermana de Fraga quando fora ferido logo de início e carregado para fora do campo. Outros dois sobreviventes tinham paradeiro desconhecido. Nenhuma outra pista surgiu ao longo da semana e meia de perguntas junto à atual guarda. Para piorar, os familiares de Basra souberam das perguntas e o chamaram para pedir explicações.

Tonio se calou, vencido.

- Conseguiram algo?

Lucha desceu minutos depois com uma pilha de papéis amassados, um ou outro com uma mancha ocre de café ou amarela de cerveja, que continha seus diagramas. Abriu-os sobre a mesa principal da hospedaria.

- Alguns dizem que foi uma batalha heroica. Poucos, uma derrota vergonhosa, mesmo que não conste nos anais, acredito que se referiam à derrota moral.

- Poupe os adjetivos, eu estava lá.

- É que são importantes. Veja bem, os adjetivos, como você diz, denotam a interpretação do que veio depois. Para Katos, foi quando Racina levantou a possibilidade de um armistício, seguido da negociação de paz. Para Valdoa, especificamente para o povo desta cidade, veja só, a vergonha leva ao ostracismo, enquanto a honra, ao reconhecimento. Se você perde um companheiro em batalha, desaparecido, você está orgulhoso ou envergonhado? – Tonio prendeu a respiração. - E se o vê dar a vida para salvar a cidade?

- Está dizendo para procurarmos os envergonhados?

Martius entrevistou:

- Ambos! Só que cada um é encontrado de maneiras diferentes.

Tonio levantou as palmas das mãos, confuso.

- Chegamos à seguinte conclusão: os envergonhados podem ter alguma informação útil, e só chegaremos a eles através dos orgulhosos por sua ação, aqueles que se expõem.

- E tem alguém assim?

- Claro! – Martius tinha os braços cruzados sobre o tronco levemente inclinado para trás, queixo apontado para cima, confiante de suas palavras.

Já Lucha, se atrapalhava a passar páginas de diagramas, riscos e rabiscos que tinha criado enquanto tentava seguir uma numeração diferenciada por cores. Sua dificuldade era manejar tantos papéis.

- Me ajudem, número doze, verde.
- Lucha, você se dá melhor com os cavalos!

Ella puxou a folha.

- Obrigada. Veja bem, os sobreviventes foram recompensados. Ella disse que você conversou com um que perdeu uma perna e entrou em depressão, mas os outros ficaram muito bem nos anos seguintes.

Tonio jogou a cabeça para trás, enquanto exclamava:

- Promoção!

Martius:

- Exato. Descobrimos três aqui. E um deles, - Inclinou-se à frente para apoiar os braços na mesa. - foi subcomandante da guarda da cidade.

Algo se mexeu dentro de Tonio. Aquele se salvara! Os outros, não.

- Eu me lembro. Ele ficou mal logo depois. Desacordado. Achei que tinha morrido.
- É que hoje não é mais o subcomandante. Um herói pode se casar bem se aproveitar a oportunidade.

A informação de Martius atenuou a sensação de incompetência que começava a nascer em Tonio.

Lucha foi direto ao ponto:

- É o genro do Barão de Baixo Campo. A briga hoje foi porque dois forasteiros estavam perguntando demais sobre onde ele mora, com quem anda, etc...

Tonio ficou em silêncio. Todos esperavam ele se manifestar:

- Ao contrário do esperado, nem sempre um líder entra a fundo na batalha. Às vezes, seu papel é observar para comandar.

Todos entenderam onde Tonio quis chegar. Ella e Lucha se entreolharam, e Martius completou:

- Ele pode ter visto algo que se envergonhe.
- Obrigado, amigos.

Sorriu, finalmente satisfeito por não estar só naquela empreitada.

*

Não conseguiriam uma audiência com um nobre, exceto se tivessem algum status ou reconhecimento. Era hora de fazer a fama.

Tonio acionou amizades antigas que intervieram para promover uma audição. Depois de mostrarem elegância das notas e a leveza petulante da música aristocrática que Ella dominava, Lucha sussurrou um preço. Precisavam se valorizar. O proprietário resistiu, Lucha argumentou que era música para nata! E assim foi.

Mudaram-se para uma hospedaria mais refinada, Tonio os acompanhou. Martius, da terra, achava tudo muito exagerado. Ella estava em seu ambiente:

- Aqui não preciso tocar para que você tenha conforto.

O rastreador retrucou enquanto fitava o céu por uma janela alta:

- Eu é que vou tocar. Para ver se ao menos um pombo eu consigo trazer para perto.

- Há tantos cãezinhos!

- Parecem mais esfregões.

Lucha riu da discussão entre Ella e Martius. Sim, aqueles cães seriam confundidos com esfregões em um convés.

- Você vai gostar do jardim, Martius. Lá no fundo.

O que Lucha não sabia era como aquele jardim traria a Ella a lembrança de Vegécio. Suspirou comovida, depois aceitou o aconchego de um canto de agapantos a ressoar a sua melodia. Ella e Martius elegeram aquele espaço para ensaios em que a delicadeza deveria dar o tom intimista ao ambiente. Os hóspedes apreciavam a oportunidade gratuita, porém à distância, respeitosos com os artistas que exigiam tranquilidade para criar. Foi o momento de um prazer particular que Martius experimentou naquele mundo de objetos tão dispensáveis quanto os hábitos.

- É como tocar ao pé da nascente de um regato.

- Aproveite. – Ella respondia e posicionava o violino no queixo.

Tonio não dividiu a mesma tranquilidade. Nos ensaios que antecederiam às apresentações, estava inquieto a observar o público seletivo que se reunia disciplinadamente em contida expectativa pela popularidade crescente do grupo. Muitas cores nas roupas e rostos poluíam a visão que procurava um rosto desconhecido, a criar suposições baseado em descrições alheias.

- Eu não me lembro dele. – Disse a Lucha.

- Não seria o melhor lugar para conversarem. Aqui, só queremos notoriedade para penetrar em seu círculo.

- Isso pode demorar.

- Vamos manter o plano. Farei perguntas enquanto tocam.

No intervalo, Tonio notou que Lucha estava sentada a uma mesa no tablado lateral, cuja função era similar a camarotes em um teatro. O palco era flanqueado por dois destes conjuntos de três tablados sequenciais, onde os mais abastados reservaram mesas. Ricos mercadores, aristocratas e intelectuais se distribuíam nestes patamares. No salão, outras mesas reuniam assessores, escrivãos, artesãos talentosos e sólidos comerciantes com suas famílias.

- Estamos prosperando! – Martius notou.

- O proprietário está. Espero que Lucha também.

O desejo de Tonio foi atendido quando ela retornou com uma opção. Um convite para tocar no casamento do filho do prefeito de Valdoa:

- O barão certamente foi convidado, mas não há garantias que o genro vá. É um risco, e é ainda no próximo mês.

O violino foi acariciado como um gesto de reflexão:

- A oportunidade é incerta mesmo se ele estiver lá. Como abordá-lo?

De ombros encolhidos, Lucha defendeu a sua estratégia:

- Talvez esse evento seja apenas mais um passo para um convite à casa dele. Ella não levantou o olhar para responder:

- Ainda incerto.

Tonio desabafou:

- Isso pode levar meses!

- Ella, – Lucha hesitou, depois afirmou com um pedido implícito. - você tocou com Altero de Medina.

Ella tinha levantado a cabeça quando Lucha proferiu seu nome, e voltou a baixar ciente das intenções propostas. Fez uma pausa antes de responder, acanhada pelas suas restrições:

- Sim, pode usar essa informação. É como tocar para realeza.

Tonio agradeceu. Todos sabiam que Ella seria solicitada a comentar sobre a experiência de ter tocado com Altero, e também sabiam como o assunto doía desde as cobranças recentes do além-túmulo.

*

A isca funcionou. Ao se tornar público que Ella havia tocado com o finado Altero de Medina e que estava em Valdoa em curta temporada, notáveis se mobilizaram para uma oportunidade de prestigiar o trabalho da celebridade. Novas propostas surgiram, desde festas públicas a saraus, que foram cuidadosamente selecionadas a fim de direcionar as atividades ao alvo desejado.

O repertório dos bardos e, principalmente, o tipo, intensidade e teor dos encantamentos que iriam adotar eram discutidos a fim de conquistar uma plateia exigente sem despertar suspeitas a suas habilidades adicionais. Exploravam sensações que envolviam uma sequência de júbilo, conciliação, saudosismo, paz, suavidade, requinte, sensibilidade, expressividade, exultação, e, obviamente, entusiasmo para encerrar. Efeitos a ser evitados eram o ímpeto, ardor, perturbação, abalo, pujança, arrebatamento e afetividade.

À medida que galgavam os círculos sociais da cidade e região, Lucha registrava nomes e suas relações em diagramas, cuja consequência foi a criação um mapa das personalidades da região e de seus familiares que qualquer alpinista social mataria para colocar as mãos. Uma exigência que Lucha impôs nos contratos foi obter a lista dos convidados de antemão para conferência, afinal, a tragédia que ocorreu com Altero e sua trupe não deveria se

repetir. Embora o assassino jamais fora descoberto, criou-se um folclore em torno de admiradores lunáticos que fomentou novas músicas cantadas nas tavernas. Elas variavam de histórias de amor não correspondido até a pactos para assimilarem o poder dos bardos de Altero, mas sempre traziam o mote de seguidores apaixonados pela música. Com tal argumento, a lista não era negada.

Desta maneira, fechavam um cerco sobre Fúlvio Comperteiro e suas amizades, até o dia em que Lucha leu este nome na lista de convidados ilustres do coquetel oferecido pela rica detentora do monopólio dos moinhos do rio da Pinha, Guida Mantina.

- Plano?

- Que ele se interesse por mim o suficiente para que possamos falar a sós.

Martius coçou o queixo:

- Difícil.

- Contato visual Martius, eu sei fazer isso!

- A esposa pode ser ciumenta, Ella.

- Pelos céus, não quero seduzi-lo! O contato pode ser com ela também, tenho que despertar o interesse do casal.

Tonio interrompeu:

- Eu quero falar com ele. Não precisa ser na festa, mas que tenha margem para uma abordagem posterior.

Lucha tinha seus papéis na mão:

- Isso é fácil. Você é o membro do grupo que é natural de Valdoa, deixe que Ella levante o assunto e o apresente. Pelo que vi aqui, e pelo que sabemos, ele frequenta grupos militares.

- Acha que ele teria interesse em treinos?

- Hum... quem não se interessa pelos Lanceiros Perpétuos?

Tonio sorriu, e Lucha completou maliciosamente:

- Como plano B, Martius tenta seduzir a senhora Comperteiro.

Ele deu um salto:

- ãh? Quero ver antes, não prometo nada!

A senhora Comperteiro era uma mulher de aparência neutra e inatingível em seu patamar superior de nascimento. Martius sussurrou para Lucha:

- Não pego não.

Lucha não se lembrava da brincadeira de dias antes:

- O quê? Ah, não levou a sério, levou?

- Se valesse a pena.

Lucha preferiu ignorar, incerta se ele realmente considerou a ideia. Temia que sim. Porém, seu foco estava em Tonio, que claramente conquistara o interesse de Fúlvio Comperteiro e era todo ouvidos às técnicas de luta e estratégias que ele descrevia. Um bom assunto que a ninguém mais interessava e, assim gastaram um bom tempo a criar um laço que foi explorado dias depois, quando Tonio iria mostrar algumas manobras dos Lanceiros ao nobre.

Desconfortável em revelar segredos da irmandade, tinha o plano de levantar o assunto de Basra logo de início, e disfarçar qualquer revelação desviando-o a outras habilidades que detinha.

- Que habilidades?

- Pensei na espada.

- Se integrar espada e lança, ele vai gostar e você mantém sua palavra sem trair sua promessa aos Lanceiros.

A sugestão de Lucha foi bem-vinda. Vez por outra, apelava a ela para discutir alguma estratégia, visto já ter vivido situações de batalha como ele, embora em geral presa aos limites de um convés em alto-mar. E realmente foi necessário apelar para aqueles ensinamentos, como o próprio Tonio contou à noite.

Com a ansiedade controlada, ele chegara no início da tarde pronto para transmitir seus conhecimentos em um treinamento exclusivo, como imaginara. Deixou seu cavalo no pátio e foi conduzido por uma escadaria de pedra que dava acesso ao salão cheio de tapeçarias e vazio de pessoas. De lá, uma saída lateral levava ao jardim gramado recortado por passeios de pedriscos soltos onde uma corte inteira ocupada em seus deleites interrompeu suas vãs atividades atraídos pelo convidado especial.

- Havia um circo armado para testemunhar o que seria mais uma apresentação. Um espetáculo para terceiros, ele nem estava tão interessado em aprender como em se exhibir. Apresentou pessoas que nem lembro os nomes, outras, eu já conhecia. Era o treino exclusivo mais público que já tive!

Tonio estava claramente desapontado, levemente ofendido e bastante revoltado com armadilha. Martius se preocupava com os segredos dos lanceiros:

- Não mostrou nada importante, mostrou?

- Mostrei absolutamente nada! Algumas manobras de como a espada pode alcançar o oponente de lança, mas nenhum ataque ou técnica de um lanceiro, mesmo que comum. Você sabe que leva tempo para assimilar, e lá nós ficamos mais na repetição de uma mesma sequência de movimentos. Ele quis me pegar algumas vezes, óbvio, fingi que deu certo, tinha que agradá-lo, não?

- O suficiente para voltar. E vai conseguir?

- Sim, Ella. Martius vai me ajudar.

Martius se encolheu timidamente quando os olhares se voltaram a ele:

- Eu?

Diante da ostentação, Tonio entendeu que não teria oportunidade de uma reunião totalmente privada, mas poderia criar um ambiente mais reservado. Elogiou o bosque que circundava parte do jardim, assim como os cães que circulavam nos passeios. Mencionou como os reflexos de um guerreiro podiam ser testados no ambiente natural, onde um oponente não humano fornecia desafios adicionais a lapidar. E deu o exemplo de Martius, o melhor rastreador que conhecia.

- Quantas habilidades seu grupo tem! Acha mesmo que ele é tão bom rastreador quanto músico?

- Confio mais nele do que no faro de seus cães.

Fúlvio gargalhou, divertido com o desafio.

Na hospedaria, Martius protestou:

- Ficou louco! Quer que eu ganhe de cães?!

Brevemente incomodado, Tonio esclareceu com ar incisivo de um educador:

- Não Martius! Quero ter a oportunidade de falar reservadamente com ele! Não me interessa se vai ganhar!

Tonio convidou Fúlvio Comperteiro para testemunhar o potencial de Martius, a fim de garantir que ficassem no mesmo grupo. Houve condições:

- Sendo assim, levo Giacomo Mantina, o sobrinho de madame Guida como companhia, e você fornece dois dos seus para se juntar a meus companheiros e acompanhar o desempenho de meus cães. Digo, duas.

Na hospedaria, Lucha deu de ombros, Ella se empolgou:

- Talvez possamos fazer uma investigação em paralelo.

- Só cuidem para não chamar a atenção, não sei o que sairá desse evento.

Martius estava quieto até revelar seus pensamentos:

- Mas... é permitido ganhar?

*

No dia da caçada, uma infra-estrutura completa os esperava. Mesas de pães, bolos e confeitados foram montadas abaixo de tendas brancas que alimentariam duas dezenas de espectadores dispersos pelo jardim a aguardar o desfecho do dia. Uma tenda em especial abrigava pequenos barris com vinho para os mais dispostos. Ao fundo, malabaristas se preparavam para entreter os espectadores enquanto os protagonistas eram apresentados.

Ella estava elegante e apropriadamente vestida para a ocasião. Não se restringiu apenas a si, escolheu os trajes dos companheiros, sob sérias ressalvas de Martius, principalmente às cores. Porém tecido e detalhes das roupas foram também alterados em relação ao original, o que gerou pequena discussão entre o adequado a um evento social e a uma caçada.

- Martius, você não pode ser destacar nem positiva nem negativamente! Confie em mim!

Após a luta de gostos e opiniões, o resultado foi um traje discreto e funcional que Martius aprovou, mas teve dificuldades em reconhecer. No entanto, admitiu o principal motivo das concessões que fez:

- Não dá para dizer não a Ella!

Tonio também reprovou o violão que ele havia pegado na saída.

- Não vale o risco.

- Posso dizer que é para relaxar quando estivermos cansados.

- Não precisa usar a magia, Martius. Considere um exercício.

Ele concordou em abrir mão de seu instrumento, porém decidido a improvisar a desistir de seus planos.

O único detalhe que Lucha cuidou sem a interferência de Ella foi a alteração do conjunto de tranças finas a que era habituada, que geralmente garantiam sua movimentação livre. Naquela ocasião a maior complexidade do arranjo se destacou para conter seus cabelos muito longos e volumosos. Teve o olhar de aprovação de Ella como um aprendiz tem de seu mestre.

Tonio estava muito focado em suas preocupações e nada interveio no figurino que Ella criou, compatível com seu gosto e com a ocasião. Ele avaliou os dois grupos de caçadores: com ele e Martius, Fúlvio Comperteiro e Giacomo Mantina; Ella e Lucha ficaram em companhia de Círio Mantina e Sávio Labaki.

- Peço desculpas, convidei pessoalmente madame Mantina, mas infelizmente ela é avessa ao ambiente natural. Confesso que falhei em conseguir companhia feminina para acompanhá-las.

- Já passou minha época de achar que preciso provar algo aos homens. Tenho certeza de que as duas irão garantir uma boa representatividade feminina para alcançar a vitória, assim como meu filho e Labaki são mais indicados para garantir a segurança das damas.

Ella retrucou:

- Somos apenas observadoras. A princípio, estamos torcendo para nosso Martius.

Lucha foi mais sincera:

- Não se incomode. Se quer que os cães ganhem, precisa colocar pessoas competentes a guiá-los.

O espírito combativo de Ella floresceu naquele momento, e contra Lucha. Contestou educadamente:

- Não acha que nós mulheres somos competentes, Lucha?

- Claro que somos, mas estamos do lado de Martius, não?

Labaki foi oportuno em interromper:

- Podem ficar do nosso lado também. Fúlvio, há algum incentivo para que as moças nos apoiem?

Ele riu, maliciosamente.

- Vai depender mais de sua competência, meu amigo.

Martius estava alheio à conversa, a observar o entorno: o sol, a umidade, a direção do vento, o cheiro do ar. No campo, afastados dos muros de Valdoa, tudo era mais agradável. Identificou a pequena fauna nas imediações, as espécies da vegetação à vista dos olhos, quais eram espontâneas e quais foram plantadas. Arrancou um naco de grama com a ponta da bota para analisar o solo, que vinha observando ao longo do trajeto até a mansão campestre de Comperteiro.

A conversa resgatou sua atenção quando percebeu que o assunto eram as regras:

- ... não há, cada grupo caça o que estiver disponível e considerar melhor. Nosso bosque é cheio de oportunidades, e madame Mantina, minha adorada esposa Isabel Eduína e meu cunhado serão os jurados da melhor caça. Claro que porte, velocidade e ferocidade são critérios: uma corça vale mais que coelho, e um javali, mais que uma corça.

Lucha segurou suas ironias, sabia que não era seu papel provocar os anfitriões, embora estivesse em sua natureza. Olhou para Ella, mas não havia oportunidade de cochichar uma piada. No entanto, ela veio de Giacomo Mantina:

- Contudo, se encontrarem um ogro, nos chame para protegê-los.

Ela fingiu um interesse inocente, voltando-se a Fúlvio:

- E quantos ogros há em seu bosque?

Ele foi estupidamente condescendente com a aparente ingenuidade de Lucha:

- Não há, pode ir despreocupada. Giacomo não tem tato com brincadeiras que podem assustar.

- Ah... – Fingiu decepção.

Lucha ia continuar a provocar, mas viu Tonio inquieto e se arrependeu. Interrompeu a brincadeira que só começava.

Mais tarde, após se dividirem para o grupo dos cães pegar o noroeste e o de Martius, o nordeste, ela teve mais oportunidade de brincar. Primeiramente, compartilhou sua opinião com Ella, ao ficarem para trás:

- Acho que Martius está levando muito a sério este desafio.

- Podemos aproveitar algo disso, vamos ficar atentas.

- Receio que possamos vir a ajudar ou atrapalhar.

Ella a encarou. Era difícil ficarem sós, mas os homens pediram para ficarem com os cães enquanto sondavam a segurança do terreno à frente. Sugeriu:

- Se fizermos amigos – apontou para Mantina e Labaki – eles podem falar mais.

Lucha largou um sorriso maldoso:

- Então não podemos humilhá-los.

Ella empinou o nariz:

- Só se merecerem, Lucha! Vamos ver. Isso vale para Martius também!

Labaki e Círio Mantina voltavam. A princípio, davam a mão a elas quando precisavam atravessar terreno acidentado. Lucha saltava distraída para depois se voltar para trás e fingir surpresa por se dar conta de que um deles oferecia ajuda. Ella era mais amigável, e conseguiu se engajar em uma conversa com Círio, às vezes ajudava-os a guiar os cães. Soube que estavam no rastro de uma corça.

- Realmente um javali não deve ser difícil de achar, mas não quero colocar ninguém em risco desnecessário. A segurança é mais importante que a vitória.

- Poderia ser até um urso. Tenho confiança em nosso grupo.

Círio foi indulgente:

- Não temos ursos por aqui, caríssima.

- Talvez então o ogro de Lucha.

Riram. Ela ouviu ao fundo, mas não se importou. Ao contrário, entrou no espírito da brincadeira:

- Neste caso, seremos obrigados a chamar nossos adversários, foi o acordo, não?

Círio provocou:

- Labaki, daria conta de um ogro?

- Claro! Mato um por semana.

E estavam nessa brincadeira quando os cães deram o alerta. Foi inesperado: um lince passou correndo vindo de um buraco bem disfarçado por arbustos no barranco.

O reflexo de Ella foi instantâneo. Antes mesmo que soltassem os cães, sua faca atravessou o ar até o ponto onde o lince ainda passaria, e o pegou no abdômen atrás da perna esquerda com um senso de previsão surpreendente.

Lucha entendeu o recado: era para mostrar quem eram! Deu um urro de vitória, arrancou sua faca do lado e correu até a presa. Levantou-o imediatamente no ar sem se importar com os arranhões do animal agonizante, mas ainda com esperanças de vida, afundou a faca na garganta e rasgou até o ventre, deixando as vísceras caírem tanto quanto o sangue esguichar sobre ela. Depois jogou a caça ao chão para enfiar a mão e arrancar o fígado, exibindo-o:

- A melhor parte, e ainda quente! Quem será o primeiro?

Diante do nojo de Ella, Lucha viu que exagerou. Entretanto, não era possível para recuar.

- Ella?

- Dispensou. – E se afastou.

Círio estava chocado. Controlava os cães eufóricos com o breve alvoroço. Puxou-os para a direção que Ella tinha pegado, deixando a Sávio a tarefa de recolher o que restou do animal. Ele não se abalou, e aceitou a responsabilidade, aproximando-se de Lucha, que continuava com o fígado elevado a pingar sangue.

- Creio que agora terei que limpá-lo antes de seguirmos viagem.

- Ajudarei, desde que tenha companhia para apreciar essa iguaria. Não gosto de prazeres solitários. – Arrependeu-se de como soou, mas não perdeu a pose. – Digo, de fazer uma refeição sozinha.

Ele riu e foi gentil em ignorar, para desafiar de outra maneira:

- Fique à vontade. Tenho certeza de que está a seu gosto.

Ela concordou, aproximando o saco de sangue dele:

- Está! Experimente você primeiro.

Ele continuou em um tom bastante afável, mas suas palavras foram fortes:

- Não preciso.

Lucha entendeu a armadilha em que caiu. Olhou fundo nos olhos tranquilos dele. O sangue quente escorria pelo seu braço, batizando o resto da roupa ainda limpa e embatumando o tecido a grudar em seu corpo. Labaki continuava com um sorriso de cavalheiro, mãos nos bolsos, olhar compreensivelmente acolhedor. Ao contrário de se incomodar, Lucha gostou da segurança de quem não hesitou em admitir sua limitação. Aproximou o fígado e deu uma generosa mordida na ponta inferior de onde o sangue escorria, pintando também seu queixo de vermelho quente e viscoso.

O rosto de Labaki se iluminou e um sorriso se abriu em deferência à sua naturalidade.

- Não imaginei que o faria. Parabéns!

Ela mastigava, e agradeceu com a cabeça. Virou-se procurando um lugar para salvar a iguaria. Ao não encontrar, deu outra mordida e depois foi jogar para os cães. Retornou para ajudar Labaki a limpar o lince.

Enquanto os cães se atormentavam na disputa do fígado e de outras vísceras que Lucha recolheu, Círio comentou apontando para o ponto vermelho na mata:

- Não sei se podemos considerá-lo nossa caça. Foi sua, primordialmente.

- É, pode ser. Até porque alguém se empolgou mais que os cães! – Apontou para Lucha. – Não precisava de tanto, ela não costuma ser tão impulsiva.

- Estou surpreso que diga isso. Mesmo que afirme que ela é contida, posso ver quem é a verdadeira dama da dupla.

Ella agradeceu encabulada, porém envaidecida pelo elogio inesperado. Depois lembrou que não era difícil que sua imagem fosse a positiva diante da selvageria que Lucha demonstrou. Ao menos em relação a Círio, porque Labaki pareceu não se importar com o gesto, tampouco o cheiro que se impregnou na sua parceira de caça. Foi o único que

suportou ficar ao seu lado até passarem por um córrego. Ella aguardou a dupla que vinha conversando animadamente, até Labaki perceber que a violinista queria falar a sós e foi até Círio.

- Você está um caos! Tem quase tanto sangue sobre você quanto o lince.

- Você não gostou. – Desafiou Lucha, irreverente.

- Foi excessivo!

- Fiz um amigo! – Justificou ao apontar discretamente para Labaki.

Ella suspirou:

- Então vá em frente, embora não fará mal se tornar sociável a outros.

Lucha a olhou interrogativamente.

- Lucha, você fede!

Uma gargalhada de aceitação levou Ella a baixar a guarda e rir junto. Lucha desceu o barranco, descalçou as botas e entrou no córrego após puxar as calças acima da canela. Enquanto se lavava, Labaki se aproximou. Ao longe, Ella o viu interagir, rindo, ofereceu um lenço a Lucha, que o usou para secar o rosto, pescoço e colo. Apertou os olhos, e depois se voltou para Círio, o único ainda interessado em levar os cães à vitória.

No grupo rival, o clima era outro.

Guido e Fúlvio observavam a dinâmica de Martius. Ele tinha um ar superior que Tonio desconhecia, mas cuja atuação foi facilmente reconhecida por não ser seu comportamento natural. Entretanto, assim que o rastreador se envolveu de fato na caçada, ou seja, quando encontrou sinal de algo que valesse a pena, ele perdeu a afetação por mergulhar no seu instinto.

Às vezes Fúlvio via os sinais mais óbvios que guiavam Martius, como galhos quebrados e pegadas. Considerou que ele não poderia ser mais rápido que o faro de seus cães. No entanto, quando perdia a referência, perguntava-se o quanto o rastreador usava a lógica ou via sinais que ele próprio não conseguia identificar.

Como ficou sem o violão, Martius apelou para outras estratégias. Além de sua familiaridade com a mata, ele usou os recursos adicionais com discrição, mas sabiamente. Já havia identificado os principais aspectos que caracterizavam o bosque desde o início, quando começou a penetrar no espaço selvagem. Foi identificando a fauna local e fazendo conexões na cadeia alimentar, a aguardar que as lacunas fossem preenchidas com o avançar do grupo. O cheiro do bosque estava em suas narinas, mas após uma certa hora, deveria aprimorar sua percepção.

Começou a caminhar displicentemente e assoviar uma canção. Tonio levantou uma sobrancelha, atento à reação dos demais. Um vento forte começou a soprar.

Em outro ponto do bosque, Lucha parou e olhou para cima. Murmurou para Ella:

- Se Martius provocar uma tempestade, eu o mato.

- Bem que eu gostaria, mas não tem o violão para tanto. Ao menos, ele mudaria o cheiro impregnado neste ar.

- Ei, me lavei como você mandou!

- E o quanto acha que adiantou? – Disse Ella, torcendo o nariz.

Tonio nada percebeu em Fúlvio e Giácomo além de tédio. Tédio era bom. Fez sinal a Martius para evitar encontrar algo, o que o rastreador não gostou. Um olhar de reprovação o convenceu. Enquanto Martius enredava o grupo em deslocamentos sem destino, Tonio se colocou ao lado de Fúlvio para puxar conversa. Perguntou sobre o treino de dias antes com interesse no que realmente Fúlvio havia planejado: a reação do público. Deixou que Fúlvio falasse, elogiando a oportunidade ao descrever as reações dos presentes e as repercussões daquele dia, assim como seu próprio sucesso. Tonio pegou o gancho e levou o assunto para desempenhos em batalha, o que mudou a postura de Fúlvio, porém sem tentar fugir do tema.

À frente, Martius cantarolava uma canção trivial que Giácomo acompanhava alheio aos efeitos que ela provocava.

Tonio mencionou impressões sobre a ação e a atenção em combate que remontaram à Batalha de Valdoa. Mesmo sem mencionar, Fúlvio reconheceu:

- Você também estava lá.

“Fisgado!”

- Muitos estavam em Valdoa naquele dia.

- Em que grupo combateu?

A pergunta pegou Tonio de surpresa. Tentou disfarçar com um recuo:

- Confesso que eu não estava na cidade. Minha família foi para o campo, em casa de parentes, dias antes.

Arrependeu-se, seria fácil para Comperteiro conferir.

- Não lutava? Com sua habilidade?

Tonio suspirou, procurando uma saída. Optou pela verdade parcial:

- Eu tinha restrições a lutas naquela época. Com a batalha, entrei em crise.

Fúlvio baixou a cabeça.

- Todos nós.

Tonio inclinou a cabeça para o lado, revelando curiosidade:

- Como sobreviveu?

- Alguns feridos foram retirados de campo a tempo.

Nada mais. Tonio tinha que ir mais fundo.

- Um subcomandante tem suas vantagens.

Fúlvio o encarou desconfiado. Tonio retrucou a tempo de remendar:

- Sem julgamentos. Todos que estamos vivos temos algo para nos orgulhar e nos envergonhar. Só quem esteve em batalha sabe o que passou.

- Você acabou de dizer que não esteve nela!

- Não nessa. - Mentiu. – Mesmo tendo estado em combates de outras naturezas, não eram batalhas caóticas de centenas de guerreiros em cada lado. Esperava ouvir de você as impressões que já conheci em outros campos, mas que desconheço com minha própria gente.

Fúlvio se calou. Tonio caminhou ao seu lado, dando seu tempo.

- Minha gente também.

Apenas os passos abafados pela terra seca eram ouvidos.

Martius havia captado o clima da conversa e, igualmente, captou a atenção de Círio para suas técnicas, a fim de mantê-lo ocupado. Fez o vento soprar a montante, de Tonio e Fúlvio até ele e Círio, de maneira que suas distrações não atraíssem Fúlvio.

Após dar tempo para reflexão, Tonio interferiu:

- E com os seus homens.

Fúlvio não reagiu, aparentemente absorto em seus pensamentos. Tonio continuou a provocar:

- O que aconteceu com os seus homens?

Foi longe demais. A reação foi agressiva:

- O que você quer, Tonio?!

Impossível recuar.

- Conhecia pessoas da guarda. Nunca soube de seus destinos.

Fúlvio se calou, seu rosto queimava. Tonio insistiu:

- Não sairá daqui.

Haviam parado. Mais à frente, Martius levou Giácomo a um regato e explicava como achar sinais que a água disfarçava. Falava de tamanho de grão, profundidade e velocidade da água.

Não era mais possível esconder. Giácomo voltou-se para trás, mas Martius segurou-o pelo ombro:

- Deixe. Eles parecem ter algum assunto para resolver.

Giácomo olhou desconfiado, mas aquiesceu. Viu Fúlvio se apoiar em uma árvore, olhar distante, parecia desgostoso.

- Não é fácil ver homens, que confiaram suas vidas a nosso julgamento, serem entregues à morte e nada poder fazer além de obedecer às ordens.

O coração de Tonio apertou. Ninguém era imune à injustiça.

- Era necessário. Acho que eles sabiam.

- Era mesmo? – Tonio fechou os olhos arrependido. Seu julgamento não poderia se sobrepor à busca.

Fúlvio entendeu:

- Acha que eu tinha escolha? Uma estratégia bem elaborada às vezes exige sacrifícios, e nem sempre estamos na posição de definir as vidas prioritárias. Desobedecer pode significar mais mortes dos nossos por uma derrota. Temos que aceitar.

Tonio engoliu em seco. Foi o que sempre se recusou aceitar. Fúlvio continuou:

- A guerra não faz sentido. Terminar com ela é tudo que queremos. Mas terminar perdendo... não... mesmo que o preço da vitória seja insuportável para aqueles que testemunham, é melhor que a derrota.

- E o que você testemunhou para vencer?

Fúlvio se virou, Tonio mostrava a dor de quem conhecera a batalha, e o olhar que vira em tantos outros sobreviventes.

- Você estava lá, não? Eu o conheço, não é?

- Não como você imagina. – Tonio se lembrou das vezes que vagou pelos muros da cidade com Basra e Reno.

- O que você quer?

Era hora de revelar:

- Quero saber o que houve com os sobreviventes.

- Cada qual seguiu seu caminho.

- Não.

- Como não?

- O que aconteceu com aqueles que não escaparam?

Fúlvio reagiu como se uma flecha tivesse o acertado. A dor estampada em seu rosto mostrou que ele sabia de seus destinos. Tonio preferiu não ter visto o quanto ele tinha consciência.

- Seu cretino, era esse o plano! Você deve achar que é o único que é assombrado por fantasmas!

- Mais do que pode imaginar!

- Foda-se seu canalha! Se não estava em campo, não tem direito de julgar!

- Não vou julgar! Eu quero salvar!

- Ficou louco? Acha que é páreo para um exército estrangeiro? Acha que vou comprometer a diplomacia de um país para compensar sua covardia de não ter enfrentado o inimigo quando podia?

Tonio lutava para não se atirar sobre Fúlvio e arrancar aos socos a informação.

- Onde eles estão?! Você sabe! O que aconteceu?

- O que acha que acontece com prisioneiros, seu cretino?! – Eles gritavam. – Estão mortos! A essa altura, todos mortos!

- Estão vivos! Sua covardia o fez chorar como um bebê cego após a batalha e omitir o paradeiro dos sobreviventes! Seja homem e diga a mim!

Fúlvio tomou a iniciativa que Tonio refutou e se atirou sobre o seu acusador para sufocar aquelas palavras que o assombravam como Reno assombrou Tonio. Coincidentemente, ao longe, Martius tentava sufocar Giácomo no córrego para impedir que este interrompesse a discussão privada.

Tonio mostrou a Fúlvio como suas investidas para se sobrepor ao mestre de armas dias antes foram vãs. Jogou-o contra uma árvore e mostrou sua verdadeira técnica avassaladora após abandonar o equilíbrio e despejar socos tão bem colocados sobre o nobre que segundos depois o levaram a repudiar sua própria reação. Ficou horrorizado por si e pelo olhar de Fúlvio, que desde a Batalha de Valdoa não experimentara sensação análoga. Parou e olhou à sua volta para retomar suas referências. Ao longe, viu Martius e Círio sentados, molhados e ofegantes, também arrependidos por extremismos impensados.

O retorno foi rápido e silencioso. A dupla de bardos horrorizada consigo mesma, as duas duplas arrependidas pelos excessos, a moral tão baixa que permitia que caminhassem lado a lado sem emitir som algum de desculpas, reconciliação ou ameaça. Queriam se livrar do outro sem ressalvas ao desafio, a qualquer vitória ou imagem que iriam passar.

Fúlvio chegou aos jardins com os hematomas expostos que foram entendidos como marcas de um embate a um animal potente. Ele passou silencioso e transtornado pelos convidados sem nada dizer, Giácomo atrás.

Tonio já tinha recobrado sua estabilidade e pensava nos companheiros. Assim que chegou, aproveitou a oportunidade do alvoroço em torno de Fúlvio para atravessar os jardins, não antes de arrebatá-la que os esperava.

- Lucha?

- Já foi. Estava cheirando tão... – Nada mais disse ao entender a expressão dos recém-chegados.

Os três saíram rapidamente antes que fossem impedidos.

*

Na hospedaria, houve uma reunião onde Tonio explicou o ocorrido e cogitaram sair de Valdoa, mas Ella não encontrou Lucha no quarto.

- Será que a pegaram?
- Ela deixou um bilhete para eu não me preocupar. Vocês retornaram aos jardins horas depois. Não havia como alguém saber de seu confronto para querer detê-la.
- Não podemos deixá-la!

Tonio decidiu:

- Esperamos até o amanhecer, aí decidimos. Deixem a bagagem pronta e os cavalos arreados.

Foi uma ordem cruel para os cavalos, pois não saíram. Encontraram Lucha no café da manhã, tão despreocupada quanto alheia aos fatos.

- Pelos céus, onde esteve?!
- Tenho informações mais importantes que essa, Ella.
- Nada é importante além de fugirmos! Não sabe o que houve?

O ar de Ella deixou Lucha atônita. Quando ainda se inteirava dos fatos, Martius e Tonio se juntaram a elas.

- Hora de deixar Valdoa. Ella, juntou as coisas de Lucha?

Tonio sustentava um olhar de censura. Lucha retribuiu o mesmo olhar:

- Vai sem ter o que precisa?
- Não conseguiremos mais nada. Agora vamos lutar por nossas vidas. – Capitulou, baixando os olhos à medida em que a voz sumia.

A reação não abalou Lucha, que continuava a desafiar:

- Para evitar revelar o que o genro do barão não quer tornar público?

Martius reagiu, confuso:

- Como é que é?

Ela obedeceu com o sarcasmo de quem detém informações diferenciadas:

- Para evitar revelar o que o genro não quer tornar público!

Silêncio. Explicou melhor enquanto exibia uma vitória infantil:

- Se é como me disseram, ele não vai falar!

Tonio foi seco:

- Não pode ter certeza.

Lucha se recostou:

- Baseado nas informações que consegui, tenho sim.

Tonio tinha os olhos frios como no momento em que olhou para Demétrio. Lucha sentiu o peso daquele olhar e se encolheu antes de ceder, retornando ao seu tom analítico:

- O barão não aprova o marido da filha. Nem ela se interessa pelo casamento fracassado. Fúlvio Comperteiro vive pisando em ovos. E em competição com o cunhado, que teria precedência nos favores do pai, mas é fraco. A família é um desastre, ele é a melhor chance de eles terem alguma liderança futura, mas não admitem. Por orgulho ou... burrice, não sei. Enfim, ele não tem apoio para vir atrás de nós. De ninguém!

Tonio fitava o vazio, avaliando as palavras de Lucha. Ela reforçou:

- Todo evento social dele é uma fachada. Sua situação está no limite.

Ella entrevistou:

- E este evento foi publicamente um fiasco.

- Exato. – Concordou Lucha. – É mais provável que recebamos um agradecimento do barão do que uma reprimenda. Lá dentro a guerra é tão intensa quanto foi a tarde de vocês, pelo que Ella descreveu.

Tonio suspirou, entregando-se. Os ombros caídos em uma pessoa habituada à postura perfeita indicavam o peso que carregava:

- Foi tudo inútil!

Martius tocou seu ombro:

- Ainda temos outras pessoas a investigar.

- Muito tempo! Muito esforço para nada!

Ella apoiou a cabeça nele. Tonio aceitou um abraço que desarmou suas últimas forças, desabafou a angústia contida desde a noite em que Reno o visitou em seus sonhos.

Lucha baixou a cabeça, lamentando a promessa feita sobre o necromante.

*

Tonio passou o resto da manhã só, e à tarde foi visitar sua família. Ele mesmo não sabia se estava se despedindo para deixar Valdoa ou à procura de uma luz para tirar parte do peso que ainda restou após desabafar nos braços de Ella. Na hospedaria, Ella também se isolara. Lucha passou a manhã com seus apontamentos e a tarde a discutir com Martius outro caminho antes de capitular e pedir ajuda a um necromante.

- Há ainda outros sobreviventes.

- Comperteiro admitiu saber de algo. Tínhamos que forçá-lo a falar!

Martius a fitou, severo:

- Não somos isso, Lucha.

Ela não se sentiu atingida, dando de ombros:

- Não me refiro a tortura. Alguma informação, a ameaça do sogro, qualquer coisa!

Martius suspirou:

- Gastaria mais tempo para investigar.

- É mais seguro que a opção.

Ela apoiou o queixo nas mãos postas sobre a mesa, a refletir.

Martius tentou encontrar alguma brecha ou pista para seguirem ao repassar mentalmente a conversa que Ella contou ter tido com Círio Mantina.

Círio alertava a violinista do desequilíbrio de Lucha:

- Ela vai ao extremo, ou para chamar a atenção, ou por uma experiência ruim. Algumas pessoas não voltam quando vivenciam situações adversas.

Ella repassou a história de Lucha, dando credibilidade a Círio:

- Ela realmente passou por momentos difíceis. E quem não? Acredite, ela retornou.

- Não sei. Vi muitos casos após a Batalha de Valdoa. Foi uma batalha logo no pé de nossos muros, em meio à última guerra. Eu era apenas um aprendiz, mas cuidei de muitos feridos.

- Você é médico?

Ele riu.

- Sim, não parece? Pensou que minha função é cuidar dos cães de Comperteiro?

Ella baixou a cabeça envergonhada.

- Não pensei. É que admiro aqueles que usam seu tempo para cuidar que para ferir.

- Obrigado. Poucos admitem que a tarefa de cuidar é... bem, lutar também é importante, e eu era muito jovem para pegar em armas.

- Como o conheceu?

- Nesta mesma situação que estou descrevendo. Ele não se feriu gravemente na batalha, mas levou meses para recobrar a razão. Nem todos aguentam o que vêem. Às vezes, penso se alguns já não escolhem morrer ali mesmo, enfrentar uma espada baixar sobre sua cabeça pode ser mais fácil. Entretanto, como eu ia dizendo, eu era jovem, então fiquei do lado seguro da guerra. E me intriguei com o caso de Fúlvio, o admirava, ele se sacrificou pela cidade, e acabei voltando minha atenção para ele. Nos tornamos amigos. Tanto eu quanto Giácomo. Sabe, foi por nós que Fúlvio conheceu o barão, meu falecido tio era próximo do homem e tinham alguns negócios juntos. E quem não admirava um herói da linha de frente! Ficamos sinceramente felizes com o casamento. E tudo pôde acontecer porque ele conseguiu superar o trauma da guerra.

- Então são íntimos!

- Alguns dos poucos amigos que ele realmente tem.

- Ele já falou sobre a batalha?

Círio fechou o cenho.

- Ele não fala sobre o passado. Foi forte demais. Ele conseguiu escapar, e recobrou a sanidade, o que não acho que seja o caso de sua amiga que come fígado cru de animais.

Daquela conversa, nada Martius pôde concluir. Ainda tinha esperanças de arrancar mais alguma impressão de Ella, quando a viu chegar sobressaltada já à noite.

- Não imaginam onde Tonio está!

Martius respondeu, alheio à preocupação da violinista:

- Com a família. Deixe que se distraia.

- Quisera! O rapaz da portaria perguntou por ele no meio da tarde, só agora eu soube que foi a pedido de um mensageiro de Comperteiro! Tonio foi até ele!

- Merda! – Lucha disse, Martius pensou.

Ao chegarem de armas e instrumentos nas mãos na porta da mansão de Comperteiro, prontos para tudo, Tonio saía pelo pátio. Os viu e foi até eles, já montado em Luz da Manhã. Disse friamente:

- Já está tudo certo. Vamos embora.

No dia seguinte rumaram a sudoeste, não tão inquietos quanto curiosos pelo que Tonio não dissera. Embora soubesse que tinha que contar, ele relutava em relembrar da conversa ainda dolorosa.

O genro do Barão de Baixo Campo o convocou para uma audiência. Sem poder efetivo, ainda usava os termos convocação e audiência para manter a sensação de ter influência sobre os comuns. Tonio não se importou com os termos e aceitou o que considerou um convite.

Encontrou Fúlvio confortável à frente de uma lareira no entardecer. Cena inútil dada a ausência de frio naquele clima, mas necessária para manter a autoridade que denota a falta de preocupação dos poderosos em portar uma taça displicentemente ao fim do dia iluminado por uma réstia de luz que cortava a pequena sala íntima.

Tonio entrou devagar a notar os olhos vermelhos pela falta de sono ou culpa inerente à omissão. Ele conhecera uma nova faceta do adversário, fornecida por Ella e Lucha, e que completava as impressões que tivera em sua própria experiência. Sabia que era o momento de tirarem as máscaras. Seu olhar era recriminador e pouco se importava com a dor do adversário, mas respeitou o silêncio por ter vindo para ouvir, apesar da guarda alerta para qualquer ataque. Fúlvio fitava o fogo:

- Uma atira facas certas, a outra é tão selvagem quanto um animal. Há um que luta magistralmente, e outro que lê qualquer caminho que lhe colocam à frente como um velhaco lê as vontades de uma virgem.

Tonio não respondeu.

- E vocês querem remexer em segredos que estão enterrados há anos!

Apontou a cadeira à frente, Tonio aceitou.

- Não se pode esconder os segredos para sempre.

Fúlvio contestou:

- Sempre acreditei o contrário.
- Estamos aqui para provar que um dia eles vêm à tona.

Eles se avaliavam. Aceitavam finalmente a verdade que o outro tinha a oferecer.

- Segredos devem permanecer ocultos, nunca vir a público. Mesmo revelados, os beneficiados devem se manter às sombras. E há um preço.

Tonio concordou:

- Estou ouvindo.
- Quero alugar as habilidades de vocês.
- Não somos mercenários.
- Não vão matar. A não ser que sejam incompetentes. O que não me parece.

Foi a vez de Tonio fitar o fogo, à procura de respostas.

- Posso pagar sozinho. Não preciso dos outros. E quero usar primeiro a sua informação, pois tenho pressa.
- Desde que feito, atende às minhas necessidades. No entanto, se você morrer tentando, a dívida recai sobre um dos seus.

Tonio se levantou subitamente.

- Então terminamos aqui.

Fúlvio retrocedeu.

- Não! Espere! - Ele estava levemente embriagado. – Não é nada tão complicado. Só quero que resgatem algo para mim, como sei que quer resgatar alguém.

Tonio sentou-se novamente. Realmente, não estava disposto a sair dali sem a informação que precisava.

- Tem minha palavra que farei, mas quero saber desde agora o que é, pois não retornarei aqui tão cedo.

Fúlvio aceitou, também não estava em posição de recusar.

- Eu preciso do reconhecimento do barão. Você deve recuperar o que a família do velho perdeu décadas atrás, antes mesmo de termos nascido. Uma joia do baronato. Traga de volta, e estaremos quites.

- E Basra?

- O quê?

Tonio se recobrou do súbito descuido:

- E os sobreviventes?

Fúlvio não ignorou:

- Eu me lembro de Basra. Sempre junto de Reno.

Tonio desviou o olhar. Se tivesse mantido, teria visto compreensão.

- Bons companheiros. E me lembro de um garoto os seguindo nas muralhas.

Ele queria desaparecer. Ao menos, fechar os olhos, mas seu instinto o ordenou que ficassem abertos.

Fúlvio murmurou:

- Você é um bom amigo, Tonio.

- Enquanto conversamos nessa sala fina e confortável, ele pode estar sendo torturado.

O nobre riu, ácido:

- Não exagere. Se estiver vivo, é um escravo. Assim como outros arrastados quando retiramo-nos para sermos rendidos pela próxima leva que vinha com força total. – Olhou para o fundo do copo vazio. – Eu não fui arrastado. Chamaram meu nome e eu fui. Éramos poucos restantes de pé. Vimos um massacre!

Tonio não resistiu e fechou os olhos, viu aquele dia se repetir.

- Vimos eles tombarem. Outros insanos, alguns a chorar. Atrás de nós vinha outra leva que poderia tê-los resgatado, mas não era objetivo, é claro que não!

- Fúlvio, quem eram os que lutaram contra vocês!

- Ah, isso é público! A Guarnição Ermana de Fraga. Mas quem? A Guarnição era dividida em quatro. – Fez uma pausa, Tonio pensou que era sadismo aumentar seu sofrimento. Fúlvio apenas tentava se lembrar.

- Você procura por Guanabaro Gutavim, que ainda conseguiu lucrar com a guerra, apesar da derrota.

*

Adotaram o mesmo sistema de financiamento da viagem feita até Valdoa. Tinham um caminho longo a seguir, nem sempre seguro ao atravessar fronteiras entre ducados e até outro reino nunca pisado.

Tonio ainda cogitava se os amigos deveriam acompanhá-lo. Ella defendia sua proposta:

- O que está em discussão é nos assumirmos realmente como uma trupe. Artistas têm passe facilitado em qualquer reino, cidade ou condado. Era muito fácil... – Ella se lembrou de Demétrio - ... na minha época.

- E não há trupe de um. Vai precisar de nós para se aproximar e investigar.

- Nisso concordo, mas não quero que peguem em armas por mim. Deixem esta parte comigo.

- Porque a última vez em que assim fizemos foi um desastre? – Lucha se referia aos necromantes. – Pelo que observei, devemos é ser proibidos de caçar com nobres. Você, inclusive.

Tonio se encolheu. Sabia que tinham razão, admitia que não queria seguir em frente sem os bardos, mas recusava ser o motivo de colocá-los em perigo. - Como se eu não o tivesse envolvido em meus problemas também. - Ella entendera ser justo absorver parte da responsabilidade. – Não vou recuar agora.

- E veja eu e Lucha como um bônus.

A taverneira acompanhou a risada de Martius, o que tirou a pressão sobre a conversa.

Tinham acabado de entrar no Ducado Atavina, o que os levou a discutir a natureza do grupo e como se apresentariam. Deveriam seguir a sul, mas viam dificuldades para chegar direto a Fraga vindos do Reino de Katos. Embora anos se passaram, o ressentimento ainda sabotava as relações entre os reinos de Katos e Racina. Decidiram manter o deslocamento a oeste.

- Se entrarmos em Racina por Domênica, não seremos vistos em Fraga como estrangeiros recém-chegados. Será uma semana a mais, talvez duas, mas poderá ser bem mais efetivo. De Domênica, viramos para sul.

Estavam em terras altas e geladas, onde uma noite ao relento seria grande sacrifício. Passaram a usar estalagens e hospedarias para se abrigarem toda noite. A qualidade era irrelevante, a conveniência pelo tempo de viagem era o fator determinante do abrigo a escolher. Havia dias em que comiam bem, em outros, eram alimentados com pão dormido, manteiga rançosa e carne de qualidade duvidosa. No entanto, todas eram bem aquecidas.

Uma noite foi batizada com geada. Acordaram com a paisagem coberta por uma fina camada branca sobre o verde escuro da grama que circundava a estalagem. Martius se abaixou. Acostumado com terras quentes, tocou nos minúsculos cristais de gelo que salpicavam o verde e formavam um manto semitransparente que roubava a cor da vida com um magnífico toque fantasmagórico.

Tonio percebeu que Martius estava saindo, pela primeira vez, do tipo de mata que lhe era familiar.

- Vai esquentar. Vamos descer para terras mais baixas e planas, mas dizem que Fraga tem clima muito frio, talvez vejamos neve.

Se continuassem perfeitamente a sul, chegariam à Ilha das Flores, que Lucha e Tonio bem conheciam. O Oeste era desconhecido, seguiam indicações e mapas, e as cidades e vilas que começariam a visitar iriam requerer mais tempo em perguntas, principalmente para sondar a relação entre Racinos e Katenses mais de uma década após a guerra.

Desde Valdoa, atravessavam o território onde os exércitos avançaram e recuaram, ouviram histórias de batalhas e conheceram monumentos em memória dos fatos e dos mortos. Apenas o Ducado de Atavina e o território da Capital de Katos viram de fato a guerra cruzar suas terras, e apenas Tonio a tinha presenciado. Para os outros, eram histórias que ouviram durante e depois, como nos dias em que atravessavam o ponto focal do conflito.

Passaram a perceber cidadãos mais frios com estranhos, menos hospitaleiros e muito desconfiados. Compensavam com educação extrema ao usar a formalidade como

instrumento de manutenção das relações sociais, mas era visível a falta de interesse em se aproximarem de desconhecidos ou abrir suas vidas em conversas ao pé da lareira.

No entanto, falar de Racina não era problema, desde que fosse mal, de maneira a alimentar os ressentimentos. Ao saberem que Tonio era de Valdoa, o ponto de virada no avanço de Racina sobre Katos, a abertura era um pouco melhor. Foi possível obter um perfil da atmosfera geral da fronteira e do que esperar em Domênica. Era mais comum entrar no ducado por Porto Grande, que conectava o comércio entre os dois reinos mais Andreada. O grande volume de produtos era acompanhado de uma estrutura fortemente militarizada, resquício da guerra, porém mantida pela necessidade de controle dos tributos na fronteira.

Estavam a dois dias de viagem a Porto Grande, e fizeram uma parada para reabastecer as bolsas dada a incerteza das oportunidades de fundos com outra moeda. Martius liderava a canção aprendida dias antes, popular na região: uma toada que contava a aventura de um guerreiro deixado para trás após parar para se banhar no Rio Grande. Ao se ver só, este guerreiro amaldiçoou o rio, que se vingou ao enviar uma criatura de suas profundezas para seduzi-lo e convencê-lo a morar naquelas águas. E consequentemente, morrer nelas. No entanto, seus irmãos de armas retornaram e o salvaram. O revés foi que a criatura, que havia se apaixonado, passou a persegui-lo onde houvesse cursos d'água, ansiosa por seus braços e seus murmúrios de paixão. O guerreiro terminou os seus dias em terras secas, longe dos seus, mas no único lugar onde pôde ter paz. Martius apreciou a história que mostrava que não se deve amaldiçoar o que é natural, e a incorporou em seu repertório.

Lucha estava a um canto como habitual, às vezes ela se apoiava no balcão para interagir com algum morador local mais propenso a conversas e tirar alguma informação útil para a viagem. Estava cansada, desejosa do espetáculo terminar para que fossem deitar logo. Tentaram ganhar algumas moedas na vila anterior, que não era afeita a músicos de rua. De fato, em tavernas e estalagens ganhavam melhor que na rua.

Tonio tocava concentrado a acompanhar Martius. Ele mantinha uma batida cadenciada crescente a anunciar o ápice da aventura. Seus olhos baixos nos tambores e pratos denunciavam o seu desprendimento da realidade. Era uma estratégia substituta à meditação quando não tinha oportunidade do silêncio eremítico.

Ella tinha papel ocasional na peça. Entrava e saía da composição conforme necessário para equilibrar o refrão.

Lucha sentiu o seu cansaço diminuir. Ela reconheceu a mão de Tonio em ação sobre seu ânimo. Foi acompanhando a toada com a cabeça, as entradas e viradas de Ella, a voz de Martius em liderança, e a pressão das batidas rítmicas como um ópio na sua mente. Lucha entrou em sintonia com a concentração de Tonio que elevou a música a um arranjo épico que Martius acompanhou sem perceber suas consequências. Ele viu como melhoria positivamente reação do público. Apenas Ella se manteve consciente e tentava tirá-los daquele transe parcial. O movimento dela no palco fez com que Lucha percebesse o perigo, mas tarde. A euforia do público antes pacífico se transformou em agressividade e uma pancadaria aparentemente gratuita transformou o salão em campo de briga. Minutos depois os bardos estavam do lado de fora, em um canto escuro a ver uma turba ganhar as

ruas para seguir quebrando o que encontrassem pelo caminho. O branco de oito olhos arregalados era visível, mas a respiração contida e músculos rijos impediam de confirmar se havia realmente alguém nas sombras.

Tonio murmurou:

- Não acredito que eu tenha feito isso!

Lucha:

- Eu quase caí no encanto. Passou do sutil direto para algo incontrolável.

Ella:

- Acho melhor irmos embora da cidade.

Tonio:

- Lucha, me ajude a pegar os instrumentos que restaram lá dentro. Ella e Martius, juntem nossas coisas.

Pegaram seus rumos rapidamente, exceto Martius, a admirar o efeito da música pela paulatina redução do ruído da turba a se afastar. Disse, enfim:

- Essa vida é o máximo!

*

Por consequência das incertezas que criaram com a perturbação da paz daquela pequena cidade, evitaram a estrada principal. Não sabiam se foram ou seriam identificados como causadores do conflito, e nem ficaram para conferir o resultado do estrago.

Tonio era naturalmente o mais assustado:

- Tenho que tomar mais cuidado.

- Acalma-se, você se distraiu tanto quanto nós. – Ella queria aliviar o peso do incidente.

- Eu tenho obrigação de ficar atento! Isso não pode se repetir, ou vão ligar nossas estadas com rixas desta natureza. Seria o nosso fim!

Com uso de um mapa e sua percepção natural, Martius os guiou por uma mata que não parecia muito diferente daquela de sua região, exceto por incluir uma vegetação mais alta por entre os arbustos e cipós que se entrelaçavam e dificultaram a passagem humana. Para manter os cavalos, foram obrigados a guiá-los a pé enquanto abriam trilhas com facões e espadas curtas. Era uma mata fechada e exuberante, que compensava o calor que lembrava o Vale Cálido. Talvez por isso Martius estivesse tão vivo naqueles caminhos abertos em meio a tropeços e arranhões.

Chegaram a um rio largo de águas muito calmas. O nome dado ao Grande Rio não era gratuito, como uma planície de céu perfeitamente liso, a refletir o brilho do dia que se encerrava.

- Vamos jantar peixe hoje. – As perspectivas eram saborosas para Martius.

O entardecer era um bom momento para parar, mas a visão de uma grande nuvem branca ao longe instigou a curiosidade.

- Nuvens não são baixas daquele jeito. É fumaça.

- Fumaça de um branco impecável? – Lucha contestou Tonio.

Decidiram investigar. Bastava se aproximar mais um pouco e deixar que o sol baixasse no horizonte e a noite mostraria a dimensão daquele fogo. Se fosse na mata, melhor se afastarem antes de serem pegos de surpresa. A lua cheia os ajudaria a tomar distância com mais destreza.

Porém, quanto mais se aproximavam, mais viam o rio com uma superfície plana impassível ao som que crescia e à fumaça que se destacava na noite clara. O terreno também plano parecia encerrar tanto no rio quanto na terra em uma curva onde a floresta desaparecia para dar lugar à fumaça que indicava como o mundo se consumia.

Martius percebeu uma leve turbulência nas águas calmas:

- Uma cascata!

Sim, era a explicação. A fumaça era uma névoa gigantesca de gotículas de água reconhecida a tempo. Caso as nuvens tivessem encobrido a lua, a ausência do teria resguardado o mistério para quando chegassem à queda. As águas correntes demoraram a se agitar, sinal de poucos obstáculos a perturbar seu deslizamento sobre o leito. Desceram a margem por pedras laterais guiados pelo agora som ensurdecedor de uma queda que prometia ser espantosa, mas o que presenciaram não gerou apenas espanto.

O que antes era névoa que se elevava acima do rio em altura maior que a grande torre de Valdoa, era produzida por uma queda de altura equivalente onde a água se arrebatava nas pedras negras em um turbilhão inimaginável de força e energia expelida no ar e dissipada pelo som estrondoso permanente. Antes de encontrar as rochas, a coluna de água deslizava potente em um caminho sólido de constante movimento de partículas, porém de trajeto imutável.

Não era possível imaginar o volume daquele rio pela superfície, mas tiveram uma noção de sua profundidade ao ver toda a água do mundo escoar à frente de seus olhos.

Martius se corrigiu:

- Nunca esperei ver catarata tão grande como essa.

Ella o corrigiu mais ainda, apontando para o lado:

- Não é a única.

Ao olhar para trás, viram-se em um platô de um cânion que se abria para o rio correr, a receber parcelas de quedas d'água a batizar todo o percurso de mais de um quilômetro com suas contribuições tímidas ou generosas de líquido e espuma branca.

Naquele momento, as nuvens os presentearam ao liberar o luar com sua tênue luz metálica como o canto de um barítono que permite que a tessitura de um tenor amplie os limites da percepção dos ouvidos amansados com a beleza para alcançar o coração que treme ao

transcender os sentidos conhecidos. É quando a pele se arrepia de dentro para fora e um suspiro elimina a resistência do corpo por ele ser pequeno para existir diante da expressão do mundo. O que os bardos conheciam com os ouvidos eles viram quando a espuma branca foi trocada por tons de prata brilhante, assim como o arco íris de 330 graus se formou na névoa inferior com suas cores conhecidas à luz do dia banhadas em brilho prateado.

Estavam cercados de prata da lua cheia a refletir em volumes em movimento que criavam névoas também prateadas cujo brilho refletido em micro gotas alimentava um conjunto de cores brilhantes metálicas que circundavam o ar para formar um halo mais grandioso que qualquer coroa já criada por mãos humanas.

- Estamos no salão do imperador do mundo!

Renderam-se à beleza vista, à potência ouvida e à força esmagadora no peito. Sentaram e admiraram a maravilha criada pela natureza, conscientes de sua pequenez. Tonio sentia cada gota de água escorrer pelas rochas e cair para se romper em outras menores que subiam na névoa ou deslizavam em conjunto por entre as rochas para compor a turbulência das águas eufóricas cujos pequenos saltos integravam o leito do rio que corria em desalinho pelo cânion de altura uniforme em toda sua extensão. Ele captava toda a energia dissipada no ar, assim como a escoada pelas águas, a transformada no leito e a perdida na ausência de expectador para admirar tamanha majestade. Teve necessidade de tocar a água, e não apenas a névoa de brilho oscilante que os envolvia.

Deslizou pelas pedras úmidas como as águas turbulentas que se esgueiravam e contorciam em busca do caminho mais fácil. Sentiu calor ao tocar o frio. Sentiu-se crescer com a força emprestada da queda. E sentiu que poderia acompanhar o ruído branco estrondoso e permanente que se abria em um manto de camadas viscosas, fluidas e rarefeitas em formação progressiva à altura e ao longo do cânion.

Espalmou a mão na água. Usou a pedra úmida, o tronco agarrado ao canto, e as profundidades que tinha a seu dispor. Longe dos bardos, formou sua música natural em harmonia com a música nativa. Em seguida, retornou e subiu onde tinham deixado os cavalos. Precisava tocar para liberar a grandeza que iria explodir dentro de si.

Desceu com os instrumentos até o pé da primeira queda, a receber o vapor de água prateada, os outros se aproximaram. Ella e Martius tiveram o cuidado de manter o violino e violão com as montarias. Foram testemunhas da construção de batidas respeitadas ao fundo que imperava no ar. Tonio extraiu das quedas o que elas forneciam em suas reentrâncias, da profundidade de uma fenda cercada por paredões de rocha lisa que refletem seu chiado à dispersão por pedras rugosas e cheias de acidentes, da distância entre os paredões do cânion ou das pequenas depressões que formam cavernas reverberantes entre os saltos e o terreno. Tonio usava seus instrumentos e as partes da paisagem que permitiam-no formar música, sem perceber que seu deslocamento ou acesso eram inimagináveis para qualquer humano. Sua música tomou as cataratas e se estendeu pelo espaço e as criaturas que nela habitavam. Havia se integrado ao ambiente

de uma maneira que esqueceu de sua existência e do tempo que permaneceu integrado à fonte.

Ao olhar os bardos, eles estavam com o espírito inflado, os olhos inflamados e corpo em êxtase. Tonio se deu conta ser parte daquilo também. Martius se aproximou da beira e deixou seu corpo descer pela correnteza que era empurrada pela primeira queda. Ella gritou, mas ao invés de impedi-lo, juntou-se a ele por já sentir a energia escorrer pela sua pele de maneira que a viscosidade da água seria tão natural quanto. Lucha saltou por entre as pedras até escorregar pelas frestas laterais que agitavam o fluxo principal a costurar um caminho próprio. Tonio recuou para um salto maior. Se encontraram mais abaixo do platô, cientes de que eram parte do rio e que este não fere os seus.

Tonio havia sentido o que tocava e havia dominado o espaço. Parou e contemplou a grande fenda na terra por onde o mundo chorava. Tinha um ar febril, um sorriso insano e a pele gelada por entre as gotículas prateadas. Ouvia como cada queda gerava uma música diferente e a harmonia, que não se limitava aos olhos, era recebida pelos corpos dos bardos através da música que Tonio continuava a tocar com o contato com os elementos que formavam aquele templo. Eles a empregavam para explorar os cantos do cânion e evitar que seus corpos explodissem por receber mais do que podiam suportar. A natureza tem porte para armazenar. Eles precisavam dissipar.

Saltaram distâncias impossíveis, sustentaram pesos inimagináveis, escorregaram por superfícies mortais. Exploraram cavernas e fendas, saltaram sobre arco-íris duplos e passaram por baixo de outros, escalaram o topo das quedas e sentiram a pressão das cascatas no fundo dos poços cavados por milhares de anos.

Lucha contemplou a grande queda no início do cânion. Era a porta do inferno, porém disfarçada de uma divindade que deveria julgar os homens pela força de sua vontade contra as águas esmagadoras descidas do céu para levar corpos e pensamentos para outro mundo. Fez menção de ir até lá, Tonio a impediu. Os bardos recebiam a magia da queda, mas deveriam respeitar sua grandiosidade e não a desafiar. Lucha conhecia o mar; entendeu.

Escalou pela lateral, até o topo. De baixo, Tonio reforçou com um sinal para que não saltasse.

Não era sua intenção. Do alto, ela jogou quatro pequenos objetos sob o luar prateado a fim de batizar o barro de sangue na porta do inferno. Tanto ela quanto os bardos sentiram parte de si escoar pelas águas turbulentas. Instantaneamente, eles mergulharam atraídos, cada qual em busca de si. Lucha também, após deslizar por queda menor próxima mais à frente.

Martius capturou sua parte em meio à turbulência gerada pelo volume de água que se contorcia no leito. Tonio agarrou a sua parte em meio ao ar e água da cascata que descia por um platô. Ella encontrou sua parte protegida por rochas laterais próximas à margem abraçada pela mata. E Lucha mergulhou para agarrar a sua parte nas águas profundas que desciam na tormenta.

Abrigaram-se nas margens. A lua cheia baixava no céu para aplacar os ânimos que foram saciados pelo instinto que premiou cada bardo com um regalo abençoado pelo templo que guardava a porta do inferno. Agarravam suas partes, confusos sobre o que faziam.

Sentados, a magia a se dissipar no ar, eles olhavam interrogativamente para os objetos em suas mãos. Nada disseram até amanhecer. Os primeiros raios do sol os saudaram com o calor que os despertou. Todos seguravam uma pequena placa de cerâmica que cabia na palma da mão, cada qual com um símbolo: um violão, um violino, um tambor e uma nota de sol.

Ella quebrou o silêncio com a pergunta que mais a incomodava:

- Por que jogou?

- Eu não sei. Era lógico jogar. Natural. Na hora, não fazia sentido não o fazer.

Martius:

- O que é isso, Lucha?

- Vocês sabem. Sentiram como eu. Cada um é parte de nós.

Martius entendeu:

- O sangue que te mostrei!

Ela confirmou com a cabeça enquanto lembrava-os:

- O sangue derramado na terra que virou barro. O sangue dos bardos com o qual Ella e Tonio sonharam. Eu recolhi.

Tonio vacilou:

- Por quê fez isso?

- Está carregado de magia. Eu senti lá na serra, assim que Martius apontou para o sangue de Ella que escorreu até o chão.

- Mas, estes símbolos?

- Pedi para um artesão moldar e desenhar em baixo relevo em Valdoa. Eu não podia deixar a magia do sangue se perder na terra! E hoje que você despertou essa aqui, é tão especial e grandiosa, bem, eu não poderia desperdiçar também! Ela estava aqui à nossa volta, vi que podíamos captar parte dela.

Tonio ainda tinha dúvidas:

- Captar? Isso significa alguma coisa?

Lucha deu de ombros, insegura.

Ella determinou:

- Significa que sangramos lado a lado, e que festejamos lado a lado. Cada um de nós irá usar o seu. É parte de nós, está carregada do que tivemos e fizemos!

Todos fitavam Ella, ainda insatisfeitos com a explicação. Completou:

- Acho que são amuletos criados com nosso próprio infortúnio. E energizados com bênçãos que conquistamos.

2. TERRA DE HISTÓRIAS

Eles chegaram a Racina pelo Ducado de Domênica, mas longe da estrada cuja ponte ligava os dois reinos. Resgataram os cavalos e instrumentos e atravessaram o Grande Rio logo após o cânion das cataratas. Entraram na fronteira Porto Grande, porta para o território que deveriam conquistar discretamente a fim de seguir até Fraga.

O plano era ainda incerto. Teriam que investigar um passado de derrota que certamente despertou rancores. Pelo que acreditavam, ainda havia vítimas que eram punidas. Deveriam descobrir a veracidade das informações que traziam e renová-las com outras mais completas e recentes.

- Vocês têm consciência que isso pode levar muito, mas muito tempo?
- Vai começar com essa história novamente?
- Não Martius, não vou pedir para se afastarem. Apenas quero deixar todos livres para seguirem seus caminhos se assim acharem melhor.
- Muito tarde! Essas plaquinhas no pescoço nos atam uns aos outros.

Ella e Lucha riram. Sabiam que elas não funcionavam como uma amarração, mas admitiam que não eram simples símbolos.

Havia uma relação entre o sangue que as compôs com a terra do barro e os instrumentos de madeira crescida também da terra, que por sua vez eram manejados por aqueles que carregavam o sangue contido nos amuletos. Cada qual formava um halo invisível entre amuleto, corpo e instrumento e, ao tocarem juntos, os halos individuais se entrelaçavam. Os amuletos eram placas de argila que vibravam com a música, o que amplificava o som, assim como eram sangue de bardos que se aqueciam, o que amplificava a magia. Entrelaçados, os halos formavam um conjunto de anéis que expandiam a amplitude do poder dos bardos. Assim eles sentiram na primeira vez em que tocaram após as cataratas, mesmo Lucha, que os assistia. Ela sentiu o amuleto se aquecer e percebeu como a magia foi ampliada com o agitar da placa.

Foi essa ligação a que Martius se referiu, embora Tonio tenha ignorado para não fugir do assunto:

- Temos que subir até Fraga sem levantar suspeitas. O mais difícil já fizemos, estamos dentro e chegaremos por esta frente. Só precisamos evitar perguntas desnecessárias.

Realmente, subir era o melhor termo.

Fraga era em terras geladas e altas, onde a neve começava a batizar o solo. Era, portanto, terra úmida de ventos fortes. Mais a sul havia somente campos gelados até chegar às terras ermas de Dust.

Já Domênica margeava o Grande Rio a oeste, separando o Reino de Racina do Reino de Katos. Antes, o rio nascia no Reino de Moros, próximo aos domínios dos Lanceiros Perpétuos, e corria para sul até iniciar seu papel de linha separadora dos reinos de Moros e Katos a correr a sudoeste. Seu desvio novamente a sul ocorria no curto trecho em que

entrava no Reino de Andreada para, em seguida, voltar a dividir Katos, porém com Racina. A primeira cidade que marcava essa divisão era Porto Grande, entreposto no meio do continente que ligava Racina a Andreada e Katos no mesmo ponto. Porto Grande era ainda próximo de Moros por distância equivalente ao Vale da Rã para o Vale Cálido, porém de topografia bem mais acessível, o que reduzia drasticamente o tempo de viagem e a percepção das distâncias. Os campos rasos de Domênica no entanto, eram exíguos, pois logo o terreno se elevava a fim de ligar a parte baixa de Racina ao altiplano de Fraga. O Grande Rio ainda limitava o Ducado de Fraga com o Ducado de Atavina de Katos. Porém Fraga mal se beneficiava do corredor de navegação, pois ele era um rasgo fundo na paisagem que separava a parte alta, em Racina, da parte mais baixa, em Katos.

O intenso comércio de Porto Grande se equivalia ao de uma capital, ou mais. Porém, a organização era longe de ser modelo de um centro administrativo. Duas línguas e três dialetos se engalfinhavam em negociações, fiscalizações e justificativas. As ruas apertadas permitiam o assédio de comerciantes a todo e qualquer pedestre. Em ruas mais largas, a disputa de espaço com carroças, carruagens e cavalos empurrava o mais fraco para os domínios dos vendilhões e mascates. Por fim, as grandes avenidas eram dominadas a todo momento por autoridades e seus séquitos militares habituados a varrer indesejáveis para as bordas de suas passarelas, ou a comandos de tropas particulares com análoga falta de gentileza.

Mesmo sobre uma montaria, Martius foi o que mais se incomodou com tamanha desordem que parecia não ter fim independente do quanto avançavam Porto Grande adentro. Cavalos, carroças, pessoas, cães e bois vinham de todas as direções e iam para muitas outras em meio a gritos, acenos e até a sinos a pedir passagem. Começou a se sentir sufocado ao ser obrigado a aceitar que havia lugares mais desconfortáveis que o Vale Cálido. Bastava que fosse acrescentado ao calor, a falta de espaço, um ruído de arranjo destoante e agentes variados a se movimentar em circuitos babélicos.

Tonio se inspirou naquele caos:

- Lucha, estou pensando em dois ou três eventos que nos forneçam uma carta de apresentação para lugares mais tranquilos onde possamos nos destacar melhor.

Lucha acenou afirmativamente, mas foi Ella que alertou:

- Em estabelecimentos decentes, por favor!

- Esse tipo de cidade tem de tudo, Ella. Sossegue, providenciarei o melhor para pularmos algumas etapas na escala da elite local.

- Mais importante que o nível é um lugar tranquilo para descansar. – Martius desabafou.

Lucha encarou Tonio curiosa por alguma demanda também da parte dele. Ele entendeu a lista de exigências, rindo enquanto jogava a cabeça para a frente e inclinava levemente o tronco.

Os bardos tiveram tempo de descansar e ensaiar até que Lucha providenciasse o primeiro trabalho. Enquanto Martius foi prontamente atendido, o pedido de Ella requeria mais tato. Não pela necessidade de um estabelecimento decente em si, mas para que fornecesse

discretas referências sem antecedentes que pudesse ligá-los a Valdoa. Eram um grupo anônimo de músicos do Vale da Rã, no Ducado de Cerros, a tentar a vida em locais mais profícuos até que um mecenas se interessasse pelo seu trabalho. Para evitar que mecenas inconvenientes surgissem pelo caminho, Lucha os alertou a controlar a magia:

- Encantar sem encantamentos.

Raramente presunçoso, Martius se deu ao luxo de soar narcisista:

- Então, só vou usar o meu charme natural.

Além das apresentações que, como Martius observou, agradaram naturalmente, Lucha ainda providenciou uma novidade. Ao chegar com botas e casacos forrados, estes últimos com golas e capuz em peles, arrancou exclamações de surpresa e desagrado em meio àquele calor.

- Está louca? – Martius repeliu a oferta de imediato.

- Aqui é mais barato. Aliás, muitos produtos finos passam por Porto Grande a caminho de toda Fraga, ou da Ilha das Flores para embarcar para outros reinos. Economizamos quase meio cavalo com essa compra, e não contive a elegância. Sem exageros, mas já aponta o meio onde queremos frequentar.

Apesar do calor, Ella experimentou o traje completo, empolgada ao vestir a moda do Sul que, Lucha garantiu, era tendência atual. Depois quis uma cerveja fria para compensar o calor. Martius só experimentou as botas para conferir o conforto. Tonio verificou sua capacidade de movimento com aquele peso:

- Pouco prático.

- É muito frio, não vá reclamar mais tarde. Bem mais que os dias gélidos que você experimentou no porto. Quando o inverno chegar, provavelmente ainda estaremos em Fraga.

- Difícil acreditar que seja mais que em Atavina, mesmo que Tonio tenha alertado.

- Martius, quando entramos em Atavina, houve apenas geada. Fraga tem neve no inverno. Nos anos mais intensos, a camada é bastante espessa. A neve pode estabilizar o frio depois de uns dias, é claro, mas enfrentaremos as madrugadas. Se sairmos ou estivermos ao relento, é bem pior que a geada. E mais, pense na borda da Serra da Terra Velha, porém com uma parte baixa tão fria quanto você sentiu em Atavina Norte. Como você acha que é a temperatura na parte alta? A inclinação da trilha que liga a parte baixa com a alta na Serra da Terra Velha não existe lá. Fraga é limitada por uma imensa escarpa que, junto com Atavina média lá embaixo, comprime o Grande Rio mais abaixo ainda. É tão alto que o rio é inacessível de Fraga. E ainda não cheguei aos ventos. Você sabe como eram fortes na Serra da Terra Velha. Agora imagine ventos vindos de nuvens que pairavam sobre uma região que já é muito fria, e estes ventos que sopram em grande velocidade encontram terra repentinamente. O que era para formar uma região gelada e úmida propícia para a neve nem ocorre na borda. Nela, a neve não se forma, pois os ventos fortes não permitem. A vegetação é rasteira porque nada cresce, e mesmo a ocupação é evitada nas primeiras seis horas de caminhada da borda.

Martius não pôde deixar de observar:

- Você parece conhecer bem.
- Conheci muitos de Fraga quando morei no porto.

Tonio confirmou:

- Sim, eles são comuns na Ilha das Flores. Os mais abastados fogem das terras altas no inverno.
- Costumam enviar as famílias. Eles fazem negócio e retornam. Dizem que até o Duque de Fraga já esteve na ilha, não na minha época. Em Fraga, vive em uma fortaleza longe da borda, enquanto parece que iremos para perto dela.

Tonio apertou os olhos:

- O que descobriu enquanto tocamos, Lucha?

A taverneira aprumou o corpo, como preparação para reportar:

- A Guarnição Ermana de Fraga tem uma de suas sedes perto da borda. Próxima a uma pequena cidade, quase vila, Aflatin. É também o nome do condado.
- Não significa que eles ficaram com os escravos. Devem ter sido vendidos para pagamento aos soldados. – Tonio pensava em todas as possibilidades.
- Os guarnieiros, é como são chamados. Mas não. Racinos não comerciam escravos. Como Katenses. Ou Morianos. É parte da condição que Moros impôs para mediar a paz. E o Duque de Fraga é primo da realeza de Moros por parte de mãe, ele interviu para Racina aceitar. Historicamente, tanto Fraga quanto Domênica não têm escravos há décadas.
- Mas podem ter prisioneiros.
- Exatamente Ella. Prisioneiros de guerra não podem ser vendidos, embora possam ser colocados em trabalho, ou devolvidos mediante resgate. Sabemos que não houve resgates, porque não houve notícias desses prisioneiros. Por que o inimigo vai manter segredo em ter prisioneiros e deixar de lucrar com resgates, mesmo que de pessoas comuns? Qualquer coisa dá mais lucro que os gastos em alimentá-los.
- Você está dizendo que eles queriam esses prisioneiros para um fim específico.
- Parece que sim, Martius. Só precisamos saber para o quê.

Tonio suspirou, apreensivo, mas satisfeito:

- Bom trabalho, Lucha. Hora de seguir viagem.

Como previram, foram fazendo fama ao longo da subida de Domênica para Fraga, em algumas poucas cidades e muitos salões. O percurso deveria ser feito com cuidado, não podiam revelar a pressa que fazia Tonio se impacientar, porém nenhum deles queria perder tempo, mesmo que não tivessem momentos ociosos.

Lucha ia tecendo os compromissos de maneira a beneficiar o plano enquanto colhia detalhes sobre a realidade que iriam enfrentar. Passava horas pensando, analisando e

anotando. Tonio tentava exercitar a paciência herdada dos Lanceiros Perpétuos. Alternava esses exercícios com a música e luta. Quando Tonio parava para meditar, Ella e Martius ocupavam o seu tempo em entender melhor os efeitos dos amuletos que carregavam.

Estavam hospedados em uma casa de campo de um nobre, o que os deu privacidade para usar os arredores dos jardins e pomar para seus estudos mais primorosos, que ultrapassavam a música. Nas últimas semanas, tinham pouca oportunidade de ficarem sós fora de quatro paredes. Eventualmente, camponeses passavam curiosos para captar trechos da arte que lhes era negada. Ella abria um sorriso largo e acolhedor para eles. Sem se incomodar por ser obrigada a interromper o quinhão místico de sua prática, tocava um pequeno trecho comum no violino a fim de os contentar e seguir sua vida, muitas vezes, árdua.

- Queria poder tocar para eles. São os que mais merecem.

Martius tinha a cabeça baixa sobre as cordas:

- É justo, – levantou o olhar – mas não podemos nos desviar do que nos propusemos ser.

Ella jogou o corpo para a frente, queixando-se em palavras lentas e chorosas:

- Eu sei! – Retomou o tom levemente apiedado. - Já teria tocado para todos eles se não fosse pela nossa missão. Não me arriscaria estragar nosso plano. Sei como tem sido difícil para Tonio.

Martius se calou. Nada a dizer além do que já sabiam. Ele via como seu amigo lutava para não onerar o peso da aflição sobre todos os outros. De sua parte, Martius se preocupava com o insucesso daquela busca, mas não sabia como colocar tal receio para os amigos. E se não encontrassem Basra? Por quanto tempo procurariam? Como Tonio ficaria se nunca tivessem reais notícias dele?

Ella pareceu ler seus pensamentos:

- E ainda nem sabemos se essa busca vai resultar em algo!

Martius engoliu em seco. Ao invés de falar, dedilhou para arrancar uma melodia que ocupasse o silêncio que estava se formando. Ella continuou absorta. O toque ritmado e crescente da música era estimulante, mas não teve efeito na violinista, que continuava a olhar o horizonte. Seu abatimento era tão crescente quanto o esforço de Martius em tirá-la daquele estado. Ele desistiu, parou e a tocou no ombro.

Ella se voltou a ele, tão apática quanto antes de iniciar a cantiga:

- Vamos fazer nosso melhor, não é?

Martius a encarava, intrigado.

- O que foi, Martius?

Ella empertigou o tronco e procurou ao redor o que o alarmou, até perceber que o problema era ela. Foi sua vez de ficar sobressaltada.

- Martius? O que houve?

Ele continuava a fitá-la atentamente, confuso. Finalmente, informou em voz baixa, a contar um segredo:

- Minha música! Não fez efeito algum!

Ela compartilhou do embaraço dele, porém inocente por demais para alterar a voz:

- Você tocou? – Refletiu. – Sim, você tocou. Eu não me ative à sua música. Não nos conectamos dessa vez!

- Pior! Estou ao seu lado, você ouviu mas não escutou!

Ella finalmente entendia:

- Muito menos captei a magia!

Houve silêncio e medo.

- Martius, querido, me ajude, o que nos aconteceu?

Ele a abraçou, protetor:

- Não há de ser nada. Vamos tentar novamente.

Ele tocou, e mesmo sabendo que ele estava lá, ela pouco reagiu:

- É como se você estivesse ao longe! É tão estranho, pois antes nossos amuletos estavam amplificando nossa música.

- Eu estou, Ella! Você é que não está... – Martius interrompeu a frase e estendeu a mão ao pescoço de Ella. Puxou a gola alta que cobria seu colo, e sorriu.

- Você é que está invertida!

Ao tocar seu amuleto, sentiu com os dedos que o desenho do violino estava voltado para sua pele. Também sorriu. Testaram outras vezes e foram contar aos outros mais uma descoberta.

- Explique você, Ella.

- Pois bem, há várias possibilidades. O amuleto pode estar voltado para o mundo, ou para nosso corpo. Na frente e atrás. Nós podemos ser fontes ou receptores do som.

Tonio confirmou com a cabeça acompanhar o pensamento.

- Agora façamos as combinações: quando o amuleto está voltado para o mundo, é o que conhecemos. Sejamos fonte ou receptor, nos conectamos. Se o amuleto está em nosso peito ou nas costas, irá determinar a melhor direção para ampliar o efeito do som, mas ele será amplificado como esperado. Até aqui, nenhuma surpresa.

Todos concordaram.

- Agora, se virarmos, façamos todos, exceto Martius. Vejam o que acontece. Martius querido, toque por favor.

Com uns acordes, perceberam a diferença.

- É como se estivéssemos atenuados.

- Sim, escutamos pouco. Não há elo entre nós. Tentamos nas costas também, o amuleto voltado para nós. É a mesma lógica da direção, pois parece que o amuleto cria uma barreira que nos atenua, como Lucha disse, dos sons exteriores. Se a fonte vem da nossa frente e o amuleto está invertido e, ainda, nas nossas costas, a atenuação é maior. Como um som a metros de distância.

Lucha ficou curiosa:

- E como é individualmente, Ella?

- O que quer dizer?

- A rede que nos conecta aumenta o nível sonoro e o alcance da música e da magia, mais do que quando somente um de nós usa o amuleto. Há uma rede de isolamento que aumenta a atenuação?

Eles se entreolharam. O rastreador já era familiar ao método:

- Vamos testar.

Cada um usou o amuleto invertido isoladamente, enquanto dois o tiraram e um quarto tocava com o amuleto posicionado para ampliar os poderes. De fato, a atenuação era maior quando juntos do que quando apenas um usava o amuleto e se beneficiava da redução sonora.

Ella estava empolgada:

- Ainda há mais! Agora, Tonio, deixe virado para você e toque.

Tonio assim o fez e, embora sem palavras claras, sua reação assim o foi:

- Ow! Nossa!

- Sim, o aumento da potência nasce e volta para você. Podemos usar a magia em nosso próprio proveito quando nos tornamos fonte e receptor. Todos nós sentimos, mas uma sensação mais débil, bem, considerando que costumamos levar um baque maior da magia de Tonio.

Martius completou:

- Lançamos magia sobre nós mesmos. A vantagem de voltar a frente do amuleto para todos é a partilha, pois crescemos por fornecer e receber os dons entre nós. Mesmo Lucha, pois a conexão dos amuletos é mais concisa quando ela participa. É melhor que usá-lo invertido. No entanto, quando cada um de nós estiver só, podemos nos beneficiar dessa outra possibilidade.

Ella retomou a palavra:

- E este caso é válido quando o amuleto está nas costas também.

- Será que essas direções podem variar?

- Tonio, creio que segue a lógica da difusão e reflexão do som, como fizemos outras vezes. Só temos que saber o que amplia mais, amplia um pouco, reduz um pouco e reduz mais. A direcionalidade vocês já dominam.

Ella concordou com Lucha, mas com um adendo:

- Sim, mas ainda temos que testar distâncias, e inclinações de nossos troncos quando estivermos afastados. Se eu me voltar mais para Martius ou Tonio ou Lucha, o que acontece? O que sabemos com certeza é que a magia está totalmente ligada à música, se a segunda cresce, a primeira também. E o inverso.

- Menos com Lucha. – Martius observou.

Ela acolheu sua participação com ânimo:

- Estou satisfeita em contribuir com a conexão. Deixo alegremente a produção da música e da magia com vocês.

*

Não tiveram oportunidade de testar tudo o que queriam após aquela estadia. Hospedagens posteriores não permitiram o isolamento necessário para que experimentassem variações. Aproximavam-se de Fraga e a discreta fama que almejavam ia sendo alcançada e exigindo mais atenção aos convites que surgiam. Passaram a admitir publicamente que tinham o próximo ducado como destino, e criaram a versão de que seguiriam para a capital após fazer fama em Domênica no outono e em Fraga no inverno. Era natural que quisessem se deslocar na primavera e, ainda nela, alcançar a corte real na entrada do verão, período das grandes festas e maior ócio da nobreza.

A rotina, no entanto, permitia momentos de lazer e descanso, mesmo que sem privacidade. A admiração levava ao assédio constante e, com eles, as histórias e lendas da região.

Em Roca Mirada, uma vila em prosperidade crescente, ouviram a história de Jeremias Contador, nome que lhes foi introduzido ainda em Porto Grande. Adália de Hercatorin e sua gema encantada foi apresentada próxima da antiga e exímia Floresta Profunda. Pilares ensinou sobre o passado da região e os heroicos Benames, Libertadores de Fraga.

Lucha e Ella estavam sentadas sobre um muro baixo e largo composto de pedras sobrepostas em encaixe, sem massa para agregar. Deixavam as pernas soltas a chutar o ar, à frente de uma estrada na saída de Roca Mirada, ao lado de Tonio, que mantinha as pernas cruzadas e costas retas, apreciando o momento. Martius, de pé, cavava o chão com a ponta das botas, arrancando tufo de grama e mato. Do outro lado da estrada, um monte guardava o sol que se escondia nada furtivamente ao anunciar seu descanso em rajadas paralelas de dourado fugidas da grande barreira de nuvens que empurrava o dia para longe. Um vento fresco aliviava o leve calor do fim de tarde. O clima já mudava para anunciar a subida de terreno ao longo de Domênica.

A tranquilidade era levemente quebrada pela audiência dos desocupados da vila, enquanto ouviam o decano contar a sua história predileta sobre Jeremias, o melhor e mais admirável contador que o mundo conheceu.

- Não é exagero! Era isso mesmo. Um abençoado. Jeremias tinha um dom único jamais visto antes ou depois, uma sensibilidade para contar uma história e emocionar, despertar a fúria, atar amores, criar medo ou esperança nos corações. Seu repertório era vasto, mas

não era apenas a mensagem que ele sabia transmitir, mas a fazia no tom certo para alcançar o que quisesse de seu público.

Martius se identificou:

- Arrancava os sentimentos que queria, mesmo?

- Muito mais do que isso! Ele era mágico!

Ella apertou os olhos diante daquela afirmação, meio duvidosa, meio curiosa. Tonio levantou uma sobrancelha para ela, para que se contivesse, mas principalmente, para mostrar que entendeu sua reação.

- Por que não nos conta?

- Ora, por certo.

A lenda surgiu há cerca de duzentos anos, talvez menos, ou um pouco mais. Jeremias passou por esta terra como um andarilho, ele e seu filho. Era generoso como um monge, simples como um camponês e alegre como um jovem que sabe ter toda uma vida adulta para descobrir. Ou quase, mas chego lá.

Jeremias ganhava a vida a contar histórias nas vilas, arrancando risos, suspiros e gemidos. Levantava humores, compensava perdas, não hesitava em ajudar quem precisasse, cobrando pouco pelos benefícios que distribuía. Quando chegou por estes campos, distribuiu benesses, até que soube dos enfermos. Sem que ninguém pedisse, seu semblante mudou e foi até eles. Velhos, crianças, fosse qual fosse a doença, ele ia até eles e os consolava com belas histórias. E foi quando a maior surpresa se revelou: ele começou a curá-las! A princípio, amenizou a dor. Os parentes ficaram agradecidos, a notícia se espalhou. Logo viram que mais histórias faziam os inchaços diminuírem, as febres sumirem, as forças retornavam. Aos poucos, os doentes foram curados. O povo já o reconhecia como um ser abençoado, enviado para trazer mais que apenas conforto aos saudáveis ou enfermos. Era um homem com uma missão, e com uma única tristeza: seu filho.

O garoto, que chegou a estes arredores com cerca de uns doze anos, tinha deficiências pelo corpo todo. Suas juntas forçavam os ossos, deformando-os, seu tronco era virado, os pés só apoiavam seu corpo frágil ao custo de muita dor. O pai amenizava a dor, mas não conseguia curar o filho. Não era uma febre ou uma picada de cobra, mas um corpo todo deformado que não tinha conserto. Era a grande tristeza do pai, e do povo que passou a amá-lo, ver a criança de olhos vivos e cheias de adoração pelas histórias contadas não poder se beneficiar do dom mágico que ele testemunhava mudar tantas outras vidas. O povo amava a criança por seu sofrimento e por gratidão ao pai, mas nada amenizava a dor que enchia os olhos de Jeremias ao contemplar o filho.

Seu maior feito, no entanto, foi mais ao longe. Já tendo passado por estas bandas, Jeremias continuou sua saga até ouvir de uma vila assolada por demônios. Bom, não se sabe se eram demônios, mas criaturas noturnas que saíam somente à noite e destroçavam os rebanhos a princípio. Depois invadiram as fazendas, extinguindo famílias inteiras. Nenhuma casa da vila abria mais suas portas e janelas após o sol se pôr. E ainda assim,

no meio da noite, ouvia-se o terror de quando alguma passagem bloqueada era rompida. Os gritos agudos de vizinhos em desespero esmagavam a pouca coragem restante daqueles que escaparam por aquela noite mas que sabiam dos restos que teriam que limpar após o amanhecer. Era uma vila aterrorizada e com um fio de vontade restante.

Jeremias chegou, ouviu, viu, baixou a cabeça com pesar. Passou um dia inteiro passando em cada casa que havia se tornado um monte de escombros assombrados. Tocou as paredes sujas de manchas marrons escorridas ou borrifadas, marcas de mãos, roupas esgarçadas nos cantos. Próximo do anoitecer, foi até o filho, beijou-o calorosamente e disse:

- O que falo é, e sempre será, por você.

E desapareceu no crepúsculo que se formava.

Todos pensaram que ele estava condenado. No entanto, naquela noite não houve ataque. Nem na seguinte. E quando Jeremias retornou, disse que nunca as criaturas voltariam a assolar a cidade. Ao perguntar o que ele fez, ele disse:

- Elas só precisavam ouvir a história certa. Agora se foram para sempre, destruídas por não suportarem a beleza.

E seguiu seu caminho com o filho. Foi junto a um dos últimos Benames que encontrou serviço permanente por juramento. Recebeu o conforto que seu filho precisava para viver seus duros dias com melhores perspectivas, e a generosidade de seu senhor em agradecimento por sua graça. Ajudou a região a prosperar, trouxe bênçãos e esta terra recebeu parte das maravilhas que Jeremias espalhou com suas histórias.

Ella sorria, arrebatada pela lenda, mas eram os olhos de Martius que brilhavam:

- Vou escrever uma música sobre Jeremias.

Os outros sabiam que seria uma música tão bela quanto o dom do contador.

*

A outra história que chamou a atenção dos Bardos foi de Adália de Hercatorim.

- A Floresta Profunda já tinha sido vasta na época em que a lenda surgiu. Mães a usavam para amedrontar crianças que maltratavam animais, ou que simplesmente eram desobedientes. Até hoje, essas janelas deixam escapar algo como “Se continuar tão malcriado, lembre-se de sempre evitar a floresta, ou a bruxa Adália vai acertar as contas com você.” - Estephano riu. - Já ouvi essa frase muitas vezes.

Estephano havia se apresentado a Lucha enquanto os Bardos tocavam, interessado na possibilidade de levá-los novamente a Porto Grande.

- Eu os vi lá, mas estavam com o concorrente. – Confessou.

- E nos seguiu até aqui?

- Não, imagine! Foi uma feliz coincidência! E se o destino oferece a oportunidade, por que não aceitar?

Lucha disfarçou interesse:

- Temos uma meta para este ano. Estaria interessado no próximo? Não prometo o outono, dependerá da concretização de outros planos que temos. Porém, creio que uma temporada de inverno em seu estabelecimento seria possível.

Estephano apertou os lábios:

- Esperava algo mais cedo, mas se prometer uma temporada exclusiva...

Lucha fez um sinal vago:

- É possível. Vamos ver como será o próximo ano.

Daquela conversa inicial, eles engatilharam em outros assuntos e a história de Adália surgiu quando Martius, depois de ser elogiado, perguntou se ele sabia mais sobre a lenda de Jeremias Contador.

- Lenda? Dizem que existiu. Bom, ninguém sabe ao certo, mas não é a mais bela lenda da região. Aqui perto está o que restou da Floresta Profunda, um lugar que dizem que foi mágico. Aliás, esta terra batida que pisamos hoje já foi domínio de Adália de Hercatorin.

Estephano tinha a atenção dos Bardos, e aproveitou para conquistá-los com vistas a um lucro futuro.

As mãos de hoje estão erradas. Não era bem ou mal que movia Adália. Era amor. Pela floresta, que mais tarde se expandiu. Adália era uma moça comum que entrava frequentemente na floresta à procura de frutos para ampliar o orçamento da casa. Tornou-se familiar a alguns cantos mais difíceis para novatos àquelas matas, e um dia foi parar em um local ainda desconhecido, mas muito bonito. Um regato pedregoso de águas transparentes refrescou seus pés enquanto ela brincava com os pedriscos ao fundo. Caminhou contra a corrente que a levou à nascente. Lá, se banhou e, ao se apoiar para sair, sua mão se enterrou na lama e encontrou algo duro ao toque. Uma grande gema amarela de brilho peculiar na luz a cativou. Observou-a de todas as direções, contra a luz, de lado, de cima, ela tinha formato regular como se fosse lapidada. Povos antigos tinham vivido e morrido naquela floresta, e aquela gema era parte do legado que foi perdido quando desapareceram. Adália não a levou para casa, mas a escondeu na mata e passou a visitar a gema, quando gastava horas a tocar e manipular sua prenda fosse parada a admirá-la ou a caminhar pelo mundo cada vez mais seu. Não demorou muito para descobrir seu poder mágico. Os espíritos deste povo ainda viviam na Floresta Profunda e sussurraram para Adália fazer um cajado com hercátor, a madeira nobre que compunha as árvores mágicas dessa gente. Na ponta do cajado, amarrou a gema. Como tempo, Adália, tendo se tornado cada vez mais parte da floresta, passou a cuidar do balanço das forças que lá viviam: entre a água que escorria nos leitos grandes e pequenos, a luz que era filtrada pelas árvores, a própria folha que caía no chão, tudo era parte de uma harmonia que ela mantinha com fervor. O que vivia e morria poderia ser parte de sua intervenção para garantir a paridade entre os moradores e visitantes daquele mundo. Ela distribuía justiça e rigor entre as criaturas, o que incluía os arredores além dos limites da Floresta Profunda, mas que fazia parte das relações e

trocas entre o exterior e o interior. Muitas vezes, ela era vista nos limites da mata a observar os habitantes dos locais de onde um dia ela já fizera parte. Contudo, agora ela era da natureza. Não se vestia senão com galhos entrelaçados sobre seu corpo, sua pele tomara o tom acinzentado da casca da árvore velha, seus olhos eram aguçados para a noite e de longo alcance para o dia.

Um dia, enquanto ela apreciava a vista do horizonte na borda da Floresta Profunda, um camponês se aproximou. Encantado, declarou seu amor. Adália o ignorou e voltou-se para dentro de seu reino, mas algo a intrigou, pois ela poderia nunca ter voltado àquele lugar. No entanto, no dia seguinte ela estava lá novamente, e ele novamente se declarou. Sem dizer palavra, ela o analisou e deu as costas. Não se sabe se o motivo dela retornar todos os dias era a necessidade de fixar o horizonte à distância, ou a atração por um amor que há muito havia renunciado. Contudo, ela continuou a frequentar o mesmo lugar, e a ouvir as palavras calorosas do homem apaixonado, sem nada retribuir. Seus sentimentos haviam há muito se transformado em outros amores e o amor humano a atraía, embora ela não soubesse como lidar com o desconhecido. Sequer sorria.

Por sua vez, ele diminuía a cada dia, pois sem enxergar os sinais que ela dava pela constância de sua presença, suas esperanças foram se dissipando. Em desespero, ao declarar uma última vez seu amor, ofereceu todo o seu coração a ela. Todo mesmo! Com uma faca, arrancou o coração antes que ela pudesse impedir e estendeu a mão vermelha com a oferta mais preciosa que possuía. Adália, surpresa, recebeu rapidamente o coração a tempo de salvá-lo do chão antes que o corpo desprovido de vida tombava de lado.

Em choque, ela entendeu o que era amar novamente. Muito tarde. Contemplou a prova deste amor em suas mãos, e se recusou a perdê-lo para sempre. Colocou-o dentro da gema mágica, que o aceitou ao aumentar o seu brilho e força para zelar pela floresta.

Adália já amava a Floresta Profunda, suas criaturas e a gema que brotou naquela terra. Porém agora amava a gema que tinha em seu centro o coração pulsante de seu adorador. O amor virou tamanha devoção que ela não tirava mais a mão do cajado. Reinava com a mão direita livre e a esquerda já tinha os dedos entrelaçados no cajado, como os galhos retorcidos que vestiam seu corpo.

Ainda, ela estava insatisfeita. Em um momento de solidão, desejou mais do amor que se tornava insano. Foi até a nascente onde encontrara a gema. Arrancou seu coração e devolveu-o à Floresta Profunda, colocando a gema com o coração do seu amor no vão que estava em seu peito.

Dizem que o coração mágico aplacou sua dor. Um dia ela parou de vagar, enraizou-se e se tornou a árvore mágica que reina no centro da Floresta Profunda. Quem encontra essa árvore e a toca, mesmo sem saber, está destinado a uma vida plena ao lado da pessoa amada. Almas desenganadas são curadas e encontram a felicidade, a fortuna abençoa aqueles que já perderam ao oferecer novo alento na vida, os egoístas enxergam que a vida pode trazer muito mais que a solidão da mesquinharia. No dia em que alguém

reconhecer Adália em uma hercátor, terá em suas mãos o poder de restaurar vidas destroçadas pelas desgraças e amores perdidos.

Contudo, essa história tem seu lado triste. A lenda foi a ruína da Floresta Profunda. A busca pela árvore, na qual Adália de Hercatorim se transformou, levou muitos desesperados de amor a destruir a mata e as belas centenárias que lá viviam. Hoje a floresta é rasa e com árvores jovens em sua maioria. Por uma simples história, perdeu-se uma maravilha de maneira irrecuperável.

Ella tinha os olhos úmidos e um sorriso resignado à beleza trágica da lenda.

- É realmente muito bonita. E triste.

- É o perigo dos desesperados. Estão tão ocupados com sua dor, que não veem o mal que causam àqueles que estão ao seu redor.

Ella suspirou antes de sugerir:

- Você podia cantar essa história, Martius.

- Talvez. Tente você, estou envolvido ainda com a de Jeremias.

E era verdade. Por onde passavam, ele tentava levantar mais uma parte da lenda com o intuito de construir uma peça fiel ao que a região pregava. E foi assim que conheceram mais sobre os Benames, os Libertadores de Fraga.

*

Essa não era uma lenda, estava nos anais da História de Fraga. Foi contada por um capitão que gastava as horas vagas a levantar o passado glorioso da região. A origem dos Benames era um dos pontos altos daquele passado.

- Sou natural de Fraga. Quando chegarem lá, procurem saber, vale a pena, é um passado digno de canções.

- Se for mesmo, se tornará uma, pode ter certeza. – Martius garantiu.

Ella fez uma careta, Martius não se empolgou muito com a história de Adália. Martius ainda insistia que ela poderia assumir o projeto como seu.

- Os Benames eram senhores do passado que ganharam direitos após libertarem Fraga da época de seu maior terror. Hoje, não há mais Benames, seus descendentes desapareceram ou, casando, tornaram-se nobres, o que extinguiu o título que denotava bravura e desprendimento.

- Algumas pessoas dizem ser um grupo de heróis, mas a verdade não é poética como a lenda de Adália de Hercatorin. – Apontou para Ella. - Eles eram originalmente mercenários, os únicos que aceitaram o contrato de lutar contra as criaturas truculentas que afugentaram a ocupação de Fraga durante muitas décadas.

- O motivo dos monstros ocuparem Fraga ninguém sabe. Uns dizem que migraram do sul, fugindo de um inverno muito rigoroso que nem suas carapaças grosseiras protegiam. Outros historiadores dizem que foi uma maldição: um bruxo de Atavina se desentendeu com o povo antigo de Fraga. Ele atravessou Escarpado do Sul e, do alto das costas bravas,

conclamou uma criatura malévola a emergir das crateras abissais e lançar um esguicho de seu fluido venenoso no ar. Foi um esguicho tão alto, mas tão alto, que ultrapassou Escapardo e Atavina incólumes, levado pelas nuvens direto para Fraga. Os habitantes da borda não tinham como escapar. Foram milhares de mortes, corpos jogados lá mesmo onde a nuvem negra os encobriu. Aqueles mais ao longe da borda correram, a migração em massa gerou uma leva de refugiados espalhados pelo norte e oeste. Outros, por não querer ou não conseguir escapar, esconderam-se como possível. O veneno permaneceu por décadas naquela região, e aqueles que conseguiram sobreviver tiveram seus corpos envenenados transformados até passar suas deformações para seus descendentes. Tornaram-se monstros grotescos de cascas grossas para resistir ao ar agressivo, extremamente truculentos para sobreviver naquele ambiente, de grande estatura e massa, com linguagem gutural e simplória.

Tonio o interrompeu:

- Você sabe que está descrevendo um ogro, não?

O capitão deu de ombros.

- Como eu disse, não se sabe como surgiram. Estavam lá quando a nuvem de veneno começou a se dissipar após quase uma centena de anos de domínio. O povo de Fraga, espalhado contra a vontade, deixara em seus filhos o desejo de retornar à sua terra natal. Os monstros, ou ogros, estavam adaptados ao ar inóspito e sentiram o ar limpo que começava a tomar o espaço de volta. Eles cavaram grotas em um leito seco de um lago para proteger suas vidas, e passaram a sair apenas para caçar quando a fome apertava. À medida que Fraga ficava habitável, o povo tentava retornar, mas os ogros não permitiam que dominassem a terra. Matavam, queimavam, comiam. Os ogros viram nos netos e bisnetos dos vizinhos de seus avós e bisavós o alimento para continuarem a viver. O povo insistia, mas morria. Tempos difíceis.

- Houve tentativas de acabar com eles. Magos, heróis, até exércitos foram enviados. Depois de muitas mortes, ninguém mais aceitava a missão. Então vieram os Benames: um grupo de mercenários que teve a promessa de fortuna caso libertasse Fraga daquele suplício. Sem temer as represálias pontuais, os Benames cercaram o antigo lago, localizaram as grotas e, a história não registra como, homens e mulheres de coragem mataram os monstros um a um, até que nada mais restasse nos fundões sombrios e malcheirosos. Muitas mortes dos dois lados, mas sabemos quem foi vitorioso. Então eles passaram dias carregando terra e pedra até cobrir todo o antigo leito do lago. Uma obra descomunal que soterrou qualquer possibilidade de vida e eliminou tanto a ameaça quanto os sinais de que um dia existiu.

Tonio se interessou:

- Então não têm provas de que aconteceu?

- A maior prova foi a existência dos próprios Benames. Nossos heróis não deixaram aquela terra, que estava despovoada em sua maioria. Dividiram entre si a fortuna que receberam do rei e por lá ficaram. Construíram, protegeram e frutificaram. Consolidaram propriedades e tornaram-se senhores e senhoras honrados cujo nome era sinônimo de

bravura, respeito e zelo pelos seus. Seus descendentes protegeram Fraga por gerações. Embora o título não exista mais, dizem que ainda existe um ou dois descendentes que guardam suas tradições. Esses as levaram para longe de Fraga, pois corrupção e cobiça não são compatíveis com o código de honra dos Benames.

Códigos de honra lembraram Tonio dos Lanceiros Perpétuos:

- E como é esse código?

O capitão sorriu, simpático à curiosidade do músico:

- Quisera eu saber! Teria algo precioso nas mãos, além da responsabilidade de resgatar um passado de justiça e prosperidade. O código seria um começo perfeito para um ninguém como eu.

Tonio levantou uma sobrancelha, pensando “Devaneios”.

O capitão continuou:

- Dizem que o código inclui a obrigação de retornar quando Fraga estiver novamente ameaçada. Novos heróis surgirão quando for preciso, e esta promessa está guardada com a herança dos Benames, os bravos que mais amaram as terras altas dos ventos de navalha.

E com este olhar sobre a história e lendas de Fraga, os Bardos sentiram os primeiros ventos cortantes que penetravam nos ossos e gelavam a alma. No entanto, ainda era outono.

*

Eles haviam se dividido. De fato, a fama construída enquanto atravessavam Domênica rendeu uma boa recepção na pequena Aflatin, cuja passagem foi curta. De uma apresentação que anunciou que estavam na cidade, convites dos poderosos da região jorraram. Ella foi convidada a se hospedar nos domínios do Conde de Aflatin, na verdade, todos foram, mas a intenção do conde era que Ella influenciasse as suas filhas com seu talento. Como outras propostas surgiram, eles se separaram: Ella e Martius aceitaram a oferta do conde, enquanto Lucha acompanhou Tonio para uma estadia em local mais voltado a uma abordagem militar. O Condestável de Fraga, Divino Prontoforte, havia se interessado em abrigar os bardos em seu forte militar, o que agradou Tonio por ser local de reais tomadas de decisões. Assim ele evitaria os desvarios de uma corte, que poderia afetar sua frágil paciência daqueles dias, confiando em Ella e Martius para cavar informações úteis em meio às futilidades. Ao se alocarem nos centros administrativos e militar da região, teriam mais liberdade para perscrutar sobre o elo com Basra que conheciam, Guanabaro Gutavim.

As Fortalezas Primas de Fraga ficavam próximas à borda, um dos grandes orgulhos do Conde de Aflatin, símbolo do domínio de sua família sobre a região. A sede da Terceira Guarnição de Fraga era protegida dos fortes ventos, a duas horas de cavalgada das Primas. Entre elas, a pequena Aflatin.

A vista das Fortalezas Primas era magnífica. A sede da guarnição era um bloco maciço sem graça. A vida entre as duas grandes Primas era pujante, uma vila cheia de movimento

e pequenos cultivos com circulação intensa entre as duas torres. A da guarnição era previsível, com tropas em treinamento e alguns mercadores a entregar seus produtos. No entanto, os arredores além da muralha das Primas eram estéreis, enquanto à volta da sede o amarelo e vermelho das folhas de outono romantizavam a paisagem.

As Fortalezas Primas eram, na verdade, compostas de duas construções idênticas separadas por dois quilômetros de terreno plano. Eram protegidas dos ventos que atravessavam Escarpado do Sul e Atavina, em Katos, por uma magnífica muralha em meia lua voltada para o território de Fraga. Cada fortaleza tinha a seu pé um grande açude ligado ao outro por um canal, a separar as fortalezas e a vila Prima da muralha. A vila ficava ao meio, alinhada à borda do canal. Cultivos diversos, pomares e chácaras eram contidos à frente da vila sem invadir as entradas das fortalezas nas laterais, cujo acesso tornava-se independente a partir de uma bifurcação na estrada ao avistar o complexo. E uma última característica visível a olhos treinados: nem a mais alta torre das sedes ultrapassava a grande muralha sem acesso em seu topo. Ela era, exclusivamente, a proteção aos ventos agora conhecidos por castigar os cavalos de Aflatin até as Primas. Mesmo de pequeno porte, rudes e protegidos por mantas, era visível que sofriam quando entravam na área de sotavento da escarpa.

A curiosidade levou Ella e Martius a se abrirem o capuz e colocarem seus rostos para fora quando a vista do complexo foi anunciada pelo guia. Martius não resistiu à pergunta:

- Por que primas, e não irmãs? São idênticas, exceto pela simetria.

Ella deslizou os olhos em sua direção sem mover a cabeça, em uma reprimenda hesitante por ter tido a mesma dúvida. Porém, a pergunta foi acolhida com naturalidade:

- São Primas por serem as primeiras a conquistar a borda. A grande muralha garante a vida onde o vento não permitiria. Aliás, são ainda as únicas.

A sede da Terceira Guarnição de Fraga ficava bem distante da Borda, onde era permitido à vegetação baixa crescer, amadurecer e secar, como naqueles dias de outono. Tonio e Lucha viajavam a cavalo com guia de poucas palavras e sorriso desconfortavelmente cínico. Lucha odiava aquele ar avaliador que continha uma ironia vazia de significado, como a julgar os semelhantes com superioridade pela ignorância alheia. Tonio estava concentrado nas tropas em treinamento à sua volta: a maneira de se avançar, se distribuir e convergir em seguida; como manejavam as armas e a unidade com que se moviam. Seus olhos atentos captavam os ventos ainda fortes, porém não insuportáveis, a forçar o movimento dos guarnieiros com esforços maiores que em outros locais que conheceram.

- Eles se encurvam. – Murmurou.

- Ah?

- Veja como se encurvam. Percebi também em Aflatin, eles caminham e correm encurvados para reduzir a resistência ao vento.

Lucha reparou e concordou. Tonio continuou:

- Desenvolvem uma grande resistência para lugares em que este esforço é dispensável.

Lucha observou:

- Ainda assim, foram derrotados em Valdoa.

- Será? Imagino se não alcançaram o que realmente foram conquistar. Afinal, foi após Valdoa que a proposta de paz foi levantada. Os Racinos estavam à míngua naquele ponto, mas aquele ponto era distante dentro de nosso território. E aquela batalha exauriu todas as forças sem distinção. Katos bloqueou o avanço, mas sofreu tanto quanto os derrotados.

Seus pensamentos foram dissipados quando se aproximaram do portão. A aparência externa da sede era um quadrado composto de pedras marrons com poucas janelas, mas ameias generosas para vigia e proteção. Nenhuma vila próxima dava suporte à sede, que parecia preparada para se manter durante um eventual cerco inimigo.

As instalações da sede eram frugais, porém com suficiente conforto para visitantes com nível médio de exigências. Sem o luxo esperado nas Fortalezas Primas, a sede tinha condições de receber autoridades com objetivos práticos. Para Tonio e Lucha, era apropriado.

A chegada, no entanto, trouxe elementos inesperados. A abertura do portão deu acesso ao pátio Primeiro, o maior de três, onde as tropas se agrupavam e era distribuída. Um segundo portão os levava ao pátio Cívico, onde o edifício principal se localizava, além de um espaço com um tablado lateral à direita de quem entrava. À esquerda, novo portão, pequeno, que dava para um terceiro pátio privado para as instalações pessoais do condestável.

A surpresa veio do pátio Cívico, em cujo tablado lateral uma execução se desenrolava. O guia, antes de ar superior, ficou encabulado:

- Lamento. Já era para ter terminado.

Lucha não perdeu a oportunidade de alfinetar o guia:

- Realmente, um corpo pendendo para o lado seria mais receptivo.

Tonio, no entanto, ignorou a princípio o condenado e fixou seu olhar no grupo homogêneo que acompanhava a execução. Cerca de vinte indivíduos de capas pretas com forros cujas bordas de um azul tão pálido quanto o cinza arrematava seus rostos e mãos aparentes, soavam em bloco um murmúrio grave cadenciado. Ele reconheceu os trajes do grupo que, testemunhou um avançar em Pilares, poucas semanas antes de entrar em Fraga.

Todos haviam se recolhido após treino e Tonio permanecera só, a recompor seus pensamentos para o dia seguinte. Sua meditação havia se tornado obrigatória a fim de manter seu foco diante da angústia e expectativa pelo desconhecido, sem saber se as informações sobre Basra eram de fato confiáveis. Por mais que os companheiros dessem suporte, cabia a ele se manter estável diante das incertezas.

O ar natural era sempre mais agradável. Mesmo que Martius já tivesse se desligado do mundo, Tonio arriscou acordá-lo e abriu a janela.

A cena que viu na beira da estrada era apenas um vulto extenso e moroso que emitia um som incomum. Era a voz humana, mas em uma vibração grave e baixa e, o que mais o

surpreendeu, emitiam em uníssono um tom neutro. Sem trazer qualquer tipo de sensação, o som preenchia o vazio e ainda reforçava o vazio, o que até então Tonio entendia que era o papel contrário do som. Nem ele nem os amigos produziam sons ausentes de significado, e aquele estava a preencher seus ouvidos para eliminar sua compreensão do mundo que conhecia.

Ao contrário de rejeitar, mas tampouco por se entregar, Tonio permaneceu a contemplar passivamente a passagem do grupo até que seus efeitos perdessem intensidade. Foi um intervalo em sua existência.

Ao reconhecer as mesmas roupas que o eliminaram momentaneamente de sua participação no mundo, ele lutou contra a sensação de perda e focou no presente.

Lucha estava atenta à realidade, e perguntava o que o condenado havia feito. O guia foi desagradavelmente claro:

- Descumpriu a lei.

O condenado estava claramente humilhado. Seus trapos sujos tinham manchas marrons de sangue seco escorrido, embora não houvesse escoriações pelo rosto. Nele, havia apenas o olhar de preparação para a morte que via além do chão que fitava. O corpo balançava ligeiramente para a frente e para a trás como a ninar uma criança no berço.

Embora o guia não fosse prestativo, Tonio não resistiu em perguntar:

- Por que se vestem assim?

- A fé deles assim diz. São religiosos, ou uma ordem, não sei ao certo.

Ele claramente não queria discutir aquela gente ou a execução. Olhava a frente, ignorando a cena trágica como a negar sua existência, ao passo que Lucha e Tonio estavam atentos aos detalhes.

O homem tinha as mãos amarradas à frente. Elas foram levantadas e presas a uma viga de madeira sobre o tablado. E assim ficaram, ele ainda olhando o vazio pelas frestas do tablado.

Chegaram à porta do edifício principal, onde o secretário do Condestável Prontoforte os esperava. Ele agia como se a cena lateral não existisse. Sorrindo, cumprimentou-os, dirigindo-os para dentro. Tonio apontou para o tablado:

- Gostaria de ver.

Foi desencorajado sob o argumento de que ainda levaria horas. Aparentemente, a espera pela morte fazia parte da punição.

Foram levados a Prontoforte, um homem baixo e atarracado, de corpo medianamente ágil e ar autoritário e sério dos militares cheios de responsabilidades. Ele se desculpou pela cena e esclareceu:

- Não nos envolvemos com os assuntos internos dos Betemares, eles não se envolvem com os nossos. São protegidos do Duque de Fraga. O número de seguidores vem

aumentando, mas eles cuidam de sua própria gente que segue sua própria lei. São ordens do Duque não se envolver.

- Que lei aquele homem quebrou?

Prontoforte fez cara de desaprovação:

- Só eles sabem. Eu apenas cedo o espaço, primeiro, por ordens, mas também para garantir que não haja abusos. A lei deles só vale para os seus, fiquem tranquilos que não os incomodarão. – Mudando para um tom mais amigável a fim de encerrar aquele assunto. – Devem estar ansiosos para descansar. Sei que não é um grande percurso, mas sabemos como nossa leve brisa é exaustiva para estrangeiros. – Riu da própria piada. – Serão acompanhados aos seus quartos.

Tonio o corrigiu:

- O nosso quarto, o senhor quer dizer. – Pegou a mão de Lucha, que prendeu a respiração e sorriu desconfortavelmente. – Ele apertava forte a sinalizar para ela se conter.

Divino Prontoforte entendeu o constrangimento e foi cavalheiro em ignorar.

Os quatro geralmente usavam um único dormitório para todos quando viajavam, a fim de evitar problemas e reduzir custos. Dividir o quarto só com Tonio não era o problema, mas a simulação de serem um casal e ainda, o porquê da simulação, foi o que deixou Lucha apreensiva.

Ao ficarem sós, ela tentou extrair de imediato a explicação. Colocou seu alforje sobre a mesa e ordenou:

- Fale.

Ao invés de obedecer, Tonio enlaçou sua cintura inesperadamente, a puxar seu corpo para o dela:

- Sim, estava ansioso por isso! - Seu rosto se encostou à orelha de Lucha e, sabendo da confusão que criava nela, esclareceu - Não reaja!

Lucha entendeu. Passou os braços sobre os ombros dele.

- Estamos sendo ouvidos?

- Ou estou ficando paranoico, pois aquela gente lá fora não me agrada. Não quero que estejamos separados se houver alguma surpresa.

- Sabe que isso vai dar trabalho, não?

- Eles não vão nos vigiar todo o tempo. Vamos ver se descobrimos o que esse quarto tem, e se estou certo. Aí veremos como agir a sós.

Lucha se desvencilhou dele com uma gargalhada doce, deslizou a mão sobre o ombro forte do bardo e foi desfazer suas malas.

Nas Fortalezas Primas, Ella olhou pela janela:

- É muito alto, mas ainda não dá para ver a borda. A muralha cobre toda a vista.

Estavam em uma sala disponibilizada para seu conforto e o de Martius. A sala tinha uma porta principal e duas laterais, cada qual para os aposentos privados dos músicos. O luxo era equivalente ao usual entre nobres de Valdoa, sem maiores surpresas além da majestosa estrutura duplicada. Eles estavam hospedados na torre de vivência social e familiar do complexo, onde moravam as filhas do Conde e onde os principais eventos ocorriam. Era a Prima Norte. O Conde vivia na Prima Sul, assim como o séquito administrativo de Aflatin. Chegaria à noite para saudá-los, quando Ella e Martius iriam tocar pela primeira vez após o jantar. Para olhos externos, os músicos estavam à procura de um mecenas, razão pela qual se dividiram para comprovar as vantagens em servir ao Conde ou ao Condestável, duas figuras nobres, mas de naturezas bem distintas.

As filhas de Aflatin, Amália e Amanda, receberam-nos formalmente. Pediram desculpas pela ausência do pai devido às suas obrigações, e providenciaram todo o necessário para prover o conforto dos músicos. Eram jovens adultas cientes de suas obrigações e da postura que o sangue azul exige, mas também de como o frescor da idade permite mais sorrisos e pequenas exceções na linguagem corporal. Ella levantou uma sobrancelha e deixou estar.

Martius se aproximou da janela onde Ella apoiava os braços no parapeito.

- Será que podemos pescar nesses lagos?
- Você não gosta tanto de pescar!
- Mais do que imagina. Não tem caça por perto, e desconfio que não terei muito o que fazer por aqui.
- Amália disse que eles têm um jardim, você poderia pedir para ela mostrar.

Martius suspirou, pensando nos amigos:

- Será que Tonio e Lucha estão bem?

Sabendo que Tonio era um mestre de armas, Divino Prontoforte encontrou finalmente um entendedor com quem pudesse conversar de igual para igual. A hierarquia não permitia que relaxasse com os comandados, que tentavam responder à altura. Tonio tinha um jeito amigável de falar. Quando encontrava um assunto que o agradava, conseguia esquecer seus problemas e deixava-se levar pelo prazer da conversa. Passavam horas na sala de armas avaliando as peças: o peso, a pegada, a forma da guarda, seu potencial de estocada e, é claro, o corte. O condestável ficou sinceramente impressionado com a habilidade de Tonio, revelado por um leve sorriso de satisfação e um balançar de cabeça em aprovação a cada golpe em sacos de areia. Prontoforte não se preocupava sequer de remover os tapetes dos aposentos. Apesar de não serem suntuosos, eram finos para um quartel e se enchiam de areia na trama de modo a embaçar os florais que predominavam em seus motivos. Lucha estava sentada a um canto, observando-os se divertirem. Ela mesma já tinha participado de testes daquele tipo com Tonio, mas se colocou como uma mera acompanhante para ter liberdade de procurar outros afazeres. Levantou-se disposta a explorar as instalações, porém deveria ser discreta. Deslizou até o outro lado do salão, a

inspecionar vistas nas janelas, um punhal decorativo em uma mesa de canto, uns três livros empilhados. Folheou desinteressadamente. Eram anotações do próprio condestável.

Ao ver, ele desviou a atenção a Lucha. Ela viu e desculpou-se:

- Perdão. Pensei que fosse um livro.

Divino sorriu gentilmente.

- E será! Um dia. Ainda está em execução.

Tonio ainda analisava a próxima arma, riscando-a no ar, entrou na conversa:

- É escritor?

- Não exatamente. – Ele riu, vaidoso. – É tradição entre os Prontofortes contar suas histórias para as próximas gerações. Não é um diário, mas uma anotação dos maiores feitos. Cada membro da família escreve o seu para a posteridade. – Hesitou. – Bom, quase todo membro, aquele que alcançou algo, mesmo que pequeno. Não podemos negar que, como toda família, há alguns pequenos fracassos. O importante é que temos registrada a história dos Prontofortes de Fraga há gerações. Este será apenas o mais recente volume a se juntar aos demais na minha biblioteca.

Lucha ficou interessada:

- Quer dizer que tem uma biblioteca com parte da história de Fraga? Creio que o senhor sabe o valor disso.

- Certamente. Tanto que, mesmo sem herdeiro ainda, já estou providenciando minha contribuição.

- E a leitura é exclusiva aos Prontofortes?

Orgulhoso, ele convidou:

- É claro que não. Ficaria honrado em compartilhar minha família com a senhora.

Tonio completou, ao fundo:

- Lucha sempre amou história.

Com acesso a registros de anos, Lucha sentiu que estava avançando.

Já Tonio tinha outro estilo. Era amigável e cordial com o Condestável e seus assessores, mas também com qualquer guarnieiro que demonstrasse interesse. Tonio treinava à vista de todos a fim de angariar admiradores. Estes ficavam ansiosos por trocar conhecimentos e aprender um pouco mais, e assim Tonio conheceu e fez bons contatos que rendiam conversas interessantes.

Para o comandante de infantaria, Tonio mostrou como o giro do quadril reduzia o tempo de passagem para um bloqueio, deixando o corpo mais estável para receber o golpe do oponente. Com ele, Tonio aprendeu por que a execução do condenado demorou tanto:

- Odeio quando tenho que supervisionar alguma ação dos Betemares. Eles têm autonomia, só usam as instalações, mas alguém precisa ficar de olho. Eles deixam meus homens nervosos.

- Parece que não são benquistos na região. Veja, segure assim. – Tonio posicionou a guarda na altura da orelha, duas mãos segurando o punho, cotovelo esquerdo alto, queixo alinhado ao ombro direito.

- Ah não, há pessoas que os amam. Não nego que fazem caridade, ajudam os pobres, essas coisas. E só pedem em troca que lhes contem algo. Uma história, seja inventada, seja ouvida, ou testemunhada.

- Como é? – Tonio baixou a espada.

- É, histórias populares, sabe. Eles acreditam que elas têm poder, como Jeremias Contador. Eles coletam e contam.

- Pensei que guardavam a história dos Benames!

- Deles também. Porém os Betemares surgiram há menos de cem anos, quando eu acho que não havia mais Benames. Eles preservam as tradições dos Benames, seja lá quais forem, embora só os mais graduados.

Voltou ao exercício, para que o interlocutor mantivesse a crença de uma conversa desinteressada:

- E o que aquele homem fez?

- Eles não nos dizem. Apenas informam que precisam do espaço para uma execução. Eu diria que falou demais mas, em todas as execuções que fizeram, cortam a língua do condenado. Então não sei.

Tonio havia parado o treino. Falavam da morte de alguém:

- O que aconteceu depois?

- O de sempre. O amarram pelas mãos numa posição que vai asfixiando aos poucos. Depois de horas de “meditação” – fez um gesto com as mãos -, o golpe de misericórdia é um corte na garganta.

Para o assessor de correspondência do Condestável, seu jovem sobrinho que falava demais para quem cuidava das mensagens do quartel, Tonio aconselhou que aprendesse a lançar facas. Ele era grande e magro, o oposto do tio. Seu corpo sem carne era desajeitado e inapto para o serviço militar, motivo pelo qual ganhou aquele posto. Tonio recomendou que, se conseguisse ser rápido o suficiente, seus braços longos poderiam ser um diferencial. Montou uma pequena canaleta que deixava a água escoar sobre um moinho em miniatura, colocados no campo visual do atacante a mirar o alvo. Entre uma mudança de pás, ele deveria pegar uma faca e atirar no alvo. Quando dominasse aquele tempo, deveria aumentar a vazão da água para que o tempo entre as pás fosse cada vez menor.

Em agradecimento, o jovem Prontoforte o convidou para acompanhá-lo na degustação de um vinho diferenciado, presente de sua mãe em sua última visita. Tonio preferia a cerveja forte e encorpada, mas soube apreciar a qualidade do que experimentou. E aprendeu na ocasião:

- Por que a rotatividade é tão grande?

Falavam da distribuição de cargos em Fraga.

- Ordens do Duque. Não se apegar aos costumes do lugar evita a corrupção. Ninguém está sob seu comando por muito tempo, as pessoas se livram de quem as incomoda e outros vêm. Basta ter paciência. Não acho um método ruim, exceto pelo lado pessoal.

- Há problemas graves de corrupção?

- Como todo lugar, eu creio. Como ele não se desloca, pela idade, ele achou essa maneira de controlar seus vassalos.

- Lamento que logo irão sair.

- Logo é daqui a dois anos, Mestre Tonio. Iremos para o comando da Segunda Guarnição, a Segunda irá para a Primeira, que irá para a Quarta e a Quarta para a Terceira. Não sei se o sistema anticorrupção funciona, pois já sabendo para onde você vai, é possível já preparar alianças e esquemas. Mesmo trocando os Condestáveis, os comandantes permanecem onde estão e nunca saem.

- Hum... então, o Comandante Assilante sempre está aqui?

- Ah sim! Assilante é eternamente da 3ª Leste, Hilúrvio da 3ª Oeste, Gutavim da 3ª Sul e Pietro da 3ª Norte. Desde que retornaram da guerra.

Tonio sentiu as bochechas queimarem vermelhas pelo vinho e pelo nome que escutou.

Embora tentara controlar a quantidade que beberia, se atrapalhou e acabou por exagerar. Só falou com Lucha no dia seguinte.

- Temos que migrar para Sul. É onde Gutavim está.

Lucha o fitou. Caminhavam pelo pátio privado de Prontoforte. A farsa de Tonio e Lucha serem um casal permitia que tivessem momentos de privacidade sem grandes explicações, quando podiam trocar suas impressões sobre as informações que coletavam ainda durante o dia, além de terem aprendido a virar seus amuletos à noite para que suas palavras se transformassem em sussurros incompreensíveis para ouvidos externos. Como Tonio estava muito alcoolizado na noite anterior, Lucha o deixou se recuperar, mesmo ele tendo murmurado que tinha boas notícias.

- Levantaria muita atenção sair de súbito, não acha?

- A opinião deles não me importa.

Lucha refletiu:

- Temos que reunir os outros. Saiba que os comandantes devem se reportar pessoalmente ao Condestável da sua Guarnição a cada trimestre.

- A cada estação? Leu isso na biblioteca?

Lucha sorriu em confirmação.

- Então, quando Gutavim vier, vamos nos tornar grandes amigos, a ponto de o acompanharmos quando ele se retirar.

O som enchia os corredores da Prima Norte a cada dueto de violão e violino. Eram dias agradáveis para Ella e Martius, ocupados com o que mais amavam fazer. Martius havia finalmente iniciado sua composição sobre Jeremias, o que despertou uma certa ansiedade em Amanda por também amar a lenda.

- Afinal, é lenda?
- Uns dizem que não, outros, que só pode ser. O que importa?
- Seria bom diferenciar o imaginário do real. Para eu saber o que estou explorando.
- Bom, a parte de que ele se tornou um mestre do mal é realmente lenda.
- Como é?

Amanda viu que Martius não conhecia essa versão. Sentiu-se importante em ser útil ao mestre, que tocava para ela a cada manhã como uma gentileza exclusiva, a seu pedido.

- Não sabia? Aqueles que preferem dizer que Jeremias não foi um santo, adotam a versão de que ele usou as criaturas de Domênica para criar um exército de monstros que o serviu por toda a vida. Sempre que ele queria destruir alguém, os usava.

Martius contestou:

- Não faz sentido. Se bastava ele contar a história certa para curar, certamente conhecia aquelas que poderiam destruir alguém.
- E assim, sua reputação seria também destruída. Nessa versão, ele se apaixonou pelo poder mais que pelo próprio filho. Ele se perdeu na busca em curá-lo. Há vários relatos de vilas e fazendas totalmente destruídas naqueles dias, um mistério que nunca foi desvendado. Um dia, alguém observou que os rastros de destruição não eram diferentes daqueles monstros que Jeremias alegou ter destruído, embora ninguém tivesse encontrado onde e como Jeremias os eliminou. Então, até hoje, pessoas alegam que ele os levou consigo propositalmente, até chegar aqui em Fraga.
- Há sinais da passagem de Jeremias aqui?

Amanda gargalhou.

- Passagem? Ele se estabeleceu em Aflatim! Pelo menos no início. O Bename vinha sempre inspecionar a Borda para evitar a destruição, e aqui se conheceram.
- Então houve um Bename aqui!
- Um dos últimos. Meu pai é primo em terceiro grau de um descendente Bename.

Martius refletiu.

- Mas essa versão do mal, não sei, parece frágil.
- Eu não acho. Para uma música pode ser muito mais emocionante!
- Não se sustenta! E falta inspiração, sinais, alguma coisa que pareça real.

- Se quer inspiração, as Cavernas Quedanct são distantes, mas nada que um dia de viagem não resolva. É onde dizem que as criaturas monstruosas se escondiam para sair apenas quando o Jeremias do mal ordenava. Criaturas voadoras que se abrigavam nas profundezas escuras. Podemos marcar um passeio em comitiva pelos arredores, e nós podemos montar uma comitiva clandestina de dois para conhecer as cavernas. Sempre quis ir lá, e sei que você será a companhia certa.

Martius aprumou o corpo, interessado.

- A jovem dama conseguiria isso?

- Esqueça a denominação de jovem dama, mestre Martius, embora ela seja muito boa em arrumar pretextos para a diversão. Você não imagina como!

Se Amanda estava próxima a Martius, Amália foi a mais interessada no violino. As irmãs haviam estudado algumas artes musicais e tocavam algo grosseiramente, mas apenas a mais velha tinha algum amor pelo instrumento e dava importância à influência de Ella. A barda violinista evitava efeitos de magia em sua música, mas era impossível eliminar todos os aspectos que envolviam a união das duas artes. Ao tocar, sempre havia um fio de magia no ar, e Ella procurava transformá-lo em algo mais natural ao ambiente. As músicas calmas levavam à tranquilidade a que naturalmente arremeteriam, assim como as mais vibrantes despertavam emoções mais intensas. E assim ela controlava sua exposição à sua mais frequente companhia depois de Martius.

- Devíamos usar mais os jardins. Quando a neve começar, não teremos oportunidade de apreciar qualquer música fora dos limites, mesmo atrás da muralha.

- Eu até gosto da reverberação daqui, mas... pensei que não nevava na Borda. – Ella iniciou sua inquirição sutilmente.

Amália sorriu em aprovação à percepção da violinista:

- Tem razão, mas chove muito. A neve de fato ocorre mais dentro do continente, pois mesmo que não tenhamos deliciosas camadas espessas de cristais de gelo que permitem afundar o pé, permanecer no exterior é muito desagradável, especialmente se tiver que andar sobre as traiçoeiras lâminas deslizantes que cobrem a pavimentação. Este congelamento é causado pela obstrução que muralha provê.

- Pois então, entendo que a muralha seja essencial para a permanência na Borda, mas gostaria muito de ver a vista do platô. Deve ser magnífica!

- Você não conseguiria. É insuportável! - Gargalhou Amália diante da ingenuidade de Ella.

Aqueles que vão até lá estão muito protegidos e ficam pouco tempo, o vento é agressivo demais. Há risco de ser jogado ao chão, para que tenha uma ideia, levam pedras nas roupas!

Ella ficou sinceramente impressionada:

- E por que ocupar este terreno, então?

- Temos que ficar de olho no horizonte abaixo. A Borda de Fraga é a lateral mais extensa do Ducado. Sei que vocês são de Katos, e são bem-vindos, mas Racina já teve muitos problemas com Atavina, é dever de Fraga zelar pelo nosso reino. Nossa posição privilegiada deve ser usada para monitorar o território... hum, alheio.

Ella foi simpática à sua anfitriã:

- Território inimigo. Eu entendo, sei que há problemas. Então vocês vão até o precipício.

- É possível ir, é claro. Alguns vão, mas somente o fazem por dever, pois é a um custo alto.

- É essa parte que não entendo. Abrigos menores reduziriam o custo desse dever.

- Não é possível. Pequenos abrigos são destruídos, mesmo de pedra. O vento vai cavando até derrubar, já há uma manutenção constante na face externa da muralha, ela vive em restauração, não conseguiríamos dispersar esforços em pequenas estruturas. É um ambiente agressivo, de permanência exaustiva e extremamente oneroso, mas deve ser feito. No seu caso, meu pai nunca permitiria arriscar a segurança de uma visita sem um bom motivo.

- Você já foi?

- Somente uma vez. Somos levados para entender que não é lugar para se aventurar. E assim vemos que ninguém permanece do outro lado porque quer.

Ella baixou a cabeça, a refletir. Amália chegou a pegar o arco, mas viu que a violinista tinha a mente em outro lugar.

- Ainda pensando na muralha?

Ella confirmou com a cabeça.

- Vejo que realmente se interessou.

- Há pessoas que permanecem daquele lado?

Amália apertou os olhos.

- É preciso restaurar a muralha constantemente.

Ella tremeu quando seu coração começou a bater mais forte.

- Imagino que voluntários sejam bem pagos.

- O mestre construtor vive na Prima Sul, é um dos cargos mais importantes de Aflatin.

- Seria possível conhecê-lo? Entender como ele mantém tarefa tão difícil?

Amália foi compreensiva:

- Mestre Ella, você é de Katos. Eu não recomendaria perguntar sobre as técnicas exclusivas de manutenção de nossa fronteira. Poderia ser entendido como espionagem.

Encabulada, se desculpou:

- Ah, não foi a intenção. Nem me passou pela cabeça que estava indagando sobre assuntos sérios! Foi pura curiosidade, uma futilidade a minha! Que bobagem!

A filha do Conde pegou em sua mão:

- Eu sei que não foi por mal. No entanto, outros podem não entender dessa maneira. Garanto que ninguém saberá de seu pedido.

Em agradecimento, Ella ensinou o segredo de uma das mais difíceis passagens da Ode e Louvor, o hino da nobreza de Racina.

Entretanto, enviou correspondência a Tonio naquele mesmo dia, para alertar da possibilidade de haver prisioneiros em trabalhos forçados na Borda de Fraga.

Aquela informação mudou os planos, e os músicos se reuniram para o que seria um encontro para prática conjunta. Satisfeito por ter os três em seus domínios a suplantam a influência do Condestável sobre as artes, o Conde de Aflatim sugeriu um sarau, que foi aceito por Lucha desde que eles tivessem tempo para refrescar a afinidade perdida pelo afastamento de duas semanas inteiras. Nada mais que poucos dias para se prepararem.

Afinal, precisavam preparar o plano para acessar a Borda de Fraga.

*

Estavam reunidos a portas fechadas em ensaio, Lucha acompanhava. Entre uma música e outra, trocavam informações:

- Encontramos um ponto de observação no quarto onde ficamos. Não sei como, mas Tonio previu.

Ella estava enojada:

- Que horrível!

Tonio tinha outras preocupações:

- Guanabaro Gutavin chega em breve, o Condestável marcou uma reunião para daqui a 11 dias. Não quero esperar. Caso Basra esteja atrás dessa muralha, vamos tirá-lo logo.

Ella tentava ser mais precavida perante as expectativas de Tonio:

- Tonio, é só uma suposição.

Uma boa suposição aos olhos de Lucha:

- Faz sentido, Ella. Os anos pós-guerra foram mais duros para Fraga que para o restante de Racina. Essa é uma terra difícil que precisa de investimentos para se manter. Houve uma crise econômica após o fim da escravidão, e vi registros posteriores de grandes migrações a Fraga, curiosamente, após a Batalha de Valdoa. Menciona um comércio linear de víveres para multidões. No ano seguinte, foi necessário restaurar as estradas, exatamente onde essa demanda por comida foi maior.

- Ninguém em Domênica comentou algo sobre tantos deslocamentos. – Observou Ella.

- É curioso, realmente não ouvimos nada, mas já tem muitos anos. Veja que coletei sinais em diversos livros e fui fazendo as conexões, posso estar errada, mas parece que as migrações terminam em Fraga.

- Você diz... em Aflatin?

- Sim, Martius. Então eu acredito que tenham mantido prisioneiros para uma tarefa que é danosa para a população, conforme Ella informou.

Martius concordou:

- Tentei levantar se alguém trabalha do outro lado. Riram de mim, disseram que ninguém aceitaria se aquilo fosse trabalho, acho que no sentido de emprego. Desconversaram quando perguntei quem faz a manutenção.

Ella se deixou levar pela exaltação:

- Eu disse para não tocar nesse assunto com os locais!

Sem deixar-se interromper, Martius continuou, contendo Ella com um gesto de mão:

- E como não há janelas para a face norte da Fortaleza, não dá para ver por onde passam, e quem. Só imagino que contornam a muralha pelos lados norte ou sul.

Tonio suspirou:

- Ella está certa em ser cuidadosa. Se nos acusarem de algo aqui, estamos por nossa conta. As relações de Racina e Fraga são ainda frágeis. Será melhor investigar essa noite. Sentimos na pele o vento da sede da Guarnição, tão longe daqui, onde estamos permanentemente protegidos das intempéries. Então só fazemos uma ideia do que encontraremos do outro lado. Hoje queremos averiguar algumas condições, mas o faremos esta noite se tivermos sorte e acharmos o caminho, mesmo que seja ao contornar a muralha. Estejam preparados.

- Seremos vistos se contornarmos a Prima Norte. E saberão se sairmos pelo portão principal, irão nos acompanhar.

Tonio torceu a boca em contragosto ao aceitar a ressalva de Martius:

- Deve haver outra saída mais discreta. Ajam normalmente até a hora de sairmos.

No início da madrugada, o pranto lânguido do violino encheu os corredores vazios da ala privada da Prima Norte com efeitos em adultos de uma canção de ninar em bebês. Não era um feitiço de sono pesado, mas uma sugestão para uma boa noite de sono normalmente bem acolhida pelo relaxamento que proporcionava. Enquanto tocava, Ella caminhou devagar até o ponto de encontro com Martius, que havia virado seu amuleto para reduzir o impacto da sonata de Ella. Ele causou estranheza ao chegar pelo lado oposto ao esperado.

Ella hesitou até entender de onde ele vinha:

- Ah, Martius!

- Shiii! Quer acordá-los logo depois de ter colocado todos para dormir?

- Por que fez isso?
- Tonio disse para manter a rotina e evitar suspeitas.
- É agora tarefa sua colocar especificamente Amanda para dormir?
- Deixe disso, Ella. Vamos.

Martius tomou o rumo das escadas, Ella atrás. Estava indignada:

- Como pôde? Alguém tão pálida, tão sem graça!
- Sem graça? – Martius se conteve em mencionar o quanto ela era bela.
- Sem atrativos, como você pôde nos trair com alguém que nem vale a pena?

Martius parou, incrédulo. Amanda era linda, e não estava reconhecendo Ella:

- Ella, somos irmãos! Que traição? Do está falando?
- Eu sei o que somos, mas nos trairia com alguém tão sem encantos quanto Amanda?
- Está falando sério? – Indagou Martius, intrigado, porém com mais pressa em cumprir sua missão.

Voltou a andar. Tinham que encontrar um mapa ou qualquer coisa que os desse acesso ao outro lado.

- Estou! Você me trairia com Amanda?

Martius perdeu a paciência. Voltou-se a Ella, ofendido:

- Não! Claro que não. Eu amo você! Amo Tonio! Até a louca da Lucha que come carne crua, eu amo! Não trairia vocês, e não traí.

Ella inspirou, frágil, seus olhos se encheram de lágrimas:

- Eu também amo vocês!

Ele a segurou carinhosamente pelos ombros:

- Então vamos fazer o que é preciso por Tonio.

Engoliu o choro, concordando. Contudo, Ella não era a única com os nervos à flor da pele naquela noite.

Tonio rodava de um lado para o outro como um animal enjaulado.

- Acalme-se. – Disse Lucha.
- Está demorando muito.
- Você ouviu a música ao longe, Ella e Martius já estão em ação. Me deixe procurar direito, antes de passarmos para o próximo cômodo.

Inspecionavam os ambientes na ala de serviços, a fim de encontrar alguma passagem para a muralha. Como eram novos na fortaleza, seria mais verossímil justificar terem se perdido, caso fossem avistados.

Ele suspirou:

- Imaginar que ele pode estar tão perto e não podemos ajudar!

Lucha não interrompia seu trabalho:

- É isso mesmo que o incomoda?

- E o que mais seria?

- Ele não estar em Fraga.

Tonio parou para fitá-la:

- Não diga isso. Você mesma disse que não foi minha imaginação, confirmou ser o espírito de Reno.

- Eu acredito que sim, mas ele tinha raiva, e se ele mentiu para puni-lo? Não pode descartar essa hipótese.

Lucha se arrependeu a ver Tonio baixar a cabeça, vencido.

- Penso nisso o tempo todo. – Murmurou.

Ela estava se aproximando para consolá-lo quando foi surpreendida.

Os vigias foram cordiais com as visitas:

- Vejo que precisam de ajuda.

A súbita interrupção não desarmou Lucha, que apontou para uma porta:

- A cozinha... – mas foi interrompida.

- Seus amigos já os aguardam com o Conde.

*

Quando Lucha e Tonio entraram no salão, o Conde de Atavina estava sentado, cercado de acompanhantes conhecidos, outros não. Ella e Martius estavam à sua frente, em silêncio e extremamente desconfortáveis. O olhar da violinista indicava como plano havia sido desastroso, embora o de Martius ainda era desafiador.

Ella sussurrou quando se aproximaram:

- Não disse nada ainda.

- Onde ele os encontrou?

Foram interrompidos pelo Conde?:

- O tempo para segredos já acabou. Podem falar diretamente para mim.

Tonio se adiantou:

- Creio que houve um engano, não sei porque desta situação...

- Já acabou! – Seu tom foi incisivo, mas, em seguida, novamente cordial. – Eu poderia ficar ofendido com meus convidados espreitando minha casa, mas sou um homem compreensivo e entendo sua posição.

Ninguém se manifestou. Satisfeito, ele continuou:

- Vamos ser diretos. Digam o nome de quem procuram e entregaremos para vocês.

Os quatro variaram reações: Tonio ficou boquiaberto e encarou o Conde, incrédulo; Lucha desviou o olhar para o chão em negação; Martius recuou o tronco e Ella estancou a respiração.

Tonio se recobrou primeiro, para assumir a liderança e falar em nome de todos:

- Desculpe, mas precisa ser mais claro.

O Conde foi direto:

- Basra! Não é esse o nome? Só preciso que confirmem, ele está do outro lado desta porta.

Apontou para uma porta logo atrás de seu grupo, onde os mais próximos do Conde, e ele próprio, acessaram o salão.

Tonio sentiu o coração bater forte. Aflatin não aguardou resposta.

- É claro que uma gentileza gera gratidão. Eu espero que entenda que há um preço.

Tonio entendeu finalmente. Sua voz foi ácida:

- E qual seria?

Sem responder, o Conde fez sinal para aqueles ao lado da porta. Ela se abriu e um homem magro, extremamente abatido e sujo, foi escoltado e levemente carregado para dentro do salão. Todos testemunharam o semblante de dor de Tonio ao reconhecer parte do que foi o amigo. Mordeu os lábios para conter as lágrimas dos olhos, adiantou-se e abraçou o prisioneiro fraternalmente. Basra também o reconheceu assim que entrou e, ao contrário do amigo, despedaçou suas forças restantes em lágrimas após anos de desesperança em ver um rosto amistoso.

O intervalo na tensão ao vê-los reunidos foi um elixir na expectativa hostil que os dominava. Porém quando Tonio voltou-se ao Conde e insistiu na pergunta, ficou claro que, ao contrário dos demais, ele não havia baixado a guarda:

- Qual é o preço?

Um leve sorriso foi contido pelas palavras do Conde, ciente do que cobrava:

- Gratidão. Quero o juramento de lealdade de vocês!

A reação espontaneamente indignada foi idêntica nos quatro, que falavam ao mesmo tempo para o Conde e entre si. Tonio colocou ordem no grupo:

- Não! Peça outra coisa.

- Não há “outra coisa”! Vocês entram em minha casa e querem roubar o que é meu, e eu o dou de boa fé! Espero compensação à altura!

Tonio apoiava Basra com um braço, e o resto do corpo voltava-se ultrajado para o seu interlocutor:

- Acha que trocaremos um escravo por quatro?!

- Ela não me interessa! – Apontou Lucha. – Ela pode tirar o seu amigo daqui, e vocês ficam e me servem. Não serão escravos, ao contrário, serão senhores respeitados por toda Fraga e além, porém submetidos à minha liderança.

Ella completou:

- À sua vontade!?

Aflatin completou, um sorriso cínico a admitir:

- Certamente!

Tonio retomou a negociação:

- Por que nos quer?

- Você sabe, não adianta tentar negar.

Somente naquele momento Tonio percebeu ao fundo sombras negras que se moveram. Figuras encapuzadas adiantaram-se à luz, arrancando uma careta de deboche pela sua própria ingenuidade, ainda confirmada por um murmúrio de Martius:

- Amanda?

O Conde não deu tempo para postergarem:

- Ajoelhem-se.

Permaneceram silenciosamente imóveis.

- Não haverá barganha!

- Não terá um juramento sequer de um, quanto mais de todos. Com ou sem Lucha, com ou sem Basra.

- Não vê que eu tenho todos, agora?

- Não tem.

Aflatin percebeu que estavam prontos para combate. Não era o que ele queria. Controlou-se:

- Vejo que precisam de tempo para discutir. Uma noite de reflexão poderá convencê-los de que não há saída. – Ele hesitou. Olhou à sua volta antes de retomar a palavra. – Fiquem com o seu amigo, já não é nosso prisioneiro. Entendam que não o quero de volta, não irei tomá-lo. Ou vocês se ajoelham diante de mim e juram lealdade amanhã, ou morrem os cinco. Sem exceções. Se fugirem, considerem-se mortos.

*

Foram deixados a sós trancados nos aposentos de Ella. Basra recebera os primeiros cuidados de anos. Tinha a pele tão fina e suscetível a ferimentos que era possível ver suas veias, mesmo que a sujeira e o ressecamento disfarçassem a palidez. Tonio procurou dar-lhe conforto, passaram os primeiros minutos conversando, rápidas confissões que seriam melhor esclarecidas em outra ocasião. Ele se desculpou pela situação em que os colocou, quis conhecer os outros. Tonio esclareceu:

- Meus novos irmãos.

Basra sorriu tristemente:

- Perdão por colocá-los nisso.

Eles desconversaram. Basra precisava comer e descansar. Ella entregou um óleo para que umedecesse a pele sensível. Ao se deitar na cama, sentiu o perfume da violinista e percebeu o que era a maciez obliterada de sua vida. Não demorou a dormir em um lugar onde não era cortado por navalhas fluidas e penetrar pelos trapos com que se protegia. Tonio foi ter com os outros.

- Martius, por que disse o nome Amanda?

Antes de responder, Martius deslizou instintivamente o olhar para Ella:

- Pensei que ela estava entre aquela gente, foi espontâneo. Vi uma roupa como aquela no quarto dela.

Tonio encurvou o tronco, a ponderar consigo mesmo.

- Estamos sendo monitorados desde o início.

Lucha entendia o que ele dizia, os outros dois ainda não haviam se atentado àqueles religiosos. Esclareceu:

- Eles conhecem magia. Nos reconheceram desde cedo. Talvez mesmo em Porto Grande, mas certamente em algum momento em que vocês tocaram.

Martius se enfureceu ao saber que vinha sendo manipulado. Um grito de raiva o colocou de pé para repassar alguns fatos da viagem:

- Quando eu ia pegar aquele idiota na estalagem, lembram? Ele recuou do nada! O tiraram de lá, não poderiam saber do que somos capazes! A estalagem inteira apartou! Vocês nem interferiram! Eles sabiam! Eles sabiam!

Tonio se lembrava do fato. Às vezes era necessário conter Martius, naquele dia ele não precisou intervir.

- Provavelmente. Nos mantiveram longe de problemas até chegarmos onde o Conde nos queria.

Ella preferiu não mencionar como Amanda seduziu Martius. Ela também fora seduzida por Amália, embora de outra maneira. Apenas admitiu:

- Estamos sem saída!

Tonio se voltou para observar o estado de Basra e enfim, decidir:

- Claro que não. Fugimos hoje mesmo.

- Tonio, eles têm conhecimento de magia, devem saber do que vocês são capazes.

- Pode ser, mas não sabem como lutamos, Lucha.

*

Arrombar a porta não era problema. Tonio e Martius enfrentaram os dois guardas na saleta enquanto Ella corria até o quarto de Martius para resgatar seu violão. Lucha acompanhava Basra que, embora não tivesse mais os passos trêmulos, requeria atenção. Pouco antes, Tonio improvisara duas baquetas para abastecer a todos da energia necessária à fuga, mas o prisioneiro levaria tempo para se curar dos danos de mais de uma década.

Ella lamentou silenciosamente deixar seu violino para trás, ele havia sido confiscado quando foram descobertos. Pegaram as armas disponíveis, Tonio com uma lança, Martius e Lucha com espadas, Ella recolheu as facas que encontrou com os guardas. Uma segunda dupla de vigia fez os olhos de Martius brilharem diante de um martelo, recolhido após um golpe rápido de Tonio no ventre do portador. Martius entregou sorrindo a espada para Ella, feliz com sua nova aquisição. Por sua vez, ela gentilmente o passou para Basra para despertar seu espírito de luta. Basra se inspirou naquele sorriso que o lembrou que não precisava ser mais vítima.

Desceram o mais silenciosamente possível o corredor, guiados por Martius, que passara tempo suficiente nas instalações a aprender com Amanda as passagens mais convenientes quando queriam se encontrar. Sairiam pelo acesso dos serviços que dava para a vila, mas interromperiam o trajeto nas estrebarias, cujos cavalos permitiriam empreender uma fuga em aberto. Até lá, a discrição era essencial.

Cinco pessoas em fuga não era a melhor opção de silêncio. Ao invés de descalçarem as botas, Martius lembrou dos amuletos, que foram invertidos para garantir menor ruído. Assim, deslizaram escadaria abaixo para sair da ala de visitas até a de serviços. No saguão de conexão das alas familiares, dos visitantes e dos serviçais, perceberam que a madrugada não havia assegurado um sono pacífico na fortaleza. Surpreenderam e foram surpreendidos por cinco homens de armas do conde, de habilidade superior aos pobres guardas que não tinham condições de detê-los.

Antes que dessem o alarme, um martelo atravessou o ar e esmagou metade da cabeça daquele que inspirara para gritar. Enquanto os outros se despertavam para o que acontecia, a lança de Tonio perfurou outro com um gesto limpo e mortal. Já com capacidade de reação, dois outros correram em direção a Martius que recuperava sua arma, mas Lucha se jogou ao chão bloqueando-os enquanto cortava as canelas de um e chutava o outro. Martius finalizou o chutado, e voltou-se para ver Lucha ao chão aparar o golpe de espada do cortado que se ajoelhara, segurar a mão de sua espada e empurrá-lo para o lado, desvencilhando-se para fora de sua área de alcance. Tonio estocou a garganta deste com uma espada, cujo sangue jorrou à frente, enquanto se virou de imediato para socorrer Basra. Ele mantinha o último ocupado na companhia de Ella, que primeiramente havia atirado duas facas em seu peito e ombro ao longo do avanço de Basra. Quando eles se enfrentaram, Ella teve tempo de recolher outra espada ao chão e de se juntar ao mais recente amigo. Sem perder tempo, interrompeu a luta com uma execução rápida para que retomassem a fuga. Ao olhar ao redor, viu que o alarme, se não fora dado, logo seria.

- Não adianta esconder esses corpos. Vamos.

Martius o conteve:

- Deixe que eu toque!

Tonio olhou novamente à sua volta para avaliar a situação, e depois para Martius, o único com seu instrumento. Aquiesceu.

O rastreador dedilhou uma música inicialmente rápida, carregada de ansiedade, para depois amenizá-la em uma sonata serena que arrancou um olhar de reverência de Ella, pela sua perspicácia. Assim como os demais, Ella arrastava os corpos para trás de uma cortina. Lucha retirou um tapete de baixo de um banco e o colocou sobre a poça de sangue. O restante dependeria da magia de Martius, uma aura de serenidade que desviaria a atenção de qualquer evidência suspeita.

Correram até a ala de serviços para alcançar o pátio exterior e, logo, a estrebaria, mas detiveram-se na entrada ao pátio: embora tarde, muitos servos ainda circulavam despreocupadamente, ou se reuniam em cantos em pequenas conversas aparentemente casuais. Fecharam a porta discretamente. Tonio mandou recuar, abrigaram-se em um depósito ao lado, onde ele declarou:

- Não conseguiremos sair por aqui.

- Não podemos procurar outra saída, a magia de Martius já deve passar.

Martius completou Ella:

- E ficou restrita àquele saguão. Temos que abrir caminho, mesmo que à força. Corremos até o estábulo e pegamos o que der.

Tonio discordou com a cabeça:

- Prefiro que toque.

Martius olhou para Ella, que torcia os dedos de vontade em assumir a tarefa. A magia de sonolência era mais poderosa pela beleza do violino que penetrava singela nos sentidos, em uma canção de ninar desconhecida aos ouvidos, mas bem-vinda às almas. Sem o instrumento, seria difícil elevar o inconsciente que se libertava nos sonhos a deixar a vítima alheia à realidade.

Martius engoliu com uma leve dor na garganta. O maior desafio era que a música despertasse a desconfiança antes que envolvesse o ouvinte para finalmente embalar sua psique. Mais uma vez, corrigiu a posição de seu amuleto, respirou fundo e dedilhou baixo a princípio, de maneira que a música penetrasse nas mentes antes que se dessem conta. Ella fez sinal para que Basra tapasse os ouvidos.

À medida que a música crescia, o burburinho no pátio diminuía. Com mais segurança, a fresta da porta foi aberta e Martius se posicionou no vão de saída. As cordas foram mais pressionadas, a vibração da caixa acústica se fortaleceu, a música dominava todo o espaço e, seus ocupantes, finalmente entregues à magia, jaziam encostados a qualquer tipo de apoio ou quase inertes ao chão pelo pequeno movimento do abdômen diante da respiração leve de um sono profundo.

Tonio bateu no ombro de Martius em cumprimento pelo seu sucesso, ciente da dificuldade a que o submeteu. Correu esperando ser seguido pelos demais, o que de fato ocorreu até

que o violão de Martius se silenciara para a retirada. Nesse ínterim, os passos abafados em fuga sobre a terra batida revelaram um outro som escondido pela música. Um leve murmúrio direcionou o olhar de volta à saída que tinham usado, onde Amanda havia se protegido do encantamento com sua própria história recitada para seus ouvidos somente.

Martius estancou e voltou-se em reflexo, ofendido pela provocação, fosse da moça ser capaz de resistir à magia, ou por outras coisas mais. Amanda fechou a porta rapidamente, trancando-se na fortaleza. Tonio já havia contido o amigo, ciente de que o melhor seria que continuassem.

- Ela vai dar o alarme.

Ao fazer a curva para acessar a estrebaria, detiveram-se. Ou por uma péssima coincidência, ou por já terem sido expostos em algum momento anterior, dezenas de guerreiros estavam entre eles e os desejados cavalos. Um breve silêncio e nenhum movimento parou o tempo, exceto para os ventos ruidosos desviados no topo da muralha.

Basra reagiu:

- Vamos!

Puxou-os de volta, tomando a liderança em uma corrida para atravessar o conhecido pátio, pouco antes de serem perseguidos por uma pequena multidão de guerreiros que desistiram de fazer perguntas. Basra corria apontando para uma abertura estreita entre o muro e uma das cabanas da ferraria. Ao entrar, eles se viram em um corredor estreito e de bordas retas, mas de forma irregular como um labirinto de um caminho só. Tonio o deteve:

- Para onde está nos levando?

Basra se desculpou:

- Não há escolha. Temos que atravessar o muro. Eles são muitos e vai demorar até que todos atravessem por este passadouro.

Martius tomou a lança de Tonio e estocou um dos guerreiros que se aproximou. Outros vinham ao encalço, porém só havia espaço para um de cada vez. Tonio fez sinal para que avançassem, retornou apertando-se junto a Martius para ficar ao lado da lança, de onde sua espada bloqueou o golpe do oponente ao passo que o rastreador estocava.

Ao ver a armadilha, o guerreiro seguinte lançou a espada subitamente. Tonio não conseguiu bloquear o trajeto a tempo e Martius se jogou de costas para a parede, quebrando o violão. Praguejou. Seu olhar de ódio aumentou sobre o guerreiro que sentiu seu destino e tentou dar um passo atrás, porém empurrado pelos outros ele foi jogado à frente sobre a lança de Martius. Tonio o chutou rapidamente para liberar a ponta da lança, a tempo de empreender a mesma armadilha ao bloquear com a espada e estocar com a lança, o que fez o seguinte hesitar. Junto com a pilha de corpos que impedia a passagem, houve tempo para que os bardos voltassem a evadir. Após o ziguezague entre os curtos trechos de corredor, sentiram ventos mais fortes a oferecer resistência crescente à corrida à medida que se aproximavam de uma porta aberta, onde Ella os esperava. Seu olhar não era animador. Um gesto negativo com a cabeça sinalizou que os apuros não tinham terminado. Forçou a voz, dado o ruído dominado pelo vento:

- Temos que recuar para o lado da borda!

Saiu do caminho, dando passagem para Tonio e Martius. Eles imediatamente protegeram os rostos, os capuzes amenizavam, mas não protegiam totalmente de um vento cortante e árido como areia jogada por uma balestra. Antes que conseguisse fixar o olhar, Tonio sentiu uma mão guiá-lo para um canto. A luz do amanhecer começava a dar sinais vinda do mar distante, e viu que todos se seguravam a fim de se manterem de pé conduzidos por Basra, bom conhecedor daquele terreno inóspito, até uma falha na muralha. Ligeiramente abrigados, conseguiram se comunicar, porém ainda aos gritos:

- O amanhecer vai amenizar os ventos, assim poderemos correr.

- Por que não fomos de uma vez? Estaríamos a favor do fluxo!

Basra alertou:

- Tonio, você não viu? Eles bloquearam a passagem! Há muito mais lá do que na estrebaria!

O líder não vira. Na verdade, Lucha e Ella somente viram quando Basra apontou. Eram outras dezenas de guerreiros a cercá-los.

- Se esperarmos, eles irão nos cercar pelo outro lado também.

Lucha percebeu a lógica do plano:

- Já devem tê-lo feito. Se enviaram estes para aguardar, já sabiam. Talvez, desde que escapamos do quarto.

A luz do amanhecer os envolvia. Ella fitou o violão quebrado. Trocou olhares com Martius, com ar derrotado pelo que havia sido um instrumento nas suas mãos.

O ruído do vento tomou conta do ar em movimento que carregou seus espíritos para longe. Estavam cercados e a morte fora prometida.

Negando-se a lamentar, Tonio sentiu raiva pela situação que criara para os seus. Não aceitava ser incapaz de tirá-los daquele ardo do destino, que reunira as pessoas mais caras a ele para morrer a seu comando:

- Martius, você já comandou ventos com sua música.

Martius confirmou com a cabeça, mas mostrou o instrumento. Tonio insistiu em súplica:

- Não consegue tirar nada daí?

Ele suspirou. Sem nada dizer, saiu do abrigo e dedilhou. Tentou firmar o braço do violão para tensionar as cordas, mas a caixa acústica estava rompida, ela não tinha potência. Tonio pegou duas pedras para aumentar a capacidade de ressoar a vibração distorcida das cordas. O vento impedia que as ondas chegassem ao violão. Eles tentaram outras vezes, Lucha e Ella se expuseram ao exterior para que a aproximação completasse a rede de poder dos amuletos. No entanto, o vento reinava sobre a magia para revelar um daqueles momentos em que a natureza era onipotente sobre qualquer poder manipulado pelos homens.

O dia já mostrava sua cor de maneira que expunha a massa de guerreiros que se aproximavam lentamente com os corpos curvados contra as rajadas de ar. Se fossem poucos, teria havido alguma chance.

Barsa sinalizou para que seguissem na direção contrária. Tonio gritou:

- Não encontraremos outros guardas por lá? Os que vigiam os prisioneiros?

Seu amigo confirmou.

- E os prisioneiros também!

Não era uma boa alternativa. Seriam mais mortes.

- Não temos opção!

- Estamos sem opção há algum tempo.

Martius interferiu:

- Não vamos nos entregar. – Gesticulava para se fazer mais claro. – Até o fim!

Ella puxou Tonio. Enquanto caminhava, a violinista ousou voltar o rosto para leste a fim de receber o calor do sol em saudação por seu retorno, mas também em despedida.

À frente, viram mais guerreiros avançarem próximos à muralha, única proteção contra a turbulência que os açoitava. Ao olhar para trás, eram seguidos.

Instintivamente, e perigosamente, caminhavam próximos à borda. Tonio parou e fitou o cenário. Apertou a mão de Ella, a outra tocou o ombro de Barsa. Seus lábios se moveram para emitir um pedido de desculpas inaudível. Martius estava dois passos à frente. Culpou o vento pelas lágrimas nos olhos, e segurava com firmeza a lança que tiraria muitas vidas antes de cair, fitando os inimigos que se aproximavam cautelosamente. Ao contrário de Martius, Lucha se voltou para a borda, a fitar além do precipício. Os ventos que carregavam o cheiro do mar secavam suas lágrimas, mas umedeciam seu espírito como a maresia nas manhãs de fim de tempestades. De olhos fechados, ela balançou a cabeça em rejeição ao destino, a seus atos e à decisão que tomava.

Voltou-se a Tonio, puxando pelo braço para afastá-lo ligeiramente de Barsa:

- Tonio, você é capaz de imobilizar Basra?

Ele não entendeu:

- O quê?

Não havia entendido a intenção dela, mas ao ver uma chama familiar em seus olhos, soube que algo ainda podia ser feito. Acenou afirmativamente.

Lucha chamou Martius:

- Ajude Tonio a imobilizar Basra!

- Eu posso fazê-lo só.

- Você não pode usar as mãos. Nem Martius. Nem Ella.

Olhou para o prisioneiro dos guarnieiros, que olhava sem entender.

Chamou Ella:

- Cubram seus ouvidos. Bloqueiem o melhor possível, e não importa o que vejam, não ouçam!

Os guarnieiros estavam próximos, assim como o limite do precipício.

Arrematou:

- E invertam os amuletos, anulem ao máximo o som!

Ela deu um passo à frente. Ninguém mais se moveu. Então Lucha voltou e empurrou Basra ao chão, com um sinal para que Tonio o imobilizasse. Martius inverteu seu amuleto, e prendeu o tronco de Barsa ao sentar-se sobre ele. Tonio usou os joelhos para prender os braços. Sem entender, Barsa tentou se soltar. Ella travou as pernas e sua dúvida sobre o que fazia desapareceu quando se arrepiou ao ouvir um som muito ao longe que a fez cobrir os ouvidos imediatamente. Sentia a morte, e fez sinal insistente para que Tonio e Martius também o fizessem.

Finalmente ouviram a música de Lucha. Felizmente, ao longe, contra o vento e com a proteção dos amuletos. Para os que estavam a favor do vento, uma onda de terror se expandiu ao longo da borda, amplificada com o choque com a muralha, penetrando em cada fresta e nos corações de cada criatura viva. A princípio, medo. Ella, Tonio e Martius também oscilaram por temor à música distante mas, por estar enfraquecida, não chegaram ao pavor e desespero seguintes, quando as opções são destruídas e o chão não é mais seguro. O ar é ameaça, assim como a carne que os impede de fugir, por ser atraída para as profundezas geladas sem luz onde a eternidade de dor agonizante os aguarda. É preciso escapar mas, sem saída, só é possível se desfazer enquanto ainda há luz.

Martius ficou boquiaberto aos ver mais de uma centena de homens arrancar os próprios olhos, rasgarem as peles com as unhas, destroçarem seus membros e morderem a si mesmos. Tonio sentiu o desespero de Basra em fazer o mesmo, tensionou as pernas a fim de impedi-lo de mover as mãos em autodestruição. O canto de morte continuava impassível à dor que imputava às vítimas. E crescia em força e crueldade em meio a gritos de horror e pedidos de misericórdia contrários a interromper a música, mas para encerrar suas vidas com mais rapidez e terminar com a dor da existência.

Ella tinha os olhos fechados, Martius deslizou seu corpo até o quadril de Barsa para ajudar a violinista a prendê-lo, temeroso que ele se debatesse a ponto de obrigar Ella a tirar as mãos dos ouvidos. Porém a cena de horror que ela testemunhou e os motivos para que acontecesse a impediram de desatar as mãos protetoras de sua sanidade. Os músculos tensos doíam enquanto a música se desenrolava como se eles também estivessem a obedecer ao comando de morte do canto, mas apenas respondiam ao comando da violinista em usar toda a força possível para bloquear o som.

E quando a faixa atrás da muralha da Borda de Fraga estava coberta de sangue e pedaços, vísceras e fluidos, a música cessou, deixando apenas cinco sobreviventes: um em pânico,

disposto a se matar, três testemunhas do terror e uma última profundamente ferida pela carnificina que acabara de entoar.

*

Abriavam-se entre rochas no interior, afastados do limite do precipício, mas ainda na área de influência dos ventos. Barsa continuava amarrado, sem transmitir segurança de que não se machucaria. Fora carregado aos gritos entre os pedaços de corpos que cobriam a borda até a muralha e ao longo da lateral norte. Eles passaram incólumes à Prima Norte, nenhuma outra vida ao redor. Ella se perguntou se o interior da muralha, das Fortalezas e da vila foram poupados.

Protegidos pelas rochas, voltou a se perguntar se houve sobreviventes. Chegava a duvidar se Basra realmente sairia vivo. Uma depressão semelhante à que experimentou quando se viu só e perseguida por Demétrio havia retornado, mas como da primeira vez, conseguiu reagir. E sabia que os outros também sentiam os efeitos do canto de Lucha.

Martius se fechou por horas. Seu silêncio o isolava, embora continuasse presente e disponível para coisas práticas, como carregar Basra e indicar a direção a seguir. Ele enfrentava tanto a cena que presenciou quanto o medo que a música incutiu. Deslizava os olhos momentaneamente para Lucha, a se perguntar o que aquela criatura queria com eles. Sua mudez o permitiu repassar os momentos em que dividiram canecas de cerveja, festejaram e lutaram juntos. Aos poucos, pôde aceitar que Lucha carregara aquele poder enquanto conviveram, embora admitisse ser difícil vê-la da mesma maneira.

Ela também não se via como d'antes. De cócoras a um canto, olhar vazio e rosto tenso, tremia levemente e mordida os dedos. Não tinha o aspecto insano de Barsa, mas estava claramente perturbada. Sua natural distância da realidade havia desaparecido, seus sentidos estavam dentro de um turbilhão comovido pelo terror que deixou na Borda de Fraga.

Tonio, por sua vez, optou por não refletir sobre o fato. Ainda estavam em fuga, e logo seriam caçados. Advertiu:

- Não acabou. Vamos continuar até a sede. Lá descansamos.

Ele se referia à sede dos guarnieiros. A aposta de Tonio era que a rivalidade entre o Conde de Aflatin e o Condestável de Fraga pudesse beneficiá-los. A fome que começava a incomodar era incomparável à sede que os punia rudemente. Tonio também esperava conseguir se abastecer na sede da Terceira Guarnição a fim de seguir viagem.

- Não acho que possamos retornar por Domênica. Parece que os Betemares dominam aquele território. – Tonio se aconselhava com Martius, que concordava de cabeça baixa.

- Temos dois muito mal. Precisamos cuidar deles.

Tonio olhou para Lucha, isolada a um canto, parecia em choque, mas respondia laconicamente quando abordada. Já Barsa continuava atado. Gemia e chorava, às vezes gritava. Chegou a implorar a Tonio para tirar sua vida. Quando se acalmava, o amigo afrouxava as amarras, depois de minutos ele começava a se debater, e Tonio o imobilizava novamente.

- Não sei se podemos enfrentar isso agora. Ela precisa se ajudar. Ele não tem como.

Martius concordou:

- Creio que ela está lutando, mas precisamos mantê-la à nossa vista também.

- Veja como Basra está! Ele é a minha prioridade agora. Se ela fez isso, ela tem que saber como desfazer.

Martius preferiu não contestar. Tonio engoliu em seco, amargurado:

- Acha que ela pode desfazer isso? – Apontou para o amigo atado ao chão.

Decepcionado, o rastreador desconversou:

- Eu não creio que seja assim.

A possibilidade de não haver cura não havia despertado Martius até aquele momento. Entendeu o dilema que Tonio se via, e decidiu que, se tivesse que matar Basra, o faria pelo amigo. Sentou com Lucha, mas sinalizou a Ella para que o acompanhasse. Ninguém era melhor em alcançar as pessoas que Ella. Antes que dissesse algo, Lucha se adiantou, mesmo a fitar o vazio.

- Eu achei que poderia evitar. Por todos esses anos, eu consegui. – Suas palavras eram secas, mas ela emitia desgosto.

Ella se aproximou para, assim, as palavras a atingirem melhor:

- Você salvou nossas vidas.

Lucha riu com sarcasmo:

- Cinco vidas por cem?!

Ela se encurvou em proteção, mãos esfregando o rosto para acordar do pesadelo:

- Eu sabia que ia doer! É como se eu sentisse cada um!

Ella sentou-se ao seu lado, mas procurava o que dizer em Martius. Ele era prático:

- Lucha, há como reverter o efeito?

Ela se levantou, fitando-o confusa:

- Nunca pensei que não.

- Já pensou que sim? – Apontou para Basra.

Ela assumiu um olhar febril e transtornado:

- Ele nunca vai me perdoar se não houver!

Saiu para o vento forte, como para se punir.

Tonio foi ter com Basra que, atordoado, voltara a chorar em súplica para que o matassem.

Martius foi atrás de Lucha, temeroso do que ela podia fazer. A viu ao longe a enfrentar o ar agressivo que a obrigava a um maior esforço para eliminar sua capacidade de pensar

até que a exaustão a levou para dentro e conseguiu dormir. Já havia uma fogueira acesa para aquecê-los.

Antes de dormir, ela confessou a Martius:

- Houve sobreviventes de naufrágios. Poucos, mas dizem que existiram. O tempo ameniza toda dor.

Pela manhã, Tonio se esgueirou discretamente na sede até o assessor Prontoforte, sobrinho do Condestável. Se o tio não era simpático aos Betemares, o sobrinho menos ainda. E realmente teve apoio, mesmo com a explicação de que fugiam de uma armadilha do Conde de Aflatin, sem maiores detalhes. Conseguiu instrumentos sem qualidade, mas sabia que Martius ficaria satisfeito com qualquer violão, e Ella voltaria a brilhar com um violino e arco.

No entanto, após abastecido de víveres e água, foi surpreendido pelo próprio Condestável. Tonio se conteve, a aguardar com cautela a posição daquele homem frio que o encarava. Ele deu a volta, devagar, à mesa que o separava de Tonio, sem medo de um enfrentamento. Era impossível ler aquele homem acostumado tanto com a política quanto com as batalhas.

- Chegaram notícias da muralha. As coisas ficaram bem ruins por lá. Sabe de algo?

- Não. – Mentiu em vão. Jogos não eram agradáveis, porém necessários quanto impostos.

- Que sorte! Saiu bem a tempo. Cento e setenta guarnieiros a serviço de Aflatin, completamente exterminados sabe-se lá pelo quê! Um horror!

Tonio se manteve calado. O jovem Prontoforte arriscou um palpite:

- Um batalhão?

- Talvez, difícil saber. Vim atrás de você, imagine então minha surpresa quando vejo mestre Tonio de volta. Deveria ter me avisado.

O assessor estava sinceramente constrangido:

- Ele acabou de chegar, nem houve tempo.

- E nem devemos nos atrasar. Foi uma chacina, seja lá o que fez aquilo, devemos caçar, não deve estar longe.

Tonio então percebeu que ninguém ligaria uma trupe de músicos à morte de mais de uma centena de guerreiros. Prontoforte continuou, diligente pelo pouco tempo disponível:

- O senhor, mestre, deve fazer uso de nossa proteção enquanto investigamos.

Ele agradeceu, mas recusou ao deixar claro que não estava disposto a testemunhar tal crise. Ainda, o Condestável foi cortês:

- Tranquile-se, mestre Tonio. Certamente não é obra de Katos, o senhor e os seus não correm perigo. Contudo, como não fazemos ideia do que tenha sido, não tiro sua razão em ter receio e querer se retirar. – Deu um último conselho, que confirmou as suspeitas de Tonio. – Domênica é o caminho mais rápido para sua terra, mas é também a porta de

entrada de Fraga. Embora seja área de influência de Aflatin, pode ser palco do que nos atacou, recomendo que evite. Vá pelo interior, pelos domínios do próprio Duque de Fraga, por meio de quem poderá encontrar proteção adicional.

Tonio não conseguiu extrair o quanto o Condestável sabia do ocorrido, embora era certo que não tinha conhecimento do envolvimento dos bardos. Divino Prontoforte tinha pressa, despediu-se e ordenou que o sobrinho o seguisse. Este só teve tempo de murmurar:

- Não confie em ninguém de Fraga. Ninguém!

*

Conforme aconselhado por Protoforte, seguiram para o interior em uma caminhada rápida a favor do vento. Evitavam as estradas mesmo que o descampado pouco ajudasse para não serem vistos. O que mais os beneficiava era a provável causa da chacina em Aflatin ser por demais monstruosa para que cinco andarilhos fossem incomodados pelos poucos que passaram pelos arredores. Procuravam algo maior e mais destruidor.

Basra já estava desamarrado, mas caminhava mais abalado do que quando o viram pela primeira vez na Prima Norte. Ficava fora de si eventualmente, o que exigia constante vigia por parte dos músicos. Tonio ignorava Lucha, alegando ter que se preocupar com Basra. Martius e Ella tentavam eximir sua culpa.

- Certa vez ela disse que afundaria por nós se preciso.

- Acha que ela não vai voltar, Ella?

- Não sei se alguém que é capaz de tal feito possa um dia retornar ao que era, Martius.

Lucha estava permanentemente transtornada, a fitar o vazio com olhos vermelhos e ressecados até que um estímulo a fazia saltar de susto. Quando dormia, acordava com pesadelos. Carregava as mortes dentro de si, como se conhecesse cada vítima e se martirizava individualmente por seus destinos.

- É como se a visita do necromante fosse agora. – Confessou na noite em que acordou aos gritos.

Ella cobrara de Tonio mais atenção, que se inflamou ao não suportar a pressão:

- Não posso me dividir em dois! Cuidem de Lucha que aos poucos Basra também está voltando.

- Tonio, ela o fez por nós!

Ele explodiu:

- Está dizendo que ela agiu por minha culpa, não? Por tê-los levado até lá?!

- Ninguém o culpou! Até agora! Mas não é culpando-a que você vai se perdoar!

Tonio hesitou. Baixou a voz, em confissão:

- Não teve medo do que sentiu, Ella?

- Fiquei apavorada! Mesmo tendo reconhecido que foi o que nos salvou. Agora viraremos as costas à dor que ela recebeu por nos ajudar?

- Que ela gerou!

- Está com medo dela, Tonio? – Exclamou Ella, ressentida.

Calado, ele baixou o olhar a procura da resposta. Antes que encontrasse, ouviu o conselho da barda violinista:

- Não a deixe nunca saber disso, poderia destruí-la.

Tonio a fitou, incerto sobre a que ela se referia. . Ella justificou:

- Destruiria a mim, se fosse comigo.

Quando Ella e Martius tocavam, Tonio se recusava a acompanhá-los por alegar que amplificar a potência daqueles sentimentos poderia ser danoso. De fato, ele temia piorar a tensão entre eles. O violino apaziguava os ânimos, o violão confortava. A música ajudou tanto a Lucha quanto a Basra à medida que se afastavam da borda, e os ventos se acalmavam.

Árvores encurvadas já eram vistas a formar uma breve mata inclinada para o oeste, em adaptação à condição que lhes era imposta para viver. Uma floresta curiosa para Martius. Ele passou à retaguarda do grupo para exercitar sua leitura da natureza submetida a um ar cuja agitação alterava as pegadas e sinais deixados pela passagem dos companheiros.

À noite, transformava a luz da fogueira em um ponto de contemplação ao acompanhar Ella em sua música regeneradora. Quando via Lucha deslizar o corpo para fitar o firmamento, dava-se por satisfeito por saber que o sono chegava. Ela encarava a profundidade do céu como um mar de estrelas que emergem da escuridão para iluminar a superfície. Perguntava-se que vidas estranhas aquele mundo do céu escondia. Estariam as almas dos condenados por lá, a aguardar o julgamento por sua prepotência em usar a magia das sereias para seus próprios fins?

Não ouvia protestos ou apoio de suas irmãs. Somente uma vez elas a alertaram, não mais. Nem desejava tal contato, temia pelos amigos. No entanto, o silêncio gerava suposições, e pensou quando iria responder pelos seus crimes. Olhou para Tonio, perguntando-se se a cobrança já não estava a caminho.

Os dias os levaram a um paredão rochoso que parecia bloquear o vento e causar uma turbulência incomum na mata que antecedia o obstáculo. As árvores eram estranhamente inclinadas para oeste até um certo ponto, quando se contorciam para que as seguintes se inclinassem a leste. Não havia como contornar, apenas uma escalada permitiria transpor a barreira.

- Nem é tão alto!

A avaliação positiva de Martius não ajudou como esperado:

- É altura suficiente para matar. Não vou colocar Basra aí.

Lucha se ofereceu:

- Ficaremos de olho nele.

A música de Ella vinha substituindo o ar transtornado de Lucha por uma tristeza de ressaca, reflexo do cansaço da vida que consome o ânimo. Era um grande passo, mesmo que coubesse ao tempo sanar os mais profundos danos.

Embora Tonio duvidasse da recente e fugaz recuperação de Lucha, seu tom transpareceu outra desconfiança:

- E você se acha apta a ajudar?

Ferida, Lucha fechou os olhos na tentativa de ignorar a acusação. Afastou-se, em silêncio concordante ao que ouviu.

Ella o repreendeu:

- Chega de falar assim!

- Eu posso cuidar de meus amigos.

Perdendo de vez a paciência, a violinista ordenou:

- Você vai cuidar de TODOS os seus amigos ao tocar para que tenhamos forças para subir esse paredão! Todos vamos cuidar de Basra, pois ninguém quer perdê-lo. Ele vai precisar de tempo, e vamos cuidar para que tenha. Se não fosse por cada um de nós, ele não teria tempo algum!

Envergonhado, Tonio os carregou de energia para que escalassem a rocha de altura média, mas que parecia bloquear o vento. Ao subir, perceberam haver duas superfícies escarpadas que, paralelas, compunham a face leste do paredão. Embora apenas a primeira fosse visível do solo, ela era mais baixa que a segunda. Do topo da escarpa menor, de cerca de duas vezes a altura de grandes árvores, se viram em um ponto intransponível composto por um abismo que separava as duas faces leste. Caso não tivessem a firmeza da magia de Tonio, os ventos altos e novamente fortes os teriam empurrado para dentro daquele despenhadeiro sem fundo.

Martius exclamou, admirado:

- É um sumidouro! De vento!

Lucha inspirou o ar, Ella sentiu uma energia desconfortável. Tonio mantinha Basra firme. Em alerta pela facilidade com que poderiam cair, o puxou para trás e o colocou ao chão, sob protestos débeis.

Lucha começou a rir de maneira crescente até explodir em gargalhadas, o que levou os demais a duvidar de sua recuperação. No entanto, entenderam quando revelou o que acabara de constatar:

- Essa terra maldita é realmente maldita! Isso é magia! Uma maldição! Esse vento é uma maldição sobre Fraga!

Era como se aquilo explicasse toda a sua dor. Ela agira sob o efeito de uma maldição do mar. Estava em seu ambiente e agira confortavelmente como no Parcel. Seria isso? Gargalhava insana pela descoberta.

Era um delírio! Uma reação ao extravasar sua dor liberada pela surpresa diante do fato de Fraga estar amaldiçoada. Ainda riu por um breve tempo do infortúnio daquela terra que ela colaborou para piorar, assim como recebeu parte da desventura.

Logo se acalmou, mais leve por não ser a única a sofrer naquela terra, visto que a própria Fraga carregava sua cota desgraçada. Exausta pelo expurgo, encostou-se a um canto para ouvir os bardos avaliarem a situação.

- Não podemos transpor a barreira por aqui.

Martius continuava de pé, mãos apoiadas para aumentar sua estabilidade:

- Há partes contínuas mais abaixo. Se escolhermos uma direção, podemos encontrar uma passagem. Ou uma ponte mais à frente.

Olharam para Tonio. Ele refletia. Suspirou:

- Já estamos nos arriscando muito aqui em cima.

Martius reforçou o pedido:

- Não podemos retornar. Já devem estar nos caçando pela Borda e Domênica.

Tonio nada respondia. Sabia que tinham que avançar, mas estava cansado de tomar as decisões. Deu de ombros:

- Faça o que achar melhor.

Martius tinha clareza do que considerava melhor:

- Vou explorar. Abriguem-se. Volto assim que encontrar um caminho.

Lucha reuniu forças para se voluntariar a acompanhá-lo.

Quando eles se afastaram e Basra adormeceu, Ella viu a oportunidade que aguardava há dias. Sentou-se ao lado de Tonio, decidida:

- Precisamos ter uma conversa séria.

Ele se entregou, porém com revolta:

- Eu sei! É que não sei como superar isso.

- Você fica irritado por nada! Tonio, isso precisa acabar, ou será nosso fim.

Mais à frente, Martius e Lucha escalavam com cuidado a escarpa lateralmente. As fendas davam maior proteção aos ventos que se afundavam no abismo, magia incompreendida pelos dois, mas aparentemente tão antiga que se misturara à natureza que a envolvia.

Passaram por umas poucas cavernas de paredes cegas que não os levaria a encontrar alguma passagem, mas que poderiam ser abrigos futuros. Martius as memorizava.

Seguiram até um vão arqueado que se abria para um salão plano de teto baixo. A luz indicou a fenda por onde entraram, acenderam tochas para avançar.

- Isso parece realmente um salão, o piso é perfeitamente plano, e só há uma passagem por aquela abertura ao fundo.

Martius refletiu sobre as palavras de Lucha antes de comentar:

- Não poderia ter descrito de melhor maneira, Lucha.
- Por quê?

Ele contemplou, satisfeito:

- Estamos nas Cavernas Quedanct, de Jeremias Contador.

Lucha não conhecia a história de Amanda. Ele explicou:

- Você a descreveu com as mesmas palavras de Amanda. Piso perfeitamente plano, um vão ao fundo, apostado que dá acesso a uma escada descendente.

Confirmaram a suposição. Martius sorria, Lucha exigiu saber da história. Após revelada, ela não o apoiou como esperado:

- E se é um mau presságio, voltamos daqui, não?

Martius se deteve:

- Não pode estar falando sério! E se for uma trilha para o outro lado?
- Ela disse ser uma trilha? Comentou do abismo? E se tiver as criaturas de Jeremias?
- Isso é uma lenda!
- Martius, estamos em uma terra amaldiçoada, de gente que nos enganou e liberou o pior que tenho para o mundo. Agora você quer confirmar se os folclores locais são reais?

Martius hesitou, para depois se justificar:

- Eu só quero achar uma passagem para sairmos logo dessa terra infernal!
- E eu só quero um pouco de paz. Não logo. Agora. – Implorou, exausta.

Vencido, eles seguiram para outros vãos e fendas, sem sucesso naquele dia.

*

Martius era geralmente o primeiro a acordar e não foi diferente. Seria o segundo dia de exploração, iria esperar Lucha ou ter outra companhia, enquanto um permanecia a distrair e vigiar Basra. Decidiu se exercitar até que o próximo voluntário acordasse.

Ativar suas energias com exercícios não eliminou de sua mente a visão das cavernas tão fielmente descritas por Amanda. Seria provável que a lenda fosse um código para a passagem para o outro lado do abismo? Outra Fraga sem ventos provavelmente os aguardava, mais civilizada e promissora a se abrir como um portal para a evasão. Ansioso para deixar aquelas escarpas, decidiu explorar as cavernas até que seus companheiros acordassem. Seria rápido, mas poderia trazer novidades que os ajudassem a tomar uma decisão sobre o impasse em que se encontravam.

Atravessou o salão descrito por Amanda, reproduzindo mentalmente suas palavras: “Primeiramente, um salão irregular de teto baixo que parece ter sido escavado devido ao piso perfeitamente plano nivelado por mãos antigas. As paredes continuam com as irregularidades naturais, e se fecham mais à frente onde um vão ao fundo leva a uma

escada descendente e encurvada para quebrar a luz direta e proteger as criaturas pertencentes à noite. A escada termina nesse grande salão natural cheio de saliências nas rochas cujos sulcos abrigam as criaturas adormecidas. Elas aguardam o despertar, ao comando de Jeremias, com uma das histórias mágicas que as conduzirá por um voo para saciar sua fome de séculos”. As botas macias e geralmente silenciosas eram perfeitamente audíveis naquele salão reverberante. Relembrar as palavras de Amanda o levaram a reconstruir seu rosto. Balançou a cabeça para desfazer a imagem. Pisou no primeiro degrau da escada, até onde foi com Lucha no dia anterior. Ia acompanhado do novo violão às costas e espada na cintura, sentiu falta de uma tocha. Entretanto, os degraus eram mais visíveis à luz da manhã, e surpreendentemente regulares. Era certo que mãos humanas garantiram o formato que dava a segurança na descida, e provavelmente a visibilidade por pequenas frestas no teto, por onde tênues fios de luz aperfeiçoavam a adaptação gradual da pupila à escuridão.

Ao chegar ao salão natural, os poucos raios do sol desciam de grande altura para se perder nas faces escuras do piso agora irregular, como os últimos degraus da escada. No entanto, era fácil caminhar por uma área central onde poucas vezes envergou-se para usar um terceiro apoio com a mão. Conseguia ver um limite de rochas na lateral esquerda, reveladas pela luz forasteira, ao passo que as outras direções se estendiam para um vazio de escuridão que impossibilitava saber se estava em um grande vão livre ou se era contido por fechamentos próximos. Ele sabia o quanto as formas irregulares e inumanas das cavernas podiam ser traiçoeiras por todos os lados, com pequenos buracos inclinados que antecipavam verdadeiros vales cobertos, ou frestas verticais que disfarçavam precipícios sem fim. Elas poderiam ser apenas uma brecha em uma pedra, ou a entrada de uma passagem estreita e promissora. Poderiam ser formadas por corredores horizontais para terminar em um buraco vertical mortal. E ainda, poderiam ser irregulares como um labirinto de estalagmites e estalactites sem fim, a disfarçar seus segredos dos incautos. Aquela parecia ser o último o caso, mas ele não era incauto para enfrentar o breu desconhecido.

Pegou o violão e deslizou os dedos nas cordas para analisar o retorno do som e seu tempo no ar. A vibração se refletiu à sua esquerda, como esperado, e se dispersou nas direções seguintes. Martius deu as costas à face visível. Novo som, nova dispersão, deveria haver colunas de rochas por grande profundidade, sobre um piso pouco inclinado em relação a sua posição. Dedilhou um trecho da música ironicamente escolhida por ter sido composta para Jeremias Contador. A impressão era que a caverna se adaptava às vibrações, cujas estalagmites as dispersavam, naturalmente, mas também as amorteciam, o que lhe pareceu bizarro. Insistiu nas notas fortes. À medida que tocava, a caverna respondia, a escuridão se adaptava e mudava de forma. Franziu o cenho. De fato, algumas rochas se moviam. Ele parou de tocar. Elas o fitavam interrogativamente!

Sentiu uma delas tocarem seu ombro. Se virou de súbito, detido por Lucha que nada disse, apenas fez sinal para que não se movesse mais. Ele correu os olhos e percebeu que morcegos gigantes aguardavam algo, confusos com um despertar livre, contrário às décadas de obediência a que se habituaram.

Lucha moveu os lábios sugerindo que tocasse. Martius começou, mas logo suspendeu a música que os exaltava. Não eram animais comuns, como os lobos de pelo ralo das montanhas, mas criaturas fundidas em magia singular que respondiam mal a esta outra que os despertou. O vento não alcançava aquele fundo, e tudo que Martius e Lucha ouviam eram suas respirações fortes mal controladas pela tensão por monstros de sede dormente terem gradativa ciência da existência de presas à sua frente.

Foi a vez de Martius mover os lábios com um pedido, para escândalo de Lucha:

- Cante!

Ela não se moveu. Ele cravou os olhos nela. Ela mal mexeu a boca:

- Uma caverna!

O que ela lembrou ao músico era que estavam em uma caixa acústica de grande reverberação, onde as reflexões múltiplas de sua voz anulariam tanto o efeito do amuleto, quanto de simples mãos sobre os ouvidos. Ele entendeu.

Os morcegos de altura maior que a de Martius começavam a estender os corpos, mostrar os dentes e esticar os músculos adormecidos para a primeira refeição de décadas. Podiam tirar as armas e lutar ou correr para a escada, mas sabiam que as chances eram mínimas de chegar ao topo. Irritados pela fome, as criaturas emitiram os primeiros sons.

Lucha sacou a espada, o ataque era inevitável!

Martius largou o violão e já puxava a espada para a primeira sombra que voou em sua direção quando ouviu o violino. Uma rede de proteção impediu que a criatura de boca aberta e dentes protuberantes invadisse seu espaço. Ela se chocou contra uma barreira invisível de ar denso de partículas vibrantes que a separava de Martius. Como complemento, sua queda foi finalizada com uma lança que tinha o poder de atravessar a barreira, sob permissão de Ella.

Ele se virou para ver Tonio ordenar:

- Lucha, minha esquerda, Martius, música. Contraponha Ella!

Atacar com a magia sob o escudo de Ella. Lucha e Tonio já estocavam e cortavam por trás da barreira intransponível às criaturas. Deixavam que suas armas perfurassem o abrigo pela certeza de que Ella restauraria a composição consecutivamente. As sombras de presas visíveis se jogavam livremente sobre o banquete de boas-vindas montado para o seu despertar. A semelhança com uma refeição foi desfeita por Martius ao dedilhar uma perturbação em detrimento do tema anterior, quando pensou que poderia encantar os morcegos. Inicialmente, eles ficaram incomodados, o que atrapalhava o voo e facilitava o trabalho de Tonio e de Lucha. Ella ajustou a altura de maneira a não competir com o ataque agudo de Martius e harmonizar o dueto de ofensiva e salvaguarda a que ainda se habituavam. As ondas graves aumentaram a espessura do escudo. Lucha golpeou para o alto, mas a mudança inesperada fez com que sua espada se agarrasse à criatura que reagiu ao planar para longe. Praguejou! Martius fez sinal para que ela desembainhasse sua espada, sem se desconcentrar de sua tarefa que já deixava de criar um incômodo para gerar um nervosismo que prejudicava a promessa do banquete. A música desagradável

aos delicados sonares dos morcegos deixou de intimidar para ferir. Embora os mais bravos ainda tentassem assegurar uma refeição, muitos hesitavam agarrados nas fendas do teto da caverna, a analisar suas opções. Martius podia não ter tido sucesso na comunicação amistosa com as criaturas, mas soube ler suas reações e avaliou o momento:

- Ella, percebeu a escala?! Pode assumir?

Enquanto tocava, Ella observara a linguagem que sensibilizava aquelas criaturas, sem afetar os humanos:

- Posso! Tonio, Lucha, o escudo irá cair!

Tonio e Lucha se prepararam para uma batalha mais intensa. Martius deu o sinal:

- Ataque!

O agudo do violino foi feroz, arrancando ruídos tenebrosos e outros inaudíveis a ouvidos humanos, mas sentidos nos amuletos dos guerreiros. Todas as criaturas da noite ainda vivas se contorceram no ar, soltando-se de suas tocas a preferir a claridade matinal ao tormento da escuridão de um lar antes acolhedor.

Ficaram sós, mas Ella e Martius mantiveram-se em ação por mais um tempo. Lucha e Tonio baixaram as espadas, ainda a conferir a dimensão do sucesso ao redor, e aguardaram o dueto encerrar. Quando a dupla julgou ser suficiente, trocaram olhares vaidosos para finalizar a música com excelência.

Finalmente ouviam apenas o ar aspirado da garganta até as vísceras. Entreolharam-se, satisfeitos pelo sucesso de empreitada accidental. Por um tempo incerto, permaneceram a recuperar as forças.

Martius esperava de Tonio um sermão pela sua imprudência. Fez um sinal de desculpas, que Tonio aceitou com um conselho:

- Nunca sair só!

Ele concordou, embora não tivesse o ânimo reduzido pelo deveria ter sido uma repreensão. A lembrança o fez saltar:

- Basra!?

- Amarrado. Por isso eu e Ella demoramos. - Tonio não conteve uma leve contração na boca por constatar a preocupação que todos tinham com seu amigo.

Martius se voltou para Lucha, ele encostado a uma pedra e ela ao chão, pernas ainda bambas com a corrida seguida do confronto.

- Obrigado por se recusar a cantar.

A inspiração de Tonio foi interrompida por um espasmo discreto.

Ela apenas acenou com a cabeça. Levantou-se para alongar os músculos doloridos, por considerar o episódio encerrado. Foi surpreendida com o abraço largo e generoso de Martius, que arrancou um leve gemido de comoção e a paralisou por uns segundos. Quando ele a soltou, Lucha manteve a cabeça baixa, virou-se para fitar convenientemente

o fundo da caverna. Sua mão a massagear a nuca denotou seu constrangimento, na certeza de que era avaliada por Tonio.

A direção que Lucha contemplava o redirecionou a Martius:

- Então, esse é o caminho?

Martius acenou afirmativamente. Estavam dispostos a poucas palavras. Tonio bateu em seu ombro, cumprimentando-o.

- Bom trabalho. – Usou o gesto para encaminhá-lo à saída, e ao acampamento onde Basra aguardava. Ainda teriam que recolher os objetos que Lucha jogou para sinalizar o percurso a Tonio e Ella.

Ella abriu caminho a um Martius sorridente, que piscou quando passou. Em resposta, contraiu o nariz, cúmplice do triunfo final de Martius. Contudo, bloqueou a passagem a Tonio. Olhou para o fundo da caverna, depois o encarou, e virou as costas para seguir Martius.

Lucha aguardava sem pressa sua vez. Levantou o olhar quando ouviu a voz de Tonio:

- Confiança é a cola que melhor pode unir.

Ela não entendeu. Ele acrescentou:

- E responsabilidade é a base da confiança.

Ele deu um passo atrás, tocando levemente em sua cintura para guiá-la à sua frente até a superfície. Ela aceitou o gesto, ainda em expectativa.

Subiram os degraus devagar, os passos tomaram a caverna. Cansada de gestos vagos e frases reflexivas dos Lanceiros Perpétuos, Lucha parou no meio do trajeto. Voltou-se, inexpressiva. Ele se viu obrigado a explicar:

- Você cuidou de Martius. Recusou cantar quando seria mais fácil dizer sim e se salvar.

Lucha discordou, passivamente:

- Nunca teria sido mais fácil!

- Você não sabia o quanto iríamos demorar. Também não tínhamos ideia da dimensão do perigo. Você optou por Martius.

Ela sorriu, complacente. Depois, suplicou:

- Não duvide nunca!

Ele passou o braço sobre seus ombros fraternalmente, subindo juntos os degraus restantes.

Ninguém estava muito disposto a falar naquele dia.

3. CRIMES, DÍVIDAS, TRAMAS E PROMESSAS

Como prometido, havia uma outra Fraga livre dos ventos malditos que assolavam o Leste. A Fraga Ocidental era calma, rica e fértil. Era um pouco mais baixa que Fraga Oriental e, portanto, protegida do intenso frio que era trazido do mar. Embora o inverno se aproximasse, e os trajes originais ainda eram úteis, era permitido ao sol um brilho dourado não encontrado à frente do sumidouro. Os campos eram intercalados com vinhedos em estado dormente a aguardar a poda renovadora para descansar até a primavera.

Eles atravessaram os campos e passaram por vilas prósperas em trabalho intenso em preparação para o inverno. Além do próprio sustento, elas abasteciam Pisanti, a capital do ducado, com víveres para a estação fria. Estavam próximos, avaliaram que uma pausa seria bem-vinda antes de continuar a viagem.

- Ainda estamos em Fraga.

O alerta de Martius foi amenizado por Ella:

- Estão procurando uma ou duas companhias de um batalhão, não se importam conosco.

Tonio também queria um banho quente e uma cama confortável. Determinou:

- Apenas um dia, e seguimos.

Haviam decidido enfrentar o inverno pelo Sul, caminho mais curto para o Reino de Katos. A partir de então, atravessariam o braço sul de Atavina até o litoral. Este plano garantiria sair logo de Fraga para nunca mais retornar.

Entretanto, naquele momento, as instalações confortáveis, mesmo que da periferia de Pisanti, eram mais que satisfatórias: comida temperada, bebida estimulante, ervas perfumadas nas roupas. A noite pareceu um relâmpago, todos sentiram que mal dormiram, mas era o suficiente para renovar e partir.

Não chegaram a sair da hospedaria: soldados os esperavam ao desjejum.

- O Duque de Fraga os aguarda.

Tonio suspirou pela estupidez da pausa na capital. Teria Divino Prontoforte avisado que estavam a caminho? Tonio só percebeu que emitiu o nome do Condestável quando ouviu a resposta:

- Ele não poderia saber que viriam direto para cá. Eu sim. - Era Amanda. Ela vestia os trajes religiosos dos Betemares, o que não comprometia sua beleza, ao contrário, dava-lhe um ar mais distinto. Apesar de fortemente escoltada, trazia um sorriso amigável.

Martius tinha as mãos fechadas de tensão, mas conteve-se ao sentir a pequena mão de Ella em suas costas.

Os soldados pisaram na rua e imediatamente abriram caminho para o grupo ao impedir momentaneamente novos clientes de entrar. Apenas Ella e Lucha perceberam que dentre os curiosos que tiveram seu desjejum adiado estava Sávio Labaki. Trocaram olhares antes

do grupo seguir. Disfarçadamente, Lucha ainda olhou para trás para tentar captar algum sinal sobre o que parecia ser um conjunto de fatos bizarros.

A visão de Amanda ao lado do Duque agravou ainda mais este conjunto. Para Martius e Ella, que conheceram uma jovem aristocrata delicada e amante das artes, a autoridade evidente e voz dissimuladamente desprezível da conselheira era insólita e perniciosa. Estavam em um salão de janelas fechadas com uma débil iluminação de poucas lanternas requintadas nos adornos dourados com função de refletir estrategicamente a luz para obter um contraste marcante entre a sombra e a luz. Amanda deixou a capa na entrada do salão, e sibilou seu corpo em seda preta até alçar os quatro degraus que separavam os cinco convidados do Duque de Fraga. Sua presença era o contraponto do Duque, dificilmente visto no meio de uma grande cadeira a alimentar os anseios dos nobres em descansar seus dias sobre um trono opulento. Um olhar mais acostumado à penumbra revelava mais, no entanto. Era um ancião pequeno, diminuído por mais que apenas o tempo, apoiado como possível entre diversas almofadas que deveriam proporcionar um conforto inalcançado. Suas deformações mal disfarçadas sobre tecidos e bordados comprometiam suas feições centenárias que eventualmente eram contraídas em uma careta de dor.

- Rêmul de Pisanti, Último da Progenie Bename, Vigilante da Borda, Duque de Fraga e Sacerdote Supremo dos Betemares.

Tonio mordeu o lábio quando ouviu o último título do Duque. Mal sabia que uma série de reações o aguardava durante as apresentações tecidas por Amanda:

- Estão à sua frente o Mestre de Armas Tonio de Valdoa, seu irmão de combate Basra, remanescente da Batalha de Valdoa, – Tonio corrigiu mentalmente para prisioneiro –, a violinista Ella dos Necromantes – Ella abriu a boca mas emitiu apenas um gemido de surpresa –, a pirata Lucha, salteadora de Dusk – Lucha franziu o cenho – e o rastreador e grande compositor, o infanticida Martius do Vale Cálido. Estes são os sobreviventes da Chacina da Borda de Fraga.

- E também os suspeitos?

- Isto, meu senhor, dependerá somente deles. Ah sim, perdoe minha fraca memória, também os incitadores dos morcegos gigantes que arruinam as vilas de Fraga Oriental, mais recente infortúnio que minha irmã, atual Condessa de Aflatin, enfrenta sob o jugo dos ventos amaldiçoados.

- Este último eu não esqueceria, Grã-mestra. Meus sentimentos pela perda de seu pai, nosso finado Grão-mestre.

Amanda agradeceu com uma breve reverência de luto formal.

Tonio já costurava mentalmente os retalhos de uma colcha de eventos que começavam a elucidar as últimas semanas. Lucha tentava enxergar o que aquele homem pequeno representava. Ella imaginava como eles detinham tantas informações distorcidas entre verdades. Martius voltava sua atenção à armadilha que os cercava. E Basra sentia seu ânimo novamente perecer por seu sofrimento que prometia não se acabar.

Curiosamente, suas armas não haviam sido recolhidas na entrada. Longe de parecer descuido, Tonio farejou um poder superior que dispensaria estes pequenos detalhes materiais:

- Sempre fomos observados, não?

Amanda levantou uma sobrancelha diante do que considerava uma constatação óbvia. Do Duque, Tonio conseguiu apenas um leve estiramento do canto da boca, possível sorriso, talvez reflexo de dor.

- Não se vanglorie. Não se sobe a Fraga anonimamente. Uma simples verificação rotineira se desdobrou em uma grande investigação a partir de quando foram ouvidos por aqueles treinados à magia.

- Vocês nos acusam de mentiras que nasceram em Cerros.

Amanda sentiu a interferência de Martius como um convite a tomar a palavra:

- O despertar de nossa atenção foi paulatino, Martius. Mesmo quando eram meus hóspedes, ainda estávamos aprendendo quem eram e o que queriam. Só me arrependo de descobrir tarde demais.

O despeito de Ella por Amanda a levou a se apegar a qualquer motivo para agredi-la:

- Éramos hóspedes de seu pai.

Amanda mudou para uma expressão triste, lamentando-se enquanto desviava o olhar para um passado de alegrias:

- Sim, meu pai. Que os acolheu e agora não está mais aqui pelo que fizeram. E ainda, estamos dispostos a recebê-los com boa vontade.

- Boa vontade? Você estava lá quando ele...

Apesar de fraco, o Duque tinha presença suficiente para cortar com competência a fala de Ella:

- Aquilo foi erro de Aflatin! O que pedimos desculpas. Amanda não tinha autoridade para sobrepujar a palavra do pai, que admito que usou de má fé para trazê-los a mim através dele. Foi uma infeliz estratégia para que o nosso finado Grão-mestre reforçasse sua posição ameaçada pelo talento – apontou com ternura para Amanda – de sua herdeira na ordem.

Amanda sorriu grata, mas foi a Martius que ela voltou sua doçura moldada por um sorriso acolhedor. O Duque continuou após ignorar a estratégia cheia de intenções da Grã-mestra:

- Considero que seu erro o levou à destruição, e estou disposto a perdoar seu assassinato, desde que possamos esclarecer as responsabilidades sobre os demais crimes.

A sinceridade de Lucha soou propositadamente mordaz:

- Foi defesa legítima de nossas vidas.

O Duque rebateu à altura, sem se exaltar:

- Conte como foi.

Um hiato súbito na inspiração de Lucha escancarou sua surpresa por tão simples armadilha. Tonio saiu em defesa dos seus:

- Ninguém vai revelar algo a quem distorce tanto as informações.

Houve silêncio enquanto Amanda se curvou na escuridão para sussurrar novos conselhos em ouvidos arcaicos. Quando ele se reclinava para a sua direita, saía conscientemente da vista daqueles centralizados no salão para dar palavra à sua representante.

- Como gesto de boa vontade, meu senhor Bename se dispõe a esclarecer suas dúvidas.

Ella aceitou de imediato a oportunidade que Amanda ofereceu. Foi direta:

- O que sabem sobre os necromantes?

A Grã-mestra manteve a compostura diligente:

- Rastreamos seu talento até o Vale da Rã, onde tivemos notícia de um grupo de músicos “baderneiros”, nas palavras dos locais, que deixaram vários danos após uma noite de terror onde até mortos se levantaram de seus túmulos. Diante da informação, chegamos aos mestres dos mortos que haviam passado por aquelas terras na mesma época dos acontecimentos.

- Não perguntei como chegaram a eles.

- Sim, é claro. Sabemos que eles têm algum poder, mas não nos interessava dimensioná-lo. Sabemos que eles se encantaram contigo, Ella, mas estavam claramente receosos de nos instrumentar sobre seu caso. Apenas confirmaram que alguns de seus membros pagaram com as próprias vidas por se colocarem em seu caminho, e se negaram a se comprometer para nos subsidiar. Tal recusa atraiu nossa atenção, obviamente. Uma ordem inteira se encolhe após enfrentar quatro pessoas? É claro que não sabíamos de seu poder de destruição na época, pensamos que poderiam ser uma benção em nossas terras.

- Então como acreditaram nas acusações contra mim?

- Depois de ver o que vocês fizeram na Borda, Martius, como não?

Martius se inflamou até sentir a mão de Ella tocar levemente seu braço. Tonio fez um sinal para todos enquanto corrigia:

- Não vamos lhes dar informações. Vocês nos cercam desde cedo com seus espiões e tramas.

Amanda provocou:

- Não quer saber como sabíamos sobre Valdoa?

Ele fez um gesto negativo, cujo silêncio foi bem aproveitado por Amanda:

- E nem quem estava a nosso serviço?

- Quero saber o que querem conosco, por quê nos atraíram para este salão e onde pensam que vão chegar com esse cerco.

Amanda viu que não jogaria com Tonio e, novamente, seu mentor entrevistou a seu favor:

- Queremos talvez justiça pelos crimes que cometeram. Talvez saber por quê entraram de má fé em meus domínios como espiões enquanto poderiam ter vindo até mim para pedir ajuda para encontrar seu amigo. E, por fim, queremos saber como pretendem compensar esta terra pelos danos que causaram!

Lucha deu uma gargalhada monossilábica de compreensão:

- Há! Mais um que quer o poder deles!

O Duque finalmente perdeu a paciência pela irreverência desrespeitosa da suposta pirata:

- Queríamos na verdade vê-los executados pelos assassinatos que cometeram ou vê-los longe desta terra pelas mortes que carregam em suas mãos! Tivemos esperanças que poderiam ser uma benção para nossa gente, pareciam carregar alegria e esperança distribuídas a corações que os ouviam, como Fraga outrora conhecera. Chegaram a repetir o mesmo caminho e traziam promessas semelhantes, como um sinal! Porém revelaram vilania e crueldade insensível à destruição de inocentes!

Tendo sido intimidada momentos antes, Lucha inclinou o corpo à frente sobre a perna direita flexionada como a resistir ao vento forte que tenta derrubá-la ao chão. Seu espírito entrou em harmonia perfeita à linguagem corporal, a formar uma barreira como a da Borda, perante a energia do homem pequeno. Sabia haver frestas naquela barreira e tentou usar em seu favor, para conhecer o inimigo que atacava. Rêmulos não parava, gastando suas forças naquele desabafo hostil:

- Não bastando matar centenas de valorosos guerreiros futilmente sacrificados para que mostrassem seu poder sobre inocentes, ignoraram as consequências de libertar os morcegos como ignoram insetos esmagados com suas botas! Ou talvez não! Enviaram propositadamente as criaturas ao restante de nossa já assolada terra para espalhar o terror sobre crianças indefesas e famílias impotentes que testemunharam seus amados serem destroçados pela vaidade em construírem sua reputação nefasta às custas do sangue de Fraga! Malditos!

Amanda foi desarmada diante da súbita reação. Martius tinha as mãos na espada, pronto para correr em defesa de Lucha que se colocara à frente em desafio. Tonio estava logo atrás dela, segurando-a pelo braço para puxá-la ao menor movimento de ataque. No entanto, o Duque restringia-se a desabafar. As palavras feriram Ella, a mais consciente do que representavam:

- Malditos todos! Somos fracos diante do controle que têm sobre as criaturas. Só podemos implorar que deixem esta terra e as levem com vocês! Vão embora! Vã tentativa de promover a paz! Só queríamos um acordo! Vão embora! Juro que, se ficarem para espalhar sua crueldade sobre Fraga, tombaremos com honra a defender nossos inocentes! Imploro que vão! Exijo que nos deixem! Em nome da paz, se algum dia a prezaram, se algum dia amaram o bom! Vão, vão!

O homem começou a respirar com dificuldade, tremia e gesticulava com as mãos tortas em movimentos desconexos. Amanda o acudiu, alternava o olhar para Martius a rogar por assistência, depois se convenceu de que a vontade de seu senhor deveria ser atendida.

Fez um gesto para que se afastassem, obedecido pelos cinco com passos vagarosos em recuo cuidadoso. Ao se aproximarem da porta, voltaram-se para a saída e logo estavam longe do palácio do Duque.

Dentro, o velho ainda respirava com dificuldade enquanto ouvia as palavras reconfortantes de Amanda. Quando ele sorriu paternalmente, ela se contentou pela sua recuperação, mas não pelas consequências do episódio. Sua aflição era sincera, olhos úmidos de arrependimento:

- Meu amado Duque, por que sacrificou nossas maiores esperanças com tamanho ímpeto? Onde encontraremos outro que domina o vento e as tempestades como nos foi descrito em Cerros?

Ele acariciou seu rosto, compreensivo com a inexperiência dos jovens:

- Minha flor, eles jamais ficariam! Estava escrito na mágoa do Mestre de Armas. Entretanto, nunca vá para um embate sem um plano de contingência.

Decepcionada, ela acatou aquelas palavras com prudência, mas as rechaçou como fundação para suas esperanças.

*

Retornaram sem escolta. Na ida, a rua repleta de agitação era um obstáculo ruidoso atormentado pelos guarnieiros que abriam caminho no meio de transeuntes temerosos para passagem do grupo ilustre. No retorno, a desordem funcionava como um manto de anonimato confortável cujo ruído isolou cada mente atormentada com seus próprios temores.

Em geral, houve um consenso: eram vilões. Cruéis, intempestivos, egoístas e vaidosos. Daí brotaram os sentimentos que passavam de vergonha a revolta, enquanto recobravam as ações que os levaram a tal fama. Ao contrário do peso da injustiça que Martius um dia sentira, ele carregava a culpa sobre os ombros encurvados. Tonio enxergava a busca cega por Basra que o levou a ações impensadas. Ella se lembrava do abandono que um dia sentiu, e como se tornou promotora deste abandono entre inocentes. E Lucha começava a aceitar sua frieza assassina que camuflou eficientemente ao justificar sentimentos nobres pelos Bardos; e somente por eles. Mesmo Basra, alheio à história dos seus salvadores, pesava seu resgate face aos demais prisioneiros mortos com o canto de Lucha.

Caminhavam mecanicamente, ninguém disposto a conversar. Cada qual se recolheu em um canto da estalagem enquanto preparavam sua parca bagagem recém adquirida e se encaminharam à saída, mas o bom senso chamado fome os alertou a mais um preparativo para a viagem. Ao sentar, Lucha decidiu agradecer:

- Obrigada por não me expor.

Tonio demorou a responder:

- Foi o combinado, não temos motivo para traí-la. Estamos nisso juntos.

Falavam olhando a comida sem gosto. Ele desabafou:

- Só me pergunto se vale a pena nos mantermos juntos para isso!

Lucha concordou de uma maneira hostil:

- Para matarmos centenas por uma vida? – Olhou para Basra, que se encolheu. Desconfortável, ele deu uma desculpa para se afastar. Ela esclareceu aos demais o contrário do que se julgou. – Acredito agora que faria novamente se fosse preciso.

Martius tomou a palavra para corrigir a observação imprecisa de Lucha:

- Dezenas. Você não chegou a duas centenas. No entanto, fui eu quem entrou em uma caverna e fez o que era preciso para assegurar a morte de centenas a ser pranteadas por este povo por décadas. Serei uma daquelas histórias de horror que cantam para as criancinhas: ele começou com três inocentes em sua própria terra, até que soltou monstros sanguinários que exterminou centenas em Racina! Essa conta é minha, Lucha.

Por um instante, Ella se viu nos dias em que viajava só, com o poder de Demétrio em seu encaixo, sua voz a assombrá-la e apenas a música como arma, escudo e amiga. Seu soco na mesa assustou momentaneamente outros clientes nas mesas ao redor:

- Vocês estão lamentando que somos maus? Podemos ser bons ou maus, será nossa escolha. E o que fizeram conosco? Eles são divinos? Precisamos ficar unidos!

Tonio encolheu os ombros para expressar suas dúvidas. Ella o atacou:

- Veja Basra! Você conseguiria continuar sabendo que ele estava vivo? E como pensa que o encontraria só? – Voltou-se aos outros. – E vocês, vão deixar Tonio pagar a dívida de honra dele sozinho? Não ficamos de ajudá-lo?

- Não acha que fui incauto aceitando o acordo?

- Havia outra maneira? Estávamos estagnados! Você salvou Basra e, mesmo que outros tenham sido sacrificados, duvido que os senhores de Fraga retornem a escravizar outras pessoas para manter a muralha. Nós fizemos algo de bom em meio a coisas ruins! Quem não erra?

Lucha sentiu que sua alma afundava com os fantasmas que se recusavam a seguir as correntes sobrenaturais do oceano em busca do além.

- Não me incomode em ser temida pelo mundo, desde que não seja por vocês.

Martius entendeu que nunca encontraria compreensão fora dos Bardos.

- Se for julgado, que seja por algo que fiz.

Tonio refletiu:

- Eu me lembro do Rato. – Olhou para Lucha, que acenou se lembrar. – Acho que tenho mesmo problemas em ver a verdade. – Então se voltou a Ella. – Vou precisar que me ajudem a ponderar.

Ella segurou sua mão, transmitindo a segurança que ela mesma não sentia. Apenas não queria ficar só. Para isso, estava disposta a assolar quem ou o que quer que os ameaçasse.

Na saída, encontraram Labaki. Ele foi direto:

- Vim buscá-los. Vocês têm uma dívida a pagar, e estão demorando demais nestes confins malditos.

*

Labaki os equipou apropriadamente para enfrentarem uma viagem rápida e dura pelo sul de Racina. Sua proposta foi considerada excelente: ir até o litoral de Atavina onde uma embarcação os esperava para levá-los direto ao Território de Katos e próximo à capital. Valdoa era pouco além. Houve resistência de Lucha, receosa dos amigos embarcarem em um navio. Sem argumentos, estava com dificuldade de justificar o que parecia ser apenas um sentimento distante de insegurança. Compensava sua frustração despejando seu veneno sobre Labaki, que parecia imperturbável diante do que considerava inferior.

No entanto, Sávio não era a única relação afetiva de atual desgosto dentre eles.

Era tarde da noite e Martius havia desistido de treinar com Tonio, envolto em sua prática extenuante que compensava os sentimentos negativos ao exaurir a energia nociva do corpo. Martius preferiu beber uma caneca de cerveja quente e encorpada para afogar suas inquietações. Era uma hospedaria simples à beira de estrada, luxuosa em comparação aos abrigos na mata a que tinham se habituado, mas minimamente necessária para os padrões de qualidade de Labaki.

Degustava a segunda caneca acreditando ser a última antes de se recolher, como havia prometido para si na noite anterior. Na mesa ao lado, um adolescente se gabava de sua última aventura como um adulto experiente:

- Linda, cabelos longos negros, pele imaculada e macia como a pétala de uma orquídea branca!

A imagem de Amanda emergiu das grotas escuras da mente de Martius.

- O magnetismo dos seus olhos me arrancou todas as promessas que desejei ouvir daquela voz envolvente. Quando minhas mãos deslizaram sobre seus braços, fui eu quem se arrepiou.

Martius se levantou e saiu. O ar noturno batizado pelas matas próximas permitiria que seu olfato desviasse seus outros sentidos das fantasias da mente. Caminhou alguns metros pela estrada a fim de que o som de seu novo violão, do qual não se afastava mais, não atraísse ouvintes indesejados. A noite era a única audiência bem-vinda.

Embora a música não estivesse ajudando a dissipar os efeitos da cruel constatação que incomodava a todos, Martius ainda procurava refúgio nos acordes nascidos sob as estrelas que entremeavam os troncos e se perdiam no balançar tênue das folhas. Suspirou irritado ao admitir que seus recursos não eram mais suficientes para eliminar a visão da silhueta de Amanda criada por uma coincidente descrição medíocre de um púbere cheio de hormônios. Balançou a cabeça para apagar da mente a imagem que enganava seus olhos, e deu um passo atrás em reflexo pela surpresa em ouvir a voz envolvente:

- Ainda tocaria para mim?

- Ahh! – Ele imediatamente sacou a espada, da qual também não se afastava mais.

Foi a vez de Amanda recuar, sua fragilidade exposta nas mãos inutilmente erguidas a defender seu corpo.

- Martius, quando o fiz mal? Por que vai me machucar?

Estancou, envergonhado pelo reflexo habitual em atacar em detrimento das palavras geralmente inúteis. Baixou a espada, mas nada conseguiu dizer. Amanda entendeu.

- Eu não acho que tenha feito de propósito. Eu o conheci. Sei que se defendeu.

Martius olhou à sua volta, procurando algo. Ele não sabia a qual situação exatamente Amanda se referia.

- Martius, eu somente me protegi de seu ataque na Prima Norte! Eu é que teria razões para temê-lo. Como tenho agora! E ainda estou aqui! Não pode me ouvir?

Ele decidiu enfrentar o momento:

- Você tramou contra nós!

- E vocês não?

- Sabiam quem nós éramos quando nos receberam. Nós tateávamos o escuro de uma terra hostil.

- Tramamos? Acha que não desejo verdadeiramente que fique? Por muitos motivos!

Desafiou:

- Quais? – Indagou Martius, sentindo a garganta se apertar ao esperar a resposta.

Amanda o fitou. Era hora:

- Nos disseram em Cerros o que vocês enfrentaram. E como enfrentaram. Não conheci ninguém mais que comandou os ventos!

Um suspiro permitiu que uma compreensão por trás de tantas intenções emergisse, e descortinou a amargura pela indiferença do destino.

- E por que não disseram desde o início? Por que uma farsa? Por que tantas mortes quando um simples pedido poderia ter resolvido tudo? – Perguntou enquanto resgatava vereditos incompreensíveis desde o Vale Cálido.

Ela também elevou a voz, em defesa de seu argumento:

- Não sabíamos o que queriam! Acham que não temos medo de estranhos que chegam com tanto a nos beneficiar ou a nos destruir? Depois de tudo que outros já nos fizeram? Acha que aguentaríamos mais?

Ele se acalmou diante dos infortúnios que reconheceu ser o responsável.

- E não estão aguentando agora?

Amanda baixou a cabeça, cheia de genuína dor:

- Por que os libertou?

- Por quê me enviou a eles?

As palavras soaram falsas, e sua indignação correspondeu à dimensão da acusação:

- Não jogue essa culpa sobre mim, Martius!

- Você me levou às cavernas! Você sabia que os morcegos estavam lá!

- Nas cavernas? Você não saiu da Borda logo depois que contei sobre elas, Martius! Ficou claro que você já dominava as criaturas antes da carnificina! Que as preparou para sua fuga! Ou acha que vou acreditar que foi coincidência elas aparecerem justamente no momento em que fugiam com Basra?

- Não foram os morcegos! Estavam adormecidos! Eu os encontrei dias depois no sumidouro do vento, na caverna que você mesma descreveu! Você me enviou até lá! Eu os acordei!

Ele parou. Amanda havia se acalmado, fitava-o interrogativamente após acreditar no que ele percebeu ter sido uma confissão.

- Então, como todos foram dizimados na Borda?

Seu erro afetou fundo seu estômago como um soco, estava a ponto de trair sua promessa a Lucha. Pensou rápido:

- Foram os ventos.

Como não ser arrebatado por aquela que, ao contrário do restante da humanidade, ignora sua culpa confessa e revela admiração em um sorriso que ilumina a distância entre eles? Amanda saltou sobre seus braços em um beijo terno de adoração pelo senhor dos ventos, capaz de ordenar tempestades que destruíam vidas e corpos.

- Foi você que comandou a tempestade na Serra da Terra Velha, não foi? Disseram que estava à frente!

Ele aceitou a idolatria evidenciada na pele, cheiros e sussurros emitidos naquela noite. Esqueceu as armadilhas que por pouco não o condenaram e prometeu combater os morcegos que despertara, assim como livrar Fraga dos ventos amaldiçoados.

Pela manhã, Martius retornou à hospedaria sem ter ideia de como cumpriria a promessa, embora soubesse que precisaria dos Bardos.

Inicialmente, seus argumentos não levantaram suspeitas, pois se mantiveram no âmbito da responsabilidade por vidas alheias. Todos admitiam que libertaram morcegos gigantes adormecidos por dezenas de anos saturados por alguma maldição. Aceitavam ser vítimas das ações passadas de Jeremias Contador, mas também que foram inconsequentes perante acidentes que poderiam ter sido evitados. No entanto, sabiam que Martius foi atraído para aquelas cavernas pelas descrições de Amanda e creditavam a ela parte dos crimes que faziam a má fama do grupo.

Quando Martius defendeu Amanda, uma centelha acendeu em Ella.

Uma nova crise surgiu entre argumentos cada vez mais sem foco. Quando ele levantou a possibilidade de usar os ventos para combater as criaturas, Ella perdeu a paciência.

- São ventos malditos e criaturas malditas. O que espera conseguir com uma maldição contra a outra?

- Nosso nome! Justiça! Eles não merecem mais sofrer! Quantos motivos querem?

Ella estreitou os olhos, tentando alcançar a dimensão do que Martius defendia.

- Não é nossa responsabilidade dar o que aquele Duque exigiu por ameaça.

- Quem ameaçou foi o Conde morto. E nós! Devemos algo a eles, Ella.

Basra entrevistou:

- Olhe para mim! Não pode pedir para que eu volte até lá! Já cruzamos o Grande Rio, não retorno a Racina agora que estamos em nossa própria terra.

Martius realmente não conseguira deter o avanço da viagem, e acompanhava-os com uma incômoda insistência em desviar o percurso. Até quando jogou sua última carta:

- Se não voltarem comigo, irei só!

Àquela altura, Tonio odiava toda Fraga ao imaginar mais um irmão perdido na terra maldita. Ella admitia que Martius enlouquecera e Lucha aceitava que deveriam embarcar logo.

Tonio entendeu que precisava tomar a frente daquela resistência. Quanto mais Martius ficava inquieto por ser afastar de Fraga, mais Tonio ficava alerta. A promessa de retornar foi realmente o último recurso para ambos.

- Não vai permitir que uma fama determine o seu futuro, vai?

- A má fama já determinou minha vida há muito tempo. Ao menos sobre essa eu posso agir e tentar mudar.

- Não é a batalha certa para sua vida, Martius. São problemas alheios.

- Você tem medo de agir por quem não é seu amigo ou não se importa mesmo?

Tonio sabia que tinha medo de errar com os amigos. Ao balancear se o erro seria deixar Martius ir ou impedi-lo, a segunda possibilidade doía muito, mas a primeira beirava ao insuportável.

- Se quer corrigir algo, vou contigo ao Vale Cálido.

Martius titubeou, mas ele sentia o chamado da promessa a Amanda.

- O presente está aqui, Tonio. Não deixarei que outros fantasmas me assombrem quando estiver só em uma floresta.

Ella entrevistou:

- Então será você que irá nos assombrar?

Impassível, ele fitou Ella:

- A escolha é de vocês. Eu fiz a minha. – Abaixou-se para pegar seu alforje.

Tonio segurou seu ombro:

- É loucura! Não vá!

Martius se ofendeu com o gesto de retenção. Tirou a mão de Tonio agressivamente:

- Loucura é ser assombrado pelos nossos crimes! Não foi esse o motivo desta viagem, Tonio? Você redimir sua covardia?

Embora a acusação fosse um motivo forte, a raiva que cresceu em Tonio foi pela impotência em impedir Martius de se destruir. Tonio via a partida como o fim do rastreador e amigo. Percebeu que estava disposto a muito mais que palavras quando o soco já havia perfurado o ar e atingido o rosto de Martius.

Ella gritou, Lucha segurou Basra, Labaki se afastou ao ver a mágoa de Martius sacar a espada. Tonio já estava pronto. Respirou fundo para a pior batalha que se dispunha a travar.

O corte fendente de Martius foi impedido pelo som metálico que quebrou o ar no bloqueio de Tonio. Ele hesitou no contragolpe para se certificar da veracidade daquela luta. Martius novamente atacou, agora em fúria pela ofensa em ser detido. Outro bloqueio foi seguido do deslizar dos metais e de um recuo lateral que o posicionou para outro corte, cuja real intenção foi distrair Martius a fim de chutá-lo ao chão. Depois de aceitar o embate, ele queria encerrá-lo o quanto antes.

Ella pegou o violino para bloquear a ação dos dois guerreiros. Lucha a impediu:

- E depois Martius vai embora?

- Vai deixar que eles se matem?

- Proteja Tonio. Deixe que ele controle a luta até imobilizar Martius. Ele sempre tem o controle.

Ella duvidou ligeiramente. Conheceu momentos em que Tonio perdia o controle emocional. Lucha confiava mais na capacidade do mestre de armas de dominar seus golpes, e Ella aceitou o conselho. Apoiou o violino no ombro para conter a intensidade do conflito entre irmãos, mas de maneira que eles pudessem concluir.

O sorriso cínico de Martius revelou que ele havia virado o amuleto, anulando a maior parte do poder do violino sobre si. Tonio desviou um rápido olhar duro sobre Ella, a ordenar que não interferisse. Além do orgulho, Tonio temia por Ella.

Martius tentou se aproximar da lança, mas Tonio bloqueava seu caminho. Ele também não optava por este recurso de potencial ardiloso a que evitava impor a Martius. Deixou que o rastreador lançasse um corte no ar para bloquear a arma com a sua enquanto puxava a mão de seu oponente que percebeu a intenção do movimento conhecido em treinos e se preparou para o chute. Foi jogado para trás cambaleante, mas pronto para uma estocada que pegou Tonio de surpresa, com tempo apenas para contrair o abdômen e depois sair do alcance de Martius ao recuar.

Recompuseram-se e estudaram o oponente. A hesitação na troca de olhares apontou a dor mútua que crescia pela circunstância. Martius tinha pressa de se livrar e tomar seu caminho, mas a impetuosidade de Tonio baseava-se na urgência em terminar com os

riscos a que os dois se submetiam. Nenhuma luta é feita em controle total, os próprios treinos geravam contusões.

Tonio simulou um corte fendente pela direita para que Martius bloqueasse o ar enquanto desviava rapidamente a trajetória em um giro no sentido anti-horário pelo lado aberto pelo rastreador. O corte iria na cabeça, Lucha gritou inutilmente, Tonio percebera a tempo o que fazia e deu um passo para trás a fim de tirar o golpe do alcance do alvo. Perdeu o equilíbrio, esperando o ataque de Martius. Por sua vez, ao se ver livre, ele aproveitou para correr até a lança. Ella segurou Martius por trás, certa de que ele não a machucaria. Não tão certa, Lucha sacou sua espada para bloquear a espada de Martius, o que deu tempo de Tonio alcançá-los e aproveitar que a arma do amigo estava ocupada com Lucha. Tonio chutou a perna de Martius, jogando-o ao chão. Lucha pisou na lâmina. Desarmado, ele livrou as mãos para bloquear o punho da espada de Tonio protegendo seu rosto. Contudo, não conseguiu bloquear o soco adicional vindo da mão esquerda de Tonio, que ainda usou o punho da espada longa para pressionar a garganta a fim de Martius perder as forças. Ella rapidamente virou o amuleto de Martius e correu até o violino, encerrando o embate antes que Tonio sufocasse o amigo.

Os três amarraram-no e o carregaram em meio a ameaças insanas até o Lâmina Amolada zarpar da Costa Sul de Atavina. O humor de todos era tão cortante quanto o nome do navio: revolta, irritação e uma consequente agressividade os acompanhou pelos dias que se seguiram em terra e pelos primeiros ao mar. A fúria de Martius era exposta nas palavras, mas também no olhar vingativo que feria profundamente os três. Sem saber a quem culpar, o ânimo corroía os laços que eram substituídos por raiva ao mundo e às suas faltas.

Labaki tentou equilibrar os temperamentos, mas percebeu sabiamente que era melhor evitar perturbar humores ácidos enjaulados entre o costado do Lâmina Amolada. Tentou, ao menos, aproximar-se de Lucha para ter alguma influência no grupo. Sem sucesso, limitou-se a observar, com sagaz resignação em se fazer invisível aos demais passageiros.

Do tombadilho podia ver Tonio circular pelo convés em assistência a Basra, Ella se recostar a bombordo a fitar a terra distante e Lucha na proa a contemplar o mundo abaixo do horizonte curvo. Ele a via estender a mão, inspirar fundo e se debruçar no púlpito para transferir seu pensamento para o mundo azul.

O cheiro do sal umedecido no ar, o adocicado das algas a boiar à sua volta e a visita conciliadora de mamíferos comuns naquelas águas resgataram algo nela. O som das gaivotas era uma lembrança de momentos reconfortantes que um dia tivera e despertou seu desejo de alcançar mais. Ainda a ouvir urros e imprecações de toda natureza de Martius, pediu que Ella tocasse.

Ella ainda sentia um peso que sua música não tinha antes da fuga da Borda. Sua melodia continuava a afetar a terceiros, mas, desde a Carnificina da Borda, ela não se comovia como dantes, tampouco seu espírito se renovava. Sua mágoa crescia ao ver Martius se destruindo por uma causa que considerou ser baseada em culpa.

Este pesar foi transferido de seu espírito para suas mãos, de suas mãos para o arco, e do arco para as cordas que, por sua vez, tomaram o ar. Sentado a um canto, Tonio compartilhou aquela sensação. Olhou à sua volta e se sentiu desprendido do navio. Do lado de fora, a vida marítima também aceitou parte da carga de sofrimento. Martius se acalmou, ainda triste, mas a aceitar sua sina. Logo o som do violino tomou uma leveza que até o casco pareceu deslizar com facilidade sobre as ondas que foram aplacadas.

Lucha não previu o efeito que Ella teria sobre todos, dadas as falhas múltiplas dos últimos dias. No entanto, o chiado do casco sobre as ondas sussurrou uma mensagem familiar de liberdade. E realmente foi a melhor descrição: Ella quebrara o cadeado de uma corrente invisível envolta nos corações, cujo peso os impedia de se conectar.

Apaziguar Martius já valeu o risco do percurso ao longo da costa.

Lucha sentia o sal no canto dos lábios, olhava o horizonte a se perguntar se haveria possibilidade de a viagem ser pacífica. Estava satisfeita, viu que os amigos se reconciliavam, ainda receosos com a recente crise, mas o vento movia seus cabelos soltos em uma dança a motivar a resposta entre seus veios. Poderia ser algo bom ou ruim. A visão de nuvens pesadas ao longe a anunciar a aproximação de uma tempestade foi fugaz. Uma breve ilusão. Ou um sinal. Foi ter com os outros.

Martius se desculpava. Ainda defendia que deveriam retornar, incomodava-se em abandonar suas responsabilidades, mas abdicara do radicalismo em resolver seus problemas sem ajuda. Pedia pelo auxílio dos irmãos:

- É uma terra vítima de um mal que talvez possamos combater.
- Ainda não posso aceitar, Martius. Depois do que fizeram com tantos de nossos compatriotas! Repare que somente Basra escapou.

Martius foi cruel:

- Somente ele nos interessava. Nunca cogitamos libertar outros.

Tonio baixou a cabeça, concordando. Ella foi em seu socorro:

- Por que ser generoso com quem não nos foi?

Martius tinha a resposta pronta vinda de suas reflexões:

- Receio que não tenhamos dado a eles a chance de qualquer redenção.

Tonio ainda tinha muitas mágoas:

- Eles nos espionaram, Martius. Nos investigaram. Mentiram. Nem sei até que ponto! Quando vi os Betemares a primeira vez não foi na Sede da Guarnição. Pensei que eles cantavam uma música estranha, hoje vejo que era um murmúrio.

Martius se lembrou com ternura, deslizando o corpo antes sentado para se deitar:

- Amanda também murmurou um encantamento para não dormir com minha música.

Tonio se sentiu mal pela afirmação:

- Está dizendo que fui encantado naquela noite?

Martius deu um salto, sentando-se novamente. Fitou Tonio, confuso e receoso pela hipótese levantada:

- Será?

Foi com essa dúvida no ar que Lucha entrevistou na conversa:

- Talvez uma tempestade passe em paralelo a nosso trajeto. Não nos pegará, a não ser que se desvie.

Ella ficou preocupada com a fala de Lucha, sem se importar com a observação de Martius:

- Há chances de se desviar?

- Nessa área? Não. – Completou com uma piada de mau gosto, a fim de descontrair e preservar Ella de qualquer preocupação. – A não ser que os ventos de Fraga interfiram aqui com sua magia. Estamos na latitude da Borda, e os ventos devem passar perto, talvez até nascer por aqui. – Riu.

Ella fechou o semblante que, até então, estava reconciliado com sua própria habilidade. Lucha percebeu sua falta de tato, e algo mais que não soube explicar.

Martius e Tonio não desviaram suas preocupações:

- Tonio, o que os Betemares fazem exatamente?

Tonio recitou a compilação do que coletara sob a proteção do Condestável de Fraga:

- São herdeiros de Jeremias Contador, coletam e contam histórias. Eles acreditam que elas têm poder.

Ella entendeu:

- Poder, do tipo magia?

Lucha:

- Merda!

Martius se levantou:

- Estamos enfeitiçados! Ao menos eu estou, tenho certeza!

Ella tentou acalmá-lo:

- Não pode ter certeza!

- Como não, Ella? Quantas histórias ouvimos no caminho, enquanto eles nos engendravam?!

Começou a se movimentar freneticamente no curto espaço do convés:

- Levei vocês até o sumidouro, não? Tantos caminhos, logo até lá! Ela me queria nas cavernas! Ela me induziu, contou diversas histórias! Descrições, trilhas, fui inundado com histórias das mais atraentes, dia após dia. Atraentes! – Abriu um sorriso de malícia arrependida. – Ah, melhor não dizer mais, não?!

Tonio concordou, exaltando-se com uma fúria mais contida que Martius:

- Estamos todos enfeitiçados!

- Tonio!

- Veja bem, Ella! O que o Duque fez senão nos acusar de várias coisas que nos convenceu? Algum dia pensaria tão mal de você mesma?

Ella cresceu em raiva:

- Mas está aqui! Aqui dentro. Não passou por saber que foi implantado!

Lucha entendia o que ela sentia:

- É o feitiço. Tonio e Martius têm razão. O Duque pode não ser tão bom quanto o pai que domina criaturas, mas soube como manipular nosso entendimento.

- Pai?!

- Não viu? O garoto, filho de Jeremias.

- Lucha, ele teria duzentos anos!

- Eu sei, mas é ele, não consigo explicar. Digo, eu sei como ele conseguiu viver tanto, mas não consigo revelar a vocês. Estou travada! Acho que ele percebeu que eu enxerguei, e me enfeitiçou também. Eu tentei resistir instintivamente, mas não estava ciente do que acontecia. – Fitou os demais com um ar de desculpas antes de murmurar. - Agora é tarde.

Virou o rosto para o oceano, a fim de evitá-los após tamanho erro. A tempestade era violenta, mas não se aproximaria.

Tonio acalmou os ânimos:

- Já sabemos o que eles nos fizeram! É o primeiro passo. Parem e pensem, temos que neutralizar todos os efeitos daquela magia.

Martius o desanimou:

- Tonio, tudo o que penso é em como posso sair deste navio e retornar! É o que farei se tiver oportunidade.

- Não acredito!

- Desculpe. Ao menos consigo dizer. Estou melhor que Lucha.

- Não há nada mais que queira além de voltar para aquela bruxa de quinta categoria, Martius?

Esvaziou o ar dos pulmões enquanto confessava para Ella:

- Além de tocar? Não Ella.

Lucha tirou os olhos do horizonte:

- Então toque! Ella conseguiu, foi suficiente para iniciar algum alívio, o suficiente para enxergarmos o que está nos dominando. Esse ambiente parece propício para nos libertar.

Martius se recusou:

- Lucha, o único motivo que me faz ter vontade de tocar é para atrair aquela tempestade e acabar com este navio! Porque aí eu posso nadar de volta à terra!

- Então toque!

Ella protestou:

- Lucha!

- Você pode proteger o casco, Ella. Proteja-o de Martius! Mas não contra Martius!

Martius ainda se recusava quando Tonio interviu:

- Lucha está dizendo que você precisa destruir a magia que o domina.

Ela confirmou:

- Sim, essa é uma boa explicação. A outra é que aquela tempestade é contra tudo que é a favor de Fraga. Traga-a até nós.

Ella segurou o braço de Tonio:

- Você vai reforçar a minha música!

Tonio abriu um sorriso largo pela expectativa de ação!

*

Não é preciso dizer como a tripulação se apavorou durante a hora que se passou. À exceção de Basra e Sávio Labaki, eles consideraram que sobreviveram por benesse do destino.

Os outros dois testemunharam um confronto insano entre a natureza e Martius contra Ella e Tonio que rompeu o ar e o mar, misturando-os em rajadas que convidaram os céus à dança colossal que estremeceu os espíritos e rompeu dissabores e ilusões das mais diversas origens: mágicas, familiares, amorosas e de sobrevivência. Todos se voltaram ao cerne de seus anseios e valores e despiram-se das mágoas, vaidades e desejos que embaçavam a visão. O caos portou-se como uma divindade avassaladora que rasgou e depurou o mundo à sua volta.

Martius percebeu que a tempestade ao longe era forte e resistente ao seu comando, embora não fosse inabalável. Convidou nuvens pesadas que se uniam distantes para que recusassem a tormenta maior e alterassem seu local de encontro, desviando-as com um chamado em acordes repetitivos e crescentes para uma experiência ainda desconhecida a todos os participantes. Quando o ambiente se escureceu para destacar as rajadas de luz que revelavam a forma semi-transparente do manto que os encobriu, o mar já respondia bravo à perturbação que o revirou e levou Martius ao grito de batalha distorcido de suas cordas. Tonio entrou no duelo naquele momento a preparar o navio antes mesmo que Ella o envolvesse com sua melodia fluida. A chuva se curvou ao comando de Martius que alternava o dedilhado incessante a preparar o raio invocado em um agudo distorcido cuja distância era consoante com a pausa fornecida à entrada do trovão. Novos acordes mais melódicos, porém ainda fortes, ampliavam a curvatura dos redemoinhos, para que o Lâmina Amolada deslizesse em velocidade sobre menos turbulência das águas para

depois cair na armadilha do choque em uma onda mais alta que a proa. O primeiro grande baque do casco nas ondas foi o prenúncio para a entrada de Ella, cujos movimentos periódicos ergueram eficientemente uma barreira segundos antes de amortecer o impacto quando finalmente o arco deslizou decrescente sobre as cordas do violino. Tonio explorou a cadência a que a embarcação obedecia para fornecer a energia que ampliou a abrangência da rede de proteção de Ella. Martius jogava seu corpo para trás ao elevar o tom, saudando seu parceiro que despejava a água dos céus de volta ao mar enquanto ele despejava a música no ar. O mar, por sua vez, devolvia parte de sua massa sobre o ar na tentativa de crescer até os céus e dominar o mundo em revolta à agitação a que fora obrigado a enfrentar. Ella passou a dividir sua melodia em abrandar as ondas amotinadas que envolviam Lâmina Amolada enquanto harmonizava sua composição com a força de Tonio direcionada a enrijecer o casco.

Lucha foi a única que permaneceu no convés com os guerreiros. Seu corpo oscilava com as variações da tempestade, em submissão à sua força, cautelosa na ambiguidade em ser parte dela enquanto zelava pelo bem-estar do navio. Estava certa que Ella, com a ajuda de Tonio, poderia manter o poder de Martius controlado. Também sabia que a tormenta criada por Martius aceitava seu papel sorrateiro em permitir que ele orquestrasse a fúria necessária enquanto ela tragava os males das histórias de intenções insurretas contadas aos Bardos. Lucha apenas duvidava do tipo de atenção que tamanho poder sobre os mares poderia despertar em outras criaturas mágicas. Permaneceu alerta, embora a se deliciar com a magnificência da revolta descomunal que o mundo descortinou aos olhos daqueles que ousaram perturbá-lo.

Entretanto, nenhuma ameaça viu além dos Bardos para si mesmos. Não percebeu como Labaki captou o papel de cada bardo na contenda no mar antes de lançar um último cauteloso olhar de um rosto contorcido para aquela tempestade ao longe que o poder de Martius somente perturbara. Muito menos, Lucha teve ciência dos efeitos em Fraga vindos de tamanha intervenção.

*

- Meu senhor, houve um abalo incomum vindo no regime de ventilação da borda. Algo nunca dantes registrado.

- Eles estão livres.

Amanda não entendeu. Seu mestre permaneceu imóvel, recostado às almofadas que suavemente suportavam seu peso e preservavam os ossos da dor intensa de qualquer pressão sobre seu corpo. Ele já havia dispensado a corte para ficar só com a Grã-mestra quando ela entrou.

- Como?

- Os músicos. Nossos esforços foram destruídos. Eles nos superaram.

Amanda se calou. Que eram mais fortes ela sabia. No entanto, ela não esperava que fossem capazes de se libertar. Para tanto, teriam que enxergar o poder que os assombrava

e aquilo ainda não seria suficiente para quebrar os encantos. Suas preocupações, no entanto, estavam em confessar antes que se complicasse mais. Ajoelhou-se formalmente:

- Eu me precipitei. Peço seu perdão.

O Duque não reagiu, apenas comentou:

- Depois de quase duzentos anos nessa cadeira, acha que não percebo as nuances da culpa no giro dos corpos?

Amanda se arrepiou pela resposta, mas continuou imóvel a aguardar seu julgamento. Conhecía as perguntas retóricas e desabafos de seu mentor, suas pausas e, principalmente, sua justiça.

- Eu cuidei pessoalmente em reforçar cada palavra contada para penetrar fundo em suas almas. Seu papel era apenas atraí-los para mim após Quedanct. Achou que eu não saberia redirecionar os anseios deles quando percebi que não estavam com a vontade esculpida e dispostos a ficar? Depois de como o seu finado pai estragou a pré-disposição dos músicos, você também vê possibilidade de crescer usando-os contra mim?

De cabeça baixa, percebia a dimensão de seu erro.

O Duque suspirou. Sabia da paixão de Amanda pelo seu povo e suas dores, e acreditava na sinceridade de seu idealismo inocente.

- Não somos poderosos como meu pai, mas ainda compreendo, melhor que qualquer Betemar, a magia que penetrou em meus ossos pelas histórias de minha infância e me torturou com uma vida mais longa cheia de dor. Eu cresci com a magia dentro de mim, e sob ela no meu cotidiano, Amanda, por que pensou que saberia julgar melhor que eu qual o conto os arrebataria? A sua história levou o rastreador ao limite, o despertou!

Ela sofria:

- Por favor senhor, não tome como um capricho. Nossa gente está morrendo!

- A pressa da juventude! Nossa gente sempre está morrendo, outros vêm, outros nascem. Os músicos voltariam no seu tempo!

Amanda se sentia pequena e abandonada quando seu mestre externava aquela frieza perante a sina de seu povo.

- Precisamos desesperadamente de pelo menos um!

- De todos! Sua precipitação nos custou todos!

Ele suspirou novamente, como um pai a corrigir uma criança. Também corrigiu seu corpo entre as almofadas. Emitiu uma careta passageira de dor.

- Agora irá demorar. Ao menos, a passagem está aberta em Quedanct. Vamos nos valer dela e enviar reforços com mais rapidez. Você irá em auxílio de sua irmã. Lembre-se, ela é a Condessa, a autoridade em Aflatin.

Amanda se levantou. Ordens eram dadas. Felizmente, seu papel de conselheira não lhe foi tirado.

- Se me permite, senhor Bename, serei mais útil se puder apressar o retorno dos músicos. Já conheço suas fraquezas.

- E Martius conhece as suas! Não. Esta tarefa não lhe cabe mais - Ela sentiu uma pontada de humilhação e outra de despeito -, e irá demorar. Nesse momento, você é necessária para eliminar o contratempo que se confirmou real.

Amanda ousou corrigi-lo:

- Esse contratempo é um desastre que pode durar anos.

- Em sua curta vida, criança. Mais um motivo para que vá à batalha. A força dos guarnieiros está se reduzindo. Pronfoforte precisa de aliados poderosos que façam o que ele não é capaz.

Estava insegura e temerosa:

- Não tenho poder que se equipare ao Grande Jeremias! Nossa magia de palavras penetra na compreensão de seus corações, somente ele conseguiu estender seus efeitos para além de humanos!

- Para meus ossos, por exemplo! Eu fui sua primeira cobaia! – Fez um aparte para si. – Embora meu pobre pai tenha descoberto tarde demais o que me fez. – Voltou-se a Amanda. – Sim, não exigirei que os enfrente abertamente. Entretanto, Pronfoforte não consegue prever onde ou quando as criaturas irão atacar. Você é mais observadora e inteligente. E pode convencer os guarnieiros a enfrentar o mal mesmo quando não quiserem.

- Então vamos retirar as pessoas das cidades e vilas. Estephano pode organizar campos para recebê-las em Fraga Ocidental.

O Duque refutou a sugestão:

- Depois de séculos resistindo aos ventos, vamos agora sucumbir diante de um obstáculo passageiro? Sem alimento, para onde acredita que se voltarão em busca de sustento?

Amanda não soube o que dizer diante da menção a seus conterrâneos como alimento.

- Não serei conhecido como o homem que espalhou o terror por toda Racina.

Estava dividida. Seu amor era por Fraga, mas não podia deixar de admirar a visão plena de um homem que pensava no bem estar além de suas próprias fronteiras. Ele continuou:

- Aquelas criaturas não são mais o que eram. Cresceram, fortaleceram-se, sugaram as palavras mágicas de meu pai. Nós temos o dever de conter o que você já vê como um desastre. Somos os Racinos que absorvem as maldições para que restante do reino prospere em paz! É nosso dever travar essa batalha contra os morcegos que desafiaram até os ventos malditos da Borda.

Obediente, baixou a cabeça. Contudo, não revelou que os Bardos foram diretamente responsáveis pela Chacina sem necessidade de invocar os monstros, visto que dominaram maldição maior. Ela ainda teria o trunfo de que os fortíssimos ventos protegeriam as Torres Primas e, conseqüentemente, o seu povo do voo carniceiro das bestas de Jeremias.

Ao contrário de anos em que fora evitada, Aflatin e a Muralha da Borda seriam o refúgio de vida e segurança para toda Fraga Oriental.

Ela recuaria ao máximo a população para aquela região. Que Domênica se ocupasse de se defender caso os morcegos se desviassem por falta de alimento, afinal, eles foram trazidos de lá duzentos anos atrás. É certo que bem mais enfraquecidos. Agora os poderes adquiridos pelas palavras do grande Contador foram maturados e não era possível descobrir o que ele havia feito de propósito, nem o que fora aperfeiçoado com o tempo. Seu pensamento parecia estar ligado ao do Duque.

- Eu me lembro do dia em que meu pai me noticiou que nossa vida mudaria. Que tinha descoberto uma força extraordinária que conseguira dominar e aprimorar, e que nos garantiria poder e riquezas. Pouco ouvi além disso que pudesse relacionar com estes morcegos. Ele realmente os usou com discrição, mesmo tendo aumentado o poder e a selvageria das criaturas a proporções até então desconhecidas. Levei anos para entender como o Bename não teve escolha. Agora eu, outra vítima de sua magia insana, tenho que lidar com o que ele criou. Porém, é justo. Ninguém melhor que o herdeiro de Jeremias para assumir o ônus de suas ações.

- Parte deste ônus é meu. Eu encaminhei Martius à Barreira Quedanct.

Ele dispensou a divisão de responsabilidades:

- Você seguiu nosso plano. Finalmente descobrimos o motivo pelo qual ninguém retornava daquela incursão. Como surgiu a história de que visitantes eram tragados pelo sumidouro, eu não sei.

- Talvez sejam. Talvez Martius tenha dominado aqueles ventos também.

Mordeu a língua, pois se referia à Chacina da Borda. No entanto, percebeu que o Duque relacionou a fala à Serra da Terra Velha, a primeira vez que Martius comandou uma tempestade, o que desviou seu foco para outra direção.

- O que nós sentimos agora há pouco, Grã-Mestra, eles alteraram os ventos?

- Sim, algo nunca visto aconteceu na Borda, ainda aguardo informações.

- Os espíões de Jessin informaram que conseguiram embarcar. Eles estão no mar!

- Tudo que sei foi que, logo depois da alteração dos ventos, o senhor sentiu perdermos as amarras de nossos encantamentos.

O Duque se voltou a seus próprios pensamentos. Enfim, compartilhou-os:

- Eles fizeram algo, Grã-mestra. Ou encontraram algo! A cada dia se torna mais evidente que esses assassinos, que lideraram criaturas mágicas para exterminar um povo todo pela vida de um dos seus, são a nossa salvação para dias sem a punição do clima.

E completou:

- Não deixe que sua paixão e impetuosidade estraguem nossos planos desta vez. Com paciência, eles voltarão.

EPÍLOGO

Em Valdoa, tiveram finalmente dias para descansar, recuperar o corpo e colocá-lo novamente em ação com treinos renovadores. Tonio exigia que Lucha explorasse mais o terreno à sua volta sem baixar a guarda. Ela parou:

- Se eu estocar como você quer, ficarei com a guarda baixa!

Tonio não entendeu. Lucha estocou devagar, e mostrou como a lâmina precisaria de um giro aberto para um novo corte.

- Então me ataque com uma estocada.

Ao fazê-lo, a sua espada desviou a lâmina de Lucha para baixo com um golpe tão forte que ela esperava que ele faria um giro largo e aberto para retomar a trajetória para um próximo corte. Ele usou a lâmina falsa para golpeá-la, atingindo seu ombro. Ela caiu.

- Entendi.

- Feriu-se?

- Só o roxo de sempre.

Lucha exibia com um certo orgulho seus hematomas provenientes dos treinos com as espadas longas de madeira. Ela pediu para repetir, de maneira que ela iniciasse a estocada. Tonio obviamente a bloqueou.

- Pelas tormentas de um Martius em fúria, você é muito rápido!

- Pelo o quê?

- Martius em fúria.

Ele gargalhou:

- Está usando imprecações com o Martius agora?

- Por que não? Conheceu tempestade pior?

Ele parou de rir e pensou. Depois fez nova exigência:

- A minha deve ser melhor!

Mais tarde, enquanto bebiam, ele cobrou a expressão. Lucha deu um gole e disse solenemente:

- Pelas estruturas abaladas pelo ritmo de Tonio.

Martius já sabia da história:

- É péssima!

- Faça melhor então.

Tonio elogiou infantilmente:

- Eu gostei!

Ella se inteirava do desafio:

- Por que ficam incentivando o pensamento ridículo de Lucha?

Ela não se importou:

- Tenho uma imaginação fértil para o ridículo! Eles não precisam incentivar.

Martius provocou:

- Como seria a de Ella, Lucha?

- Fácil. Pela cólera de Ella.

- Como?

- ... provocada por Martius.

Tonio riu, apontando para Ella. Martius corrigiu:

- Provocada por Martius e Tonio! A mais perigosa das situações.

Ella se levantou elegantemente e, antes de sair do recinto, disparou:

- Por uma Lucha calada enquanto bebe!

Ela a cumprimentou ao elevar a caneca e baixar a cabeça, aceitando a crítica tão bem quanto um novo gole.

Ella não viu quando Labaki entrou na hospedaria e extinguiu as risadas ao informar que Comperteiro mandara buscar Tonio.

Assim, quando os dois retornaram, Ella correu ansiosa para falar com Tonio. Labaki foi elegante em entrar sem nada dizer, a fim de dar-lhes privacidade. Foi ter com Lucha:

- Deixei os seus agradecimentos a Comperteiro.

- Nós não agradecemos.

- Apenas Basra reconheceu a valiosa ajuda na fuga. Então o fiz por vocês.

Lucha apertou os lábios. Labaki aprendia a lidar melhor com suas respostas a cada dia.

- E Tonio?

- Está voltando. Não parece feliz, mas se não fosse fácil, por que contratá-los?

Martius caminhou até a porta, Lucha decidiu provocar mais:

- Vai nos deixar em paz, agora?

- Não sei. Tonio deve ter a resposta. Pelo que vi em Fraga, uma babá pode ser útil.

Sim, ele aprendia rápido.

O retorno a Valdoa os brindou com a tranquilidade, em especial a Tonio que fez as pazes com o passado ao devolver Basra a uma nova vida. Comperteiro foi gentil em permitir que descansassem por um tempo antes de cobrar sua dívida. Certamente Labaki relatou os principais fatos, embora tivesse omitido os dois episódios musicais no Lâmina Amolada. Aos Bardos, alegou que não iria brincar com poderes que sua compreensão não

conseguia abranger. Já Tonio considerou que ele sim, compreendera a extensão do poder dos Bardos, tanto quanto o perigo em revelar gratuitamente, mesmo a seu benfeitor, tamanho segredo.

O olhar de Martius à porta sinalizou a Lucha que a paz estava por terminar. Entraram todos. A um sinal de Tonio, Labaki se despediu.

- E então?

Martius simulava calma. Não funcionou. Tonio estava com um ar sombrio.

- Complicado. Ele quer recuperar uma joia do baronato que foi perdida.

- Está com alguém?

Ele suspirou:

- Mais complicado que isso. Foi perdida mesmo, não se sabe seu paradeiro. Era uma joia de mesma origem que outras, parte de uma lenda. A história da família do barão foi construída com base em uma outra lenda similar. Temos que ir atrás da gema irmã.

Lucha achou simples:

- Se ele sabe a lenda de sua própria família, vamos segui-la. Mesmo se não for verdadeira, vai nos dar pistas, não?

Tonio concordou com ressalvas no olhar:

- É o lógico. Vamos atrás da lenda de Adália!

Martius se levantou de súbito.

- Não pode estar falando sério! Voltar a Racina?!

- Não Martius, esse é o problema! Em Valdoa, você vai ouvir a história de Adália de Triana, em Moros, uma pescadora em um dos afluentes do Grande Rio. O coração está no cerne de um salgueiro. Mas se for para Andreada, você vai ouvir falar de Adália do Charco! Aí você irá procurar o coração de uma serpente! E, claro, Fúlvio Comperteiro não conhece a versão de Racina! – Tonio correu os olhos sobre os bardos antes de concluir, irônico. - Então, por onde querem começar?

E estancou o olhar austero em Martius:

- Porque depois dessa gema entregue, temos uma pendência no Vale Cálido.

OS NOMES DESTA HISTÓRIA

1. Pessoas e Grupos

Adália de Hercatorin – feiticeira personagem de uma das lendas de Domênica

Alia – sereia

Altero de Medina – líder de bardos

Amália – caçula do Conde de Aflatin

Amanda – primogênita do Conde de Aflatin

Barão de Baixo Campo – Barão da região de Valdoa

Basra – amigo de Tonio, considerado como um irmão em Valdoa

Bastião – caçador, eventual parceiro de Martius no Vale Cálido

Benames – Libertadores de Fraga, parte da história local

Bergamota – parte da tripulação corriqueira da qual Lucha fazia parte na Ilha das Flores

Berta – mãe de uma das crianças desaparecidas no Vale Cálido

Betemares – seita que guarda os segredos dos Benames, seguidores de Jeremias Contador

Camilo – desafeto de Martius, do Vale Cálido

Círio Mantina – filho de Guida Mantina de Valdoa e amigo de Fúlvio Comperteiro

Conde de Aflatin – conde da região que abrigava Borda de Fraga

Coruja - parte da tripulação corriqueira da qual Lucha fazia parte na Ilha das Flores

Débora – mãe de Malva, uma das crianças desaparecidas no Vale Cálido

Demétrio – parte da trama de Ella

Diana – irmã de Martius

Divino Prontoforte - Condestável de Fraga, alocado na Terceira Guarnição Ermana

Duque de Fraga – Rêmuldo de Pisanti, o último Bename vivo

Estephano – contador da lenda de Adália de Hercatorin para os bardos

Fúlvio Comperteiro – genro do Barão de Baixo Campo, alvo dos Bardos para obter informações

George, o Rato – ensinou a Tonio a luta com facas

Giacomo Mantina – sobrinho de Guida Mantina de Valdoa e amigo próximo de Fúlvio Comperteiro

Guanabaro Gutavim - comandante na 3ª Sul, da Guarnição Ermana de Fraga. Seus prisioneiros foram enviados para a 3ª Leste e, dali, para a manutenção da muralha das Fortalezas Primas de Fraga

Guarnição Ermana de Fraga – uma das organizações militares de Fraga, atuou na Batalha de Valdoa no Reino de Katos

Guida Mantina – viúva do detentor do monopólio dos moinhos em Valdoa

Jeremias Contador – contador de histórias, parte das lendas e/ou história de Domênica e Fraga, tinha poder mágico por meio de seus contos

Jovi – morador do Vale Cálido

Jovinho – morador do Vale Cálido, filho de Jovi

Júlia – uma das crianças desaparecidas no Vale Cálido

Isabel Eduína Petrosa Comperteiro – esposa de Fúlvio Comperteiro e filha do Barão de Baixo Campo

Kelber – protetor do Vale Cálido

Laianny – aprendiz de Tessa e próxima de Martius

Lanceiros Perpétuos – ordem a que Tonio de uniu

Latoria – sereia

Lomardo – mercador e navegador para quem Lucha muitas vezes trabalhou na Ilha das Flores

Malva – uma das crianças desaparecidas no Vale Cálido

Maurício – capitão do navio a serviço de Lomardo, na Ilha das Flores

Nicole – uma das crianças desaparecidas no Vale Cálido

Penélope – aprendiz de Tessa e afilhada de Martius

Racino – natural do Reino de Racina

Ramona – sereia

Reino de Moros – reino a norte de Katos, onde estão os Lanceiros Perpétuos

Rêmulos de Pisanti – Duque de Fraga, último Bename vivo e Sacerdote Supremo dos Betemares

Reno – amigo de Tonio, considerado como um irmão em Valdoa

Samantha – admiradora de Tonio

Sávio Labaki – colaborador de Fúlvio Comperteiro

Severo – contra-mestre dos necromantes

Skua - parte da tripulação corriqueira da qual Lucha fazia parte na Ilha das Flores, treinou com Tonio e George

Telmo – amigo de Lucha, navegador e parceiro de aventuras na Ilha das Flores

Tessa – amiga de Lucha, tornou-se próxima de todos os bardos

Topeca – caçador, eventual parceiro de Martius no Vale Cálido

Vegécio – amigo de Ella, bardo

Walger – parte da tripulação corriqueira da qual Lucha fazia parte na Ilha das Flores

2. Edifícios

Fortalezas Primas de Fraga – sedes do condado de Aflatim, formado por duas construções idênticas separadas por uma vila e um canal e protegidas pela muralha da borda.

Muralha da borda – denominação da muralha e, às vezes, da Fortalezas Primas quando chamada no singular

Taverna da Murta de Fogo – taverna de propriedade de Lucha onde os Bardos ensaiavam e se apresentavam, o segundo pavimento era sua casa

Terceira Guarnição de Fraga – sede da guarnição comandada pelo condestável de Fraga, Divino Prontoforte

3. Geografia Política

Aflatin – pequena cidade entre as Fortalezas Primas de Fraga e a sede da Terceira Guarnição de Fraga

Andreada – reino entre Racina e Moros, recebe curto trecho do Grande Rio.

Ducado de Atavina – longo ducado de dois litorais separados por Escarpado do Sul, faz divisa a oeste com o reino de Racina pelos ducados de Domênica e Fraga, e a norte com o território capital de Katos.

Ducado de Domênica – pertencente ao Reino de Racina, ao norte, por onde os Bardos a caminho de Fraga

Dust – terras geladas no extremo sul

Pilares – onde os Bardos ouviram a história dos Benames pela voz de Estephano

Pisanti – capital de Fraga

Porto Grande – cidade fronteira do Ducado de Domênica no Reino de Racina com o Ducado de Atavina no Reino de Katos, na margem do Grande Rio

Roca Mirada – vila onde os Bardos ouviram a história de Jeremias Contador pela primeira vez

Valdoa – cidade murada, terra natal de Tonio

Vale Cálido – vale e vila natal de Martius

Vale da Rã – vale e cidade onde os Bardos se conheceram

4. Geografia Natural

Atol das Gaivotas Pretas – Atol próximo ao Parcel da Tertúlia, demarcava uma área mortal aos navegadores

Atol Vermelho – Atol próximo ao Parcel da Tertúlia, demarcava uma área mortal aos navegadores

Barreira Quedanct – onde se localiza o sumidouro dos ventos de Fraga

Borda de Fraga – limite superior do platô que separa o Ducado de Fraga, em Racina, do Ducado de Atavina, em Katos

Cavernas Quedanct – situadas na Barreira Quedanct, suposto abrigo das criaturas de Jeremias Contador

Floresta Profunda – onde se passa a lenda de Adália de Hercatorin

Grande Rio – rio caudaloso onde as maiores cataratas do mundo conhecido são localizadas

Ilha das Flores – ilha e cidade onde Lucha e Tonio moraram e se conheceram

Parcel da Tertúlia – Parcel onde as sereias viviam

Serra da Terra Velha – serra limite que contém os vales da Rã e Cálido

Vale Cálido – vale e vila natal de Martius

Vale da Rã – vale e cidade onde os Bardos se conheceram